

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZ FELLIPE ALVES

ELITES INTEGRALISTAS EM PARANAGUÁ NOS ANOS 1930: ORGANIZAÇÃO E
ESTRUTURAS SÓCIO-AFETIVAS

CURITIBA

2019

LUIZ FELLIPE ALVES

ELITES INTEGRALISTAS EM PARANAGUÁ NOS ANOS 1930: ORGANIZAÇÃO E
ESTRUTURAS SÓCIO-AFETIVAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marionilde Dias Brepohl de Magalhães

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Alves, Luiz Fellipe

Elites integralistas em Paranaguá nos anos 1930 : organização e estruturas sócio-afetivas. / Luiz Fellipe Alves. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Marionilde Dias Brepohl de Magalhães

1. Integralismo – História – Paranaguá (PR). 2. Ciência política – História – Paranaguá (PR). 3. Ação Integralista Brasileira. 4. Subjetividade.
I. Título.

CDD – 320.98162



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0


TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUIZ FELLIPE ALVES**, intitulada: **ELITES INTEGRALISTAS EM PARANAGUÁ NOS ANOS 1930; ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAS SÓCIO AFETIVAS**, sob orientação da Profa. Dra. MARIONILDE DIAS BREPOHL DE MAGALHÃES, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 06 de Setembro de 2019.


MARIONILDE DIAS BREPOHL DE MAGALHÃES
Presidente da Banca Examinadora


RAFAEL ATHAIDES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL)


MARCOS GONÇALVES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



À minha Avó, Dona Zilma. Sem a senhora, nada na minha vida seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À Prof.^a. Marion Brepohl, minha orientadora, pelo apoio, paciência e por todos os ensinamentos que, sem dúvidas, fizeram com que eu me tornasse um historiador mais sério e profissional.

À Universidade Federal do Paraná pelo espaço, oportunidade e pela estrutura e a CAPES e ao CNPq por terem financiado a pesquisa

A todos os professores que fizeram parte desta caminhada desde a graduação, em especial ao Marcos Gonçalves, Federico Cavanna, Marco Antônio, Fernando Botton, Everton Pimenta e Rafael Athaides pelas discussões, dicas, disponibilidades, colocações, enfim, pela amizade.

Ao grupo de pesquisa sobre integralismo, o GEINT, pela disponibilidade de pesquisas e por fomentar a aproximação de pesquisadores em todo o país.

À linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Razão e Sentimento na História, pelos ensinamentos, discussões, debates, seminários e disciplinas. Um agradecimento especial para a Maria Cristina, sempre muito prestativa e para todo o PPGHIS da UFPR.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em especial a Beth, Cezinha, Yara, Giovani e Seu Luiz, uma família que nunca vou esquecer.

Aos colegas José Jaílton, Gabrielle Busse, Thiago Giacomasi, Valdemir Paiva, Lorena Pantaleão, Gabriela Larroca, Ivan Araújo e, principalmente, Fernando Coelho, companheiro desde a graduação. Agradeço também outros companheiros de pesquisa e estudo, principalmente Thiago Possiede, Giovane Camargo, Ricardo Bigo Oliveira, Marcos Souza, Marco Hakim e Leonardo Mendes pelos incansáveis papos e discussões sobre os mais diversos temas, pelas dicas, pelos incentivos e tudo mais.

Outro agradecimento imensamente especial para Natália Veado e Maria Letícia Cruz pelas revisões. Ao Guilherme Bencke pela tradução em inglês. Sem vocês todos eu não seria nada como pesquisador. Valeu mesmo.

Aos arquivos do espaço DELFOS, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública do Paraná e o Departamento de Arquivo Público do Paraná.

À Sra. Lygia Santos e sua família pelo acesso a informações sobre seu pai, Dario Nogueira dos Santos e ao Rogério Tavares pelas conversas sobre a maçonaria.

Ao meu cunhado Patrick Oliveira pela ajuda enquanto estávamos em Curitiba. A todos os amigos e parceiros de vida. Gustavo Fernandes pelo computador em que boa parte da dissertação foi escrita, Daniel Furuzawa por tantos abrigos em sua casa. Ao Dennis Oliveira, Franco Ribas, Guilherme Tavares, Guilherme Cruz, Guilherme Correa, Audri Geraldo, Edson Salomão, Henrique Almada, Guilherme Almada, Renato Bastos, Bruno Kadri, Ricardo Petraglia, Thiago Petraglia, Taryk Ribeiro, Danilo Correa, Alexandre Amates, Felipe Xavier, Vitor Xavier, João Salmon, Luiz Salmon, Ewerton Bassani, Luís Gustavo, Cezar Augusto, Leonardo Silva, Matheus Borba, Phelipe Melo, Gabriel Leão, Arthur Costa, Guilherme Teixeira, Guto Louzada, João Maciel, Ana Letícia Maciel, Giovana Furuzawa, Alan Possas, Ângelo Reis, Paulo Reis, Lucas Reis, João Antônio, Raphael Fogagnoli, Emanuel Fogagnoli, Felipe Costa, John Lucas, Daniel Leprevost, Fábio Magrão, Pedro Maciel, Silvia Cunha, Natalia Tomadon, Leonardo Coelho, Adriano Baka, Tiago Rodrigues, Edson Rozano, Guilherme Vianna, Rodrigo Saif, João Paulo Castilho, entre muitos outros que fazem e fizeram parte da minha vida (se eu citar todos, escreverei outra dissertação).

À Danballa (Renato, Thon, Adrick, Adriano e Beto) pela paciência enquanto eu estava escrevendo a dissertação tendo que deixar de lado a gravação do nosso primeiro álbum (espero que saia em 2019).

Aos familiares que apoiaram e aguentaram esta empreitada, desde os primórdios da vida.

A minha avó Dona Zilma que carrega nas costas essa família e que foi responsável por toda a educação que eu tive oportunidade de ter, sem a senhora não haveria a mínima possibilidade de eu sequer almejar uma graduação, quem diria um mestrado. Não posso deixar de agradecer – *in memoriam* – meu avô Juarez que deixou um legado o que pudemos utilizar para ter uma formação acadêmica continuada.

Minha mãe Jacqueline, meu pai Juliano, meus irmãos Luana, Luan, Amandha, Pietro e Isabela, meu tio Jeff e meus primos Jennifer e Jhonatan.

A todos que me apoiaram, seja com poucas palavras ou com qualquer tipo de incentivo ou expressão, meus infinitos agradecimentos.

Não há como agradecer de forma mais expressiva, portanto, deixo aqui esse simples agradecimento. A importância de todas as pessoas que cercam a minha vida é enorme e sem vocês eu não chegaria em lugar nenhum.

“ A História é deslegitimação do passado vivido. ” (NORA, 1984, p. 20.)

RESUMO

Partindo de um quadro teórico-metodológico que vise a mobilização de sentimentos conformes ao integralismo, este trabalho tem como objetivo, a partir de dados coletados em jornais de propaganda e doutrina integralista, obras doutrinárias e outros tipos de fontes documentais, identificar a *paixão política* da Ação Integralista Brasileira – AIB presente no campo político da cidade de Paranaguá, litoral do Paraná. Por *paixão política* entendemos um conjunto de afetividades presentes em signos comoventes inseridos em chaves linguísticas e discursos que busquem a propagação intersubjetiva da doutrina. A ideia principal é observar a dinâmica que circundava o núcleo municipal da cidade, a elite política integralista e sua forma de introjetar uma identidade política em potenciais militantes. Desta maneira, focar-nos-emos em uma história local em que indivíduos, um grupo de agentes políticos filiados às hostes do sigma, estavam inseridos em uma competição continuada pelo poder político local. Essa competição resulta em um embate de forças em que o integralismo fazia parte como uma narrativa ideológica. Ao objetivar a narrativa nos documentos, trabalharemos em dois aspectos: *i)* a AIB – Paranaguá enquanto núcleo institucional e *ii)* a AIB – Paranaguá enquanto agentes políticos locais e discurso propagador de afetividades.

Palavras-chave: Integralismo. Paranaguá. Paixão. Política. Sentimentos. Afetos. Subjetividade.

ABSTRACT

From the perspective of a theoretical-methodological framework targeting the mobilization of integralism's conforming feelings, using data collected from integralist propaganda newspapers, doctrinal works and other different forms of documentary sources, the goal of this dissertation is to identify the *political passion* of the Brazilian Integralist Action – AIB present in the political front of the city of Paranaguá, in the coastline of the state of Paraná. *Political passion* is the aggregate of affectivities present in touching signs inserted in language keys and discourses that target the intersubjective propagation of this doctrine. The main idea is to observe the dynamics that surrounded the city's municipal nucleus, the integralist political elite and its way of introjecting a political identity in potential militants. This way, we focus on the local history where individuals, a group of political agents affiliated to the hostes of the sigma were inserted in a competition for the local political power. This competition results in a power clash in which integralism was part of as an ideological narrative. Two aspects will be considered when objectivizing the narrative in the documents: *i)* The AIB – Paranaguá as an institutional nucleus and *ii)* The AIB – Paranaguá as local political agents and the affectivity propagator discourse.

Keywords: Integralism. Paranaguá. Passion. Political. Sentiments. Affectivities. Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DINÂMICA DE RETROALIMENTAÇÃO OBJETIVA IDEOLÓGICA AFETIVA.....	68
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AL	- Aliança Liberal
ANL	- Aliança Nacional Libertadora
AIB	- Ação Integralista Brasileira
CPDOC	- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
GEINT	- Grupo de Estudos Sobre Integralismo
GOB	- Grande Oriente Brasil
IHGB	- Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
IHGP	- Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá
IHGPR	- Instituto Histórico Geográfico do Paraná
PCB	- Partido Comunista Brasileiro
SEP	- Sociedade de Estudos Políticos

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 SOBRE AS FONTES	29
2 AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA – ORGANIZAÇÃO, DOCTRINA E CAPILARIDADE REGIONAL	33
2.1 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA.....	33
2.2 ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA INTEGRAL.....	37
2.3 OS INTEGRALISMOS DO INTEGRALISMO	41
2.4 HISTÓRIA LOCAL: O MEMORIALISMO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ E O PODER POLÍTICO LOCAL	50
2.5 PARANAGUÁ: REGIÃO, CIDADE E PODER LOCAL	58
3 O NÚCLEO INTEGRALISTA MUNICIPAL DE PARANAGUÁ – OS INDIVÍDUOS, O GRUPO E O CONTEXTO POLÍTICO LOCAL (1930 – 1942).....	70
3.1 O NÚCLEO MUNICIPAL DE PARANAGUÁ	70
3.2 FICHAS PROSOPOGRÁFICAS DOS INTEGRALISTAS DE PARANAGUÁ....	116
3.2.1 João Eugenio Cominese	118
3.2.2 Carlos Neuffert	121
3.2.3 Genelício Marques Porto.....	123
3.2.4 Hugo Pereira Correa	125
3.2.5 Genaro Régis	127
3.2.6 Vicente Montepoliciano Nascimento Junior	130
3.2.7 Jorge Lacerda	131
3.3 IDENTIFICAÇÃO E POSIÇÃO NO CAMPO POLÍTICO LOCAL DO GRUPO INTEGRALISTA.....	132
3.4 CONTEXTO E DINÂMICA DE TENSÕES NO CAMPO POLÍTICO DE PARANAGUÁ A PARTIR DE 1930	135
4 PAIXÃO POLÍTICA INTEGRALISTA DA AIB – PARANAGUÁ.....	147
4.1 MOBILIZAÇÃO DE SENTIMENTOS CONFORMES AO INTEGRALISMO A PARTIR DO JORNAL “A RAZÃO - PARANÁ”	147
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS.....	191
FONTES E ARQUIVOS	196

1 INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira – AIB tem sido alvo de estudos por parte das ciências humanas há décadas. Diversos pesquisadores se debruçaram sobre o tema resultando em uma pluralidade de abordagens que, ainda hoje, estão longe de cessar. Tal pluralidade é exemplificada tanto nas diversas fases da pesquisa acadêmica sobre a AIB¹, quanto na heterogeneidade de visões dentro destas fases. Pode-se visualizar, mesmo dentro de uma mesma fase, debates que não seguem um consenso único, que são por vezes contraditórios em algum aspecto, por vezes corroboram uns aos outros. A primeira fase destes estudos no Brasil se inicia com a tese de doutorado de Helgio Trindade, publicada em 1974, que tem como uma das principais características a análise do surgimento político e ideológico da AIB como movimento nacional urbano. Destacam-se, também, trabalhos como os de José Chasin e Gilberto Vasconcellos, respectivamente publicados em 1978 e 1979, que, além do próprio Helgio Trindade, são tidos como espécie de “marco” das pesquisas sobre a AIB².

Mesmo nestas referências ditas *clássicas*, não encontramos um consenso engessado sobre o que foi a AIB. Uma cópia dos movimentos europeus? Um movimento autêntico brasileiro? Portanto, seja na contradição mimética em relação ao fascismo europeu de Gilberto Vasconcellos, ou na abordagem de uma certa

¹Termo trabalhado por Rodrigo Santos Oliveira em seu artigo intitulado: “A evolução sobre o integralismo”, publicado na Revista Estudos Ibero-Americanos da PUC-RS, onde sugere a divisão de três fases na pesquisa acadêmica acerca da AIB. Uma primeira fase, onde as perspectivas nacionais da AIB ficavam mais evidentes na pesquisa, a segunda fase onde as perspectivas regionais começaram a se tornar o foco das atenções do pesquisador, assim, resultando na terceira fase, que através das peculiaridades que acabaram surgindo nos estudos regionais, propuseram novas abordagens nas pesquisas acadêmicas sobre a AIB. Algo semelhante foi usado por João Fabio Bertonha em seu livro *Bibliografia Orientativa Sobre o Integralismo*, onde ele sugere uma primeira fase, da década 1930 até a de 1960, uma segunda de 1970 até 1980 e, por fim uma terceira fase, da década de 1990 até os dias atuais. A diferença entre os dois é que Oliveira delimita as fases pelo conteúdo e não pelo período de produção, caso de Bertonha. Entretanto os dois concordam que as produções anteriores à 1970 devem ser vistas com cautela, sendo que em boa parte das vezes eram produzidas ou por integralistas ou por opositores. Para Bertonha seriam principalmente fontes primárias, para Oliveira um período anterior às análises acadêmicas.

² Outro trabalho importante desta fase é a obra “1938: *Terrorismo em campo verde*” de Hélió Silva, publicada pela editora Civilização Brasileira em 1971. Entretanto, diferentemente de Trindade, Chasin e Vasconcellos, Hélió Silva buscou uma análise mais específica da chamada “intentona integralista” de 1938, contrapondo-se à análise mais geral dos outros três. Por mais específico que possa ter sido, Hélió Silva também necessitou passar por questões mais gerais sobre integralismo e apesar de não ter origem em uma pesquisa dentro da academia, o trabalho de Hélió Silva é considerado um dos precursores em uma análise mais sistemática sobre a AIB, como lembrou José Chasin na introdução do seu livro de 1978.

“utopia regressiva” no surgimento do movimento, elucidada por José Chasin, o Integralismo nunca assumiu uma faceta única.

A multiplicidade de análises sobre integralismo, após essas primeiras pesquisas publicadas³, resultou em um aumento das abordagens a partir de recortes mais específicos. Recortes específicos esses que foram o motor da multiplicação de pesquisas sobre a AIB. Primeiramente, com os recortes espaciais, regionalizando a AIB. E, conseqüentemente, seguindo para as especificidades burocráticas, doutrinárias ou ideológicas destas regiões. Quanto mais as pesquisas avançaram no sentido de identificar *microcosmos*⁴, em recortes mais delimitados, o estudo da AIB por parte da academia se tornava mais problemático e mais crítico.

Entretanto é somente na década de 1990 que a AIB, como objeto de estudo acadêmico, começa a ganhar um volume maior de publicações, dissertações e teses (destaco a dissertação de Roney Cytrynowicz de 1992 sobre Gustavo Barroso). Antes deste período, apesar das obras importantes da década de 1970, a pesquisa sobre a AIB ainda era escassa e caminhava a passos curtos. Nesse sentido, diversos pesquisadores já discorreram sobre esse período que vai de 1970 até 1990, sugerindo explicações para o pouco volume de pesquisas sobre a AIB, tais como Rodrigo Santos Oliveira (2010), João Fabio Bertonha (2010) e Renato Dotta (2010).

Há um consenso entre esses pesquisadores que versa sobre a questão de que a AIB esteve envolta em uma interpretação caricata, tratada simplesmente como uma cópia dos movimentos europeus. Entretanto essa questão não se sustenta nem nas publicações da década de 1970. O fato da AIB ser tratada caricatamente já foi

³ Deixamos de lado propositalmente duas teses de doutorado defendidas na Alemanha no final da década de 1930, que, cronologicamente, são anteriores as três delimitadas como precursoras da pesquisa acadêmica sobre a AIB. Estes dois trabalhos têm justificativas diferentes para não serem consideradas – tanto por mim quanto por outros pesquisadores – como participantes da primeira fase de pesquisa acadêmica sobre a AIB. A primeira, tese defendida por Carlos Henrique Hunsche em 1937 na Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, intitulada: “*Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil*”, só foi publicada no Brasil, em um livro organizado por Gilberto Calil e Carla Silva, em 1995 pelo centro de documentação da AIB/PRP (hoje pertencente ao espaço DELFOS de documentação da PUC/RS), enquanto tanto Trindade, quanto Vasconcellos e Chasin publicaram ainda na década de 1970. A segunda tese, defendida por Arnoldo Nicolau de Flue Gut em 1938, na Ludwig-Maximilian Universidade de Munique, intitulada: “*Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro na literatura brasileira*”, também não foi levada em conta pelo fato de que o objeto de estudo é Plínio Salgado, com a AIB como uma consequência de seu pensamento, e por ser demasiadamente embebida de afinidade política, tanto por Plínio Salgado quanto pela AIB. Questões essas que foram trabalhadas por Rodrigo Oliveira (2010, p. 120).

⁴ Toma-se como referência a este termo, o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu texto “Campo Político”, questão que aprofundaremos mais adiante.

abandonado nessas primeiras publicações acadêmicas, apesar de que todas elas delimitam certa importância a influência europeia no movimento, cada qual a sua maneira. Outro ponto suscitado sobre este estado que se encontrou a pesquisa relacionada à AIB entre 1970 e 1990, tem ligação com o contexto político brasileiro e o clima de tensão que havia em se pesquisar um tema controverso. Talvez fruto de um certo receio em se pesquisar um movimento “fascista” após a segunda guerra mundial.

De todo modo, há um acontecimento dentro da área de estudo acadêmico sobre a AIB que merece ser frisado. É a criação do Grupo de Estudos sobre o Integralismo - GEINT, o qual, com a possibilidade de estruturação de redes online para troca de informações, conseguiu aproximar - e de certa forma organizar - diversas pesquisas pelo Brasil, facilitando o diálogo entre os pesquisadores.

Já com quase vinte anos de trabalho, o GEINT hoje agrega um grupo de e-mail e páginas nas redes sociais com aproximadamente uma centena de pesquisadores, coisa que seria impensável em um horizonte próximo de meados da década de 1990. O grupo surgiu dos esforços dos próprios pesquisadores, entre eles, Renato Dotta e João Fabio Bertonha, que organizaram encontros para debates e produção de livros, artigos e simpósios temáticos. Mas o mais importante, além da produção, é a criação de uma rede de relacionamento mútuo que compartilha e debate entre si referências e fontes sobre a AIB.

Todas estas questões expostas, nos ajudam a perceber que a AIB como objeto de estudo já entrou em uma fase mais madura – a fase de novas abordagens proposta por Rodrigo Oliveira – em que as novas problemáticas continuam surgindo, distanciando-se cada vez mais de uma análise homogênea do movimento. Ou seja, é nesta fase que nossa pesquisa acerca da AIB propõe a se inserir.

Nossa proposta é pensar a AIB a partir de um recorte local, um microcosmo político encontrado no litoral do Paraná, que tinha como centro a cidade de Paranaguá. O quadro geral começa em fundamentar o processo de fundação deste núcleo, para, assim, definir quais especificidades podem ser encontradas na região,

tendo como ponto de partida a análise doutrinária e do contexto de Paranaguá, cidade vista como “centro regional”⁵.

Para isso, temos um objetivo geral que é levantar todos os dados disponíveis sobre a AIB – Paranaguá, a fim de criar uma narrativa que abarque dois objetivos específicos. O primeiro, versa sobre a institucionalidade da AIB em Paranaguá. A fundação do núcleo municipal e seus partícipes. O segundo, tem como foco analisar a esfera ideológica-afetiva que estava presente no recorte local a partir da identificação da mobilização de sentimentos conformes ao integralismo. Estes dois objetivos resultam em uma problemática que perpassa duas questões; como a AIB – nacional exercia sua influência no recorte local e como as ações mobilizadoras dentro do recorte local eram produzidas e trabalhadas. O recorte temporal destas análises está presente em fontes que variam entre 1930 e 1942. Objetivamos não desprezar nenhum tipo de informação ou dado, por essa razão que observamos o período anterior à fundação do núcleo local e o posterior de seu fechamento.

Para desenvolver esta pesquisa levamos em conta, primeiramente, conceitos de integralismo bem como sua organização no Brasil. Entendemos que o integralismo, apesar de fazer parte de uma unicidade ideológica, estava longe de ser uníssono. Sua doutrina abarca uma série de pensamentos que tem em determinadas regiões especificidades distintas, entretanto, logo de início, é importante o exercício de fazer uma recuperação da historiografia que tem o mesmo tema da nossa pesquisa. Para isso, nossa atenção se volta para três questões: i) uma breve explanação sobre o surgimento da AIB. ii) uma discussão sobre a estrutura burocrática da AIB para fundamentar e justificar a análise de um recorte local; e, iii) uma reflexão sobre as características da doutrina ideológica que forma o *integralismo genérico*⁶, delimitando características que serviram de base para o debate sobre a especificidade do integralismo de Paranaguá.

⁵ Fundamentaremos esse conceito no capítulo seguinte quando trataremos ao debate questões pertinentes à História Local, campo, região e cidade e, assim, justificarmos a importância do nosso recorte.

⁶ Fazemos alusão aqui ao termo empregado por Robert Paxton (2007) que determina um fascismo genérico. Paxton reflete que existem uma gama de características que podem determinar se um movimento é fascista ou não, independente de todas as características serem presentes ou não em qualquer grupo ou indivíduo ao mesmo tempo. Tais características que podem ser contraditórias entre si, como explora Paxton, por vezes são interdependentes. O integralismo se assemelha ao fascismo neste sentido. Veremos adiante que apesar de haverem diversas características que compõem o integralismo, até mesmo por vezes contraditórias, ainda há um integralismo genérico, onde os diversos integralismos estão inseridos. Essa maleabilidade é o que pode defini-los como

Após analisarmos estas questões, ater-nos-emos ao papel do poder local – no caso, a cidade de Paranaguá – tendo em vista a adesão de parte da elite política local ao movimento integralista. Trataremos de questões como local, região e cidade, que perpassam por uma perspectiva que nos apresenta a capilaridade do poder integralista e sua forma rizomática de estruturação do poder. As questões pertinentes ao poder, político e conflitos ideológicos terão embasamento em quadros teóricos que estão atrelados a uma linha de pensamento distinta.

Do mesmo modo, trabalhamos com uma série de conceitos que nos ajudaram a observar e a cumprir nossos objetivos. Primeiramente encontramos em Pierre Bourdieu a base que sustentará a observação local. Conceitos como campo, habitus, capital e violência simbólica merecem atenção. Mas, principalmente, a noção de campo se sobressai, pois, apresenta uma noção de espaço, do lugar simbólico onde se realizam os embates políticos, uma espécie de “Arena Política” onde há uma competição por poder. Esta noção é interessante para visualizar onde o conflito político é expressado.

Identificar *onde* este conflito acontece, e com qual finalidade, é de suma importância para esta análise. Assim, entendemos que o “discurso político” é uma instância que existe como forma de participar do jogo político no campo. A expressão *onde*, entretanto, não reflete única e simplesmente um espaço físico, concreto, geograficamente delimitado. Remete também espaços simbólicos, abstratos, organizacionais e sociais, por essas razões a noção de campo político é importante.

A dinâmica que circunda o discurso também deve ser exaltada logo a princípio. Quem fala, fala para alguém, que não é apático no recebimento do discurso. Quem fala, fala com uma intencionalidade, que independente do campo em que se insere este discurso, visa a busca por um trunfo, uma conquista de “capital simbólico”⁷, em busca a uma dominação e absorção de poder simbólico. “O

parte de um fascismo genérico, ao seguirmos essa concepção de Paxton. Pois “A grande diversidade de fascismos que já observamos não é razão para abandonarmos o termo” (PAXTON, 2007, p. 46), mesma coisa acontece com o integralismo, ainda mais sendo o integralismo parte dessa diversidade de fascismos que Paxton coloca.

⁷ Tomamos como referência o pensamento de Pierre Bourdieu em relação a uma “economia de trocas simbólicas”. Bourdieu entende o capital simbólico como a “forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas” (BOURDIEU, 2004, p. 154.). Estas diferentes espécies de capital são elementos constitutivos e estruturantes de cada campo. No caso do campo político, a ideologia que serve para deslegitimar o modelo antagônico da dinâmica de forças pela dominação do campo, pois, “as lutas políticas envolvem disputas intelectuais, princípios de visão e de divisão” (BOURDIEU, 2011, p. 206). Ou “o tempo livre: a primeira

capital político é, portanto, uma espécie de capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido”⁸. O campo qual definimos anteriormente, foi o campo político, espaço simbólico que define uma das representações de *onde* está o discurso doutrinário aqui objetivado. Como em todo campo temos um embate de forças, “o campo político podia ser descrito como um jogo no qual o que está em disputa é a imposição legítima dos princípios de visão e divisão do mundo social”⁹. Assim, no nosso recorte, é necessário entender como essa dinâmica ocorre no campo político parnanguara com relação aos integralistas da região.

Entretanto, antes de tratar diretamente do contexto e da dinâmica de tensões que estavam acontecendo no campo político de Paranaguá na década de 1930, devemos aprofundar alguns outros conceitos e linhas de pensamento que irão fundamentar a análise da AIB na cidade. Toda e qualquer organização, grupo ou partido está inserido dentro de um paradigma relacional entre os agentes que os constituem. Assim, entendemos que essa relação se dá em forma de aproximação ou repulsa. Ou seja, há o parceiro político e o inimigo político. Todos os grupos políticos se constituem nessa dinâmica.

Para aprofundar estas questões podemos, à luz do pensamento de Raffestin, delimitar os elementos constitutivos do paradigma relacional do campo político: “os atores, as políticas dos atores – ou conjunto de suas intenções, isto é, suas finalidades -, a estratégia deles para chegar a seus fins, os mediatos da relação, os diversos códigos utilizados e os componentes espaciais e temporais da relação. [...] o poder está presente, faz parte de todo o processo relacional”¹⁰. Ou seja, todo campo é dotado de um processo relacional delimitado por suas próprias regras, e todo processo relacional é eminentemente político, visto que os agentes que constituem tanto um espaço físico concreto – como a cidade - quanto um espaço simbólico – o campo político -, são imanentes à sua construção. A humanização do campo o torna político. Por exemplo, relações dentro de outros campos, podem ser vistas também como relações políticas:

acumulação de capital político é característica de pessoas dotadas de um excedente econômico que lhes possibilita subtrair-se às atividades produtivas, o que lhes permite colocar-se na posição de porta-voz” (BOURDIEU, 2011, p. 196). Quanto mais capital simbólico se adquire dentro de um campo, mais retenção de poder o grupo terá.

⁸ BOURDIEU, Pierre. **O campo político**. (Tradução de André Villalobos). In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 204.

⁹ Ibid., p. 196.

¹⁰ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993, p. 38.

As relações mantidas por duas organizações econômicas, duas empresas, dois sistemas comerciais, são só econômicas por seu conteúdo; na realidade, são profundamente políticas, na condição de choque ou de conflito entre os dois poderes que engajam direta ou indiretamente toda sociedade ou parte dela.¹¹

Assim, podemos afirmar que todo aspecto relacional é determinado em um conflito político e, todo conflito político é um conflito por retenção poder. Esse conflito se dá tanto no campo das ideias e da ideologia quanto no campo das ações. Pois entende-se que a ideologia é um “instrumento permanente dos poderes, e o ponto simbólico onde os poderes são legitimados ou contestados”¹², portanto, o conflito aqui refletido, está relacionado com o embate de ideologias, que tem como finalidade o poder político local em Paranaguá.

Como afirma Ansart (1978, p. 11), “os conflitos políticos não cessam de se transformar em conflitos ideológicos”. Tendo em vista que “uma análise do trabalho ideológico e de suas consequências nos conduzirá diretamente ao exame das relações entre a ideologia e o exercício do poder político”¹³. A ideologia evidencia-se então como discurso materializado, o discurso em ação, que visa deslegitimar o discurso contrário, antagônico. “A política é uma luta em prol de ideias, mas um tipo de ideias absolutamente particular, a saber, as ideias-força, ideias que dão força ao funcionar como força de mobilização”¹⁴.

[...] é próprio de uma ideologia política construir um duplo raciocínio de invalidação e validação dos sistemas de poder. A linguagem demonstra o caráter ilegítimo ou inferior de todas as outras possibilidades históricas, ou pelo menos a inadequação de qualquer outro modelo à situação presente.¹⁵

Apesar de em muitos casos não haver uma “adesão consciente a uma modalidade de fascismo”, como explica a partir de sua impressão pessoal Antônio Cândido, a adesão de muitos jovens nas “hostes do sigma” foi “fruto de uma inquietação honesta”¹⁶. Há, portanto, uma reflexão de caráter afetivo, por mais que

¹¹ Ibid., p. 40.

¹² ANSART, Pierre. **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 11.

¹³ Ibid., p. 10.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **O campo político**. (Tradução de André Villalobos). In. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 203.

¹⁵ ANSART, Pierre. **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 43.

¹⁶ CANDIDO, Antônio. Prefácio. In. CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p. 13.

não esteja dentro do campo estrito da razão e da erudição, da ideologia como objeto de estudo, essa reflexão permeia o campo subjetivo, ou melhor é uma relação intersubjetiva. Pois essa inquietação tratada por Cândido é carregada de subjetivação de uma noção de temporalidade. Há anseios, desejos, vontades em jogo. Isso não tem nada de irracional.

As relações intersubjetivas já foram abordadas como parte importante do processo de estruturação de identidade do indivíduo por Freud, fundamentalmente no que concerne à identidade política. Nesse sentido o teórico defendeu a ideia de um *inconsciente coletivo*¹⁷, principalmente em seu livro *Psicologia das Massas* (1921), onde ele recorre a outro teórico, Gustav LeBon, para refletir sobre o processo de identificação com grupos, massas ou multidões, segundo algumas traduções.

Para LeBon, segundo Freud, há no simples fato de indivíduos fazerem parte de uma massa, algo que “os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva”¹⁸, onde um determinado “habitus”¹⁹ será reproduzido, intersubjetivamente será internalizado. A identificação política é construída no âmbito da identidade, e as relações que a identidade do indivíduo tem com o grupo. Para isso, é seguro falar que todas as ideologias trabalham no campo afetivo para que o indivíduo seja mobilizado a fazer parte de determinado grupo. Assim, alguns afetos destacam-se neste sentido, por vezes por serem mais efetivos na arregimentação, por vezes por serem mais instrumentais na construção de identidades individuais que reproduzam o interesse do grupo político arregimentador.

Partindo destes princípios discutidos anteriormente, considera-se operacional termos como ponto de partida a *tríade afetiva* do fascismo, proposta por

¹⁷ Apesar de Freud não ter usado este termo na sua obra, o termo se tornou recorrente em Jung, seu discípulo. Obviamente Freud não tinha a pretensão de “elaborar una teoría acabada de la psicología de las masas”, como pontua ANSART (1997, p. 200). Entretanto suas contribuições sobre estas questões foram cruciais para Jung estruturar o conceito.

¹⁸ FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**; in. **Obras Completas – Vol. 15 (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13.

¹⁹ Portanto esta linha de raciocínio sobre o habitus leva a uma reflexão interessante em relação ao indivíduo. Os indivíduos são fruto de um processo histórico, ou seja, eles têm uma história e são produtos dela. Para Bourdieu a noção de habitus ajuda a compreender isso, pois existe “um sistema de disposições, ou seja, coisas que existem no estado virtual e vão manifestar-se em relação a uma situação. Eis o processo em grandes traços.”(BOURDIEU; CHARTIER, 2012, p. 48) Esses habitus são internalizados nos sujeitos a partir de sistemas de subjetivação dos mesmos. Há um habitus que não está internalizado, que faz parte de uma estrutura subjetivadora. Esse habitus deve ser internalizado no indivíduo para que ele possa fazer parte de seu sistema de disposições de compreensão da realidade, o que pode ser também aplicado à construção de uma identidade política.

Rafael Athaides em sua tese de doutorado defendida em 2012, para o recorte das características de mobilização e recursos discursivos afetivos que pretendemos analisar adiante. Athaides recorta três recursos afetivos que aparecem no discurso paranaense integralista, são eles a *paixão militante*, o *ressentimento* e o *ódio*. Não necessariamente esses três recursos afetivos devam aparecer sozinhos, pelo contrário, um sempre está relacionado com o outro, são interdependentes. O ressentimento é a porta de entrada do ódio e a paixão política é sua expressão, em um exemplo simples, ou nas palavras de Ansart, a “afetividade vivenciada”²⁰, expressões práticas do sentimento e da emoção, como o ressentimento e o ódio.

Sobre a paixão militante, não devemos reduzi-la à expressão do ódio, mas também da identificação partidária, do entusiasmo pela doutrina. Aliás, o entusiasmo é o afeto primordial do integralismo. É o primeiro contato. Como bem pondera Ansart (1983), as paixões não devem ser vistas apenas como reflexo de tempos críticos, de momentos conturbados, em momentos de euforia quando a razão é posta de lado. A paixão anda junto com a razão, e essa relação dialógica ora pende para um lado e ora para outro. Não concordamos que os discursos encontrados de forma simplificada na imprensa integralista tinham por característica a ausência de razão. Não existe paixão política sem razão política.

Neste sentido o ressentimento, um segundo afeto, no integralismo é trabalhado como uma forma de desqualificar o inimigo. É uma ação mais complexa do que o entusiasmo. Necessita uma narrativa construída. É apontado e denunciado, faz o interlocutor se alertar para questões que subjetivadas e internalizadas resultam na expressão da repulsa pelo objeto do ressentimento. O ressentimento aparece nas respostas a “tal grupo”, “tal pessoa”, “tal organização”, etc. Aparece ao remoer determinado assunto. Ao defender uma perspectiva contraditória em relação ao outro.

Os ressentimentos, enquanto verdadeiras ‘eucaristias do ódio’, são fatores decisivos na sociabilidade interior aos movimentos fascistas, porque constroem consenso em torno do bem e do mal. Sentir-se ao lado das vítimas humilhadas atribui ao grupo a ideia de que “os outros” são o mal.²¹

²⁰ ANSART, Pierre. **Em defesa de uma ciência social das paixões políticas**. In: História: Questões & Debates, Curitiba, ano 17, n. 33, jul. / dez 2000, p. 153.

²¹ ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012, p. 52.

Talvez a questão do *ódio* se torne mais palpável a partir do momento que elucidamos, por mais que rapidamente, a questão do ressentimento. Como já explicitado, e repetido nas palavras de Athaides logo anteriormente, o ódio aos chamados *inimigos da pátria*, era a resposta direta aos ressentimentos que os militantes integralistas acumulavam em seus ombros quando incitados afetivamente a defender a “mãe gentil” das ameaças que vinham de fora, ou que estavam infiltradas na pátria (comunistas, judeus, liberais, imigrantes, etc.).

No ódio, que era reflexo destas ameaças, podemos perceber o ressentimento subjetivo materializado, seja em discursos inflamados de violência simbólica – como veremos na análise dos discursos afetivos conformes adiante – ou no âmbito da violência de fato – como também discorreremos. Portanto não podemos dissociar nenhuma dessas características e, do mesmo modo, não devemos as ter como únicas ou inseparáveis, apesar de demonstrarem ser de uma factível abrangência para percebemos os efeitos das relações intersubjetivas do discurso afetivo entre interlocutores.

Para aprofundar mais as relações entre os três afetos que teremos como base para a análise do discurso integralista de Paranaguá, recorreremos novamente à Pierre Ansart. Para ele, o ódio pode ser visto como objeto de estudo de Hannah Arendt durante grande parte de sua vida acadêmica, sendo rico para entendermos mais a fundo a relação dele (o ódio) com o ressentimento²². A discussão de Ansart, sobre a análise do ódio em Arendt, tem semelhanças com o pensamento de Athaides²³, com a tríade da afetividade fascista, base dos recursos discursivos afetivos que analisaremos em seguida. Tanto Ansart como Athaides, colocam o ressentimento e o ódio como os afetos que não se dissociam, estão ligados por um filamento temporal.

O exemplo de Ansart sobre o tratamento destes afetos talvez seja adequado para o entendimento de sua operacionalidade dentro dos regimes fascistas, até

²² ANSART, Pierre. **Hannah Arendt: A obscuridade dos ódios públicos**. In. DUARTE, André; LOPREATO, Cristina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p 17.

²³ Junto de Robert Paxton em sua obra *Anatomia do Fascismo* (2011), esta análise de Ansart sobre o ódio em Arendt estrutura a linha de pensamento neste sentido. O fascismo como expressões apaixonadas, até mesmo estéticas, carregadas de afetividades, ou seja, a paixão militante, estruturada entre outras coisas pelo ressentimento e o ódio a algo ou alguém.

mesmo por ser a própria Arendt uma teórica dos totalitarismos e da violência. A indagação de Ansart é pertinente:

É possível [...] '*compreender e explicar*' os ódios coletivos; a partir de quais enfoques e sob quais condições? É possível analisar sua gênese e suas consequências? Estas questões, formuladas nestes termos pelos teóricos das ciências sociais, historiadores ou sociólogos, são suficientes?²⁴

Responder estas questões é uma tarefa árdua, até mesmo porquê criar uma teoria dos afetos políticos não responderá todas as perguntas em finitude das construções ideológicas e políticas. Essa não é a pretensão.

A pretensão é de ao menos “clarificar esses fatos essencialmente obscuros, compreender uma realidade humana ‘que se tornou opaca à luz do pensamento’[...]”.²⁵ É buscar evidências empíricas de que há uma operacionalidade na execução destes afetos. Ainda assim, é necessário delimitar um método para a análise destas questões, e Ansart ilumina dois pontos de partida em Arendt para que possamos elucidá-los.

Primeiramente, para Ansart, Arendt propõe um método que “rejeita com firmeza a tentação de explicar os ódios em termos – diz ela – de psicologia: tentação de explicar a história pelos sentimentos, as atitudes, pelas pulsões dos atores individuais ou coletivos”.²⁶ Segundo Ansart, para Arendt, é preciso se ater às mudanças, aos processos políticos e aos sistemas que lhe são inerentes. As análises das transformações e processos devem fundamentar as questões ligadas ao ódio, principalmente o ódio “a partir das relações políticas de dominação”. Na negação da psicologia histórica, Arendt nos propõe observar a luz dos “critérios mais elementares do método histórico”, a factualidade, o positivismo²⁷.

Nos casos dos ódios públicos, é em primeiro lugar à história política, história das constituições, dos regimes e decisões governamentais, mas também a história das revoluções que convém pedir esta distanciação necessária ao conhecimento e às primeiras hipóteses explicativas.²⁸

²⁴ ANSART, Pierre. **Hannah Arendt: A obscuridade dos ódios públicos**. In. DUARTE, André; LOPREATO, Cristina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 17.

²⁵ Id.

²⁶ Ibid., p. 19.

²⁷ Ibid., p. 20.

²⁸ Ibid., p. 20-21.

Entretanto, mesmo Arendt rejeitando qualquer abordagem psico-histórica “a priori”, Ansart demonstra que ela é obrigada a ceder no âmbito de que “há fatores sociais que não são aparentes na história política ou econômica, que estão escondidos sob a superfície dos acontecimentos, que escapam a atenção do historiador”²⁹. Há, portanto, ações, situações, afetos, semelhantes ao “mistério do fanatismo, incompreensível em uma abordagem positivista”³⁰. Assim, outra abordagem é necessária, não que seja única, finita, mas que agregue à análise mais positivista outros métodos, outros problemas.

A segunda abordagem metodológica de Arendt, segundo Ansart, diz respeito a temporalizar o afeto, além de historicizá-lo, em vez de um método descritivo, positivista, um método compreensivo historicamente. Essa temporalização encontra sentido na divisão periódica entre um movimento e um governo. O integralismo não passou da fase de movimento. Diferentemente do fascismo italiano, não se tornou governo, conquanto não foi aplicado em escala nacional. Isso acarreta em dizer que não houve a supressão do ódio, transformado em instrumento de estado.

Na fase de movimento, o ressentimento é explorado como afeto para internalizar a identidade política no indivíduo. No caso de Paranaguá vemos isso adiante na análise empírica. O que podemos adiantar é que o ressentimento dos integralistas contra os ditos inimigos da pátria estava maduro o suficiente para que militantes expressassem ódio nos periódicos. O ressentimento precede ao ódio para Arendt, segundo Ansart. O ressentimento é explorado para criar o ódio, que quando se organiza e vira papel de estado (no caso do Fascismo), se extingue e se torna burocracia. Ou seja, o ressentimento a um grupo específico, no nosso caso, o discurso contra os ditos inimigos da pátria dos integralistas de Paranaguá, transforma-se em ódio a partir do momento em que o movimento vai se institucionalizando.

Há, portanto, um interesse operativo prático na mobilização destes afetos que determinam precisamente quem são os inimigos, e a vontade de eliminá-los.

²⁹ ARENDT, Hannah. Apud. ANSART, Pierre. **Hannah Arendt: A obscuridade dos ódios públicos**. In. DUARTE, André; LOPREATO, Cristina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 25.

³⁰ ANSART, Pierre. **Hannah Arendt: A obscuridade dos ódios públicos**. In. DUARTE, André; LOPREATO, Cristina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 25.

Por essa razão, a mobilização dos afetos é ponto central na construção da identidade política dos indivíduos, e é também por essa razão que a *gestão destas paixões políticas* tem papel crucial no campo político. Estas questões são fundamentais para entendermos a importância do discurso integralista de Paranaguá na dinâmica de conflito dentro do campo político da cidade.

Entendemos que não há possibilidade de reconstruir por completo uma história política olhando somente para um dos dois lados, ou o estudo pragmático positivista da política, ou o estudo das afetividades, emoções e identidades políticas. Por essa razão trazemos à luz de nossas fontes essa reflexão precedente, para assim podermos, não somente recriar factualmente um período histórico, mas demonstrarmos que em outras esferas, como a afetiva - apesar de mais difícil de mensurar -, apresentam-se indícios frequentes e abundantes da gestão das paixões políticas e da mobilização de sentimentos conformes ao integralismo. Nossos objetivos específicos ilustram essa questão. Faremos os dois. A história do integralismo de Paranaguá através de seu núcleo e indivíduos e a ideologia e doutrina do integralismo como mobilização de sentimentos conformes na cidade através dos discursos nos periódicos oficiais.

Assim, aprofundando esta questão, o discurso afetivo não deve ser visto somente como a expressão transparente oriunda de uma palavra ou um termo. “O efeito de sentido pode ser obtido pelo emprego de algumas palavras, mas também por meio daquelas que não remetem ao campo semântico das afetividades”³¹.

Este campo semântico das afetividades pode ser entendido como um grupo de palavras que expressem diretamente um afeto, um sentimento, a exemplo das palavras “medo” ou “esperança”. Elas representam diretamente o sentimento, entretanto não são capazes de afetar, ou gerar no receptor das mensagens esses sentimentos somente por serem utilizadas. Nem mesmo seria inexorável que o locutor as estivesse sentido. O efeito de sentido, o contexto e todas as dêixis discursivas é que vão afetar o interlocutor. É um emaranhado complexo de significados que leva o receptor à afetividade, principalmente ligados à temporalidade.

³¹ BARBOSA, Marinalva Vieira. **A dimensão afetivo-emotiva dos discursos de Professores e alunos nas interações em sala de aula**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008, p. 329.

O medo do que está por vir', 'a esperança de que tudo ocorra bem', situa o indivíduo em um tempo específico, onde a ideologia constrói as possibilidades para que um ou outro aconteça.³² No caso da política é feita com base em um sistema de regras que delimitam um objetivo e os meios para realizá-lo. Esse sistema está inserido em um contexto específico, que gera demandas específicas, mesmo que a palavra em si não represente transparentemente um afeto. "O peso, as consequências emocionais de uma mensagem dependem do lugar social de onde ela é emitida [...]"³³.

Se o *discursivizar* das emoções fosse mero ato de apropriação de um sistema de expressões e termos prontos, não haveria porque falar em construção de sentidos. Muito menos haveria razão para apontar a importância da historicidade na constituição do sujeito e da linguagem, pois tanto a semântica das palavras como os próprios atos que tais palavras constituem teriam sempre o mesmo sentido³⁴.

Estas questões estão atreladas aos sistemas de significações, que por sua vez só adquirem sentido através do contexto e na dinâmica de relações entre o locutor e o receptor. Não haverá mobilização de afetos se o locutor simplesmente discursar "odeiem tal grupo ou indivíduo". Essa simples expressão não pode estruturar o processo de construção dos sentidos afetivos. Mas, a partir do momento que se contextualiza esse ódio, o justifica, mesmo sem utilizar a palavra "ódio", subjetivamente esse ódio é estimulado. Entretanto frisa-se que o mundo dos afetos na política merece atenção não só dos indivíduos situados no campo político, como também dos seus analistas e interlocutores.

Afirmamos que a dimensão afetiva da política se faz presente em todo discurso ideológico. Assim, tanto a mobilização dos afetos como a gestão deles, recebem a importância de ser analisada. A partir disso, aumentando a proposta da tríade da afetividade fascista de Athaides (2012), delimitamos recursos discursivos afetivos que pretendemos observar: além do ressentimento, e o ódio, entendemos importante observar o medo e a esperança. Neste sentido, a paixão militante

³² Temporalização de afetos como medo e a esperança, bem como a noção de desamparo ligado à política e as relações sociais foram trabalhados por Safatle (2016).

³³ ANSART, Pierre. **La gestion des passions politiques**. Lausanne: Editions L'Âge d'Homme, 1983, p. 69-70. (Tradução nossa).

³⁴ BARBOSA, Marinalva Vieira. **A dimensão afetivo-emotiva dos discursos de Professores e alunos nas interações em sala de aula**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008, p. 330.

delimitada por Athaides é colocada por nós como entusiasmo. Escolhemos este termo até mesmo por ser o termo recorrente nas próprias fontes. Temos, também, em segunda instância, a noção de desamparo que está atrelada aos afetos delimitados. A noção de desamparo aproxima o militante da doutrina, pois, na perspectiva integralista, somente ela – a doutrina – pode amparar o militante e os fazer construir o futuro ideal proposto. Tendo em vista esse quadro afetivo do integralismo, entendemos que a dinâmica interdependente que os une é a paixão política integralista de Paranaguá, que é nosso foco de observação.

1.1 SOBRE AS FONTES

Tendo em vista o quadro teórico-metodológico exposto, comentamos agora as nossas fontes que serão base para a extração dos dados. Em sua totalidade, essas fontes são textuais, mas provenientes de diversos locais. Nossa fonte primária mais importante é o jornal curitibano “A Razão”. Temos neste jornal o principal acervo que estabelece os dados que são analisados sobre Paranaguá.

O “A Razão”, como o próprio periódico se define, é um órgão de doutrina e propaganda da AIB da capital do estado do Paraná. Surgiu para ser o segundo órgão publicado no estado, em substituição ao “O Integralista”, que também observamos. O “A Razão” era um hebdomadário, ou seja, semanal e circulava em todo o estado através dos núcleos locais. Sua fundação e primeiro número saem no início de maio de 1935. Temos o acervo para pesquisa do “A Razão” entre maio e novembro de 1935, num total de 23 números.

Apesar do “A Razão” ter funcionado por mais tempo, ao menos o mês de dezembro, infelizmente não há disponibilidade de mais números arquivados em hemerotecas. As perseguições aos integralistas do Paraná devem ter dificultado a conservação dos mesmos³⁵. Ainda com essa questão expressada, entendemos que não há como observar os afetos integralistas de Paranaguá sem passar por esta fonte. Como comenta Athaides, o hebdomadário “A Razão”, “era um veículo de mobilização afetiva: transmitia essa “energia” por múltiplos caminhos e almejava

³⁵ Os núcleos do estado foram oficialmente fechados em abril de 1936, entretanto, repressões aos veículos de propaganda já se faziam presentes anteriormente.

levar os militantes a uma uníssona “vibração” (vocábulo amplamente utilizado no jornal) em torno de certas afetividades recorrentes na arena política fascista³⁶.

A importância do jornal passa pela característica regional do veículo. Os periódicos integralistas, em sua totalidade, são entendidos, não só por pesquisadores recentes, mas também por militantes-jornalistas, ou por vezes, pelos diretores dos mesmos, como um “órgão de doutrina e propaganda da AIB”³⁷. Os periódicos proporcionam uma popularização da doutrina mais erudita, teorizada e intelectualizada. Eventualmente mais simplificada, a popularização da doutrina traz consigo a criação de imagens comoventes simbólicas no lugar das teorias densas. “Ela [a doutrina] é reestruturada para tornar-se mais “palpável”, ela é adaptável e maleável aos interesses do movimento. Ao mesmo tempo, ela já chega “digerida” ao militante, ela não permite a reflexão”.³⁸

Além do mais, a possibilidade de circulação de um jornal em nível regional, adapta a doutrina para o contexto local, que “embora reproduzissem a ideologia integralista, esta se dava pela leitura feita destes militantes locais (pela escolha subjetiva destes indivíduos)”³⁹. Concordamos, portanto, com Rodrigo Oliveira, que as questões regionais influenciam nas publicações⁴⁰, porém discordamos na questão em que a adaptação da teoria para a publicação nos periódicos esteja atrelada a “não reflexão”. Pois, por mais que a erudição da teoria tenha sido trocada por imagens comoventes afetivas, a reflexão do militante é subjetiva, principalmente quando ele se vê representado no discurso, quando suas angústias, seus desejos, seus medos e esperanças são mobilizados. Talvez podemos entender que essa “não reflexão” seja a expressão de um sistema de raciocínio fechado, que impeça interpretações variadas. De todo modo, isso não deve ser expressado como ausência de reflexão.

Além do “A Razão” e do “O Integralista”, temos como fonte outros documentos sobre Paranaguá, direta ou indiretamente. De circulação nacional temos o “A Offensiva”, principal jornal neste sentido. Dele obtemos quase todo o

³⁶ ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012, p. 16.

³⁷ A Razão – ano 1, nº 1 - 1/05/1935, p. 1.

³⁸ OLIVEIRA, Rodrigo S. **Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira**, Dissertação (mestrado em história), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, p. 125.

³⁹ Ibid., p. 120.

⁴⁰ Ibid., p. 125.

acervo de 1934 até 1937. O acervo é grande, pois a partir de certo tempo o jornal começou a ser diário (a partir de 28 de janeiro de 1936). Além do “A Offensiva” observamos outros de outras regiões. “Flama Verde” de Santa Catarina, “A Razão” de São Paulo, Minas Gerais e da Bahia, “O Bandeirante” do Rio Grande do Sul”, enfim, tivemos acesso a diversos periódicos nas mais variadas regiões⁴¹. Todos esses periódicos foram observados. Buscamos não excluir nenhuma informação sobre Paranaguá e, no caso dos jornais de outras regiões, ou até mesmo de circulação nacional, encontramos em alguns momentos menções a cidade de Paranaguá, ou a questões que se relacionam com os acontecimentos na cidade.

Além destes jornais especificamente editados e publicados por integralistas, também utilizamos jornais da imprensa profissional do Paraná. Em Paranaguá não houve jornais funcionando na década de 1930. A hipótese é que todos os veículos da cidade foram fechados pois eram alinhados à elite política tradicional que foi destituída por Vargas em 1930. Deste modo, através deste entrave, voltamo-nos para a imprensa de consumo difundida em Curitiba⁴², onde encontramos diversos dados interessantes que serão expostos no decorrer do trabalho. Em todas as citações diretas escolhemos transcrever o português da época, reproduzir a estilística, ortografia e estética dos textos do modo mais semelhante possível.

Fora os jornais, também consideramos fontes outros tipos de textos. Temos, por exemplo, livros de Gustavo Barroso e Plínio Salgado, um livro não publicado de Dario Nogueira dos Santos que se encontra no acervo do Instituto Histórico Geográfico do Paraná, a revista do Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá (primeira e segunda fase), publicações maçônicas, como o “Informativo Chico da Botica”, boletins do Grande Oriente Brasil publicados em jornais ou no livro de Dario Nogueira dos Santos, e documentos oficiais, como atas da Câmara de Vereadores de Paranaguá, entre outros. Possuímos também o acervo da Delegacia de Ordem

⁴¹ Destacamos aqui o trabalho de Rodrigo Santos Oliveira (2009) sobre a imprensa militante da AIB. Oliveira fez um trabalho monumental que levantou dados sobre todos os jornais da AIB que circularam no país. Tivemos acesso a catalogação completa do “A Offensiva” o que facilitou muito a nossa pesquisa. Além disso pudemos ter um panorama geral bem definido de toda imprensa da AIB que serviu de base para nossa observação geral do integralismo enquanto periódico doutrinário.

⁴² Destacamos o “Diário da Tarde” que tinha uma seção oficial da AIB e o jornal “O Dia”. Os acervos destes periódicos estavam mais abundantes e melhor organizados facilitando seu uso. Damos destaque aqui para a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional que está fazendo um trabalho incrível de digitalização de centenas de periódicos. Até o fechamento deste trabalho temos pouco mais de seis meses de “A Offensiva” digitalizado na hemeroteca, entretanto, em pesquisas futuras, a utilização desta ferramenta será ainda mais importante.

Política e Social do Paraná – DOPS-PR que contém fichas individuais, pastas individuais e temáticas. Tivemos acesso ao acervo completo das delegacias de Curitiba, Paranaguá, Antonina e Morretes.

Usufruímos também da base de dados do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e do dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro. Pensamos em pluralizar as fontes entendendo esta pesquisa em um âmbito qualitativo, onde as fontes se amarram umas às outras para dar inteligibilidade à narrativa. As correlações entre fontes são importantes para fundamentarmos de forma densa nossa observação e análise. Nossa visão foi não desprezar nada que pudesse ajudar a visualizar o período e as relações políticas dentro do campo de Paranaguá.

Assim, seguimos uma estrutura de trabalho que segue uma linha importante de explanar. No próximo capítulo trabalharemos o conceito de integralismo e sua organização no Brasil. Na sequência, trabalharemos a fundação do núcleo municipal, seus integrantes e as relações contextuais no campo político de Paranaguá. Na última parte trabalharemos a questão doutrinária integralista de Paranaguá, tendo o contexto como base, através dos recursos discursivos afetivos já comentados até aqui. Pretendemos, assim, fazer uma análise da história do integralismo em Paranaguá que contemple duas questões. A questão institucional, o núcleo e seus partícipes, quem eram, com quem se relacionavam, qual era sua posição no campo político local, etc. E a questão ideológica, qual era a especificidade da doutrina, quem eram tratados como inimigos, como se mobilizavam os afetos como o ressentimento, o ódio, o medo, esperança, etc., ou seja, toda a dinâmica que faz parte de uma análise das paixões políticas da AIB – Paranaguá.

2 AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA – ORGANIZAÇÃO, DOCTRINA E CAPILARIDADE REGIONAL

2.1 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

A primeira questão ao falarmos da Ação Integralista Brasileira - AIB, como qualquer análise de doutrina ideológica, é pensar em qual contexto, qual conjuntura ela, a AIB, está inserida. São comuns na historiografia, análises em que o período pós-crise de 1929 é visto como um embrião de políticas e ideologias fascistas⁴³ pelo mundo ocidental. Alguns fatores econômicos podem ser elencados como características precedentes ao surgimento destes regimes fascistas, centralizados e considerados como extrema-direita, principalmente na Europa. Primeiramente o esgotamento da política econômica vigente da década de 1920, seguida da quebra da bolsa de valores de Nova York, desencadeando uma grande depressão econômica pelo mundo. Consequentemente, a partir da instabilidade econômica, seguiu-se a insatisfação social, o processo de deslegitimação do modelo econômico vigente, seguido de crise política. “As ideias fascistas surgiram como uma resposta radical aos problemas enfrentados pelas sociedades naquele momento”⁴⁴.

Além das questões econômicas, a mobilização de preceitos ideológicos vistos como “novos” (fora da esfera liberalismo/socialismo, ao menos no discurso) também alimentam a ascensão do fascismo pelo mundo. Obviamente também temos outras questões de caráter cultural – como a busca por um nacionalismo – e sociais – como a contraposição de determinados grupos sociais à determinados inimigos – também tiveram seu peso.

Contudo, anteriormente, o Brasil, logo após a Primeira Guerra, passava por um processo de maturação cultural, assim como em outros países da Europa, ou ao menos era o considerado pelos modernistas brasileiros. “O modernismo emergiu no

⁴³ Pensamos aqui em um conceito econômico do fascismo, tomando como referência, ao menos neste momento, para corroborar a posição integralista anticapitalista e anticomunista, a ideia proposta por Marilena Chauí, encontrada na sua obra “Escritos Sobre a Universidade” de 2001, onde ela conceitua: fascismo é como uma terceira via, um projeto e um programa econômico/político que buscava uma distância dos modelos encontrados na polarização entre socialismo/comunismo e liberalismo. Caracterizado pelo corporativismo, autoritarismo, extremo nacionalismo e centralização de poder, o fascismo apareceu e teve seu maior expoente na Itália durante as décadas de 1920 e 1930.

⁴⁴ ATHAIDES, Rafael; PEREIRA, Luciana A. **O integralismo no Paraná e o Jornal a Razão 1935**. Revista Rascunhos Culturais. Coxim. vol.1, n.2. jul. /dez. 2010, p. 207.

mesmo caldo cultural (de transformações na cultura e na política) que atingiu o Brasil como um furacão nos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial⁴⁵. Havia um sentimento mútuo para romper com os padrões estéticos “passadistas” do Brasil e se inserir na universalidade do modernismo, tendo como foco seguir as tendências do “primeiro mundo”. Porém, como bem aponta João Fabio Bertonha, essa busca pelo rompimento com a “velha cultura” brasileira, levou ao surgimento de uma discussão que permeava a seguinte questão: qual a cultura nacional? “Certas ambiguidades marcariam a visão dos intelectuais sobre a cultura brasileira”⁴⁶. O Brasil seria a mistura da cultura europeia com a tropical e nacional, expõe Bertonha. E continua: “essa mistura seria nossa originalidade e compreendê-la seria a chave para penetrar, esclarecer e transformar a realidade brasileira”. O grande problema era definir os termos dessa mistura, o que era bem complexo e abriria margem a várias interpretações⁴⁷.

Essa complexidade ocasionou em uma reflexão que transcendeu os pilares artísticos. A transposição, ou o uso da arte como ferramenta política, como forma de crítica social, já foi objeto de diversos estudos. Portanto isso não é novidade do modernismo brasileiro. “[...] a maioria deles começou a caminhar, a partir da literatura e da estética, para o problema da interpretação e da construção da cultura no Brasil, e os problemas sociais e políticos em torno disso.”⁴⁸

O movimento modernista brasileiro teve impacto em diversos campos artísticos do país, incluindo o de escritores. Este era o caso do idealizador da AIB, Plínio Salgado. Ele [Plínio Salgado] esteve a par deste movimento, como apontam Trindade em 1970 e Bertonha, mais recentemente, em 2014, principalmente em virtude do caráter nacionalista de que se revestem as discussões comentadas acima, ou seja, a busca de identidade nacional. Essa questão não é a única responsável pela formação política de Plínio Salgado, ou da AIB, porém é plausível elencá-la já que o “Plínio modernista” também é alvo de discussão dentro das ciências humanas. O mínimo que podemos afirmar é que este contexto de modernização, de universalidade do pensamento, foi o contexto que Plínio Salgado estava inserido ao idealizar a AIB, um contexto de contestação da estrutura política,

⁴⁵ BERTONHA, João Fábio. **Integralismo. Problemas, Perspectivas e Questões historiográficas**. Maringá: Editora UEM. 2014, p.49.

⁴⁶ Id.

⁴⁷ Id.

⁴⁸ Ibid., p. 50.

debate que também veio atrelado à própria tomada do poder político em 1930 por Vargas e a Aliança Liberal, o discurso de mudança, de transformação e progresso.

Essas questões encontram respaldo em Helgio Trindade, na sua afirmação de que “a fase pré-integralista inicia quando Plínio Salgado incorpora à ação política os temas nacionalistas vinculados à sua experiência modernista. Esta fase se caracteriza pelo processo de maturação de uma nova doutrina política”⁴⁹. Como discutido anteriormente, o modernismo fez emergir um problema complexo, o problema da identidade nacional. “A questão da construção nacional e da brasilidade surgiu a partir daí, já que uma tradição nacional forte seria chave para participação autônoma do Brasil na modernidade universal”⁵⁰.

Entre abril e outubro de 1930, Plínio Salgado viaja à Europa, o que seria crucial na construção do seu pensamento político. Foi para a Itália, para Portugal, à Alemanha e à Espanha. “Desiludido com o partido ao qual pertencia, Salgado medita sobre a política brasileira à luz da experiência europeia da época. Neste período, a ideia fascista se insinua de forma explícita em seu espírito”⁵¹. Entretanto, após voltar ao Brasil, não funda imediatamente a AIB, mas sim, dedica-se ao jornalismo. Torna-se redator do “A Razão” em São Paulo, um jornal “pré-integralista”, além de escrever regularmente em outros veículos, buscando angariar e conquistar políticos e intelectuais que poderiam discutir o momento político brasileiro.⁵²

Esse envolvimento político faz Plínio Salgado fundar em 1932 a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), “antecâmara do Integralismo”. “O Jornal é o instrumento de difusão de suas ideias, e o SEP o centro de reflexão ideológica de onde vai nascer o manifesto integralista de 1932 e a Ação Integralista Brasileira”. Salgado propõe a primeira reunião da SEP no final de fevereiro, que teve a participação de um grupo de intelectuais, explica Trindade⁵³. São expostas nesta reunião, e a que se segue 16 dias depois, as primeiras reflexões doutrinárias que originaram o pensamento integralista.

⁴⁹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 81.

⁵⁰ BERTONHA, João Fábio. **Integralismo. Problemas, Perspectivas e Questões historiográficas**. Maringá: Editora UEM. 2014, p. 50.

⁵¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 81.

⁵² Id.

⁵³ Ibid., p. 124.

O momento que se segue entre a fundação do SEP e a convocação para a inicialmente chamada “Comissão Técnica da Ação Integralista Brasileira” foi preenchida pela divulgação das doutrinas e ideologias defendidas por Salgado, seja em suas publicações⁵⁴ do período ou nos grupos o qual fazia parte, principalmente no ofício de jornalista. Esse período entre a fundação da SEP e a Comissão Técnica não passaram de dois meses, entre março de 1932 e maio de 1932⁵⁵.

Em 6 de maio de 1932, propus que se criasse uma sessão subordinada e paralela à Sociedade de Estudos Políticos, a qual teria por tarefa uma obra educativa de mais larga amplitude, destinada a formar a consciência popular no trato dos problemas brasileiros e sob a inspiração dos princípios filosóficos e o programa político da nossa agremiação. Esta sessão foi criada pelos votos da assembleia, com o nome de Ação Integralista Brasileira⁵⁶.

Um tempo após a assembleia, Plínio Salgado redigiu o que viria a ser conhecido como *Manifesto de Outubro de 1932* – data oficial da publicação que é considerada o marco inicial, a fundação da AIB. O manifesto foi apresentado no dia 7 de outubro do mesmo ano em uma reunião no Teatro Municipal de São Paulo que foi selada com a leitura do manifesto e dando como oficial a fundação do primeiro núcleo da AIB do país⁵⁷. A partir deste momento, o movimento começa a se estruturar, tanto na ideologia quanto burocraticamente, levando em consideração a distribuição pelo país do manifesto escrito por Plínio Salgado, que talvez por convenção dos primeiros militantes, ou por vontade própria – não há um consenso sobre isso⁵⁸ -, foi definido como Chefe Nacional da AIB.

É no seu surgimento, no seu despertar, que a AIB começa a se estruturar ideologicamente com características diversas. O integralismo nesse momento inicia sua caminhada por uma doutrina que poderia variar em alguns sentidos, que ideologicamente estava ligada a diversas questões, que ora as interpretam como

⁵⁴ Destacam-se o Periódico “Hierarchia” e a “Revista de Estudos Políticos e Sociais”, ambos do início dos anos 1930, além do já citado “A Razão”.

⁵⁵ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006, p.67-68.

⁵⁶ SALGADO, Plínio **O integralismo na vida brasileira**. In: **Enciclopédia do Integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, vol.1, 1959, p.145. Apud. BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006, p. 68.

⁵⁷ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 132 - 133.

⁵⁸ Tomamos essa posição em virtude do debate com Rafael Athaides no VIII Congresso Internacional de História da UEM em 2017.

reflexo dos fascismos europeus, ora as diferenciam. A infinidade de abordagens de pesquisa acadêmica que a AIB suscita está ligada a variabilidade da sua doutrina. Suas formas de se adaptar às regiões, que por sua vez estão ligadas tanto a estrutura burocrática do estado integral, quanto às relações políticas locais, revelam as singularidades da doutrina integralista nestes recortes. Porém, antes de tratar destas variáveis doutrinárias, se faz necessário entender, mesmo que sucintamente, as questões relacionadas à organização e burocracia integral.

2.2 ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA INTEGRAL

Para Plínio Salgado, somente através do princípio de autoridade é que chegaríamos a uma ordem, ou citando diretamente o manifesto “Precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que, só haverá desordem”⁵⁹. Essa disciplina e ordem não existirão sem que os militantes se submetam à autoridade do chefe maior, portanto fica óbvio que a subjugação de ideais, princípios, padrões estéticos e de moralismos, são as condições para que a estrutura executiva e administrativa da AIB se estabeleça. Helgio Trindade exemplifica esta questão.

Não se pode dissociar, em um movimento fascista, a ideologia e a organização porque existe uma relação explícita entre a estrutura desta e o conteúdo da outra. Geralmente as organizações políticas autoritárias se estruturam hierarquicamente com o objetivo de enquadrar eficazmente seus militantes. A organização integralista, entretanto, supera esta função meramente instrumental: além da estrutura vertical e rígida, sob o controle de organismos de enquadramento e socialização ideológica, a AIB incorporou uma nova dimensão capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral⁶⁰.

A organização regida pelo chefe maior constitui, segundo Trindade, uma forma de “organização burocrática e totalitária”. Ainda segundo Trindade, essa burocracia se manifesta em um “complexo de órgãos, funções, papéis e comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos, resoluções do chefe e rituais”. Já o caráter totalitário, exemplifica-se nas “relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (a partir das organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores

⁵⁹ SALGADO, Plínio. **Manifesto Integralista**, São Paulo, 1932, p.1.

⁶⁰ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 169.

hierárquicos”⁶¹.

Essa organização burocrática totalitária desempenha um fator importante para que possamos entender o que Trindade vem a chamar de tríplice função. Segundo Trindade, esta forneceria “ao chefe meios poderosos para dirigir o movimento; realizar uma experiência pré-estatal em nível da organização, inspirada no modelo teórico do Estado Integral e constituir-se num instrumento de socialização político-ideológica dos aderentes” Em outras palavras: o chefe, a estrutura e os meios de socialização ideológica⁶². Os meios de socialização ideológica serão alvo de nossa atenção adiante, objetivo central deste trabalho.

Na AIB, a organização verticalizada, como nos partidos fascistas europeus, era evidenciada na figura do Chefe Nacional, a quem todos os militantes, estudantes e subordinados reservam a autoridade. Segundo Trindade, “os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente”⁶³. Plínio Salgado representava este chefe maior. Seu principal idealizador, teórico e militante, desde os primórdios organizacionais da AIB, Plínio Salgado, ocupou o cargo máximo, seguido de um círculo íntimo de outros militantes e teóricos.

Esta centralização do poder, imposta autoritariamente pela organização do movimento, faz com que toda AIB somente funcione em dependência a este posto. Trindade afirma explicitamente que “o Chefe Nacional dirigirá e comandará todo o movimento em todas as províncias através dos departamentos nacionais”. E em cada província o Chefe nomeará um secretário nacional para auxiliá-lo, sob sua imediata fiscalização⁶⁴. O Chefe Nacional tem todo poder sobre o movimento, até mesmo no que tange a seus julgamentos pessoais. Ele decide pelo movimento até mesmo sobre a doutrinação ideológica – com certa autonomia - levando em contrapartida o estabelecimento propriamente dito dos seus subalternos dentro da organização executiva do movimento. Segundo Trindade, ele “define a ação político-ideológica dos integralistas porque ele é o comandante em chefe das forças integralistas”⁶⁵. Mesmo assim, a ideologia geral poderia se estruturar de forma diferente em um recorte local, focar em uma questão específica, deixar outras de

⁶¹ Ibid., p. 169-170.

⁶² Ibid., p. 170.

⁶³ Ibid., p. 172

⁶⁴ Id.

⁶⁵ Id.

lado, entre outras adaptações, o que é justamente um dos nossos objetivos para observar no decorrer deste trabalho.

Além da figura do Chefe Nacional, temos dezenas de cargos distribuídos de forma a organizar a rede burocrática integralista. Existem diversos conselhos, como o conselho nacional, departamentos nacionais de organizações políticas, de propaganda, finanças, doutrinas, até mesmo artísticas. A organização burocrática do partido tem relação direta com o modelo do estado integral, proposto pelo movimento para ser colocado em prática. Ele pode ser entendido como um sistema de incubação da própria máquina estatal integralista. Portanto os cargos e títulos que encontramos no sistema organizacional executivo e administrativo da AIB e a forma como eles interagem entre si representam, em tese, o estado integral, ou como coloca Trindade: “um modelo pré-estatal”⁶⁶.

A figura do Chefe Provincial, cargo de liderança abaixo do Chefe Nacional, poderia ser comparada ao cargo de governador, a grosso modo. Ele é estabelecido diretamente por uma espécie de colegiado, um conselho nacional, onde comparecia o mais alto escalão da máquina estatal integralista, conhecida como Câmara dos Quarenta. A junção destas altas patentes, posteriormente, segundo Trindade, era o que compunha o organismo mais importante de representação da AIB, chamado Corte do Sigma. Nele compareciam, além da câmara dos quarenta, “os principais órgãos de cúpula na hierarquia do poder”⁶⁷, porém, essa corte só é estabelecida pela primeira vez em 1936.

Abaixo do Chefe Provincial encontramos uma estrutura estabelecida de departamentos provinciais subdivididos do mesmo modo que os departamentos nacionais, com cargos semelhantes no nível nacional. Entrando ainda mais fundo na hierarquia integralista, chegamos ao Chefe Municipal. O Chefe Municipal era o dirigente dos militantes locais, respondendo diretamente ao Chefe Provincial e os departamentos da província, este, por sua vez, subordinado aos departamentos nacionais e ao Chefe Nacional. Igualmente como vemos na comparação entre os departamentos nacionais e provinciais, podemos constatar que os modelos de organização integralista são representados de forma muito parecida, quase idêntica, somente em uma escala reduzida. Cada organização destes departamentos, seja

⁶⁶ Ibid., p. 179.

⁶⁷ Ibid., p. 181.

nacional, provincial ou municipal, segue à risca o princípio de incubação do estado integral.

O Chefe Municipal era o representante máximo dentro de cada município e/ou região, organizava e presidia as reuniões, além de gerir os interesses da chefia nacional nas definidas localidades. Regularmente encontramos nomes de importantes agentes sociais e influentes para este posto. Salvo algumas razões, em grande maioria os dirigentes eram pessoas da elite econômica e intelectual.

Ainda que a questão da chefia provincial não seja nosso objeto, é importante salientar que ela era diretamente aprovada por Salgado, e que, segundo Rafael Athaides⁶⁸, em 1933, Miguel Reale, um dos principais chefes da AIB de origem paulista, esteve no Sul trazendo bandeiras de militância e que, provavelmente, teve contato com o futuro Chefe Provincial do Paraná, Vieira Alencar⁶⁹. Após isso, em 1934, Vieira Alencar visitou o Rio de Janeiro já visto como Chefe Provincial do Paraná, como demonstra o recorte a seguir.

Aqui chegou, vindo de S. Paulo o chefe Vieira Alencar, que trouxe profunda impressão do que viu na vizinha província onde o integralismo já representa uma força considerável. As actividades do chefe provincial [sic] em Curityba estão produzindo os melhores efeitos. Diariamente, nos jornaes, saem artigos doutrinários. O núcleo local está promovendo reuniões culturaes. Em Ponta Grossa o companheiro Brasil Pinheiro Machado desenvolve forte propaganda⁷⁰.

Após a publicação anterior do periódico “A Offensiva”, Vieira Alencar, em meados de junho, foi oficialmente apresentado como Chefe da Província do Paraná, como comprova o recorte a seguir exposto por Athaides.

Número 26 (de 27 de junho de 1934)
NOMEIA UM CHEFE PROVINCIAL.
Resolvo nomear de acordo com o Art. 3º dos Estatutos da A.I.B. para o cargo de Chefe da A.I.B. na Província do Paraná o miliciano Dr. Manoel B. Vieira de Alencar
São Paulo, 27 de junho de 1934.

⁶⁸ Sugerimos para o aprofundamento da história sobre a AIB no Paraná, a leitura da tese defendida por Rafael Athaides intitulada: “As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos”, de 2012.

⁶⁹ ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011 p. 4.

⁷⁰ A Offensiva, nº 1, 17/05/1934, p. 5, apud. ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo. Julho 2011, p. 4.

(a) PLINIO SALGADO
Chefe Nacional da A.I.B.⁷¹

Somente após Vieira de Alencar ser nomeado Chefe Provincial é que seriam nomeados os Chefes Municipais. Apesar de já haverem organizações e coordenações de núcleos no Paraná desde 1932, a oficialidade destas mesmas só se dá após 1934. Trabalhos como Athaides (2011) e Dietzel (2007) já apontaram essa observação.

2.3 OS INTEGRALISMOS DO INTEGRALISMO

A pluralidade de recortes temáticos, espaciais e temporais, presentes na literatura acerca da AIB está intimamente ligada às possibilidades que o próprio objeto de estudo proporciona. Em relação à questão da doutrina, a pluralidade de abordagens se vê refletida pela oscilação de intensidades ideológicas que compõe a estrutura de pensamento integralista. A adaptação a diversas realidades locais também força essa oscilação. Mesmo parecendo instável, a doutrina integralista é estabilizada, apesar de às vezes se mostrar incoerente em alguns aspectos. O que certamente pode-se colocar é que existe um integralismo genérico, básico, que agrega diversas oscilações ideológicas.

A prova disso são os diversos trabalhos acadêmicos com recortes que delimitam um aspecto da ideologia nesta variabilidade da doutrina – como, por exemplo, o antissemitismo, o antiliberalismo ou anticomunismo; sobre a moral, a hierarquia cristã, bem como sacralização de um determinado patriotismo ufanista – *Deus, pátria e família* (lema oficial do movimento). Somados a trabalhos sobre o saudosismo aos *heróis do passado*, que em determinadas situações era acompanhado de uma crítica a uma geração “velha e cambaleante”, nas palavras de Jorge Lacerda⁷². Por vezes modernista, por vezes antimodernista. Uma infinidade de abordagens que não cessam de surgir, ainda mais quando agregadas de um recorte local.

⁷¹ Monitor Integralista, nº 7, 08/1935. Apud. ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p. 5.

⁷² A Razão, nº 3 – 17/5/1935, p.1.

Em nosso trabalho, importa destacar as questões pertinentes aos ditos “*inimigos da pátria*” - inúmeras vezes relatados nos órgãos de propaganda doutrinária da AIB -, resumidos em Judeus, Liberais e Comunistas. Tais questões são debatidas tanto por teóricos quanto por panfletários da doutrina integralista, sendo encontradas tanto nos jornais de propaganda doutrinária, nos livros e manuais mais densos e eruditos de pensadores mais sistemáticos em relação a estes pensamentos, bem como no discurso prático integralista⁷³.

Ao refletir sobre qualquer tipo de discurso, é imprescindível se ater ao contexto que circunda o mesmo. Segundo Helgio Trindade, o contexto de 1930 tem “o mérito de criar um período de produção intelectual dos mais fecundos” no Brasil. Citando João Cruz Costa, Trindade revela que esse período não decorre mais de uma análise vulgar da política, mas do estudo das resoluções dos problemas administrativos, econômicos e sociais, ou pelo menos um anseio a este estudo⁷⁴.

Havia uma perspectiva análoga entre a esquerda e a direita política sobre seus posicionamentos que resultavam em ideologias antiliberais, principalmente no início da década. A “inquietação e o ceticismo” eram comuns às duas vertentes, segundo Trindade. Esta posição encontrava referência no mundo europeu, onde o clima do pós-guerra põe em xeque os modelos tradicionais adotados. A inquietação levou, segundo Trindade, a “uma angústia da nova geração brasileira, [e] reflete, igualmente, o clima internacional”. De um lado a influência dos soviéticos na derrubada de governos liberais; por outro lado, a “incapacidade” das democracias liberais fazerem face à “ameaça socialista”. Portanto Trindade vem constatar, “esta geração é, por fim, antiliberal”⁷⁵.

O processo de deslegitimação do modelo econômico vigente é exemplificado na AIB, se tomarmos como marco o ano 1932, ano de publicação do manifesto integralista por Plínio Salgado, ou *Manifesto de Outubro*, como é conhecido

⁷³ Sobre os Inimigos da Pátria ver: “*A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*”, dissertação de mestrado defendida em 2008 por Edgar Serrato; “*Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*”, dissertação de mestrado de Nilton Vieira, defendida em 2012. Por fim a dissertação de Roney Cytrynowicz intitulada: “*Anti-semitismo e Integralismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*”, defendida em 1992.

⁷⁴ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1974, p.106.

⁷⁵ Ibid., p. 108.

O antiliberalismo serviu de pilar para o nascimento da AIB, tendo em vista que a construção da doutrina veio sendo processada por essa mesma geração citada por Trindade. Plínio Salgado fazia parte desta geração, foi jornalista, escritor e militante do movimento modernista. Fez parte de ao menos dois dos grupos que se desdobraram após a semana da arte moderna em 1922. O antiliberalismo era uma posição global, basicamente como o modernismo. Se para os modernistas, a princípio, a busca do “novo” da transformação, da estética, “seria simplesmente incorporar os valores estéticos mais avançados para atualizar a produção nacional”⁷⁶, para os antiliberais a incorporação de preceitos europeus fazia o mesmo sentido.

Esta geração se expressava neste período em periódicos e meios intelectuais, tendo participado como colaborador, em um destes periódicos, o próprio Plínio Salgado. O que chama a atenção é o periódico chamado “Hierarchia”, onde colaboraram diversos futuros líderes e intelectuais da AIB, dentre eles Plínio Salgado. Este não escondia a sua orientação política, até mesmo porque o nome foi provavelmente copiado de um órgão oficial do fascismo italiano, e constantemente publicavam artigos com conteúdos “importados” dos italianos⁷⁷.

Juntamente com este periódico, havia uma revista intitulada “Revista de Estudos Jurídicos e Sociais”, que em maio de 1931 publica o “Inquérito de Sociologia Brasileira”, referente a uma comissão constituída em setembro de 1929, que tinha como foco de interesse o “problema de formação de nacionalidade”⁷⁸. A seguir, uma citação do relatório apresentado em 1931.

A revolução realizada por correntes heterogêneas e até mesmo antagônica, sem uma forte ideologia, que lhe norteasse a atividade, sem amparo outro que o de força, sempre precário e passageiro, via-se frente a frente com uma realidade bem diversa do que se esperava, bem mais complexa e séria do que supunham os ingênuos pregadores liberais⁷⁹.

⁷⁶ BERTONHA, João Fábio. **Integralismo. Problemas, Perspectivas e Questões historiográficas**. Maringá: Editora UEM. 2014, p. 50.

⁷⁷ TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 108.

⁷⁸ Ibid., p. 109.

⁷⁹ INQUÉRITO DE SOCIOLOGIA BRASILEIRA. **Revista de Estudos Jurídicos e Sociais**. Rio de Janeiro, 2-3, de maio de 1931. Apud. TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 108.

⁷⁹ Ibid., p. 109 - 110.

O termo “ingênuos pregadores liberais”, leva a compreender qual a posição ideológica seguida por esse comitê, obviamente crítica ao liberalismo. Os autores do relatório continuam refletindo sobre a falta de um fundamento ideológico forte, que tem relação direta com a falta de hierarquia que Salgado discorreu.

Apesar de assumidamente antiliberais, os Integralistas não se negavam a utilizar preceitos conhecidos do liberalismo para doutrinar seus seguidores. Por vez tornam-se incoerentes quando colocam princípios como a meritocracia - vista também em discursos liberais – ao lado de discursos antiliberais. A seguir um exemplo desta questão no manifesto de outubro 1932.

Os homens e as classes, pois, devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. [...] O direito de propriedade é fundamental para nós, considerando seu caráter natural e pessoal. O capitalismo hoje atenta contra este direito, baseado como se acha no individualismo desenfreado, assinalador da fisionomia do sistema econômico liberal-democrático⁸⁰.

Segundo os estudos de Edgar Bruno Frank Serratto⁸¹, em seu trabalho “A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas. Antiliberalismo e Anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945”, uma tabela retirada de um texto do Gustavo Barroso, de caráter pedagógico, chamado “O que o integralista deve saber” – muito utilizado pelos integralistas para exemplificar doutrinas sintetizadas aos militantes – demonstra de forma simples a crítica integralista acerca do liberalismo. Nela encontra-se um esquema prático que parte da liberal democracia tratando abaixo dela o “homem cívico”.

Serratto mostra neste esquema prático que, para Barroso, o estado liberal pode ser entendido a partir de três pilares de base, um filosófico, um político e um econômico. A base filosófica se constrói em um caráter individualista, na neutralidade do estado e na liberdade de pensamento que acarreta em uma corrupção moral e espiritual, opondo-se à doutrina social cristã defendida pelos camisas verdes da AIB. Em segundo momento, a base política em que se critica o direito ao sufrágio universal e a segmentação política polarizada, comum nas democracias que, segundo a ideologia integralista, levaria a um enfraquecimento

⁸⁰ SALGADO, Plínio. **Manifesto Integralista**, São Paulo, 1932, p.1-3.

⁸¹ SERRATO, Edgar B. F. **A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.63.

dos governos, através do individualismo e da corrupção. Por fim, a terceira base, econômica que apresenta sintetizado o individualismo liberal, fomentador das lutas de classes e de uma anarquia da produção, dificultando a distribuição das rendas⁸².

Dentro da ideologia integralista, o liberalismo e o comunismo não se opunham, mas sim um resultaria do outro, seja por fraqueza do sistema liberal, seja por um caráter processual, o comunismo seria o inevitável resultado do liberalismo. Segundo Serratto, o ponto fundamental deste pensamento se encontra no fato de que para esse discurso, o liberalismo seria filho da filosofia materialista e, portanto, irmã gêmea do comunismo. Para os intelectuais integralistas, Marx seria o principal estudioso da burguesia, por essa razão, base crítica para a formação do liberalismo.

Nesta linha interpretativa, esta concepção cria uma relação de identidade filosófica e de cooperação - concebendo o comunismo como um desdobramento do liberalismo - entre seus dois principais inimigos. Esta construção possuía como principal intuito “[...] demonstrar a “origem” em comum de tais ideologias e, também, [...] transmitir a noção de conspiração”⁸³. A noção de conspiração serve de construção para uma estrutura psíquica no militante. Como veremos no objeto deste trabalho, a conspiração trabalha afetos como o desamparo, medo e a esperança. Faz parte de uma determinação que delimita a formação da personalidade do integralista. Em Gustavo Barroso esta questão é mais evidente, entretanto, na maior parte da doutrina, ela só se constitui como tal a partir da contraposição a outro grupo.

Em Gustavo Barroso o mito da conspiração judaica, por exemplo, é indissociável da visão enquanto pilar doutrinário da AIB. Roney Cytrynowicz (1992) aborda de forma interessante esta obsessão de Barroso por um complô mundial dos judeus. Para Cytrynowicz, os livros integralistas de Barroso “são panfletos grosseiros, sem elaboração teórica, sem constituírem uma obra de reflexão, como de Plínio Salgado e de Miguel Reale”, mas que, contudo, tem uma influência grande no integralismo ou, até mesmo, nacional, enquanto literato. Seja pelo conjunto da obra, suas obras sobre o exército, ou por suas publicações e importância no integralismo.

⁸² Id.

⁸³ OLIVEIRA, Rodrigo S. **Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira**. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, 2004, p. 88.

Não se encontra em Barroso uma teoria do Estado como em Reale, ou uma reflexão sobre a condição do homem em meio à sociedade de massa como em Salgado. No discurso fascista essa diferença entre ideólogos e panfletários tende a ser diluída. Uma das características do fascismo é justamente desprezar a reflexão, a racionalidade, a teoria pela valorização da intuição, do empirismo, da experiência, do combate, abolindo as mediações entre teoria e prática, entre o pensamento e a ação⁸⁴.

Apesar de sua “erudição de almanaque”, a linguagem de Barroso, bem como a linguagem fascista genérica, é bastante apelativa e, segundo Cytrynowicz:

[...] sua formulação aparentemente tão delirante, tão desprovida de qualquer senso de realidade acaba afastando a possibilidade de uma compreensão de sua poderosa lógica enquanto mito, de sua capacidade persuasiva.⁸⁵

Há um poder de atração imenso, apesar desta debilidade. Deste modo, o pensamento de Barroso “torna o integralismo exclusivamente instrumento desta luta contra este complô”⁸⁶. O mito da conspiração judaica se transforma em uma forma de arregimentação ideológica e de combate a um inimigo. Seu caráter é unificante, trabalha o desamparo ao unir sobre uma mesma ação e líder os militantes da AIB. Por não deixar espaço para reflexão crítica, o mito apresenta uma “explicação fechada sobre o passado, presente e futuro”⁸⁷, demonstrando o que tem de mais mobilizador nos afetos, a temporalidade, a construção de um horizonte de perspectiva a partir do entendimento do passado e da ação presente por um futuro ideal. Essa construção está atrelada à relação judeus-comunistas e liberais capitalistas, ou judeus e materialistas, neste caso.

Para Plínio Salgado, o que difere o comunismo do integralismo é a premissa de que o comunismo aceita o liberalismo como uma base de processo para a sua consolidação. Sendo assim, não é uma antítese, sim o resultado de um modelo capitalista liberal. Os dois têm uma gênese em comum, e se apoiam na mesma metodologia política. Para Serratto, nos textos doutrinários de Salgado, fica mais evidente o caráter antiliberal do que anticomunista, sendo que a ideia era acabar com a raiz do problema, a sua gênese. Para Plínio Salgado e seus pares, o

⁸⁴ CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e Anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso nos anos 30**. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1992, p.12.

⁸⁵ Ibid., p.15.

⁸⁶ Ibid., p. 18.

⁸⁷ Ibid., p. 26.

comunismo não passaria do resultado da liberal democracia e suas ações debilitadas em relação à liberdade partidária e ao direito do sufrágio universal. Estes resultados podem ser observados através de processos como a greve.

Segundo esta argumentação, o liberalismo incentivava o crescimento do comunismo em dois aspectos, primeiramente, por criar dentro das sociedades as condições necessárias para a sua proliferação como ideia - por meio do desenvolvimento econômico não dirigido e pela falta de atenção frente a luta de classes -, e, em um segundo momento por meio do desenvolvimento econômico não dirigido e pela falta de atenção frente a luta de classes -, e, em um segundo momento por dar as condições constitucionais e eleitorais para uma possível implementação deste regime. É por este motivo que Gustavo Barroso, utilizando-se da mesma estratégia discursiva apresentada nos textos de Plínio Salgado, apropria-se de citações textuais de intelectuais das correntes entendidas como inimigas para corroborar seu ponto de vista, sendo esta estratégia recorrentemente utilizada pelo discurso da AIB⁸⁸.

No manifesto encontramos diretamente um discurso anticomunista:

O comunismo não é uma solução, porque se baseia nos mesmos princípios fundamentais do capitalismo, com o agravante de reduzir todos os padrões a um só e escravizar o operariado a uma minoria de funcionários cruéis, recrutados todos na burguesia. O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; [...] O que nós desejamos dar ao operário, ao camponês, ao soldado, ao marinheiro é a possibilidade de subir conforme sua vocação e seus desejos. [...] Salvá-los da escravidão do comunismo⁸⁹.

O estado liberal faria parte do comunismo nesta forma de pensar, tornando-se um contraste ao nacionalismo proposto pelos camisas verdes. Segundo Helgio Trindade, para os integralistas, “a salvação do estado está em livrá-lo do liberalismo em detrimento da instauração de um estado forte, pondo fim à luta classes e ao abuso do poder econômico de que gozavam os detentores do capital”⁹⁰. O estado liberal é visto como uma antítese do estado integral, pois ao contrário do integralismo, constitui um caráter “não intervencionista”, contrastando com o autoritarismo do estado integralista contra a burguesia. Em Gustavo Barroso esta antítese é expressada com mais um fator, os culpados e os responsáveis pela

⁸⁸ SERRATO, Edgar B. F. **A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.70.

⁸⁹ SALGADO, Plínio. **Manifesto Integralista**, São Paulo, 1932, p.3.

⁹⁰ TRINDADE, Helgio. Apud. SERRATO, Edgar B. F. **A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.71.

salvação. Os culpados pelo liberalismo e pelo comunismo seriam os judeus, os responsáveis únicos que podem frear os judeus seriam os integralistas. O integralismo em Barroso se forma enquanto contraposição a outro grupo.

Se em Barroso é apelativo, Plínio Salgado explicitou essas questões de forma mais sistematizada. No caso da relação capitalismo/comunismo, em alguns textos, expôs que “a identificação do capitalismo com o comunismo é uma consequência lógica do exame que fizemos: *i)* da identidade e suas origens filosóficas. *ii)* da identidade e das suas origens econômicas. *iii)* da unidade de direção no processo de desenvolvimento. *iv)* da unidade do objetivo final”⁹¹.

[...] não é possível combater o capitalismo sem combater o comunismo do mesmo modo que não é possível combater o comunismo sem combater o capitalismo. Pois tanto um quanto outro não passam de uma só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo corpo, que é o materialismo [...] ⁹²

Plínio Salgado visualizava que tanto o capitalismo – segundo ele filho do liberalismo - quanto o comunismo obtinham uma referência em comum, o materialismo, que delimitava um suposto individualismo, referenciado no homem natural de Rousseau. Pois, para Plínio Salgado, ao partirmos de uma concepção natural do homem, a economia também deveria ser naturalizada, ou seja – auto regularizada, “e que nenhuma força interviesse, nem os movimentos dos homens, nem dos da economia. Tudo deveria ser subordinado às próprias leis da matéria”⁹³.

As leis da matéria, segundo Plínio Salgado, foram onde o capitalismo encontrou a sua força. Somada às pesquisas feitas pelos naturalistas, como Darwin e Spencer, o capitalismo abriu novos horizontes para a sua brutalidade. Seguindo os preceitos do evolucionismo, o liberalismo, como modelo individualista, também seguiria na lógica da seleção natural, onde os mais fortes sobrevivem⁹⁴. Ao relacionar uma coisa com a outra, Salgado cria uma argumentação perspicaz para demonstrar sua visão antiliberal, onde o liberalismo e o comunismo – também

⁹¹ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. Rio de Janeiro: Schimdt, 1935, p. 105 - 106.

⁹² Ibid., p. 106.

⁹³ Ibid., p. 107.

⁹⁴ Temos conhecimento que a teoria da seleção natural é mais profunda e complexa do que colocada por Plínio Salgado. Até mesmo a ideia colocada que os mais fortes subjugam os mais fracos é um tanto simplista. De forma impressionista podemos constatar nessa teoria que não era o mais forte que se perpetuava, sim o que estava mais adaptado ao meio. Porém ficamos aqui com a perspectiva de Plínio Salgado, que servia de fundamentação para demonstrar que capitalismo e comunismo seriam duas faces da mesma moeda, ou em suas palavras “uma cabeça com dois rostos”, a lá Eduard Mordrake.

conhecidos como materialismos por Plínio Salgado – seriam os responsáveis pelas lutas na sociedade. Pois, para Plínio Salgado, “o individualismo e o liberalismo, filhos do materialismo, lançaram as mais tremendas lutas pela terra”⁹⁵. Ao determinar que existe uma luta ele se posiciona nesta arena e delimita um inimigo.

Salgado coloca como resultante desta simbiose entre o capitalismo liberal e o comunismo, o princípio de liberdade. Para ele, a liberdade é o fator crucial que une esses dois modelos. “O capitalismo e o comunismo, de mãos dadas, lutam pela liberdade, atmosfera propícia para seu desenvolvimento”⁹⁶. Assim, Plínio Salgado exemplifica com perspicácia novamente: “uma revolução burguesa sempre chamar-se-á Aliança Liberal. Uma revolução comunista sempre chamar-se-á Aliança Libertadora, onde os dois grupos agem, um na retaguarda do outro”⁹⁷.

O autor demonstra, assim, também a sua crítica ao modelo de “revolução” de 1930. Segundo ele, não há mais o “valor revolucionário” nos que participaram. Não houve construção subjetiva, apenas a troca de poder. Plínio desacredita os revolucionários, colocando-os como “massa de manobra”, em que os verdadeiros paradigmas subjetivos não foram quebrados, somente trocado de mãos. Serratto também comenta sobre esta questão:

Nesta direção interpretativa, podemos entender que para esta leitura, a Revolução de 30 somente substituiu os homens à frente do Estado brasileiro, não propondo nenhuma solução substancial às ânsias e/ou problemas nacionais, dando continuidade às disputas políticas estaduais anteriores a 1930, que eram condenadas pelos integralistas, já que agiam contra o ideal de unidade nacional. Até mesmo a não existência de um plano ideológico e/ou programa a ser seguido é apontada, o que por sua vez transforma esta revolução em um fato irrelevante do ponto de vista político-social⁹⁸.

Plínio Salgado esboça uma primeira personificação do “inimigo” da AIB. Apesar disto, Salgado não é o único em construir esta imagem. Barroso tem sua visão própria da relação entre capitalistas, liberais e comunistas. Essa perspectiva de Barroso é mais útil para nossa análise. Entretanto, a maior erudição de Plínio Salgado ao dizer a mesma coisa, diferentemente da erudição de almanaque de

⁹⁵ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. Rio de Janeiro: Schimdt, 1935, p. 109.

⁹⁶ Ibid., p. 118.

⁹⁷ Id.

⁹⁸ SERRATTO, Edgar B. F. **A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.71.

⁹⁹ SALGADO, Plínio. **Manifesto Integralista**, São Paulo, 1932, p. 6.

Barroso, também deve ser percebida. A questão pertinente que se deve ter em evidência é que a AIB se revestia de uma posição de forma conveniente, nos mais diversos lugares ou lideranças. Por isso, feitas essas considerações sobre algumas características da ideologia e doutrina integralista, pensamos em quais características eram revestidas nos integralistas do litoral do Paraná. Antes de abordar este assunto tratamos a seguir das questões que são pertinentes para entendermos nosso recorte espacial, principalmente na conceitualização de local, região e cidade.

2.4 HISTÓRIA LOCAL: O MEMORIALISMO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ E O PODER POLÍTICO LOCAL

A história local, segundo Pierre Goulbert (1992), diz respeito à história de “uma ou algumas aldeias, pequenas ou médias cidades, ou uma área geográfica não maior que uma unidade provincial comum”. Se levarmos em conta somente esta constatação, nosso recorte espacial já pode ser rotulado como uma história local. No entanto, é necessário aprofundar um pouco mais essas reflexões.

O local ao qual nos referimos aqui, é um espaço tomado a princípio, uma abrangência espacial geograficamente restrita. Ou seja, um local cujos limites espaciais não ultrapassariam os territórios de pequenos municípios, cidades, um aglomerado de bairros ou uma região, entendida aqui como um conjunto constituído por pequenos municípios⁹⁹.

Nosso recorte se estende ao máximo ao conceito de região – conceito que nos dedicaremos a analisar um pouco adiante. Paranaguá era centro dessa região e despontava com maior volume de menções nos periódicos doutrinários do Paraná¹⁰⁰. A cidade foi a primeira do litoral a ter seu núcleo fundado oficialmente e foi responsável pela fundação de todos os núcleos circunvizinhos, tantos núcleos municipais quanto núcleos distritais.

⁹⁹ FAGUNDES, José E. **A História local e seu lugar na história**. Tese (Doutorado em Educação) — UFRN, Natal, 2006, p. 87.

¹⁰⁰ Não existe menção a periódicos redigidos ou editados em nenhuma cidade da região. Em Paranaguá conseguimos apenas constatar um correspondente oficial e uma biblioteca. Não há informações se esta biblioteca publicava algum tipo de impresso, revista ou periódico qualquer. Alguns integralistas se expressavam em outros jornais como o A Razão – Paraná e O Integralista, ambos de Curitiba.

Somente Paranaguá, na região do litoral, tinha publicadores nos veículos provinciais de doutrina da AIB. Paranaguá contou com quatro publicadores no periódico “A Razão”: D Soares, L. S. Picanço (responsável pelas publicações sobre Paranaguá na seção Integralismo nos Municípios), João do Sul¹⁰¹ e Jorge Lacerda (paranguara, porém residente em Curitiba e diretor do “A Razão”). Provavelmente, o correspondente do “A Razão – Paraná”, em Paranaguá, cobria os municípios circunvizinhos, levando em conta a proximidade geográfica.

A justificativa de um recorte local é enriquecer o debate sobre a extensão geográfica da AIB no país. Aliás, só será possível chegar próximo de uma *história geral da AIB*, a partir das construções historiográficas de diversas histórias locais, o que justifica a empreitada. Isso é corroborado pelos recortes da terceira geração de pesquisas acadêmicas sobre a AIB, onde é evidente uma busca, uma volta aos recortes espaciais de menor escala, por parte da historiografia contemporânea em geral. Como propõe Mignolo: “Hoje as histórias locais estão assumindo o primeiro plano”¹⁰².

Segundo Fonseca, a história em si, como também a história local, tem exímia importância na perpetuação ou renovações de tradições quando tratada no ensino. A pesquisadora elenca que podemos perceber isso de forma mais sintomática nos períodos autoritários de nossa história, onde o ensino de história local nos anos fundamentais da educação, seja de uma determinada região geográfica ou tradição cultural, era uma ferramenta e “um lugar privilegiado para a difusão de uma dada memória, uma história marcada por preconceitos, estereótipos e mitos políticos conservadores”. [Ainda segundo a pesquisadora], “os argumentos locais e regionais eram e são, muitas vezes, usados como forma de mascarar os conflitos e contradições presentes na sociedade”¹⁰³. Um memorialismo romantizado do passado é percebido nessas narrativas, deixando de lado a relação que se pode trazer entre esse microcosmo e ordem política nacional. Talvez também por essa

¹⁰¹ Apesar de João do Sul ser um pseudônimo, os teores dos seus textos revelam sua posição privilegiada nas tensões políticas da AIB - Paranaguá. Trataremos destas publicações adiante, porém, consideramos suficientemente seus textos como publicações claramente de um *insider* do contexto político da cidade como justificativa para considera-lo de Paranaguá.

¹⁰² MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 46.

¹⁰³ FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História**. História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006, p. 125.

razão que a AIB se dedicava a criação de escolas ou institutos de educação. No litoral temos uma escola de exemplo em Antonina, porém, com pouca durabilidade.

As intenções das elites políticas dominantes, controladoras da difusão do conhecimento oficial, nos períodos ditatoriais no Brasil, eram explícitas nos currículos e materiais educativos. Nos primeiros anos de escolaridade, dever-se-ia desenvolver nos alunos determinadas noções e atitudes visando “ajustá-los”, “integrá-los” à realidade social e histórica[...]¹⁰⁴

“Esta ciência social *“petit bourgeois”*, nas palavras de Pierre Goulbert, se beneficiava de análises sociológicas e psicológicas sérias, porém, grande parte das vezes, para o enaltecimento de questões específicas. A fragilidade de muitos desses trabalhos “pseudo-históricos”, explica até certo ponto o desdém com que os historiadores profissionais do início do século XX consideravam a história local: “uma mistura de genealogias aleatórias, glórias usurpadas, afirmações infundadas”¹⁰⁵. Tradicionalmente, tanto no Brasil, quanto em Paranaguá e região, a história local era feita basicamente através do padrão aplicado pelos Institutos Históricos e Geográficos (IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro; IHGPR – Instituto Histórico Geográfico do Paraná; IHGP – Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá), espécie de grupo análogo às sociedades eruditas da França do século XVIII. Cabe, portanto, traçar uma periodização dos estudos históricos parnanguaras, pois, tanto integralistas do município, quanto seus inimigos no campo político, faziam parte dos grupos intelectuais da cidade, ou parte dessas “sociedades eruditas”.

É importante refletirmos sobre essa perspectiva historiográfica de Paranaguá (talvez seja mais coerente falarmos em memorialismo da elite de Paranaguá do que historiografia) pela razão de que os integralistas se valiam destas construções. A formação da percepção de identidade parnanguara passa inexoravelmente pelo Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá – IHGP e diversos integralistas faziam parte dessa agremiação tendo contribuído com textos e palestras. Veremos adiante algumas destas perspectivas. Neste momento, abordaremos um pouco da construção geral do memorialismo em Paranaguá como forma de entender estas percepções.

¹⁰⁴ GOULBERT, Pierre. **História local**. História e perspectivas, Uberlândia, 6, 45-57, jan/jun. 1992, p. 46.

¹⁰⁵ Ibid., p. 47.

Temos como base de referência até o final do século XX sobre a história memorialista de Paranaguá e região, basicamente, quatro autores residentes do município. Uma primeira geração, ainda no século XIX, que primeiramente abarca a coleção de textos publicados por Antônio Vieira dos Santos. Oriundo de Portugal, Vieira dos Santos chegou ao Brasil ancorando no Rio de Janeiro em 1797, aos treze anos de idade. Mudou-se para Paranaguá em 1798 para trabalhar no comércio, onde fazia parte da elite econômica. Foi militar, vereador, e posteriormente trabalhou com a benfeitoria de erva-mate, grande expoente econômico do século XIX no Paraná.

Além de escrever sobre questões econômicas ligadas à erva-mate, Vieira dos Santos produziu em meados do século XIX, o que hoje é considerado a coletânea precursora de livros sobre o litoral do Paraná. Essa coletânea contém três volumosos livros gerais sobre os três municípios da região aqui delimitada, intitulados “Memória Histórica” de Antonina (1848); de Paranaguá (1849); e de Morretes (1850), onde é feito um apanhado sobre diversas questões pertinentes aos municípios, desde as questões geográficas, urbanas, sociais, até as questões econômicas¹⁰⁶.

Algo semelhante foi tratado pelo inspetor de alfândega de Paranaguá, Demétrio Acácio Fernandes da Cruz, que publicou em 1863 o livro “Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade de Paranaguá”, pela tipografia do “Diário do Rio de Janeiro”. A semelhança de Vieira dos Santos com Demétrio Cruz se dá por narrarem uma história linear do povoamento do litoral do Paraná a partir da chegada dos bandeirantes de São Vicente, bem como uma análise da topografia, geografia, questões econômicas e políticas do litoral. Entretanto, o livro de Demétrio Cruz é visto por alguns pesquisadores como um panfleto político para a retenção de capital simbólico na luta pela definição da capital paranaense, que no mesmo período foi transferida de Paranaguá para Curitiba. Como coloca Aparecida Bahls:

[Demétrio Cruz] [...] expõe seus argumentos *a favor* [sic] da substituição dessa cidade para ser a capital. Embora encarregado de analisar o funcionamento do sistema agrícola da cidade, ele nos proporciona uma interessante visão de Paranaguá, descrevendo com detalhes a cidade litorânea, sua geografia, edificações e arruamentos, instituições religiosas,

¹⁰⁶ IHGP, Redação. Prefácio. In. SANTOS, Antônio Vieira. **Memória Histórica de Paranaguá**. Paranaguá: Editora do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, 1951, p. 3.

além de episódios da história brasileira dos quais Paranaguá tenha sido palco.

Sobre essa questão, o historiador Carlos Roberto Antunes dos Santos, ao se referir a esse episódio, afirma: "... para o autor [Demétrio Acácio], a cidade que detinha todos os predicados para tornar-se a capital da província era Paranaguá, não se constituindo como tal em virtude de imposições políticas"¹⁰⁷.

Podemos considerar, até certo ponto, esses dois trabalhos como pioneiros de uma análise histórica sobre a região de Paranaguá – e, apesar de serem meramente descritivos e memorialistas, abrangem uma boa reunião de informações sobre a região, o que pode facilitar caminhos de pesquisa mais rígidas em relação à aporte documental.

Os dois autores mais influentes sobre a história memorialista de Paranaguá, nascidos na própria cidade, Além de Cruz, são Manoel Viana e Waldomiro Ferreira de Freitas. Podemos tomá-los como marco da segunda geração de escritores parnanguaras sobre o memorialismo histórico de Paranaguá, o que coincide com a tradição memorialista e padrão reproduzido pelos Institutos Históricos e Geográficos. Os dois livros produzidos por esses autores foram publicados em 1971 e 1999 respectivamente, marcando o início e o marco final dessa segunda geração. Para melhor entendimento, consideramos os trabalhos anteriores ao início do século XX como os da 1ª geração, e os a partir do século XX até seu final, com Waldomiro de Freitas, publicações da 2ª geração do memorialismo histórico parnanguara.

Tanto o livro de Manoel Viana, intitulado "Paranaguá na História e na Tradição", quanto o de Waldomiro Ferreira de Freitas, "História de Paranaguá: Das Origens à Atualidade", têm como objetivo abarcar uma história geral da cidade de Paranaguá, com constantes citações à Antônio Vieira dos Santos, por vezes remontando até mesmo à pré-história, com os sambaquis e indígenas para chegar ao presente. Essa presunção, em se abarcar "toda a história" da região de Paranaguá fazia parte da tradição pseudo-históriográfica e memorialista oriunda dos Institutos Históricos. A recuperação e entendimento desses autores nos revela a "criação" de um determinado regionalismo e municipalismo. Ambos carregam uma narrativa que conta quem é o parnanguara, e o que é a região do litoral do Paraná.

¹⁰⁷ BAHLS, Aparecida V. da Silva. **A busca de valores identitários: Memória Histórica Paranaense**. Tese (Doutorado em História)—UFPR, Curitiba, 2007, p. 29.

Eles representam a vanguarda na tentativa de construção de identidade do indivíduo da baía de Paranaguá.

Por essa construção, os institutos surgiram com o intuito de organizar e produzir documentação “histórica” (talvez seria mais coerente em falar em memorialismo habitual, uma pseudo-história), sempre buscando no passado “uma glória”, “uma identidade” que moldasse um sentimento nacionalista e/ou regionalista, principalmente em seu precursor, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB. Como pontua Claudia Callari, o IHGB seguia “a preocupação sistemática e permanente pela e com a pesquisa histórica”¹⁰⁸ do século XIX na Europa, precisamente na França, corroborando nosso argumento anterior. Trazendo para si, a conciliação de duas questões, “um discurso historiográfico emergente e o nacionalismo”¹⁰⁹.

O IHGB foi o precursor, em 1838, mas logo após vieram os institutos locais e regionais, que apesar de seguirem o mesmo modelo do nacional, tinham algumas especificidades, principalmente o do uso instrumental dessa instituição para construção de memória, identidade e imaginário locais. Algo comum a todos os institutos brasileiros, era a composição sócio econômica de seus membros, eminentemente todos pertencentes à elite letrada e social, ou retomando o termo de Goulbert: “*petit bourgeois*”.

Entretanto, esses “obreiros da história” não possuíam, obviamente, nenhuma formação específica para o historiador nos termos atuais. Eram basicamente membros da elite que ocupavam altos postos na burocracia estatal e políticos de renome. Literatos, advogados, médicos, engenheiros, militares – carreiras de praxe a serem seguidas pelos filhos da elite – eram as principais ocupações daqueles que se dedicavam com afincio aos projetos de seus institutos.¹¹⁰

O Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá – IHGP seguia o mesmo padrão de “sócios” do IHGB descrito por Callari. Em grande maioria, tínhamos personalidades das letras, profissionais públicos, advogados, médicos, professores, entre outras profissões de elite da época. A diferença entre o IHGB e o IHGP estava

¹⁰⁸ CALLARI, Claudia Regina. **Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001, p. 71.

¹⁰⁹ Id.

¹¹⁰ Ibid., p. 60.

na questão da proximidade com a monarquia, já que o IHGP “nasceu” após a república e abarcava diversos “republicanos”.

Fundado em 26 de setembro 1931, o IHGP contava com um corpo de sócios composto por cidadãos da elite parnanguara já na sua primeira agremiação, denominada primeira fase do IHGP. Eram membros efetivos diversos nomes “ilustres”, que veremos até mesmo nas análises seguintes sobre a AIB em Paranaguá. A primeira diretoria era composta por Zenon Pereira Leite, Bernadino Pereira Neto, Manoel Viana, Vicente Nascimento Junior e Hugo Pereira Correa. Bernadino Pereira Neto, Vicente Nascimento Junior e Hugo Pereira Correa eram integralistas, como comprovaremos mais adiante¹¹¹.

Além destes, temos outros nomes importantes para o contexto político da década de 1930. Destacam-se João Henrique Costard, posteriormente interventor federal, Dario Nogueira dos Santos, crítico municipal da AIB, além de Carlos Neuffert e Genaro Régis, também comprovadamente integralistas¹¹².

Devemos, portanto, levar em conta quais eram as intenções do IHGP ao publicar seus textos. Os livros de Viana e Freitas foram escritos neste contexto, um contexto de criação de uma identidade e de uma representação de ser parnanguara, o enaltecimento do pioneirismo da cidade como vanguarda da ocupação portuguesa no Sul do que hoje é o Brasil. Isso pode ser até mesmo traduzido no termo repetido criteriosamente pelas produções desta tradição, “Paranaguá, berço da civilização paranaense”, hoje resgatado pela gestão municipal como “slogan”. Este termo surge como uma forma de glorificar um passado que justifique a grandiosidade do município e seus integrantes, limitados aos grandes nomes, os “ilustres personagens”, as batalhas, e as riquezas encontradas na região.

O Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá foi um dos responsáveis para a construção de um projeto de memória local, servindo de parâmetro para memorialistas que posteriormente escreveram sobre a história de Paranaguá, muitas vezes incorporando o discurso do Instituto¹¹³.

¹¹¹ Revista do IHGP – Primeira fase. Janeiro/março de 1932, n.1, p. 1.

¹¹² Id.

¹¹³ SCHEIFER, Bruna. Apud, SOUZA, Marcos Henrique Santos. **Uma crítica historiográfica a Paranaguá na História e na Tradição (1976): memória coletiva das elites locais**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESPAR-FAFIPAR, 2014, p. 10.

Temos nas publicações do IHGP alguns textos publicados por estes integralistas. O instituto começou a publicar em 1932 uma revista trimestral que trazia textos dos membros efetivos. Basicamente eram textos sobre “personagens ilustres” de Paranaguá e questões que circundam a tradicional visão da cidade como “berço da civilização paranaense”. As temáticas não eram muito variáveis. Seguiam a mesma base das sociedades eruditas da Europa e dos institutos nacionais. Basicamente uma memória da elite da cidade.

Apesar de Callari tratar do IHGB, é procedente trazer esta afirmação para a análise do IHGP. “É só dentro desta perspectiva que se pode compreender a atuação dos membros do IHGB e sua visão de história. Toda essa produção era marcada pelo “lugar social” do discurso: não se podia esquecer quem falava e de onde falava”¹¹⁴. Pois, o foco do IHGP, ao analisarmos sua revista trimensal, reflete a construção deste “mito” do parnanguara, da identidade que remonta a ilustres personagens do passado para construir um futuro que os representasse.

Percebemos esta questão mais em Manoel Viana do que em Waldomiro de Freitas. Apesar de seguir a mesma tradição, Freitas dá um ar “mais acadêmico” ao seu livro, talvez por ter sido professor da faculdade local, diferentemente de Viana que não tinha formação acadêmica em história, mas era professor normalista desta disciplina, sendo considerado um dos patronos da disciplina de história das escolas normais de Paranaguá. Concorde-se com o pensamento de Marcos Souza ao constatar que a produção escrita de Viana aflora no texto a sua própria subjetividade¹¹⁵.

Segundo Souza, o texto de Manoel Viana se limitava a uma memória coletiva das elites locais, que se utilizavam das publicações das revistas, corroborando com nossa análise anterior, como base das pesquisas realizadas pelo autor.

Em suma, *Paranaguá na História e na Tradição* destila a *memória coletiva* das elites locais (elemento fundamental do que se chama de *identidade*), que se articula ao longo da história relacionando a obra “civilizatória” dos bandeirantes, a fé católica, a inserção de Paranaguá no contexto regional e nacional no Império e posteriormente na República, bem como os “grandes

¹¹⁴ CALLARI, Claudia Regina. **Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001, p. 71.

¹¹⁵ SOUZA, Marcos Henrique Santos. **Uma crítica historiográfica a Paranaguá na História e na Tradição (1976): memória coletiva das elites locais**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESPAR-FAFIPAR, 2014, p. 3.

feitos” dos “homens bons” parnanguaras, sendo tudo isso endossado pelo caldo da subjetividade de Manoel Viana¹¹⁶.

Apesar de Waldomiro de Freitas distanciar-se um pouco de sua subjetividade, as questões tratadas são as mesmas de Manoel Viana, algumas idênticas, pois retiradas das revistas do IHGP, do qual Freitas também fez parte. Aliás, seu livro é publicado pelo IHGP, o que não deixa espaço para dúvidas em relação a essa aproximação. Aproximação esta que se resumia em uma representatividade histórica local a partir da visão das elites locais.

Então o que Paranaguá fazia em meados do século XX era uma espécie história local? Sim e não. Pois não há um método científico definido, somente uma tradição pseudo-historiográfica de perpetuação de memória de uma elite. Apesar de, por exemplo, se pegarmos um dos principais textos sobre a história da cidade e da região, o já comentado texto de Viana, teremos muitas semelhanças com as definições elencadas por Goulbert (1992). Poderíamos dizer, a grosso modo, que os estudos pseudo-históricos da história do litoral paranaense nas mãos desses memorialistas e dessas sociedades eruditas, como os IHGs, produziam uma história local semelhante com aquela feita na França do final do século XVIII e do século XIX. Elas seguiam a pretensão dos associados em reproduzir uma história que buscasse a manutenção da memória, principalmente da elite.

2.5 PARANAGUÁ: REGIÃO, CIDADE E PODER LOCAL

Podemos entender região de diversas maneiras, pois um estudo cronológico pode, e deve ser visto como plural na interpretação narrativa das representações de espaço regional. Segundo Roncayolo, “a noção de região é assaz e imprecisa” e, por sua vez, complexa. Ao elencar a noção de região a partir dos geógrafos gregos, ele parte de uma definição básica, mas não simplista. Seria a noção que esses geógrafos pretendiam ao: “estabelecer relações gerais entre os fenômenos e a corografia que descreve a individualidade de uma província”. Assim, eles delimitavam um recorte através da individualidade que essa região obtinha. Porém,

¹¹⁶ Ibid., p. 13.

mesmo longe de uma explicação banal, a geografia estaria mais próxima de "uma linguagem comum" de uma determinada província.¹¹⁷

A palavra região "tanto pode ser aplicada a uma fração de um estado ou de uma nação, como um agrupamento de estados ou de nações, próximos pelas suas características econômicas, políticas ou culturais e, geralmente, pela sua situação geográfica"¹¹⁸. Sendo, portanto, a definição de região algo impreciso, a primeira pergunta que nos suscita é, que critérios podem definir uma região? Segundo Roncayolo, "a região pressupõe uma combinação de fenômenos, e, portanto, critérios". Um exemplo disso é a tradição da geografia de "juntar um adjetivo à palavra região", assim, surgindo diversos tipos de regiões, "regiões naturais, regiões históricas, regiões econômicas, regiões administrativas, regiões urbanas..."¹¹⁹.

Deve-se pensar no litoral paranaense e determinar características que possam se adequar a esses termos. As atividades econômicas em volta dos portos, a consciência histórica que moldou a cultura da região desde os povos de sambaqui e posteriormente a cultura caiçara, o foco administrativo em Paranaguá que era responsável juridicamente por Antonina e Morretes, até certo período e, principalmente, a proximidade geográfica que implicava em uma visão de mundo semelhante nesses três locais.

A aproximação geográfica transpassa uma perspectiva física, sendo condicionante de uma representação cultural e social do meio. As relações e trocas de informações entre esses indivíduos que pertenciam ou pertencem a determinadas regiões geograficamente próximas, moldam os seus "habitus" e representações, sendo um bom ponto de partida para se pensar em uma identidade regional. Devemos reforçar que uma região deve e pode ser vista a partir de sua localização geográfica, porém as condições de relações sociais são determinantes para a organização do local. O fator humano define o caráter relacional da região, onde os indivíduos são dotados de prática política.

O mais interessante é que se pode perceber no mapa da região política que os municípios estavam interligados geograficamente, principalmente pela baía de Paranaguá. Essa característica é um fator que, com a chegada dos exploradores,

¹¹⁷ RONCAYOLO, Marcel. **Região**. In. Enciclopédia Einaudi - Volume 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p. 161.

¹¹⁸ Id.

¹¹⁹ Ibid., p. 162.

aproximou ainda mais essa região. Partindo de considerações como esta, Roncayolo analisa essa oposição que ele determina de “regiões homogêneas e regiões polarizadas ou funcionais”. Segundo o autor, “as primeiras são caracterizadas pela identidade e pela repetição de certos traços”, próximo ao que percebemos no litoral paranaense. E a segunda, “definida pela existência de fluxos e de relações de dominação”¹²⁰.

Para nós é mais interessante termos em mente a segunda característica, pois pelo menos em relação à AIB, vemos em Paranaguá a centralidade da região, onde em uma relação de retenção de poder, acaba ficando à frente. Não há como desvencilhar a representação de região da “consciência do habitante”. Pois “o espaço e em particular a região são simultaneamente o objeto e o efeito de representações sociais [...]”.¹²¹ Porém, está longe desta característica ser determinante na definição de representação do termo região. Ela apresenta mais um fator que determina a complexidade de se pensar as relações dos indivíduos com o espaço geográfico.

A política, como já expressado, é uma função elementar da cidade, uma condição básica à construção de uma história da cidade, seja qual for, obviamente somada de diversas outras funções¹²². A cidade cumpre um papel “de exercício de poder, de expressão de uma elite tradicional”¹²³, elite essa que está no centro da discussão do campo político. Não só a elite, mas as elites que se engendram em combates pelo poder local. Assim, Roncayolo pontua muito bem:

O fato político está presente em toda cidade; a cidade exerce funções políticas num território mais ou menos vasto, participa na sua organização, e gere, por outro lado, as suas possibilidades financeiras. Mas a cidade, lugar de centralidade, é também lugar privilegiado da expressão, da difusão de ideias, e também de lutas.¹²⁴

Tendo em vista estas considerações, observa-se que a própria AIB, nas reflexões de Plínio Salgado, sabia da importância da cidade para sua estrutura de estado integral. A hierarquização imposta pela AIB, resumida em seu lema *Deus*,

¹²⁰ RONCAYOLO, Marcel. **Região**. In. Enciclopédia Einaudi - Volume 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p. 162.

¹²¹ Id.

¹²² RONCAYOLO, Marcel. **Cidade**. In. Enciclopédia Einaudi - Volume 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p. 412.

¹²³ Ibid., p. 423.

¹²⁴ Ibid., p. 458.

pátria e família, já representa “a priori” esta questão. Seguindo um pensamento arqueológico, e visualizando a estrutura do estado integral de forma estratigráfica, pode-se compreender a cidade, a partir da perspectiva integralista, como um aglomerado de famílias em um determinado espaço restrito. É uma família de famílias, base da fundação de uma nação que, para Plínio Salgado, contraditoriamente às definições autoritárias hierárquicas, deveria ser revestida de certa autonomia para sua gestão.

Se o território municipal, como vimos, representa para o conjunto das pessoas, famílias e grupos de trabalhadores locais, a mesma coisa que a propriedade individual ou familiar significa para o Homem e a sociedade doméstica, também é forçoso concluir que esse território, na sua intangibilidade, configura, miniatural e eloquentemente, a própria Soberania da Pátria sobre a superfície que compõe o mapa da Nação. E não apenas configura, mas justifica o domínio da Nacionalidade sobre o patrimônio territorial que historicamente lhe compete.¹²⁵

A AIB percebia o município e a cidade como a base do alicerce que construiria a nação. Por sua vez, as famílias constituíam o município, que constituía em soma a nação. Salgado definia família, município e nação como “grupos naturais”, assim partindo de uma organização corporativista, em que profissão, ou “grupo profissional” delimitaria a organização base do estado integral. Para Salgado, esta estrutura resultaria na democracia orgânica, como bem comenta Barbosa.

Uma proposta de contenção do desenvolvimento capitalista como antídoto contra as contradições do sistema. Uma regressão proposta através de um modelo de ordenamento social baseado na organização dos “grupos naturais” como “a família, o município, as categorias profissionais e a Nação”, como modelo de “Democracia Orgânica”¹²⁶.

O estado integral foi pensado de forma mais erudita e teórica por Miguel Reale, que junto com Gustavo Barroso e Plínio Salgado, formavam a elite doutrinária da AIB, a cúpula mais influente do sigma. Como pontua Bertonha, Reale definiu o município como “célula fundamental da estrutura corporativa”, corroborando com a

¹²⁵ SALGADO, Plínio. **Autonomia Municipal e Soberania Nacional**. Disponível em: <http://www.integralismo.org.br/?cont=-5056#.WuK7k4W9I7A>. Acesso em: 12/04/2018.

¹²⁶ BARBOSA, Jefferson R. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012, p. 161.

perspectiva de Salgado em colocá-lo como grupo natural. A importância do município para a AIB estava relacionada com uma determinada ramificação da estrutura doutrinária, bem como uma ramificação do poder político central. Isso se justifica na “certa autonomia” dada aos municípios.

No modelo de Reale, as corporações e os municípios seriam as chaves para permitir a constituição do Estado integral, diluindo e amortecendo as tensões e diferenças. O município seria célula fundamental da estrutura corporativa e teria completa autonomia administrativa. Os líderes municipais seriam eleitos pelo sufrágio universal, aceitável em realidades locais, ao passo que, na esfera nacional, o poder viria do alto.¹²⁷

Essa autonomia dos municípios pode ser vista como uma resposta às adaptações regionais e locais da realidade integralista em cada espaço. Tanto Reale, quanto Salgado pontuaram essa questão da autonomia. “Ele [Reale] via o espaço como algo maleável, a ser reorganizado segundo critérios de equilíbrio regional, ênfase nos municípios e crescimento nacional”¹²⁸. Esse “equilíbrio” estaria ligado à autonomia da região, onde sindicatos de corporações decidiriam em sufrágio a definição do líder municipal após a instauração do estado integral. Assim, Reale vislumbrava acabar com o embate partidário e a “falsa democracia” liberal, que não passa de “um regime onde ninguém está garantido: nem o capitalista, nem o operário, nem o industrial, nem o comerciante, nem o agricultor”¹²⁹.

Já Plínio Salgado demonstra estas questões de forma mais sentimental, deixando de lado estruturas mais eruditas para definir suas questões. Apesar de percebermos uma pluralidade de interpretações das questões relacionadas ao município e pequenos grupos de integralistas locais, a AIB, com sua multiplicidade, ainda tinha uma busca em comum, a do estabelecimento do estado integral, contra o liberalismo capitalista e o socialismo Marxista, seja em ênfase em uma ou na outra. A mistura dos dois modelos políticos em uma só frente, definindo-os ambos como concepções materialistas da realidade social, definiria uma frente única de antimaterialistas à AIB. Plínio Salgado contrapunha essas diretrizes aos seguimentos de Reale.

¹²⁷ BERTONHA, João Fabio. **O pensamento corporativo em Miguel Reale**. Revista Brasileira de História, vol. 33, no 66, 2013, p. 276.

¹²⁸ Ibid., p. 278.

¹²⁹ SALGADO, Plínio, **O que é o Integralismo**. 3 ed., Rio de Janeiro: Schmidt, 1935, p. 38.

O irracionalismo que fundamenta os axiomas da ideologia do sigma – “Deus, Pátria e Família” – representa uma resposta reacionária aos problemas colocados pelas lutas de classes. O ideário pliniano é uma reação regressiva de proposição para os modelos de organização social, defendendo o corporativismo, através da apologia a “Democracia Orgânica” e, a defesa dos denominados “grupos naturais” como a “família, o município, o grupo profissional e a nação”¹³⁰.

Essas questões eram reforçadas no caráter ufanista do nacionalismo de Plínio Salgado que remetia à outra frente a ser combatida. Para Plínio Salgado o materialismo em si era individualista e representava uma afronta à coletividade da nação, ao colocar o indivíduo ao centro da luta social. Suas críticas ao liberalismo também envolviam essas discussões.

Sendo o regime que não opõe a mínima restrição à prepotência do capitalismo, é proferido por este, que, através das burlas liberais, exerce a sua influência perniciosa no governo dos povos, em detrimento das nacionalidades, tão certo é que o capitalismo não tem Pátria¹³¹.

É pensando nestas questões que podemos adentrar em outro campo de análise da difusão destes pensamentos, principalmente na questão da autonomia local. As questões de autonomia local serviam basicamente para equilibrar as forças locais, unificando ainda mais o movimento. Assim, o poder local não ficaria de fora do estado integral. Basicamente a AIB foi escolhida por um grupo político local, que estava inserido no jogo político mais abrangente, em um microcosmo que representava o contexto da tensão política da região de Paranaguá. Adiante, entraremos no debate que circunda as questões de poder local, para que no próximo capítulo estejamos fundamentados ao discutir o contexto estrito de Paranaguá, sua relação com o contexto nacional e com a doutrina da AIB de forma geral.

Antes de tratar diretamente do contexto e da dinâmica de tensões que estavam acontecendo no campo político de Paranaguá na década de 1930, devemos aprofundar alguns outros conceitos e linhas de pensamento que irão fundamentar a análise da AIB na cidade, pois, toda e qualquer organização, grupo

¹³⁰ BARBOSA, Jefferson R. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012, p. 248.

¹³¹ SALGADO, Plínio, **O que é o Integralismo**. 3 ed., Rio de Janeiro: Schmidt, 1935, p. 34.

ou partido está inserido dentro de um paradigma relacional entre os agentes que os constituem.

Deve-se ter em mente, portanto, em que consiste o conceito de poder, que é ambíguo por essência, por vezes, etéreo. Não podemos ver o poder, mas podemos sentir, podemos exercer poder. Etimologicamente a palavra “poder” significa a faculdade de exercer um ato. Ou seja, delimita uma excelência, uma estruturante. Ele se complexifica ao seguirmos o raciocínio de Raffestin (1993), “há o Poder e o poder”¹³². O Poder com maiúscula, neste sentido, representa a institucionalização, o acúmulo de capitais simbólicos que geram esse Poder, também simbólico. Já o poder em minúsculo representa a ação, o “poder fazer, o verbo”. Exemplo, “eu posso fazer”, exercendo o verbo poder. O Poder, com maiúscula, no caso, “não se adquire; é exercido”¹³³. “Eu tenho Poder para exercer tal assunto”. Porém as duas significantes se misturam em determinado momento. Ao pensar; “tenho poder de compra”, quer dizer que “posso comprar”. É tanto exercer o “Poder” de comprar, abstrato, como “poder” comprar, o concreto.

O Poder, portanto, é o foco de todo embate político, é o trunfo da dinâmica que é representada no conflito ideológico. Este, por sua vez, está situado em um espaço e é exercido em múltiplos lugares. Não há um “berço” de produção de onde todo Poder emana, há locais com mais ou locais com menos possibilidades de exercer Poder, pois devemos lembrar que o Estado, apesar de ser a personificação do Poder mais evidente, “é só um entre os vários modelos da organização institucional do poder”¹³⁴. Cada microcosmo político tem um embate por Poder que delimita a influência ou não dentro do campo dos agentes de Poder. Agentes esses que estão situados em um conflito pelo Poder de exercer Poder. “As lutas políticas são lutas entre responsáveis políticos, mas nessas lutas os adversários, que competem pelo monopólio da manipulação legítima dos bens políticos, têm um objeto comum em disputa, o poder sobre o Estado [...]”¹³⁵.

O Poder não é exclusivamente produto do Estado, onde há indubitavelmente uma centralização mais densa, somente. Por isso a AIB, inteligentemente, debate

¹³² RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993, p. 52.

¹³³ Ibid., p. 53.

¹³⁴ SILVA, Marcia. **Poder local: conceito e exemplos de estudos no Brasil**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 69-78, dez. 2008, p.71.

¹³⁵ BOURDIEU, Pierre. **O campo político**. (Tradução de André Villalobos) In. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 203.

sobre uma certa autonomia local dentro de sua concepção de estado integral. A AIB reconhece, assim, a localidade do Poder que não deve ser combatida diretamente pela organização macropolítica, mas incorporada ao estado. Isso justifica a importância em se falar da localidade do Poder.

Como exemplificado e discutido anteriormente, um recorte local, que cubra uma região e um centro regional, no caso a cidade de Paranaguá, deve ser visto para além de uma região demarcada geograficamente de modo restrito. Deve-se entender região e cidade como obras sociais e históricas, que são construídas por indivíduos específicos. Deve-se, assim, humanizar o local, historicizá-lo para além das construções físicas e corográficas, dotá-lo de humanidade. “O local é, então, a singularidade, com história e memória próprias, com identidades e práticas políticas determinadas”¹³⁶. “Como objeto de investigação o local não é, portanto, apenas fisicamente localizado, mas socialmente construído”¹³⁷.

Se “o local” refere-se a um âmbito espacial delimitado e pode ser identificado como base, território, microrregião e outras designações que sugerem constância e uma certa inércia, contém igualmente o sentido de espaço abstrato de relações sociais que se deseja privilegiar e, portanto, indica movimento e interação de grupos sociais que se articulam e se opõem em relação a interesses comuns. E, assim sendo, invariavelmente a análise do “local” remete ao estudo do poder enquanto relação de forças, por meio das quais se processam as alianças e os confrontos entre atores sociais, bem como ao conceito de espaço delimitado e à formação de identidades e práticas políticas específicas¹³⁸.

Evidenciamos, assim, novamente o foco da problemática e os objetivos que circundam essa pesquisa. Em que sentido a AIB exerce Poder político no recorte local estabelecido? Suas ações, dentro da dinâmica do campo político local, podem demonstrar essa “vontade de Poder” através de seus discursos? A ideia é perceber na especificidade da doutrina que circula no campo local os embates com os grupos antagônicos que estavam sendo traçados afim de revelar a “vontade de Poder”. Os integralistas do núcleo local estavam inseridos em um contexto específico de embate político pelo poder. Deste modo, a estratégia discursiva de como eles utilizavam a doutrina integralista para absorver Poder no campo em detrimento a

¹³⁶ Ibid., p. 70.

¹³⁷ FISCHER, Tânia. **Poder local: um tema em análise**. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v.4, 1992, p. 107.

¹³⁸ Ibid., p. 106.

outros grupos que competiam no mesmo local é a questão central a ser observada nos capítulos seguintes.

Como em qualquer localidade, o Poder tende a ser exercido por uma liderança local, elites políticas que detêm a maior parte do capital simbólico dentro do campo político. A AIB representava uma dessas elites políticas de Paranaguá, que obrigatoriamente estava inserida no conflito local por retenção de Poder. Esta é uma tradição no Brasil desde tempos imemoriais. Assim, as elites locais:

[...] se representam como portadores da tradição local e do esclarecimento, razão pela qual se percebem como responsáveis pela condução do município e pelo seu futuro. (...) na medida em que sua constituição se dá no nível simbólico [são formados] por agentes sociais de raízes heterogêneas: profissionais liberais, membros do empresariado local, das classes medias assalariadas do município, etc.¹³⁹

Contudo, o Poder local está também relacionado com um Poder mais abrangente e centralizado. Principalmente como resistência a esse poder. No caso de Paranaguá, o contexto demonstra que após 1930, e o levante para uma transformação política, a resistência da elite política local era evidente. Vargas se propunha a rearranjar o poder político no país, porém teve que ceder a certas elites regionais e municipais, como no caso de Paranaguá.

Segundo Ricardo C. de Oliveira, existiam forças de apoio em diversos regimentos e batalhões do Paraná, a maioria deles de Curitiba e Ponta Grossa. Desde meados de 1929 os militares paranaenses já estariam envolvidos na preparação do movimento, sendo que já em outubro de 1930, os militares paranaenses haviam ocupado o poder no estado, um mês antes de Getúlio assumir o governo provisório.

Esse apoio do exército paranaense, bem como da elite política do estado, que foi decisiva para a vitória do movimento, notadamente resultou em uma “continuidade dos grupos tradicionais da classe dominante no poder local”¹⁴⁰. Ou seja, houve um amplo apoio também dos agentes dominantes do campo político paranaense, sendo que Getúlio em sua passagem por Curitiba, no decorrer da marcha até o Rio de Janeiro, acabou acontecendo de forma “apoteótica”, recebendo

¹³⁹ DAVIDOVICH; DANIEL. Apud. SILVA, Marcia. **Poder local: conceito e exemplos de estudos no Brasil**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 69-78, dez. 2008, p. 71.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Ricardo C. **Notas sobre a Política Paranaense de 1930-1945**. Revista de Sociologia e Política, v. 9, 1999, p. 49.

amplo apoio não só dos militares e da elite política, mas também das camadas médias e populares¹⁴¹.

Neste caso, a elite política formada majoritariamente por indivíduos pró aliança liberal de Vargas, obteve uma certa manutenção de seus agentes no campo político, porém em Paranaguá as fontes demonstram uma tensão entre o Poder estabelecido pela burocracia estatal, e os agentes da elite política do município que comandavam anteriormente a Vargas. Observaremos mais estas questões adiante, entretanto, vale salientar que as tensões geradas dentro desse contexto são evidentes.

Apesar dos esforços de Vargas para controlar o Poder local, a elite política de Paranaguá formava uma resistência ao Poder central. Assim, a doutrina integralista era adequada para incorporar as frustrações da elite política parnanguara pré-Vargas, já que seu caráter antiliberal servia como estrutura ideológica para o confronto dentro do campo político local. A ideologia integralista era a roupagem que se usava para deslegitimar os revolucionários da cidade. Pensamos que existem duas questões que podem ser utilizadas para entender esta dinâmica. Existe o objetivo pragmático do campo político que é a absorção de Poder político, a dominação política prática, e existe a esfera ideológica que constrói mecanismos para que haja essa absorção.

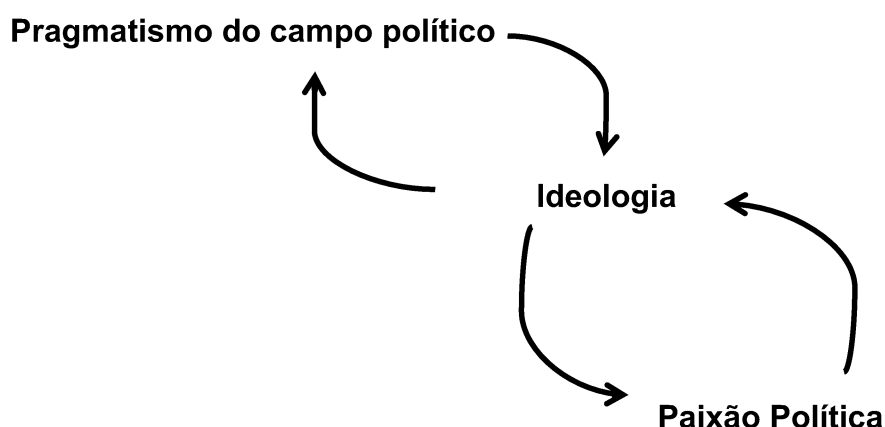
O integralismo servia como essa esfera ideológica que visava desconstruir o inimigo prático. Os indivíduos que eram integralistas já eram partícipes dos embates políticos locais, como veremos adiante, portanto suas adesões ao integralismo servem como revestimento de determinadas condições doutrinárias a fim de mecanismo de combate. A própria estrutura burocrática da AIB serve como uma forma de capilarização do Poder. A adaptação à realidade local da doutrina é o ponto principal que se deve perceber nestas questões. O integralismo de Paranaguá não foge desta regra. Aliás é representativo nesse sentido, pois, a doutrina integralista fez parte da dinâmica que representou este momento.

Percebemos uma dinâmica interessante em que os integralistas de Paranaguá vão se inserir. Essa dinâmica de retroalimentação trabalha três

¹⁴¹ Ibid., p. 47. Trataremos mais a fundo o contexto parnanguara a partir da tomada de poder por Getúlio Vargas em 1930 no próximo capítulo. Refletindo um pouco mais sobre a “continuidade dos grupos tradicionais da classe dominante no poder local”, demonstraremos que esta afirmação deve ser vista com uma certa cautela, pois há uma variabilidade, não é uma estrutura única, o que demonstrará o caráter dinâmico dos campos políticos.

instâncias, o objetivo pragmático do campo, que é absorver o Poder político local, a ideologia que serve de narrativa para a legitimação do exercício de Poder e a afetividade, que mobiliza nos militantes a forma de se enquadrar em determinada posição. Elaboramos uma representação desta dinâmica.

FIGURA 1 - DINÂMICA DE RETROALIMENTAÇÃO OBJETIVA IDEOLÓGICA AFETIVA



FONTE: ELABORAÇÃO NOSSA

Essa dinâmica transmite a elaboração de um esquema interessante de diálogo entre as variadas instâncias políticas que visam ser mobilizadas. O interesse principal é o Poder político. Entretanto há a necessidade de absorver esse Poder de alguma forma. A forma é utilizar a ideologia integralista como narrativa de desconstrução do inimigo prático do campo político local. Para isso, mobiliza-se a paixão política integralista de Paranaguá através de discursos afetivos que internalizem nos militantes sentimentos conformes à AIB. Iremos demonstrar como essa narrativa acontece adiante.

Neste momento devemos observar como funciona a dinâmica. O pragmatismo, a força objetiva do interesse, a vontade de absorção de Poder no campo político local mobiliza uma ideologia, uma doutrina política que condiz com sua posição em relação aos outros agentes políticos dentro do campo local e serve de estrutura cognitiva de leitura da realidade próxima. A ideologia, portanto, além de responder os questionamentos práticos da razão por trás da concepção de dominação do campo e vontade de Poder no agente, serve como forma de mobilizar os corpos e os sentimentos que devem ser subjetivados no indivíduo a fim de formar

uma determinada identidade política. Ela serve como um modo de subjetivação de determinados sentimentos conformes a alguma ideia política. A partir disso, ao internalizar os determinados sentimentos conformes que interessem a determinado grupo ideológico e político, a paixão política resulta na expressão dos sentimentos que foram subjetivados, servindo, deste modo, à ideologia como sua expressão prática e semiótica. Como o que é internalizado nos indivíduos é uma subjetividade que sirva à ideologia, que por sua vez serve como estrutura cognitiva de leitura da realidade prática, a paixão política, enquanto afetividade vivenciada do sentimento conforme à determinada ideia política, alimenta a ideologia, que por sua vez serve ao pragmatismo político, que é o objetivo prático de cada campo político, voltando ao início da dinâmica que recomeçará.

Deste modo, a conquista do Poder local fortalecia a AIB em geral, tanto que a AIB regularmente se mostrava orgulhosa de vencer cargos públicos nas regiões. No caso de Paranaguá chegou a citar no “A Razão” que esperava que a força política local da AIB se tornaria a maior força política da região. Independente de isso ter obtido resultado concreto ou não, mostra que a AIB, como instituição política local, fomentava a luta pela conquista do Poder político seja em que esfera for. Esta estratégia é demasiadamente eficiente para que de forma rizomática a doutrina e o Poder da AIB em geral se espalhasse pelo país todo. Não é à toa que acabou resultando em um dos maiores movimentos políticos da história do Brasil.

3 O NÚCLEO INTEGRALISTA MUNICIPAL DE PARANAGUÁ – OS INDIVÍDUOS, O GRUPO E O CONTEXTO POLÍTICO LOCAL (1930 – 1942)

3.1 O NÚCLEO MUNICIPAL DE PARANAGUÁ

A história da Ação Integralista Brasileira em Paranaguá começa a surgir logo após as primeiras investidas e discursos de Plínio Salgado, antes da fundação oficial do núcleo provincial em Curitiba e, até mesmo, de Ponta Grossa – a cidade do “início esquecido”¹⁴². Os primeiros dados oriundos de Paranaguá que temos referentes aos integralistas, portanto, datam logo após ao surgimento do movimento, em 1932. Os indícios que fontes documentais nos apresentam são que o integralismo, neste ano¹⁴³, já havia sendo criticado por Dario Nogueira dos Santos, principalmente ao se posicionar contra as investidas integralistas que combatiam a chamada “escravidão do ideal maçônico”, nos termos da doutrina integralista.

Nogueira dos Santos, homem de letras de Paranaguá, esteve por diversas vezes envolvido nas discussões políticas e literárias na cidade. Foi professor de história da escola normal da cidade, poeta e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do município. Em conversas com familiares e no livro de memórias de sua filha mais velha, relatos de discussões acaloradas na cidade é que não faltam¹⁴⁴. Suas ações, como a participação no Congresso Nacional Revolucionário de novembro de 1932 representando os operários de Paranaguá, onde ficou “estarecido” com o discurso de Salgado a ponto de convocar os presentes a “lutarem contra esse novo inimigo”¹⁴⁵ e sua publicação chamada “Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira”, presente em sua obra não publicada “A Ação Histórica da Aug.’. Resp.’. Cap.’. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá”, que circulou no Brasil a partir de 22 de abril de 1935, mas provavelmente escrita em 1934, demonstram a vanguarda de Nogueira dos Santos na discussão sobre o tema. Podemos considerar que a militância anti-integralista de

¹⁴² ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p.1.

¹⁴³ SANTOS, Dario Nogueira. **A Ação Histórica da Aug.’. Resp.’. Cap.’. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá**. (Obra não publicada), p.227.

¹⁴⁴ HAUER, Lyamir S. **O Circo**. Curitiba: Vicentina, 2000, p.173.

¹⁴⁵ SPOLADORE, Hercule. **Ação Integralista Brasileira, o Comunismo e a Maçonaria Paranaense Na Década De 30**. In. Informativo Chico da Botica. Ano 7, Edição nº. 052. 30 de maio de 2011, p. 5.

Nogueira dos Santos levou ao conhecimento de muitos paranguaras as primeiras informações sobre a AIB. Em 1935 Nogueira dos Santos escreveu:

O ano de 1935 foi muito atribulado para os OObr.'. da Perseverança, porque, os ideais maçônicos estavam ameaçados pelo partido Integralista que em 1932, lançou no Congresso Revolucionário, do qual fiz parte como representante dos Operários de Paranaguá que, me outorgaram poderes para representa-los, lançou seu primeiro manifesto lido no Congresso pelo seu corifeu Plínio Salgado e que de início manifestava o seguinte: - "Combateremos a Maçonaria e o Judaísmo". Em face disso, para nossa própria defeza, estávamos convidados a lutar pela defeza de nossos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Sabíamos que seis irmãos nossos em que tão bons serviços haviam já prestados cerraram fileiras em torno do Integralismo. Recebemos uma segunda circular e não permissão deles em nossos Templos¹⁴⁶.

As Informações oriundas diretamente da AIB sobre Paranaguá começam a aparecer em 1934, dois anos depois de Nogueira dos Santos tomar conhecimento do movimento. É interessante lembrarmos como se deu a organização da AIB no Paraná para que possamos perceber a dinâmica que fundou os núcleos do estado. Há uma euforia que se sucedeu após julho de 1934 levando a organização do movimento no estado. Todavia, desde de 1932, percebe-se um estado embrionário do integralismo no Paraná. Seja com a discussão sobre, como no caso de Dario Nogueira dos Santos, quanto nas primeiras organizações e coordenações de grupos que futuramente oficializaram núcleos.

Apesar de ser a cidade mais antiga do Paraná, Paranaguá não obteve seu núcleo antes de outras três cidades, Ponta Grossa, Curitiba e Campo Largo. Pesquisas como de Dietzel (2004) e Athaides (2011) demonstram o surgimento do movimento em Ponta Grossa em 1932 e a fundação oficial da província do Paraná em Curitiba somente em julho de 1934, como comentamos no primeiro capítulo.

Segundo Athaides "pouco sabemos sobre este estágio embrionário do Integralismo em Ponta Grossa"¹⁴⁷. Uma razão é que muitos historiadores partem da

¹⁴⁶ SANTOS, Dario Nogueira. **A Ação Histórica da Aug.'. Resp.'. Cap.'. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá.** (Obra não publicada), p.227.

¹⁴⁷ ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do "início esquecido" à fundação oficial (1932-1934).** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 2.

fundação oficial em Curitiba, deixando de lado as primeiras organizações, o “início esquecido”¹⁴⁸.

Sejam quais foram seus motivos, é interessante notar que a história de Machado como coordenador em Ponta Grossa e a da própria cidade como sede irradiadora do Integralismo não foi reconhecida pela liderança de Curitiba; foram omitidas de um retrospecto histórico publicado no *A Razão*, elaborado em função do primeiro aniversário da Província, em julho de 1935. Portanto, para os integralistas da capital, a trajetória do movimento remonta a 1934 e a Vieira de Alencar¹⁴⁹.

Na edição do periódico do Rio de Janeiro “A Offensiva” de 15 de novembro de 1934, há uma extensa reportagem sobre a bandeira integralista que saiu de Curitiba para Ponta Grossa. Ela evidencia o que seria a primeira marcha para a cidade, causando incoerência com informações oriundas de outras fontes, principalmente das pesquisas elencadas anteriormente. Esta reportagem faz parte da seção do jornal chamada de *Integralismo nas Províncias*, comum em periódicos de circulação nacional, principalmente no “A Offensiva”, principal periódico neste sentido. Esta seção é importante para levantarmos dados sobre outros núcleos, tanto da província do Paraná, quanto de outros lugares.

Através destas informações vemos que o início da AIB no Paraná foi um tanto “instável”. Talvez por esta razão que os núcleos municipais só foram fundados oficialmente após a fundação também “oficial” da província. Seguindo as fontes documentais e os dados presentes vemos que as fundações se sucederam rapidamente uma da outra. É identificável um certo entusiasmo dos indivíduos dos municípios, ou ao menos uma mobilização através dos periódicos militantes com a criação de uma narrativa neste sentido. Entusiasmo é a palavra corrente. Em poucos meses, entre o final de 1934 e início de 1935, três núcleos no litoral do Paraná já haviam sido fundados oficialmente, Paranaguá, Morretes e Antonina.

Em relação a Paranaguá, os dados mais antigos existentes sobre a organização integralista oriundos de órgãos oficiais da AIB são de 30 de setembro de 1934 no periódico de Curitiba “O Integralista”. Os meses de setembro e outubro são os meses que podemos caracterizar como o período embrionário do núcleo local. Não há confirmação de uma fundação oficial neste momento. Todavia, o

¹⁴⁸ Id.

¹⁴⁹ Ibid., p.3.

periódico demonstra claramente que as organizações já se faziam presentes em todo o estado. Chamamos a atenção para o ataque quase que gratuito aos judeus no recorte a seguir, questão que faz parte da nossa abordagem adiante.

Os municípios vizinhos já estão desfraldando a bandeira azul e branca. Campo Largo, S. José dos Pinhães, Lapa, Paranaguá e Antonina. Ainda seremos paranaenses, um bloco só. Os partidos políticos que se engalfinham no lodo não vos illudem mais. Os exploradores do internacionalismo judaico são bem conhecidos como apóstolos, e hoje ninguém leva a sério essa corja de phariseus¹⁵⁰.

No mês seguinte, em outubro de 1934, o mesmo periódico delimita a data que oficialmente seria fundado o núcleo municipal de Paranaguá. O texto coloca Paranaguá como terceiro núcleo municipal, excetuando o núcleo provincial que já estava fundado em Curitiba. Inclusive este texto foi reproduzido na seção *Integralismo nas províncias* do “A Offensiva” de 15 de novembro de 1934 na íntegra. Assim, percebemos que o diálogo e troca de informações entre os periódicos aconteciam. Única diferença foi na palavra “fundará” que no “A Offensiva” foi publicada sem o acento na última sílaba como uma forma de indicar o passado.

No dia 11 de novembro, o chefe provincial, acompanhado de uma legião de camisas verdes fundará o núcleo de Paranaguá, que desfraldando a bandeira do Sigma rebaterá as ideias exóticas além-mar. Em torno dessa viagem reina grande entusiasmo. Será o terceiro núcleo que se funda, depois de Campo-Largo e Ponta Grossa¹⁵¹.

A imprensa profissional de Curitiba tinha no ano de 1934 uma seção reservada para a propaganda militante dos integralistas do estado. No jornal “Diário da Tarde” regularmente havia reportagens sobre a AIB em geral, entretanto, consideram-se importantes as publicações que aconteciam em uma seção integralista própria. A seção tinha a curadoria de Vieira de Alencar através do Núcleo Provincial, enquanto não se organizava um periódico novo e oficial. O núcleo municipal de Paranaguá aparece em alguns momentos em novembro de 1934 nestas seções. O primeiro de 13 de novembro de 1934 é cheio de detalhes interessantes sobre a fundação oficial do núcleo.

¹⁵⁰ O Integralista, ano 1, n. 4, 30/09/1934, p.1.

¹⁵¹ O Integralista, ano 1, n. 6, 30/10/1934, p.1.

A SOBERBA RECEPÇÃO DOS CAMISAS-VERDES EM PARANAGUÁ

Paranaguá, ante-hontem, saiu as ruas com a vibração excelsa de seu patriotismo, aplaudindo a gloriosa milícia dos camisas-verdes.

Constituiu um grande acontecimento a chegada dos 300 camisas-verdes, a Paranaguá. Em trem especial saído as 6 ½ horas, saíram integralistas de Curityba* afim de levar a cidade vizinha a palavra de fé e de verdade sobre a grande Revolução Integralista.

Nas paradas das várias estações, o povo se comprimia na plataforma, desejando ver os soldados de grande causa nacional.

Velhos e moços esboçavam sorrisos de contentamento vendo que uma nova legião de patriotas se levantara no Brasil para a construção de uma grande Pátria.

E a milícia verde catava o hymno nacional, o hymno da pátria, que talvez nunca fora ouvido por aquella boa gente.

E o apito do trem deixava saudades aos que ficavam.

CHEGADA EM PARANAGUÁ

Uma grande massa de povo se comprimia na plataforma e nas imediações da Estação.

E perdido na imensidade daquele povo, surgia esplendoroso e soberbo um grupo de camisas-verdes do litoral paranaense, os primeiros brasileiros que atenderam a vibrante clarin(ilegível) de civismo que a Pátria fez soar pela boca dos integralistas.

Na hora em que o Chefe Provincial e o Estado Maior desembarcaram, o entusiasmo chegou ao auge.

Ouviram-se palmas delirantes e no meio destes aplausos ouvia-se o hymno integralista cantado pelos camisas-verdes.

Logo após a milícia se posta deante da Estação formando 3 alas extensíssimas de camisas-verdes.

SAUDAÇÕES

Saudando o Chefe Provincial e os camisas verdes falou o integralista Genaro Regis.

Emocionou o auditório arrancando palmas e aplausos da multidão.

Era a palavra de fé de Paranaguá a grande causa integralista.

Em seguida falou o acadêmico Jorge Lacerda, dizendo que sua abençoada terra não poderia ter faltado com seu concurso a grande Revolução Integralista.

A esta revolução, diferente das outras revoluções fraticidas, que era um despertar consciente da nacionalidade, um movimento empolgante da mocidade, abençoado por Deus e pala Pátria.

DESFILE

Em seguida o discurso do jovem integralista, desfilaram pelas ruas da cidade os camisas-verdes da Capital e de Paranaguá.

32 parnaguenses desfilaram também com sua camisa-verde.

Já era um milagre.

O povo todo acompanhando a milícia integralista, arrebatado de civismo.

Os clarins dos camisas-verdes soaram e faziam tocar o fundo da alma adormecida de muitos.

Os tambores rufavam acordando os espíritos dos velhos heroes e dos grandes poetas de Paranaguá.

O espírito de seus maiores devira estar acompanhando o desfile.

Nas janelas comprimentam-se senhoras e senhoritas, moços e velhos, assistindo a passagem marcial dos garbosos camisas-verdes.

A frente iam desfraldadas, numa confraternização sublime, a bandeira nacional e a bandeira azul e branca do sigma, a bandeira da pátria e a bandeira da grande idea que há de salvar a pátria.

Depois de serem percorridas inúmeras ruas, dirigiram-se os camisas-verdes ao Theatro Variedades, onde ia ser instalado o Núcleo Integralista Municipal de Paranaguá.

A SESSÃO NO THEATRO

O povo affluíu ao theatro afim de ouvir ainda a voz dos camisas-verdes, a voz amiga e companheira dos integralistas.

Iam jurar os 32 primeiros camisas-verdes de Paranaguá.

No palco do Theatro, se assentaram o Chefe Provincial e seu Estado Maior.

Ao lado estavam desfraldadas as bandeiras azul e branca do sigma e a bandeira nacional.

O companheiro Hugo Corrêa, começou a fazer a chamada dos novos inscriptos.

Em primeiro lugar chamou a senhorita Lucia Neuffert, a primeira integralista de Paranaguá.

A' resposta: "Presente", ouviu-se uma salva de palmas.

Antes de ser prestado o juramento, o Chefe Provincial, Dr. Vieira de Alencar, falou sobre a responsabilidade imensa daquele compromisso, sobre aquelle acto um dos mais solemnes da vida de cada um dos que iam jurar.

Após o juramento, foi dada a palavra ao companheiro Nelson Lins

DISCURSOS

O acadêmico Nelson Lins, percorreu brilhantemente sobre vários pontos da doutrina, arrebatando o auditório.

Em seguida foi dada a palavra ao dr. Josino da Rocha Loures.

Muito feliz foi em sua oração o ilustre companheiro, interrompida por várias vezes, pelas aclamações da assistência, fez vibrar a alma paranaguense.

Logo após pediu a palavra o distincto companheiro Jorge Marcondes, um dos integralistas que juraram nesta solemnidades.

Fallou ele, abrindo o seu coração aos companheiros.

As suas palavras repassadas de entusiasmo e de sinceridades, echoaram profundamente em todo auditório.

Finalizou erguendo um "Anauê" a causa integralista.

Após usou da palavra o Chefe Provincial, dr. Vieira de Alencar que pronunciou uma das suas mais bellas e arrebatadoras orações desta campanha.

Com palavras vibrantes causticou a policia nacional, os estadistas que sempre permaneceram indiferentes para com a sorte dos brasileiros que residem no interior do país.

Traçou considerações sobre o sufrágio universal, a grande buria e a grande mentira.

"Era uma mentira porque no Brasil 70 a 80 % dos brasileiros não sabiam ler, nem escrever".

Discorreu após, sobre os erros e as misérias da Liberal Democracia, sendo frequentemente aplaudido.

Em seguida, aos erros actuaes, indicou a therapeutica integralista.

Fallou sobre organização corporativa mostrando suas vantagens imensas para o Brasil. E sempre aplaudido finalizou o seu formoso discurso o dr. Vieira de Alencar, Chefe Provincial Integralista do Paraná.

Houve logo após a nomeação pelo Chefe Provincial, do Chefe Municipal do Núcleo Integralista de Paranaguá, que recaiu no nosso valoroso companheiro João Eugênio Cominese.

Antes de levantar a sessão o Chefe Provincial, disse que se ia cantar o Hymno Nacional, que infelizmente não era conhecido pelos brasileiros em sua maioria.

Neste instante prorrompeu o hymno cantado pelos camisas verdes acompanhado pela grande assistência.

Quantos ouvidos há quanto tempo não haviam ouvido o Hymno Nacional!

Como já não haviam se desacostumado a cantar o Hymno da Pátria!

Foi um momento de vibração.

O Hymno Nacional tem o dom do rejuvenescimento das almas!

Encerrada a sessão, desfilaram mais uma vez pela cidade, os camisas-verdes.

NA SÉDE MUNICIPAL

Deante da Séde Municipal, estacionaram os camisas-verdes recebendo ahi da Chefia, ordens e determinações.

Em seguida dispersaram-se os integralistas, para o almoço.

A tarde aproveitaram para um passeio ao Rocio, onde se realizavam as festas anuaes.

E uma cor verde pontilhou todos os cantos daquele pitoresco arrebalde.

EM FORMA

As 15 ½ o clarim integralista, defronte da sede Municipal, dava o toque de reunir. E os camisas-verdes, médicos, advogados, estudantes e operários pressurosos deixaram seus amigos, seus parentes atendendo a ordem. Esta o grande milagre da disciplina no Brasil.

Em seguida ao som dos clarins e ao rufar dos tambores marcham orgulhosos a estação.

O povo os acompanha mais uma vez.

O trem apita. Ocupam os trezentos camisas-verdes os seus lugares. Erqueram-se vários “anauês”. E começou se a cantar o hymno nacional. E os paranaguenses estenderam o seu braço direito na empolgante saudação integralista.

Paranaguá tinha cumprido o seu dever!

DESFIL NA CAPITAL

Chegados a Capital, as 19 horas, desfilaram pelas ruas da cidade, os camisas-verdes chamando a atenção de todo povo curitybano

Na rua Quinze, o povo formou duas alas, no meio das quaes passaram os gloriosos camisas-verdes Foi um dia magnífico de civismo!¹⁵²

Este é o editorial mais extenso que temos nos dados disponíveis sobre Paranaguá e revela em um número razoável de detalhes o decorrer da fundação oficial do núcleo municipal. Primeiramente, temos a ideia de que a solenidade de fundação, ao levar em conta a narrativa do editorial, ocorreu de forma “apoteótica”. 300 integralistas de Curitiba na reunião em Paranaguá representam um enorme contingente de milicianos das hostes do sigma. Certamente, se estes números

¹⁵² Diário da Tarde, ano 36, nº 11926, 13/11/1934, p. 3.

divulgados forem condizentes com a realidade (devemos levar em conta que é bem provável que seja um número aproximado), chamou muita atenção a chegada destes na estação de trem do município. Dificilmente a cidade de Paranaguá presenciara tamanha mobilização política neste período dos anos 1930. Comparável, talvez, somente com a chegada do exército para a tomada da capitania dos portos em 1930.

O discurso que era pregado na divulgação feita pelo editorial militante era peculiar. Consideravam que a solenidade da caravana curitibana levaria “a palavra de fé e de verdade sobre a grande Revolução Integralista”. Esta narrativa aborda as duas instâncias em que se trabalhava o discurso de propaganda integralista, uma espiritual e outra ideológica a fé e a verdade sobre a revolução. São “os soldados de grande causa nacional”. Ao mesmo tempo que fala em espírito novo, apresenta que “uma nova legião de patriotas se levantara no Brasil para a construção de uma grande Pátria”.

O principal objetivo da narrativa tem relação com a mobilização de um entusiasmo. Percebemos que este termo é repetido diversas vezes, nos mais variados periódicos. Há um esforço para demonstrar que o entusiasmo dos ouvintes está ligado a uma *paixão militante*, tratada nos editoriais quase que desprovida de racionalidade, se levarmos em conta termos enaltecendo como “soberba”, “delirante” e “fé”. O editorial faz entender que essas pessoas se deixavam levar pela fascinação da teatralidade e dos símbolos do ritual integralista. Para o periódico era “um milagre” o entusiasmo de Paranaguá. Por isso, a vontade de enfatizar o caráter cosmológico da mobilização, o espírito do integralismo como algo divino, a sacralização da expressão política, o mito da salvação integralista.

Após discursos na estação no momento da chegada da caravana curitibana por Genaro Régis e Jorge Lacerda, dois integralistas de vanguarda de Paranaguá, a milícia integralista desfilou até o local da reunião. A sessão decorreu, segundo o editorial, no Teatro Variedades que ficava situado no centro da cidade, próximo à praça Fernando Amaro, bem conhecida da população. Este teatro era um espaço da alta cultura de Paranaguá, não só neste período, mas também após. Nas décadas de 1980 e 1990, neste mesmo local, funcionou o que foi por muito tempo o único cinema da cidade. Ainda assim, não deixava de apresentar peças teatrais, pois era onde também ficavam situados os grupos teatrais e companhias líricas da cidade. O local era um espaço grande, certamente o maior e mais moderno auditório da cidade

no período, pois, veio para substituir os antigos teatros do século XIX que caíram em desuso após seu surgimento.

Neste teatro, segundo os dados obtidos, funcionou provisoriamente o núcleo municipal, até ter sua sede definitiva. Nesta primeira sessão falaram ao público alguns integralistas parnanguaras e outros de Curitiba. De início houve o juramento de 32 integralistas que estavam se filiando no momento, sendo eles chamados por Hugo Corrêa. Destaque para a primeira integralista a jurar em Paranaguá, uma mulher. Lucia Neuffert era esposa de Carlos Neuffert, também um dos primeiros integralistas da cidade. Após os juramentos foram dadas palavras aos discursos.

Primeiramente falou Nelson Lins, integralista curitibano, seguido de seu conterrâneo Rocha Loures. O editorial enfatiza a fascinação da plateia que foram “arrebatados” de “aclamações” que “fez vibrar a alma parnanguense”. O primeiro integralista de Paranaguá a discursar foi Jorge Marcondes, seguido do Chefe Provincial Dr. Vieira de Alencar. Alencar fez críticas diretas às questões inerentes a liberal democracia. Criticou o sufrágio universal, que segundo ele seria uma mentira, demonstrando que a forma de se combater os erros estava atrelada na existência da doutrina integralista que, segundo o periódico, “arrancou aplausos” da plateia.

Antes de finalizar a sessão foi oficialmente nomeado Chefe Municipal João Eugênio Cominese, por Vieira de Alencar. Seguido do canto dos hinos nacional e da pátria, a sessão foi encerrada. Os integralistas após o término fizeram outro desfile antes de partirem para Curitiba e, em formação, receberam as ordens que deveriam cumprir na cidade. Foram ao Rocio, que neste período do ano estava acontecendo a festa municipal da padroeira da cidade. Estava chegando ao fim o “grande milagre da disciplina do Brasil” em Paranaguá. “Paranaguá tinha cumprido o seu dever”.

No dia 21 de novembro de 1934 saiu uma nova publicação que traz uma nota sobre outra sessão. Segundo a nota, aconteceu uma “Solemidade na Séde Municipal em comemoração ao Dia da Bandeira” no dia 19 de novembro do mesmo ano. A nota conta o itinerário padrão da sessão integralista.

O INTEGRALISMO VAE ARREBATANDO A ALMA PARNANGUA'RA

A solemidade na Séde Municipal em comemoração ao “Dia da Bandeira”

Ante-hontem os camisas-verdes commemoraram com muita vibratilidade e patriotismo, a grande data consagrada á Bandeira Nacional.

Foram momentos inesquecíveis de entusiasmo aquelles passados ante-hontem á noite na Séde Integralista de Paranaguá.

Pela manhã nosso companheiro Genaro Régis, empolgava com seu discurso sobre “A Bandeira Nacional, symbolo da unidade da Pátria”, as alumnas da Escola Normal.

Era a palavra nova de um camisa-verde, que fallava as moças paranaguenses, sobre a grande data nacional.

A’ noite verificou-se a solemnidade em commemoração a data no núcleo integralista.

O nosso companheiro Jorge Lacerda, convidado especialmente pela Chefia Municipal, dirigiu aos camisas-verdes uma allocução vibrante.

No momento em que o jovem camisa-verde proferia sua oração, uma grande massa de povo, se aglomerou debaixo da sacada da séde, para também ouvir a voz que apregoava a grande Revolução Integralista.

O nosso companheiro, occupou a atenção do auditório por 45 minutos discorrendo com eloquência sobre importantes pontos da doutrina integralista, terminando sua oração fallando sobre a data e dirigindo-se numa invocação vibrante à Bandeira Nacional que estava desfraldada na séde. Finalizando o discurso os camisas-verdes, com toda a vibração de brasilidade, contaram o Hymno Nacional.

O povo na rua assistia emocionado aquella grandiosa nota de civismo.

Em seguida foram erguidos vários anauês que echoaram profundamente, na alma de todos que assistiam as solemnidades.

Innumeras senhoras e senhoritas estavam presentes na séde, contribuindo com sua presença para o maior brilhantismo do acto.

Paranaguá já vae sendo avassalada pela grande idéa integralista.

Os paranaguenses não dormem, estão vigilantes e em guarda na barricada soberba da nova idéa.

Elles não faltaram ao chamado da pátria.

Deixaram os seus affazeres, vestiram a camisa-verde, empunharam a bandeira azul e branca do Sigma e vieram trabalhar de corpo e alma pela grande causa nacional.¹⁵³

Os integralistas consideravam datas comemorativas relativas a símbolos nacionais e acontecimentos passados importantes. Não só em Paranaguá, mas nos mais diversos núcleos do país, sessões que traziam temáticas de comemoração de datas eram comuns. Enfatizamos que a teatralidade do rito das sessões conquistava através da fascinação que causavam as simbologias. Discursos, desfiles, pronunciamentos e toda narrativa contribuíam para isso. As datas comemorativas traziam isso enfatizando o “civismo”, a “pátria”, o “patriotismo”, ou seja, “a grande causa nacional”.

Percebe-se que, através das informações da nota, que o envolvimento dos integralistas ia além das sessões oficiais. Caso de Genaro Régis que compareceu a escola normal em horário de aula para discursar às alunas sobre “A Bandeira Nacional, symbolo da unidade da Pátria”. A própria nota enfatiza a importância de

¹⁵³ Diário da Tarde, ano 36, nº 11933, 21/11/1934, p. 3

um camisa verde falar para a juventude. Narra que o discurso de Regis empolgava. Era a “palavra nova de um camisa-verde”.

No mesmo dia em que Regis compareceu à escola normal houve a solenidade oficial em comemoração ao dia da bandeira. Pela forma em que é colocado no texto, o núcleo, neste momento, parece já ter seu espaço definitivo. Pode-se constatar isso pelo motivo de que é citado que Jorge Lacerda, “convidado especialmente pela Chefia Municipal” discursou em uma sacada. O Teatro Variedades não possuía sacada. Já os casarios da rua onde viria a ser a sede do núcleo definitiva possuem

Em outras publicações, exemplo a seguir de outubro de 1934, alguns nomes que pretendemos abordar na sequência produzindo fichas prosopográficas sobre estes indivíduos, começam a aparecer. Um de nossos objetivos, além de levantar todos os dados existentes sobre o núcleo municipal - ao menos neste momento -, é identificar o maior número de indivíduos da AIB – Paranaguá a fim de concluir onde eles estavam situados no campo político local, quais as funções políticas, embates, relações, sentimentos e pensamentos que os envolviam. Pensando nessas particularidades poderemos identificar como se dava a dinâmica de competição pelo poder político local para os integralistas.

Na vizinha litorânea, o integralismo vem sendo pregado com ardor. Tem sido grande os esforços dos coordenadores João Eugenio Cominese, Hugo Correia, Jorge Marcondes, Edmundo Bastos e Genelício Porto¹⁵⁴.

Paranaguá estava inserida em um contexto específico, entretanto, neste momento, devemos ter em mente que esses indivíduos não estavam ao acaso ligados à AIB. Muitos deles, a grande maioria, já estavam envolvidos nos embates políticos da cidade. Deste modo, suas adesões na AIB representam mais um capítulo na história política e ideológica destas pessoas, longe de ser o único capítulo. Trataremos os integralistas ao nível individual em outro momento. Como veremos a seguir, o clima de tensão que vinha desde a tomada do poder por Vargas em 1930 tem fundamento na mobilização destes indivíduos. Contexto que torna mais clara a observação da posição ideológica dos integralistas de Paranaguá. Todavia, por enquanto, tratamos os integralistas como um grupo coeso.

¹⁵⁴ O Integralista, ano 1, n. 6, 30/10/1934, p.1.

Após a fundação oficial do núcleo municipal, os integralistas de Paranaguá já estavam empenhados em propagar o movimento além dos limites do município, principalmente nos vizinhos próximos. Como comentamos anteriormente, o “Diário da Tarde” tinha uma seção integralista regular no periódico. Nesta seção há em uma publicação de 28 de novembro de 1934 demonstrando o empenho integralista de Paranaguá nos municípios vizinhos.

Os milicianos de Paranaguá.

Aqui, torna-se necessário um *paranthesis*.

Queremos falar dos bravos e esforçados camisas-verdes de Paranaguá. Estes constituíram, inegavelmente, o maior sucesso das manifestações integralistas do domingo, em Antonina, cooperando brilhantemente para o realce da fundação do núcleo capelista. Sahidos cedo, de sua cidade, os milicianos parnanguaras se dirigiram por via marítima a Antonina, realizando sua viagem na esplêndida lancha “Ilha do Mel”. A milícia formou constituída em dois terços, com as bandeiras nacional e integralista e banda de tambores e corneteiros. Numerosas famílias da alta sociedade de Paranaguá integraram a grande caravana, cooperando para o sucesso da excursão. Em Antonina, foram os camisas-verdes de Paranaguá recebidos carinhosamente pelos seus irmãos de ideal, desfilando pela cidade conjuntamente com o terço miliciano local, até a estação para a recepção do Chefe Provincial.

Elegância e Patriotismo.

Os milicianos parnanguaras deram também uma anota de elegância e patriotismo, que causou a melhor impressão ao Chefe Provincial e a sua comitiva. E que nas suas fileiras destacavam dois elementos femininos da sociedade de Paranaguá, as gentis senhoritas Edith Amatussi e Lucia Neuffert.¹⁵⁵

Temos uma nota semelhante no que é, cronologicamente, a primeira publicação relativa a Paranaguá encontrado no “A Offensiva”. É uma publicação do mês seguinte à fundação oficial do núcleo municipal, de 13 de dezembro de 1934. O periódico do Rio de Janeiro traz uma reportagem sobre como ocorreu a fundação do núcleo, quem compareceu, o número de inscritos, o local da solenidade e o primeiro mês de atividades com a evolução das adesões. Tudo isso na tradicional linguagem entusiasmada e apaixonada que os jornais militantes costumavam fazer. Linguagem que é uma forma de mobilizar mais adesões.

¹⁵⁵ Diário da Tarde, ano 36, nº 11939, 28/11/1934, p. 4.

PROVÍNCIA DO PARANÁ

Instalação dos núcleos de Antonina e Paranaguá

A idea integralista continua o seu surto victorioso através do estado do Paraná. A semana transacta, mais duas de suas grandes cidades viram o hasteamento sob os maiores aplausos e decidido entusiasmo da bandeira azul e branca do sigma. Foram ellas justamente as duas mais importantes cidades do nosso littoral, quaes sejam as de Paranaguá e Antonina.

A' instalação do núcleo de Paranaguá acorreram mais de duas bandeiras da milícia camisa-verde, idas especialmente de Curitiba. Igualmente o chefe provincial dr. Vieira de Alencar e seu estado maior e secretariado estiveram em Paranaguá, onde a comitiva integralista foi recebida debaixo da mais intensa vibração patriótica. Num dos principais theatros da cidade foi celebrada a sessão de instalação do N.M.I. tendo jurado então mais de 40 integralistas.

O núcleo de Paranaguá, sob a orientação do companheiro João Eugênio Cominese tem progredido rapidamente, contando hoje com mais de 200 inscriptos, isto em curto espaço de tempo.

A viagem dos camisas-verdes curitibanos foi feita em trem especial, composto de 5 carros de primeira classe.

A' inauguração do núcleo de Antonina, compareceram idos de Curitiba, o Chefe Provincial e seus secretários e de Paranaguá o Chefe Municipal e dois terços de sua disciplinada milícia. Esta a testa do respectivo núcleo o esforçado companheiro dr. Abdon Pacheco Nascimento e, já no dia da instalação prestaram juramento cerca de 60 milicianos.

Os companheiros de Paranaguá realizaram viagem a Antonina a bordo da lancha "Ilha do Mel", sendo acompanhados por inúmeras famílias da alta sociedade parnanguara.¹⁵⁶

Algumas informações interessantes podem ser tiradas destes recortes, além do editorial extenso que temos no "Diário da Tarde". As bandeiras que se deslocavam de outros municípios eram imprescindíveis para a oficialização do núcleo. A presença do Chefe Provincial igualmente. Tanto em Paranaguá, quanto em Antonina, temos uma mobilização de integralistas de outros locais para que houvesse uma solenidade, um ritual de fundação do núcleo. Toda teatralização do momento é importante não só para seduzir os curiosos e conquistar seus corpos antes de sua mente, como também para criar conteúdo para que se possa divulgar, panfletar e enaltecer. É uma forma de fascinar o interlocutor, principalmente aquele que ainda não foi conquistado.

Os 300 integralistas vindos de Curitiba representam um enorme contingente, como já dito, chamam muita atenção. Ainda mais se pensarmos que a população de Paranaguá só começou a ter um aumento regular de habitantes a partir de 1940, sendo que somente na década de 1950 que foram postos os primeiros incentivos

¹⁵⁶ A Offensiva, ano 1, nº 27, 13/12/1934, p. 5.

por chegada de migrantes para trabalharem com o café¹⁵⁷. Antes disso, ou seja, na década de 1930, Paranaguá ainda era relativamente pouco povoada. A população se concentrava no centro, próximo às margens do Itiberê e em pequenas comunidades mais afastadas.

Certamente não há como constatar de uma forma mais rigorosa estes números apresentados com a quantidade de inscritos, até mesmo por não termos um censo oficial de habitantes e nem uma lista oficial de inscritos no núcleo. Ainda assim, podemos vislumbrar que é possível que tenha acontecido um aumento significativo de adesões no período de um mês após a fundação oficial. Obviamente, a fascinação causada pelo ritual de oficialização do núcleo teve papel importante nestas adesões, levando em conta que até 1934, provavelmente, pouca informação sobre a AIB em Paranaguá havia circulado. A expressão “surto victorioso” utilizado logo no início da nota anterior dá um ar natural a mobilização e adesão. Quase como se fosse algo espontâneo. O termo “surto” dá esse entender. É como se a pessoa fosse levada pelo entusiasmo espontaneamente, deixando de lado a racionalização de suas ações, ao menos é disso que se aproxima uma definição clínica do termo.

Outra questão importante que se deve chamar a atenção nesta reportagem é o indício de que João Eugênio Cominese estaria na chefia do núcleo. O editorial do “Diário da Tarde” de 13 de novembro de 1934 já confirmava, porém, no “A Offensiva” não há uma constatação direta afirmando João Eugênio Cominese como Chefe Municipal. Há uma afirmação de que o núcleo está sobre “sua coordenação”. Algo parecido acontecia com Brasil Pinheiro Machado em 1932 e 1933. Como apontou Athaides, Machado figurava como coordenador da AIB no Paraná de 1932 a 1934, quando “desaparece” das menções nos periódicos integralistas¹⁵⁸.

O que era comum em todos estes núcleos era a posição socioeconômica dos organizadores dos movimentos nas cidades. Tanto em Ponta Grossa quanto em Curitiba e Paranaguá, os líderes faziam parte da elite econômica da cidade. A reportagem do “A Offensiva” faz questão de deixar claro que os militantes e o Chefe Provincial partiram da capital “em trem especial, composto de 5 carros de primeira

¹⁵⁷ NEU, Maria R. F. **Os portos do sul do Brasil: da fundação ao século XXI**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, 2009, p.117.

¹⁵⁸ ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 2.

classe” e que os dois terços da milícia de Paranaguá foram a Antonina para a fundação do núcleo da cidade vizinha “a bordo da lancha Ilha do Mel, sendo acompanhados por inúmeras famílias da alta sociedade parnanguara”. Esse enaltecimento ao se frisar a posição socioeconômica pode demonstrar uma vontade de criar uma aura que represente uma determinada credibilidade do corpo integralista, credibilidade que tem como fundamento essa sua posição.

A escolha do local e a narrativa que se segue também podem ser algumas formas de se representar essa credibilidade. Principalmente expressões como “recebida de baixo da mais intensa vibração patriótica”, deixando claro o local que, historicamente é local de elite, um dos “principais theatros da cidade”. Toda essa narrativa serve para legitimar o discurso que “duas de suas grandes cidades viram o hasteamento sob os maiores aplausos e decidido entusiasmo da bandeira azul e branca do sigma”. O discurso que emprega termos como aplausos, entusiasmo, vibração e patriotismo visa criar essa fascinação construída pelo ritual de fundação e replicada como forma de propaganda militante no periódico. É o enaltecimento apaixonado através destes termos que busca a conquista destes corpos, ou através da mobilização de afetos e sentimentos conformes. Sentimentos esses, objetos do nosso próximo capítulo.

De acordo com a pesquisa de Athaides o próprio “Plínio Salgado tinha plena consciência do potencial político da instrumentalização dos afetos”¹⁵⁹, portanto, não é estranho que essa narrativa acalorada e embebida de enaltecimento fosse utilizada das mais variadas formas, seja em discursos ideológicos intencionais, como em editoriais informativos similares aos recortes anteriores.

A vontade de evidenciar a participação feminina também faz parte da tática de mobilização. Ao deixar claro que incluíam as mulheres, independente do poder de decisão que as mesmas tinham no movimento, a AIB mostra uma faceta inteligente que ia contra o tradicionalismo machista que dominava a política no momento de forma absoluta. Apesar de ser uma inclusão importante como estratégia, por vezes reduziam a participação feminina à ornamentação, como no recorte do “Diário da Tarde” sobre a caravana de Paranaguá para a fundação do núcleo municipal de Antonina, entretanto, não serviam só a ornamentação.

¹⁵⁹ ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012, p.16.

Após a publicação citada do “A Offensiva” há uma série de publicações curtas no mesmo periódico que trazem menções à Paranaguá, todas na parte reservada do jornal ao *Integralismo nas Províncias*. A primeira, datada de 27 de dezembro de 1934, onde há uma rápida menção versando que “por intermédio dos bravos companheiros de Paranaguá, serão fundados mui brevemente os núcleos municipais de Guarakessaba e de Guaratuba”¹⁶⁰, além da ida de milicianos parnanguaras e antoninenses à Morretes no dia 16 do mês seguinte para fundar o núcleo da cidade. Há uma segunda menção da participação de parnanguaras na reportagem da concentração integralista em Curitiba no dia 6 de janeiro de 1935¹⁶¹. Uma terceira de 23 de março de 1935 que traz uma informação importante até agora não oficializada por um periódico exclusivo e oficial da AIB, a autoconfirmação de João Eugênio Cominese como Chefe Municipal através de um telegrama do mesmo saudando o Chefe Nacional¹⁶². A quarta e última data de 13 de abril de 1935 e cita rapidamente que o Chefe Provincial chega no aeroporto de Paranaguá partindo logo em seguida para Curitiba.¹⁶³

Após estas publicações anteriores só temos dados extensos sobre Paranaguá em maio de 1935, com uma publicação em outro periódico, desta vez no hebdomadário recém-criado “A Razão” de Curitiba. Temos na primeira edição do periódico, de 1º de maio de 1935, uma lista com os nomes de todos os chefes municipais da Chamada província do Paraná. Neste momento temos a confirmação de um órgão oficial da AIB em que Cominese é colocado como Chefe Municipal da AIB – Paranaguá. Diferentemente do telegrama publicado em 23 de março no “A Offensiva” em que Cominese se auto declara Chefe, ou dos editoriais no “Diário da Tarde” que, apesar de não ser órgão oficial de doutrina e propaganda integralista como se colocava o “A Razão”, era coordenado pelo Núcleo Provincial. Não há outras informações sobre Paranaguá neste primeiro número do hebdomadário, somente a listagem.

Em uma seção similar ao *Integralismo nas Províncias* do “A Offensiva” temos no “A Razão” a seção *Integralismo nos Municípios*, onde em 10 de maio de 1935 encontramos mais um editorial relativamente extenso e exclusivamente sobre

¹⁶⁰ A Offensiva, ano 1, n. 33, 27/12/1934, p.14.

¹⁶¹ A Offensiva, ano 2, n. 36, 17/01/1935, p. 1.

¹⁶² A Offensiva, ano 2, nº 45, 23/03/1935, p. 8.

¹⁶³ A Offensiva, ano 2, nº 48, 13/04/1934, p.5.

Paranaguá. Esta publicação traz mais uma série de informações importantes sobre o núcleo da cidade, principalmente discorrendo sobre uma reunião que havia acontecido uma semana antes da publicação, em 3 de maio de 1935. Esta sessão no núcleo municipal teve como tema o “Descobrimento do Brasil”, trazendo discursos e pronunciamentos de alguns integralistas de Paranaguá, além de algumas outras solenidades.

- Paranaguá -

Paranaguá já está entrando em uma nova phase de trabalho e entusiasmo pela ideia integralista.

No dia 3 deste mez, foi commemorada a data do Descobrimento do Brasil, com grande solemnidade, na séde Municipal, á rua General Carneiro. A sessão esteve muito concorrida, vendo-se nella, inúmeras senhoras, senhoritas e pessoas estranhas ao movimento.

Abrindo a sessão, o Chefe Municipal, João Eugênio Cominese, disse da finalidade da mesma, dando a palavra ao companheiro Genaro Régis que leu a página de Gustavo Barroso, o juramento.

Em seguida pronunciou uma eloquente oração o companheiro Higyno Perrotti. A graciosa menina Ruth Pereira, declamou com grande sentimento e emoção, uma linda poesia de Olegário Mariano.

Após proferiu um brilhante discurso, o chefe da juventude Carlos Neuffert.

O companheiro Jorge Lacerda, que foi a Paranaguá, especialmente para assistir a solemnidade, pronunciou uma oração, discorrendo sobre a data e sobre nossa doutrina.

O Secretário Municipal de organização Política, Hugo Corrêa, leu em seguida, uma brilhantíssima conferência sobre o descobrimento do Brasil. Lente de História do Brasil, da escola normal, só poderia ter saído com seu brilho que revelou seu trabalho.

Sua conferência que prendeu por espaço de quasi 1 hora, o auditório, foi illustrada por Mappas, sendo 2 de André Bianco de 1436 e de 1448 e um de Marco Pólo.

Com muita lógica argumentou a não causalidade do descobrimento do Brasil.

Após a conferência, recitou uma poesia, o nosso companheiro, Bernadino Pereira Netto.

Antes de ser encerrada a sessão, o chefe municipal, fez a chamada do grande companheiro Heli Van Der Broock, há pouco fallecido.

Depois de cantado o Hymno Nacional e renovado o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional, foi encerrada a sessão.

Semanalmente serão realizadas sessões lietero-musicaes que serão públicas.

Bibliotheca Integralista

O valoroso companheiro Genelicio Porto, está organizando a Bibliotheca Integralista, que já conta com numerosos livros.

Todos os companheiros ou sympathisantes deverão contribuir para o maior progresso da referida bibliotheca.¹⁶⁴

¹⁶⁴ A Razão, ano 1, nº 2, 10/5/1935, p.5.

Logo no início desta publicação vemos a mesma narrativa construída nos recortes analisados anteriormente. O mesmo jogo de palavras que busca a distribuição de um sentimento de entusiasmo para a cidade em relação ao integralismo. A evocação de uma “nova fase de trabalho e entusiasmo pela ideia integralista” tem a intenção de “informar”, ou melhor, propagar ao interlocutor a estruturação concreta do núcleo em Paranaguá com um apoio relativamente alto da sociedade. O período de organização prévia acabou, agora a nova fase visa cada vez mais propagar as ideias do sigma para multiplicar as adesões.

Neste momento vemos que havia sessões regulares no núcleo, seja com temáticas específicas - o que era normal, principalmente a comemoração de datas importantes para os integralistas, como o dia da bandeira, do “descobrimento” (tema desta sessão), abolição da escravidão, entre outras datas - ou apresentações “litero-musicaes”. Não é estranho a escolha deste tema, o “Descobrimento do Brasil”, quando levamos em conta que a disciplina de história nas principais escolas de Paranaguá estava atrelada, neste momento, às perspectivas históricas do Instituto Histórico e Geográfico do município, o IHGP. Já comentamos a visão da história que estes grupos tinham anteriormente, não é necessário retornar. Entretanto fica evidente que este olhar era compartilhado pelos integralistas de Paranaguá. Indícios desta ligação são claros, inclusive pelo envolvimento de integralistas na fundação do próprio Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá no início da década de 1930, precisamente em setembro de 1931.

Alguns integralistas estavam envolvidos na organização e fundação do IHGP desde o início. Além dos integralistas destaca-se também a participação de Dario Nogueira dos Santos entre os chamados “membros efetivos”. Essa proximidade entre, neste momento, futuros integralistas e o principal crítico parnanguara da AIB pode ser explicada pela ainda ausência da doutrina integralista em Paranaguá. Sustentam esta hipótese o fato de a AIB ainda não ter sido fundada no momento da fundação do IHGP, como também o fato da própria perspectiva histórica parnanguara e o campo intelectual de Paranaguá estarem atrelados à esta instituição. Ou seja, o IHGP mantinha como membros a elite intelectual de Paranaguá. Como conhecimento é poder, é fonte de capital simbólico, é comum que essa elite intelectual também esteja envolvida no campo político, o que obviamente aconteceu.

Em 1932, o IHGP lançou uma revista trimestral que reunia textos dos seus membros em variadas temáticas. Apesar de tratar de temas variados, os textos mantinham uma linha de pensamento muito próxima entre um e outro. Esta linha de pensamento seguia a mesma perspectiva percorrida no capítulo anterior sobre os institutos do Paraná e o nacional. A busca por uma identidade paranaense, o resgate de personalidades “ilustres” da história da cidade, evidenciar a colonização como o “início” do surgimento da cidade e do Paraná, entre outros temas. Os primeiros habitantes são tratados de forma secundária, a história vista pelo olhar europeu é dominante. Não há problematização, como era comum no período nestas instituições.

Neste recorte do “A Razão” temos exemplificado o funcionamento da chamada “sessão” no núcleo municipal e como decorria o itinerário da reunião. Basicamente eram compostas por pronunciamentos e discursos de integralistas da cidade e convidados. A leitura da página “O Juramento” de Gustavo Barroso por Genáro Regis; o pronunciamento de uma “eloquente oração” por Hygino Perrotti (não há informações sobre o tema); a declamação por uma jovem de nome Ruth Pereira de uma poesia de Olegário Mariano com “grande sentimento e emoção” e os discursos de Carlos Neuffert, neste momento revelado o Chefe da Juventude, e Jorge Lacerda, presença regular em Paranaguá, fazem parte do roteiro de participações que constituíram a solenidade aberta pelo Chefe Municipal.

Os pronunciamentos e discursos de Perrotti e Neuffert citados no editorial do “A Razão” não demonstram a temática. A poesia declamada pela menina Ruth Pereira era de autoria de Olegário Mariano, neste momento membro da Academia Brasileira de Letras. O texto não informa qual a poesia. Seria interessante ter essa informação para saber o que causava este “grande sentimento e comoção”. A página “O Juramento” de Gustavo Barroso lida por Genáro Regis evocava a renovação dos votos integralistas de fidelidade a AIB. Encontramos uma variedade de juramentos integralistas que são divulgadas nos mais variados veículos. Podemos vislumbrar que o juramento lido por Regis é diferente do juramento de fidelidade ao Chefe Nacional, renovado ao final da sessão. Os dados não podem precisar qual é este juramento, sendo de Gustavo Barroso, o indício é que seja o juramento da milícia integralista, o qual Barroso era Chefe.

Assentando praça na milícia integralista em nome de deus e pela minha honra eu juro: primeiro, absoluta disciplina aos meus chefes e perfeita solidariedade aos meus camaradas; segundo, dar minha vida, se necessário, pela causa da revolução integralista; terceiro, amar, respeitar e fazer respeitar o chefe nacional¹⁶⁵.

A parte que levanta uma maior curiosidade para análise é a participação de Hugo Corrêa. Revelado “Secretário Municipal de Organização Política, leu em seguida, uma brilhantíssima conferencia sobre o Descobrimento do Brasil”. O texto enaltece a oratória de Corrêa se embasando no seu cargo na escola normal local como professor de História do Brasil. Segundo o periódico, “só poderia ter se saído com o brilho que revelou seu trabalho”. A conferência de Corrêa “preendeu por espaço de quase 1 hora, o auditório”, tendo sido ilustrada por mapas antigos de André Bianco e Marco Polo. O texto do hebdomadário conclui que “com muita lógica, argumentou a não causalidade do Descobrimento do Brasil”, finalizando a conferência com uma poesia de Bernadino Pereira Neto, vice-diretor do IHGP, ao menos até 1932.

O próprio IHGP já havia publicado nota que tem a mesma linha de raciocínio de Corrêa em que defende a não casualidade da chegada de europeus no Brasil. A nota é um informativo sobre a volta da comemoração do “descobrimento” no dia 22 de abril, “critério já adoptado pelo nosso Instituto, celebrando, como fez este anno, o glorioso feito dos navegadores portuguezes”. A nota também discorre sobre Dario Nogueira dos Santos, que havia proferido uma palestra na Associação Comercial de Paranaguá, neste momento local das reuniões do IHGP, sobre a mesma temática de Hugo Corrêa. Segundo a revista: “O conferencista foi muito aplaudido pelo grande quão seletto auditório ante o qual defendeu com o maior calor a these da propositalidade da descoberta, assim combathendo a velha theoria do achado casual”¹⁶⁶. Com estas evidências fica claro o alinhamento do discurso histórico do integralista de Paranaguá e o do IHGP nos dados disponíveis.

O editorial do “A Razão” encerra com duas informações que não são menos importantes que o itinerário da sessão e o viés historiográfico do integralista Hugo Corrêa. O caso de Heli Van Der Broock, integralista paranaense falecido, era

¹⁶⁵ MILÍCIA INTEGRALISTA. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milicia-integralista>. Acesso em 17/03/2019.

¹⁶⁶ Revista do IHGP, ano 1, nº 2, abril a junho de 1932, p. 23.

constantemente repetido no “A Razão”. Percebe-se um indicio de vontade em criar na figura de Van de Broock a visualização de um herói. Um companheiro falecido que lutou pelo sigma. A história de seu falecimento realmente é triste. Morreu jovem, com apenas 23 anos, sendo que no momento era Secretário Provincial de Organização Política, mesmo cargo do parnanguara Hugo Corrêa no Núcleo Municipal de Paranaguá. O caso foi citado logo no primeiro número do “A Razão”, trazendo uma nota de pesar. A partir disso usualmente era citado em outras notas sobre outros núcleos. Virou um costume dos núcleos fazerem “a chamada do grande companheiro Heli Van Der Broock”¹⁶⁷.

A informação da organização de uma biblioteca por Genelício Porto chama a atenção. Infelizmente não temos mais dados relativos à biblioteca. Provavelmente ela ficava no mesmo local do núcleo municipal, na rua General Carneiro, centro histórico de Paranaguá, como era comum em outros núcleos. Esta rua também abrigava a sapataria do conhecido militante comunista Toninho Sapateiro, como demonstrou em sua pesquisa Thiago Possiede da Silva (2014). A rua General Carneiro tem a extensão de um pouco mais de três pequenos quarteirões, sendo que um quarteirão inteiro é ocupado pelo prédio do antigo colégio jesuíta que hoje abriga o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. É curioso pensar que, naquele momento, tanto o núcleo municipal integralista quanto a sapataria de um notório militante comunista da cidade – que servia de ponto de encontro para debates no âmbito de esquerda - estavam separados por poucos metros.

A seção *Integralismo nos Municípios* do “A Razão” ainda traz mais três notas no acervo que temos disponível para análise. Duas ainda no mês de maio de 1935, e uma nove meses depois, em novembro de 1935. As duas primeiras utilizam a mesma sessão do núcleo municipal como informação a ser abordada na nota. A estilística do texto é semelhante aos outros editoriais já analisados. O enaltecimento de uma suposta efetividade na evolução em adesões do núcleo é sempre explícito. Além, é claro, de valorizar sempre o movimento.

Paranaguá.

Paranaguá entrou neste instante numa fase de mais intensa vibração cívica. O chefe municipal, Sr. João Eugenio Cominese, tem sido incansável ao lado

¹⁶⁷ A Razão, ano 1, nº 2, 10/5/1935, p.5.

de seus valorosos secretários. A sessão integralista realizada a 13 de maio impressionou otimamente a todos que assistiram. O número de integralistas tem aumentado consideravelmente.¹⁶⁸

A outra nota, na edição de 31 de maio de 1935, trata da mesma sessão do dia 13 de maio. O discurso se compara.

Paranaguá.

No dia 13 do corrente, em comemoração a data da abolição da escravatura no Brasil, houve na sede do núcleo municipal uma brilhantíssima sessão, a qual compareceram elementos de todas as classes sociais, senhoras e senhorinhas, e os bravos rapazes que envergam com ardor e entusiasmo a camisa verde.¹⁶⁹

Percebe-se o uso contínuo de termos ao exemplo de “entusiasmo” repetido em todos os recortes observados. Esse é o principal sentimento que a narrativa militante do “A Razão” procura mobilizar na seção *integralismo nos municípios*. A seção *Integralismo nas Províncias* do “A Offensiva” tem o mesmo objetivo. Não é algo exclusivo das notas direcionadas e sobre Paranaguá. É usual este tipo de narrativa nos mais variados periódicos. Os diversos termos utilizados têm a intenção de subjetivar esta percepção com a mesma finalidade de “entusiasmar”. A “vibração cívica”, “vibração patriótica”, o “surto vitorioso”, seguido de adjetivos que enaltecem os acontecimentos como “eloquente oração”, “brilhante discurso”, “brilhantíssima conferência”, “valeroso companheiro”, entre outros termos, servem para envolver o interlocutor em um imaginário coletivo fantástico. Há o enaltecimento de tudo. Dificilmente existem problemas aparentes, exceto quando vemos a nota a seguir.

Paranaguá.

Recebemos notícias de Paranaguá que nos dizem que os camisas-verdes chefiados pelo nosso companheiro incansável João Eugênio Cominese não têm parado nas suas atividades.

Como em todos os municípios os partidos políticos desmoralizados no conceito do público, olham para o integralismo com um receio... justificado.

Camisas-Verdes de Paranaguá! Recebei a saudação dos camisas-verdes da capital!

Elles confiam em vós!¹⁷⁰

¹⁶⁸ A Razão, ano 1, nº 4, 24/05/1935, p. 5.

¹⁶⁹ A Razão, ano 1, nº 6, 31/5/1935, p. 5.

¹⁷⁰ A Razão, ano 1, nº 18, 30/8/1935, p.5.

A nota faz entender que há um certo “receio” ao integralismo por parte do “público”. A nota ainda naturaliza este “receio” argumentando que seria algo normal em todos os municípios, pois seria uma consequência dos “partidos políticos desmoralizados no conceito do público”. Este pequeno desabafo e a busca por apontar um responsável é um indício de que as coisas em Paranaguá não eram tão perfeitas assim. Deixaremos para pensar estes conflitos mais adiante ao analisarmos o lado ideológico do discurso integralista de Paranaguá, o lado pessoal, a posição no campo político. Neste capítulo estamos observando o lado institucional, de organização prática e mobilização inicial da coordenação do núcleo. Buscaremos um motivo para esse receio adiante, na leitura de outros dados. Dados que nos revelam a dinâmica de competição e conflito dentro do campo político específico de Paranaguá.

Dando continuidade aos dados que falam sobre o núcleo municipal encontramos ainda no “A Razão” outras duas notas que discorrem sobre Paranaguá. Segundo as notas, Paranaguá também possuía núcleos distritais, tipo de núcleo subordinado ao núcleo municipal. Normalmente encontramos este tipo de núcleo em municípios relativamente grandes, com áreas distantes, onde o núcleo municipal é responsável por uma região. Criar um núcleo distrital segue a mesma lógica expansionista dos núcleos municipais, alcançar o maior número de pessoas.

Paranaguá tomou um impulso formidável

Depois da passagem do Chefe Nacional por Paranaguá, no dia 18, o Integralismo nessa cidade tomou um impulso extraordinário alarmando todos os políticos locais.

No dia 18 corrente, 26 brasileiros ingressaram nas hostes integralistas, entre os quais o ilustre historiador do Paraná, Nascimento Junior, Generis Calvo, e mais a esposa e o irmão do Chefe Municipal, João Eugenio Comineze.

Na próxima sessão, se inscreverão mais 40 novos companheiros.

Dentro de poucos dias serão fundados os núcleos distritais do Porto, com 50 operários integralistas, na Serra Negra e em Guaratuba, sendo nomeado Chefe da Coordenação, o distinto companheiro Nascimento Junior.

Até o fim do ano, o Integralismo será a maior força política de Paranaguá.

A terra gloriosa de Fernando Amaro não podia permanecer indiferente ao grande movimento que está empolgando o Brasil inteiro.

Ela também vestiu a camisa verde e está tomando parte na Grande marcha, orientada pela Idéia do Sigma e dirigida pela visão genial de Plínio Salgado.

Os Brasileiros de Paranaguá já compreenderam que só o Integralismo é que poderá salvar o Brasil.¹⁷¹

¹⁷¹ A Razão – ano 1, nº 26, 31/10/1935, p.5.

Apesar de superficialmente, podemos confirmar uma informação valiosa até o momento ainda não explícita nos dados presentes nas fontes documentais. Em 18 de outubro de 1935, Plínio Salgado passou por Paranaguá. Não há mais detalhes em nenhum acervo de fontes que estão disponíveis sobre este fato, o que é uma pena. E isso é de se estranhar. Dificilmente o “A Razão” deixa de noticiar uma visita do Chefe Nacional, inclusive, anteriormente já comentamos, chegou a rapidamente dizer que em abril o Chefe Nacional passou pelo aeroporto de Paranaguá. Não podemos em hipótese alguma modificar a fonte, somente reproduzi-la e observá-la na sua estrita mensagem. Mesmo assim, podemos suspeitar. É estranha a falta de mais informações sobre esta visita, sendo que a nota diz que “depois da passagem do Chefe Nacional por Paranaguá, no dia 18, o integralismo nessa cidade tomou um impulso extraordinário alarmando todos os políticos locais”. Ficamos com a dúvida. Houve alguma sessão no núcleo municipal? Bandeiras? Marchas? Discursos? Dificilmente uma visita do Chefe Nacional deixaria de ter todas as solenidades e a teatralidade lúdica que apresentam uma ação integralista. A hipótese é que não houve solenidades pois Salgado seguia um protocolo que não permitia que falasse em público para poucas pessoas. Quantas pessoas que seriam consideradas “pouco” é que ficamos na dúvida. As centenas de integralistas parnanguaras noticiadas nos veículos integralistas seriam consideradas “poucas pessoas”? Entendemos que esses números eram inflados, mas será que era tão dispares com a realidade? Fica o questionamento.

Além disso, a nota traz mais algumas informações interessantes. Quatro “ilustres” parnanguaras se juntaram as hostes do sigma. Fora a esposa e o irmão de Cominese, neste momento temos confirmado o ingresso de Vicente Nascimento Junior e de Generis Calvo, dois indivíduos influentes na cidade. Generis Calvo era agente na principal agência marítima brasileira da época, a Loiyd do Brasil, sendo chefe da repartição em Paranaguá e depois em Curitiba e, entre outras coisas, foi envolvido com a organização esportiva. Foi presidente do clube de futebol local, Rio Branco, e também da Federação Paranaense de Futebol. Já Vicente Nascimento Junior tem uma biografia mais ligada diretamente à Paranaguá. Além de professor da escola normal e um dos fundadores do Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá - IHGP, foi político e, segundo o “A Razão”, historiador. Já comentamos sobre o viés historiográfico destes historiadores ligados ao IHGP, Nascimento Junior não fugia a regra. Seus textos publicados na revista do instituto trazem o mesmo tipo

de narrativa que encontramos em muitos outros, principalmente Hugo Correa e Dario Nogueira dos Santos. A temática que Nascimento Junior abordava em seus artigos estava ligada com um passado glorioso de Paranaguá, a cidade “mãe” do Paraná. Há o mesmo esforço para uma memória de personagens “ilustres” da cidade (“a terra gloriosa de Fernando Amaro”) e a busca por uma identidade do parnanguara, sempre relacionada à colonização. Era adepto do mesmo memorialismo que já comentamos anteriormente.

Mais uma questão interessante neste recorte, como já expressamos antes mesmo de transcrever a fonte, é a fundação dos núcleos distritais. Nascimento Junior foi Chefe de coordenação destes núcleos. Guaratuba que teve seu núcleo fundado nos dias seguintes, segundo a nota. Mas o mais interessante é o fato da fundação do núcleo do Porto de Paranaguá com “50 operários”. Normalmente, nestas colunas que informam sobre os núcleos da província são citados apenas os coordenadores e/ou líderes, ou seja, a elite. Pensar que Paranaguá tinha um núcleo só de operários do porto é muito interessante, sendo que 50 indivíduos não é um pequeno número. Sobre o núcleo da Serra Negra teremos a seguir mais informações. Neste momento vale salientar novamente a mobilização do entusiasmo.

Encontramos sentenças como: “impulso extraordinário”, “grande movimento que está empolgando o Brasil inteiro” e “Grande Marcha”, que subjetivam o mesmo sentimento que já comentamos diversas vezes. O texto ainda vai além. Segundo o texto, esse impulso estaria “alarmando todos os políticos locais”, e que, “até o fim do ano, o Integralismo será a maior força política em Paranaguá”. É curioso pensar que muitos destes integralistas, principalmente sua elite, era composta por indivíduos que já estavam envolvidos no campo político. Isso fica cada vez mais claro. O integralismo se apresenta como uma nova roupagem para políticos tradicionais da cidade. É uma nova narrativa que interessa demonstrar que “os brasileiros de Paranaguá já compreenderam que só o integralismo é que poderá salvar o Brasil”. Isso nos leva a pensar; “a salvar de quê? De quem?” Questão que discutiremos no próximo capítulo. A seguir mais uma nota que fala sobre o núcleo de Serra Negra.

No dia 27 de outubro, foi fundado o núcleo de Serra Negra com 29 companheiros. A caravana foi composta de 45 camisas-verdes, inclusive várias senhoras.

Falaram eloquentemente, Genaro Régis, Vereador Municipal Eleito, Ricardo Krimen e Anthero Régis.
Já nos disseram que o entusiasmo pelo Integralismo em certos districtos de Paranaguá é uma cousa louca!¹⁷²

O texto segue o mesmo padrão de outros. Apesar de termos um acervo disponível relativamente pequeno do periódico “A Razão”, como explicamos na introdução deste trabalho, a narrativa não nos traz uma variedade de percepções, ao menos na sessão *Integralismo nas Províncias*. A repetição é evidente, como já dissemos, principalmente no objetivo, o “entusiasmo”. Inclusive nesta nota temos a expressão “cousa loca” que apresenta até uma narrativa mais despojada e lúdica, porém, com a mesma intenção.

Apesar da nota não apresentar nenhuma outra informação sobre o núcleo distrital da Serra Negra, outras fontes podem informar. Serra Negra era uma colônia de imigrantes, principalmente italianos e alemães habitavam o local. Inclusive o próprio Joao Eugenio Cominese foi cônsul da Itália após a Segunda Guerra Mundial. Outras pesquisas já demonstraram a aceitação de italianos e outros europeus ao integralismo, não é nosso objetivo nos aprofundar nesta questão, até mesmo por não ser uma condição determinante. Entretanto, até mesmo em Paranaguá é observável esta proximidade. Como consta na pasta da Delegacia de Polícia de Paranaguá arquivada no Departamento de Arquivo público do Paraná, diversos imigrantes europeus e brasileiros residentes em Serra Negra estavam taxados como integralistas e/ou nazistas. Aproximadamente duas dezenas de nomes constam no documento. Chama a atenção que muitos deles, principalmente os integralistas mantinham cargos públicos na delegacia local de Serra Negra. Escrivães, o subdelegado e seu primeiro suplente, inspetores, além de funcionários da empresa de telégrafo local, professor e fiscal da prefeitura local¹⁷³.

Ao nos aproximarmos destas informações vale a pena evidenciar a eleição de Genaro Régis para o cargo de vereador da cidade nas primeiras eleições que tivemos pós constituição de 1934. Segundo as atas da câmara de vereadores de Paranaguá, as primeiras reuniões começaram em dezembro de 1935, contando com a presença de Régis. Genaro Régis é o único integralista vereador que Paranaguá teve enquanto a AIB ainda estava na legalidade. Após a AIB cair na ilegalidade,

¹⁷² A Razão, ano 1, nº 27, 08/11/1935, p. 4.

¹⁷³ Pasta temática DOPS. PT584a.65, Departamento de Arquivo Público do Paraná, p. 268.

outros integralistas estiveram envolvidos oficialmente com a política. Vicente Nascimento Junior, inclusive, foi Interventor Federal no período do Estado Novo. João Eugênio Cominese, por sua vez, foi prefeito após a redemocratização, em 1947.

Os dados referentes ao núcleo municipal de Paranaguá, oriundos de órgãos da AIB do Paraná, acabam em novembro de 1935, com o último exemplar disponível para análise do hebdomadário “A Razão”. 1935 foi o único ano que a AIB em Paranaguá funcionou ininterruptamente. Apesar de não ter sido oficialmente fechada em 1935, a AIB – Paranaguá também teve incômodos resultantes de conflitos internos da cidade. O contexto político levou a essa instabilidade que não foi exclusividade de Paranaguá, mas que aconteceu no estado todo. Alguns locais com mais ênfase, outros com menos.

Em Paranaguá, somando os períodos que esteve em pleno funcionamento, o núcleo da cidade sobreviveu por aproximadamente dois anos. Foi tudo muito rápido, organização, fundação, perseguições e críticas, proibições e fechamento. Oficialmente o funcionamento aconteceu de novembro de 1934 a dezembro de 1937. Porém nem todo período esteve em pleno funcionamento. Os dados apresentam que as primeiras investidas documentadas contra os integralistas se intensificaram em maio de 1935 através do conflito com a Loja Maçônica Perseverança. É factível pensar que esse conflito representou um abalo e uma cisão na regularidade, ou no “entusiasmo” dos integralistas de Paranaguá, como demonstramos na nota do “A Razão” de número 18.

Como comentamos no início deste capítulo, Dario Nogueira dos Santos foi o primeiro cidadão de Paranaguá que discorreu sobre o integralismo. Inclusive seu texto “A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira”¹⁷⁴ circulou em abril de 1935, mês que antecedeu as expulsões de militantes da loja qual Dario Nogueira dos Santos era venerável mestre (espécie de cargo máximo dentro de uma loja). A influência de Nogueira dos Santos no combate por parte da Maçonaria brasileira com os integralistas é evidente. Trataremos mais a fundo estas questões no próximo capítulo onde demonstraremos através dos dados as relações que a AIB mantinha com seus inimigos. Neste momento, vale frisar, por motivos que explicaremos a

¹⁷⁴ SANTOS, Dario N. **A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira**. 12/04/1935. In. SANTOS, Dario N. **A Ação Histórica da Aug.º. Resp.º. Cap.º. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá**. (Obra não publicada), p.230.

seguir, que a influência de Nogueira dos Santos abrangeu as lojas do país todo, saindo até mesmo no boletim do Grande Oriente Brasil, órgão máximo da Maçonaria nacional, com um texto extremamente enaltecedor assinado pelo Grão-Mestre da Maçonaria no Brasil, Moreira Guimarães, posição máxima de um maçom no país.

Moreira Guimarães discorre: “Parabéns ao talentoso ir.º. Dario Nogueira dos Santos que, com o pequeno opúsculo valioso, veio de prestar, graças à operosa e distinta Of.º. Perseverança de Paranaguá notável serviço à pátria e ao Gr-Or.º. do Brasil”¹⁷⁵. A militância anti-integralista de Nogueira dos Santos dentro da Maçonaria, portanto, foi além das paredes da loja em Paranaguá. Em uma ocasião chegou até mesmo a denunciar integralistas maçons de outras lojas à quilômetros de distância, como no caso da Loja Lealdade e Franqueza de Belo Horizonte¹⁷⁶.

No Paraná temos uma dinâmica que se equipara a Paranaguá em relação às perseguições e militância anti-integralista. Em julho de 1935 o hebdomadário “A Razão” traz uma carta de Vieira de Alencar que versa sobre as festividades do primeiro aniversário oficial da Província Integralista do Paraná. Alencar propõe o cronograma e o apresenta para autoridades policiais para que haja o conhecimento oficial da festividade. Segundo Alencar, a Delegacia de Polícia não concordou com a marcha que estava proposta, ainda assim, os integralistas acataram com as ressalvas policiais. Entretanto, mesmo após mudarem o cronograma, retirando a marcha e propondo uma reunião em seu campo esportivo, a AIB – Paraná teve novamente o pedido negado. Segue a posição de Alencar:

Assim é que, na conformidade dessa nova liberação da referida autoridade, a concentração não poderá fazer-se nem em nosso campo de esportes, nem em parte nenhuma; não poderemos ir incorporados a estação da via férrea em formatura ou em massa; não poderemos passar pela rua 15; não poderemos falar ao povo da sacada do edifício onde temos a nossa sede, nem em frente à estação da estrada de ferro, nem em parte nenhuma e não poderemos, em summa usar a camisa verde, que é o symbolo da nossa organização¹⁷⁷.

Podemos concluir que essa posição do órgão policial responsável demonstra uma clara perseguição aos integralistas. Athaides (2012, p. 198) discorreu sobre a intensa repressão neste período. Neste momento há um oficial público tentando

¹⁷⁵ Ibid., p. 241.

¹⁷⁶ Id.

¹⁷⁷ A Razão, ano 1, nº 13, 30/7/1935, p.4.

dificultar o acontecimento da festividade, inclusive proibindo o uso da camisa-verde e o desfile em formação. Já comentamos que estes desfiles são simbólicos, que estes rituais fascinam os curiosos e que estes acontecimentos sacralizam a política. A resistência de órgãos policiais para com estas manifestações só confirmam esta hipótese. Há uma vontade em atrapalhar o que existe de mais teatral no Integralismo, sua simbologia. Assim, temos, desde meados de 1935, uma resistência contra o integralismo por certos setores oficiais e por militantes anti-integralistas, como Dario Nogueira dos Santos. Obviamente não eram unânimes, sendo que Alencar buscou em outras instâncias jurídicas reverter estas questões, porém, segundo o mesmo, sem sucesso. Foi decidido não realizarem as festas comemorativas neste momento, deixando claro que, para eles, tudo isso foi fruto de uma injustiça.

Esta resistência e perseguição não é exclusiva do Paraná e muito menos uma querela local de Paranaguá. Em Santa Catarina, no mês seguinte, agosto de 1935, três professores da rede pública foram exonerados “unicamente” por serem integralistas. Além de que o Chefe Municipal de Jaraguá foi preso. O hebdomadário curitibano “A Razão” transforma estas perseguições em munição para enaltecer a “Revolução Integralista”. Comentam que “O entusiasmo é intenso apesar de todas as perseguições”. Eles entendem que as perseguições só servem para multiplicar as adesões. Indica uma autodefesa que utiliza desta narrativa para demonstrar a tranquilidade do movimento tinha AIB. Segundo eles “O governo quer impor um regime de terror!”¹⁷⁸

As perseguições que se seguem em Santa Catarina até o final de 1935 vão sendo abordadas regularmente no “A Razão” de Curitiba, bem como as perseguições no próprio Paraná. Exemplo do manifesto publicado em 20 de setembro de 1935 que conclama: “Ninguém nos poderá proibir o uso da camisa verde”. No Paraná, ao menos ainda em 1935, teve um acontecimento que resultou em um grande texto de Jorge Lacerda intitulado “Estamos no regime do chicote”¹⁷⁹. Lacerda critica duramente a polícia do Paraná, principalmente das cidades de Teixeira Soares e de Rio Negro. Sobre Teixeira Soares, Lacerda explica que a AIB

¹⁷⁸ A Razão, ano 1, nº 14, 3/8/1935, p.1.

¹⁷⁹ A Razão, ano 1, nº 24, 17/10/1935, p.1.

elegeu o prefeito na cidade, porém, ainda não conseguiram abrir seu núcleo municipal pois as autoridades não permitiram.

Sobre Rio Negro, Lacerda conta um caso que aconteceu no dia 9 de outubro de 1935, onde o “companheiro Dr. Fairbanks, deputado por São Paulo, não pode realizar sua conferencia em Rio Negro porque o delegado local a proibiu”. Houve uma insistência do integralista que quase foi preso, “apesar de suas imunidades parlamentares”. Mas o que mais chama atenção foi o que aconteceu no dia seguinte ao caso do deputado Fairbanks. “No dia seguinte o companheiro Raul Stange, foi esbofeteado pelo delegado local, sendo em seguida, numa suprema humilhação, chicoteado na própria delegacia, por vários minutos!”¹⁸⁰ Não há nada mais sintomático de uma suposta perseguição aos integralistas do Paraná do que essa denúncia de agressão com um chicote de um militante por uma autoridade policial. Isso demonstra a mais pura instabilidade que a AIB tinha desde meados de 1935. O combate feito pela Maçonaria de Paranaguá estava na mesma onda que esta repressão.

O caso é que a AIB no Paraná não teve sua existência tranquila. Isso se refletia em Paranaguá, pois, o contexto local servia de combustível para os conflitos políticos. Diferentemente, como iremos observar em seguida, nas próximas seções deste trabalho, os integralistas de Paranaguá não estavam contra o que era chamado de “política tradicional”, o contexto é mais específico e tem características próprias pela forma com que os grupos políticos se organizavam no município. Deixaremos para nos aprofundar mais nos indivíduos adiante. Neste momento o que se deve colocar é que o integralismo, enquanto instituição política, não teve muito tempo de organização e instituição oficial em Paranaguá sem percalços e instabilidades.

Assim, entre maio de 1935 e maio de 1936¹⁸¹, houve uma intensa perseguição aos integralistas pelo estado, até que se fecharam os núcleos. Os

¹⁸⁰ Id.

¹⁸¹ Em junho de 1936, apesar das perseguições aos quadros da AIB do estado e o fechamento dos núcleos municipais, foi fundada, pelo que podemos observar nos documentos, a única escola integralista do litoral do Paraná na cidade de Antonina. A escola foi fundada no dia 1º de junho junto com um ambulatório do Sigma, como informa o “A Razão” de Pouso Alegre de nº 9 publicado em 11 de junho de 1936. Provavelmente funcionou por pouco tempo, sendo que logo no início de junho de 1936 foram fechados os ambulatórios e escolas da AIB pelo estado. Antonina, pelo que os dados nos revelam, foi o primeiro núcleo do litoral do Paraná a ter ordens para fechar. Como comentamos anteriormente, as perseguições no litoral acontecem desde meados de 1935 com os conflitos da

casos que damos destaque são de Paranaguá, com a expulsão de seis integralistas da Loja Maçônica Perseverança, e de Rio Negro, com o conflito aberto entre a polícia e o movimento. Em Curitiba também houve arbitrariedades e perseguições. Entretanto a sensação é que havia uma estabilidade maior no movimento da cidade mesmo tendo alguns casos de repressão à AIB, exemplo da proibição do uso da camisa verde citada anteriormente. Essas perseguições resultaram no fechamento de todos os núcleos do estado do Paraná em abril de 1936, ação que foi duramente criticada pelo quadro nacional e provincial da AIB.

Em 27 de maio de 1936 o “A Offensiva” publicou pela primeira vez seu repúdio à decisão de Manoel Ribas – então governador do estado - de fechar os núcleos, as escolas e ambulatórios da AIB pelo estado. O editorial tem tom de retratação oficial, elenca logo de início as diferenças com o “credo vermelho”, e nas palavras do periódico a nação “agiu contra os comunistas, e agiu exemplarmente. É assim que deverá agir sempre que elementos indesejáveis procurem perturbar a ordem, implantar a indisciplina nos quartéis e destruir as instituições vigentes”¹⁸². O modo que os integralistas, por meio deste editorial, se defenderam foi baseado em sua contraposição ao “credo vermelho”, definindo-os como baderneiros, indisciplinados, entre outros adjetivos, ao mesmo tempo em que se colocam como representantes da ordem e da disciplina. Uma forma de mostrar que estavam em antagonismo à esquerda e alinhados com o governo Vargas, ao menos na máxima: inimigo do meu inimigo é meu aliado.

No mês seguinte, no final de junho de 1936, Plínio Salgado publicou no “A Offensiva” uma carta aos integralistas do Paraná onde abordava a atitude de Manoel Ribas. Segundo Salgado, houve um estranhamento por parte dele, pois quando foi ao sul em 1934 “tive imprevista recepção em Curityba. Cerca de 20 mil pessoas accorreram á “gare”. Salgado enaltece o “entusiasmo” paranaense e comenta sobre as “gentiliezas” de Manoel Ribas no momento de sua chegada. Plínio Salgado discorre sobre Ribas:

Foi o S. Ex. o único o único dos interventores que me forneceu um documento de sua extrema cortezia. Os outros fizeram verbalmente. O sr. Manoel Ribas quiz registrar para sempre a sua consideração, o seu apreço,

Maçonaria. Em novembro de 1935, o então prefeito Mário Ericksen, segundo o periódico “Diário da Tarde” (Diário da Tarde, ano 37, nº 12241, 27/12/1935, p. 1.) “ordenou o fechamento da sede integralista naquela cidade”.

¹⁸² A Offensiva, ano 3, nº 192, 27/05/1936, p. 1 e 4.

o seu respeito, a sua admiração por minha humilde pessoa. Serei sempre grato a essa espontânea homenagem e quero hoje lembra-la aos integralistas do Paraná.

Eu viajava de Curityba para Ponta Grossa, no meio da vibrante manifestação do povo daquela cidade, vi aproximar-se de mim um senhor que me declarou vir de parte do sr. “interventor”. Era o prefeito. Cavalheiro gentilíssimo. Tirou do bolso um telegramma que me deu a ler. Um telegramma do sr. Manoel Ribas, que determinava ao prefeito mostrar-me a cidade, facilitar-me tudo, tendo em vista que era eu “um grande brasileiro” que vinha pregando a “união de todos os patrícios”, etc.¹⁸³

Por essas razões, Salgado se mostra surpreso com as ordens de Manoel Ribas para fechar os núcleos e institutos integralistas do estado. Entretanto Salgado busca razões para essa atitude. Salgado lamenta “profundamente ter sido desagradável ao sr. governador, pelo facto de ter feito o Integralismo crescer tanto ao ponto de incommodal-o”, comenta que fica perplexo com atitude de Ribas, porém, pede aos integralistas do paraná que “não se encolerizem contra o sr. governador”. Para ele, “perseguir é uma forma de prestigiar”. Salgado indaga que quem sabe o “sr. Manoel Ribas quer precipitar nosso triumpho?”¹⁸⁴ Salgado manobra inteligentemente para manter os militantes paranaenses dentro de sua ordem e entusiasmo.

Aquém à carta de Salgado, vinha organizado um repúdio nacional ao governador Manoel Ribas sob a chamada de “A alma do Brasil através de um desfile Telegraphico”¹⁸⁵. O “A Offensiva” publicou inúmeros telegramas oriundos do país todo, durante vários dias, contra a decisão das autoridades paranaenses em fechar os núcleos. Foram centenas de telegramas publicados em repúdio às atitudes de Ribas. Além destes telegramas o “A Offensiva” noticiava também invasões, a lacração por oficiais de núcleos, entre outras perseguições. Chama atenção mais um caso em Rio Negro em que a polícia invadiu a casa do Chefe Municipal, Eugenio Lamaison. Segundo o próprio Lamaison em telegrama “o governo federal decretou a lei de segurança e estado de guerra” para fazer buscas em sua casa. Segundo o próprio só foram encontrados alguns cartuchos de dinamite, que segundo Lamaison, eram para usos industriais.

¹⁸³ A Offensiva, ano 3, nº 218, 28/06/1936, p. 2.

¹⁸⁴ Id.

¹⁸⁵ A Offensiva, ano 2, nº242, 26/06/1936, p. 9.

Em julho de 1936 os integralistas, por meio do Chefe Nacional, Chefe Provincial do Paraná, membros do Supremo Conselho Integralista e Secretários Nacionais da AIB procuraram enviar para Getúlio Vargas uma carta de repúdio às atitudes de Manoel Ribas. A AIB se coloca como partido legalmente registrado para o âmbito nacional no Superior Tribunal Eleitoral da República, e por isso tem direitos eleitorais garantidos, entretanto, não respeitados. Segundo a carta a AIB “vem sendo vítima de perseguições que variam de intensidade nos diferentes estados”. Para os integralistas essas perseguições são normais “quando um partido cresce e conquista a alma do povo”. Apesar destas questões, segundo a carta, a AIB só tomou “providências isoladas” junto ao Poder Judiciário, entretanto, achou necessário procurar o próprio Vargas para expor a situação. A carta continua:

Mas, eis que, no Paraná, o caso assume um aspecto gravíssimo. O Governo daquele Estado determinou o fechamento de todos os Núcleos Integralistas das localidades paranaenses: trancou a sede da Chefia Provincial: proibiu toda e qualquer propaganda Integralista e até o uso de distintivos na lapela. Esse facto levou o Chefe Provincial do nosso partido nacional a impetrar o remédio judiciário competente e a decisão do tribunal é que em boa logica nos remete a v. excia. única autoridade para resolver essa situação.¹⁸⁶

Segundo a publicação, o próprio Vieira de Alencar interpelou ao ministro da justiça um apelo pela revogação da ordem de proibição da AIB no Paraná. A carta apela para a faceta filantrópica e social da AIB ao mesmo tempo que demonstra os direitos eleitorais que o movimento possui. Se coloca como bastião da moralidade e da ordem, enfatizando seu imenso patriotismo. Uma narrativa que se assemelha a carta de Plínio Salgado a Manoel Ribas, já comentada anteriormente. Inclusive as revistas e jornais integralistas, como os próprios “A Offensiva” e o “A Razão” foram proibidos de serem vendidos no estado¹⁸⁷. A carta finaliza evidenciando que as “sociedades secretas” são usadas pelo “perigo vermelho” para destruir a AIB. Uma clara referência à Maçonaria paranaense, precisamente a Perseverança de Paranaguá e a Manoel Ribas, maçom e autor da ordem de proibição da AIB no estado.

¹⁸⁶ A Offensiva, ano 3, nº 224, 5/07/1936, p. 1.

¹⁸⁷ A Razão, ano 1, nº 18, 6/08/1936, p. 2

A Ação Integralista Brasileira pede a v. excia. providências urgentes para que cesse, em todo território nacional e, especialmente no Paraná, a coação aos seus núcleos, onde vive e palpita a alma das famílias brasileiras sobressaltadas ante o perigo vermelho que se serve nesta hora das sociedades secretas, para destruir uma das maiores e mais decisivas forças da nacionalidade.¹⁸⁸

Talvez possamos elucidar essas atitudes de Manoel Ribas. Em abril de 1935, o Grande Oriente Brasil - GOB, órgão máximo da Maçonaria brasileira, parabenizou Dario Nogueira dos Santos pelo seu opúsculo publicado contra a AIB. O GOB não só parabenizou Nogueira dos Santos como divulgou o texto no boletim próprio do órgão. As críticas de Nogueira dos Santos e seus argumentos de o porquê da Maçonaria não poder admitir o integralismo, rodaram o país em todas as lojas filiadas ao GOB. Manoel Ribas, segundo dados que demonstram esta informação¹⁸⁹, também era maçom filiado ao GOB. Portanto um indício é que esta relação dentro da Maçonaria, uma instituição com hierarquia própria, pode ter influenciado as atitudes de Manoel Ribas. O próprio GOB oficializou a obrigatoriedade da eliminação dos quadros integralistas de suas lojas no boletim de abril de 1935. Porém, os núcleos só foram fechados oficialmente em abril de 1936. Manoel Ribas, talvez, tenha segurado enquanto pôde as pressões para perseguir os integralistas.

Em 16 de setembro de 1936, Dario Nogueira dos Santos escreve a Manoel Ribas sobre as questões da proibição e nos dá mais indícios de que o governador estava próximo e alinhado com a Maçonaria.

Exmo. Manoel Ribas
Sr. Governador do Estado do Paraná.

Curitiba.

Esta loja Maçônica que foi a primeira a revelar aos lrs. os planos da Ação Integralista Brasileira e viu seu trabalho devidamente justiceiramente amparado pelo Gran mestrado em Boletim Maçônico de Abril de 1935, não podia ficar por mais tempo calada diante da vossa atitude desassombrada contra os partidos políticos inimigos do regime republicano federativo devidamente apoiado pela Maçonaria e pelo Positivismo que nele encontraram a melhor forma de liberdade política e administrativa. Assim, no período porque passa o País ameaçado pelas fôrmas despóticas que se chocam na Europa, os maçons que cooperaram para a vitória

¹⁸⁸ Id.

¹⁸⁹ SPOLADORE, Hercule. **Vida e Obra do Irmão Manoel Ribas**. In: JB News. Ano 9, Edição nº. 860. 10 de janeiro de 2013, p. 17.

Republicana, independente da cor política, mas, dentro do Regime atual de nossa pátria, apresentam ao destacado Ir.º todos aqueles que compõem o Quad.º. Ativi.º. desta loja e que figuram seus nomes no in-folium incluso, a franca solidariedade e aplausos pelas nobres atividades que V. Exa. há demonstrado, e que sobremaneira o recomendam na fecunda administração do Estado que vem engrandecendo, como também, no conceito dos princípios que, na qualidade de maçom, tem sabido realizar.

Em nome desta Loja, apresentamos nossa admiração e os mais vivos protestos de estima consideração.

Ven: Dario Nogueira dos Santos – 33.º.

Sec: Felipe Chede – 18.º.¹⁹⁰

O contato é evidente entre a liderança anti-integralista de Paranaguá e o então governador do estado. Isso demonstra que a Maçonaria, historicamente envolvida com o andamento político do país, também estava próxima e alerta no período em que se sucederam os fechamentos de núcleos pelo estado. A carta de Nogueira dos Santos soa quase que como um agradecimento pela oficialização da proibição da AIB. Só podemos concluir que isto indica que também em Paranaguá, cidade onde se encontrava Nogueira dos Santos, houve o fechamento do núcleo. Se Manoel Ribas ainda não tivesse lido o opúsculo de Dario Nogueira dos Santos, neste momento podemos precisar que ele recebeu uma cópia, pois ao final da carta o redator anexa uma cópia do texto completo.

No próximo capítulo vamos nos aprofundar mais nestes conflitos, principalmente com o discurso integralista oriundo de Paranaguá sobre essas relações. Até o momento já podemos imaginar que o ativismo de Nogueira dos Santos estava longe de ser uma querela local, atingiu até mesmo o governador do estado e o órgão máximo da Maçonaria do Brasil. Afirmar que Manoel Ribas proibiu a AIB no estado exclusivamente por ser maçom ou por influência dos argumentos de Dario Nogueira dos Santos seria simples demais. O que podemos afirmar é que há indícios nestes dados que podem nos fazer pensar em algo neste sentido. Ainda mais quando vemos a posição dos próprios integralistas em relação a esta questão. Exemplo da publicação no “A Razão” de Pouso Alegre em Minas Gerais a seguir.

OS ASARES DO SR. MANOEL RIBAS

O Sr. Manoel Ribas, governador do Paraná, títere burlesco que a Maçonaria vem há tempos, manejando contra o Integralismo, anda um tanto quanto

¹⁹⁰ SANTOS, Dario Nogueira. **A Ação Histórica da Aug.º. Resp.º. Cap.º. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá.** (Obra não publicada), p.229.

<<pesado>>. Sinão vejamos: em primeiro lugar, S. Sia. é notificado de que, no *Ginásio Oficial do Estado*, o paraninfo e o orador da turma de 1936, vitoriosos em eleição por esmagadora maioria, eram ambos integralistas: depois S. Sia. é informado de que o Vice-Presidente do diretório do seu partido em Curitiba, revoltado com as perseguições que se faziam contra o Integralismo, repelira o convívio dos políticos aliados de Moscou e procurar no Integralismo o lugar que lhe competia, como patriota que é. Finalmente S. Sia. vai presidir uma reunião de universitários, e é obrigado a ouvir orações inflamadas e patrióticas de dois estudantes integralistas e, finda a reunião o sr. Manoel Ribas, o homem que mandou fechar os núcleos do Paraná, tem que ouvir o Hino Nacional cantado por uma assistência, da qual, 90% tinha o braço erguido em saudação integralista. Realmente, o mês de Outubro, nos seus primeiros dias, foi mau para com o <<candidato>> sr. Ribas.¹⁹¹

Para o periódico, Manoel Ribas age em interesse da Maçonaria ao ordenar o fechamento dos núcleos pelo estado. Isso o fez passar por um constrangimento, sendo ele “títere burlesco” (uma marionete que causa risos) da Maçonaria, ao presenciar que “90 % tinha o braço erguido em saudação integralista”, ao ouvir o hino nacional em uma reunião de universitários ou ser notificado que o orador e o paraninfo do Ginásio oficial do estado da turma de 1936 eram ambos integralistas. Além disso, o constrangimento passa também pelo vice-presidente de seu partido que “repelira o convívio dos políticos aliados de Moscou e procurara no Integralismo o lugar que lhe competia como patriota que é”. Como já dito, Manoel Ribas poderia não estar exclusivamente sob mandado da Maçonaria, porém, estes indícios trazem fortes evidências de que ao menos a própria AIB especulava que sim. Deste modo, fica muito difícil afirmar que a militância anti-integralista de Nogueira dos Santos, bem como as respostas advindas da AIB – Paranaguá, não passavam de uma querela local. Aliás, estes indícios demonstram absolutamente o contrário. As relações conflituosas entre a Maçonaria e a AIB – Paranaguá foram além de uma questão local, representando-se em outras instâncias maiores. Embasaremos mais densamente essa nossa perspectiva no próximo capítulo. Neste ponto, busca-se deixar claro que o que começou com a militância de Nogueira dos Santos em 1932 na cidade de Paranaguá atingiu fortemente o estado e o resto do país, ao menos dentro da Maçonaria.

Dando continuidade às questões relativas ao núcleo municipal e deixando de lado um pouco as questões referidas aos inimigos e conflitos ideológicos da AIB – Paranaguá, em dezembro de 1936, a AIB consegue reabrir seus núcleos em todo

¹⁹¹ A Razão, ano 1, nº 27, 22/10/1936, p. 1.

estado, apesar das investidas de Manoel Ribas. Foi oficialmente publicada uma portaria que recolocava na legalidade a AIB no Paraná, como informa a nota a seguir do “A Razão” de Pouso Alegre:

FORAM REABERTOS OS NÚCLEOS INTEGRALISTAS DO PARANÁ

O Entusiasmo Dos Camisas Verdes Em Toda A Província.

Curitiba, 29 – O governo do Estado, por portaria de hoje, do chefe de Polícia, já publicada determinou a reabertura das sedes dos núcleos integralistas em todo Estado.

Esta medida, que reintegra os camisas verdes nas suas atividades educativas e de assistência social causou notável entusiasmo entre os partidários do Sigma.¹⁹²

Apesar desta nota explicitar que a portaria teria sido publicada no mesmo dia de circulação do número do periódico, ou seja, 30 de dezembro, o mesmo periódico havia noticiado a reabertura em 10 de dezembro de 1936. A nota é quase idêntica à citada logo anteriormente, com uma mudança sutil, tendo a única na sentença “por portaria do dia 3 corrente”¹⁹³, em vez de “por portaria de hoje”, como está na publicação no outro periódico do dia 30 de dezembro. Não há outra informação que possa nos fazer entender esta discrepância de datas. Talvez o chefe de polícia só tenha agido trinta dias depois da portaria ser publicada, talvez ela possa ter sido revogada e republicada dias depois, enfim, pouco importa neste momento. O foco é constatar que abertura oficial aconteceu em algum momento ainda em dezembro de 1936.

O mesmo periódico de Pouso Alegre volta a vincular uma nota sobre a reabertura dos núcleos do Paraná no início de 1937, precisamente em fevereiro, dando a entender que mesmo com a portaria oficial, dois meses depois os núcleos ainda se organizavam para voltar às atividades.

NA TERRA DOS PINHEIRAIS

Na capital do Paraná e em toda Província Paranaense reina o intenso entusiasmo pela reabertura dos Núcleos integralistas.

Uma caravana de camisas-verdes que seguiu de Curitiba para Guarapuava, sob a direção do Chefe Provincial, dr. Vieira de Alencar, recebeu em todas as estações grandes e veementes aplausos.

¹⁹² A Razão - ano 1, nº 184, 30/12/1936, p. 1.

¹⁹³ A Razão - ano 1, nº 34, 10/12/1936, p. 1.

A terra dos pinheirais, dando mais uma demonstração do seu civismo, rejubila-se pela liberdade que o Sigma acaba de conquistar, reabrindo seus núcleos.¹⁹⁴

O ano de 1937 iniciou para os integralistas de todo o Paraná como um ano de renascimento, reorganização e reestruturação. Porém isso não quer dizer que não houve problemas. 1937 foi o ano em que Getúlio Vargas começou a aumentar o controle despótico do país e isso inclui a vigilância dos integralistas. Havia uma promessa de eleições diretas em 1938, eleições estas que não chegaram a acontecer pelo advento do golpe de estado e o início do Estado Novo. Foi oficializada uma nova constituição nos moldes da constituição polonesa do período, convencionalmente observada por historiadores como uma constituição autoritária.

O integralismo, neste momento, preparava-se para lançar Plínio Salgado como candidato as eleições em 1938. A decisão por Plínio Salgado foi feita por meio de um plebiscito integralista que abrangeu o país todo. Milhares de integralistas votaram em quem consideravam ser o candidato oficial da AIB¹⁹⁵. Segundo os dados disponíveis, Paranaguá também participou do plebiscito. Pode-se confirmar a participação através da ficha individual de Hugo Pereira Corrêa e de Genáro Régis, arquivada na documentação do DOPS no Departamento de Arquivo Público do Paraná - DEAP. Nas fichas constam igualmente que “em 22/05/1937 – No Plebiscito votou em PLÍNIO SALGADO, sob nº 4, conforme se verifica do livro de atas de Paranaguá arquivado nesta Delegacia”¹⁹⁶. Infelizmente não encontramos nos arquivos do DOPS no Arquivo Público do Paraná este livro de atas descrito na ficha.

Em junho de 1937 já havia sido confirmado Plínio Salgado como candidato oficial da AIB, entretanto, no início de novembro de 1937, Getúlio Vargas deflagra o golpe de estado e dá início ao chamado Estado Novo. Com esse acontecimento e a nova constituição, a AIB volta a sofrer perseguição e proibições até ter suprimido “do

¹⁹⁴ A Razão - ano 2, nº 43, 11/02/1937, p. 1.

¹⁹⁵ Há uma sucessão de desencontros sobre o número absoluto de votos que foram computados. Jornais como “A Notícia” de Joinville em Santa Catarina ironizaram os números de votos. Segundo o Jornal, Plínio Salgado falava em três milhões de integralistas pelo país, sendo que no plebiscito só foram contabilizados 500 mil votantes. (“A Notícia”, ano 16, nº 2600, 3/7/1937, p.1.). Em outro momento o mesmo jornal traz o que dizem serem os números absolutos. “Votaram 849.492 pessoas, das quaes 846.354 escolheram o sr. Plínio Salgado”. (“A Notícia”, ano 16, nº 2609, 13/07/1937, p.3.) Devemos levar em conta que os critérios para a votação eram mais flexíveis do que se previa nas eleições oficiais. Ainda assim, temos uma média alta que Plínio Salgado poderia ter alcançado caso acontecessem as eleições diretas.

¹⁹⁶ Fichas Individuais DOPS: FI09.707 e FI33.990. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

organismo da A.I.B. a parte política, baixando ordens, que foram amplamente divulgadas”, como divulgou o periódico “O Estado” de Florianópolis. Segundo Plínio Salgado, “igualmente, por iniciativa do chefe daqui, foram fechados todos os núcleos, sendo recolhidos a então Chefia Nacional as respectivas chaves. No interior do país, salvo raras e naturais exceções, nenhum núcleo foi varejado ou interdictado pela polícia”¹⁹⁷.

Apesar de Salgado dizer que eram exceções núcleos fechados pela polícia, podemos concluir que o Paraná era uma destas exceções. Casos como de Rio Negro exemplificam essa exceção. Além do Paraná, já exemplificamos o caso de Santa Catarina em que houve intervenção policial e temos também o caso da Bahia, que também haviam perseguições por parte de órgãos oficiais, como a polícia, desde 1935. Em 1936 já havia na Bahia diversos núcleos proibidos, fechamento de ambulatórios e escolas, inclusive com “inúmeros indivíduos vigiados pela polícia, para que não usem a camisa verde”.¹⁹⁸

Em abril de 1937 o “A Offensiva” noticia que “apesar das ameaças da polícia, cresce entusiasmamente o número de camisas-verdes” no Paraná. Segundo consta a reportagem, uma caravana saiu de Curitiba sob a direção do Chefe Provincial Vieira de Alencar, dirigindo-se ao município chamado Areia Branca, próximo a Lapa, no sudoeste da capital. Segundo o periódico, mesmo sendo notificado por Levy Saldanha, Chefe Municipal da Lapa, que a polícia havia proibido as solenidades de fundação do Núcleo local (a polícia havia recebido ordens superiores para impedir a reunião) ainda assim, as solenidades aconteceram e o núcleo foi fundado. Entretanto houve um desenrolar que aconteceu nos dias seguintes.¹⁹⁹

Ameaças da polícia

Deante dos boatos espalhados através da jornada, adeantando que a polícia perturbaria as solemnidades projectadas, centenas de brasileiros, deixaram de prestar juramento de fidelidade à Ação Integralista Brasileira. Allias, não faltou quem espalhasse a noticia de que o próprio Chefe Provincial havia sido preso em meio do caminho e que o governo iria, por meio de aviões, lançar bombas sobre o povo...

¹⁹⁷ O Estado - ano 23, nº 7237, 10/12/1937, p.1

¹⁹⁸ A Offensiva - ano 3, nº 221, 2/07/1936, p. 1.

¹⁹⁹ A Offensiva - ano 4, nº 461, 13/04/1937, p. 1.

Assim, na convicção de que o juramento não se realizaria, os inscriptos, em grande numero, se dispersaram, demandando suas residências.²⁰⁰

O periódico busca demonstrar que, apesar das perseguições da polícia, boatos, entre outros entraves, existia um grande entusiasmo. “Em todo território paranaense reina intenso entusiasmo pelas doutrinas do Sigma. A’s ameaças da polícia, o integralismo oppõe tenaz resistência. E quanto mais violência se comete mais e mais a bandeira do sigma se desdobra na Província.”²⁰¹ A AIB demonstra que quanto mais se persegue o movimento no Paraná, mais o número de adeptos do sigma cresce. Segundo eles, esta indignação é retro-alimentativa. Enquanto o estado está indignado com o integralismo pelo seu êxito, o integralismo logra mais êxito por demonstrar se opor ao estado.

Violências do Governo.

Provavelmente indignado com o êxito da caravana integralista, o governo do Estado quiz tomar (e effectivamente tomou) uma attitude hostil contra os camisas verdes do Paraná.

Por essa razão, dois dias depois dos juramentos prestados em Doce Grande, mandava prender, sem nenhum motivo justificável, o camisa verde Levy Saldanha, Chefe Municipal da Lapa.

Preso, o valoroso companheiro foi recolhido à penitenciaria do estado, onde ficou incomunicável.²⁰²

Apesar da fala de Salgado vemos que o próprio “A Offensiva” retrata uma ação policial contra um Chefe integralista. Paraná, Santa Catarina e Bahia têm os casos mais sintomáticos de perseguição oficial à integralistas, isso há tempos, antes de 1937. Portanto ao Plínio Salgado chamar de “raras exceções” as intervenções policiais, é evidente que os casos citados acima fazem parte destas. Em comum entre os estados do Paraná, Santa Catarina e Bahia havia o discurso contra as perseguições e conflitos. Usualmente eram usados o “perigo vermelho” a “escravidão do ideal maçônico” ou a “conspiração judaica” como motivo das perseguições. Havia um malabarismo para ligar estas questões.

Segundo a AIB, por esses grupos serem responsáveis pela perseguição, a resposta do povo era que mais e mais militantes se juntavam ao sigma. A narrativa passa essa inteligibilidade. A AIB é perseguida por socialistas, comunistas,

²⁰⁰ A Offensiva - ano 3, nº 461, 13/04/1937, p. 5.

²⁰¹ Id.

²⁰² Id.

marxistas, liberais, maçons e judeus, e o povo não aguenta mais as mentiras oriundas destes grupos. Por isso, ao observarem a perseguição, o povo toma a atitude de fazer o juramento integralista. Aproxima-se desta narrativa, por exemplo, a publicação do “A Offensiva” de maio de 1936 que comenta a prisão do chefe municipal da Lapa “motivada apenas pelo interesse demonstrado em relação a instalação do Núcleo de Doce Grande”, como motivo do “entusiasmo” que os camisas verdes do Paraná estavam embebidos.²⁰³

O “A Offensiva” continua no esforço em divulgar o Paraná nas suas páginas de forma que o integralismo no estado continua “em franco progresso”, apesar de todas as evidências que elencamos que nos dizem o contrário. Não há como se estranhar isso. O objetivo destes editoriais, notas e reportagens, como já comentamos, passa pela mobilização do entusiasmo no interlocutor. Esse é o principal objetivo na maioria das reportagens que encontramos no “A Offensiva” no ano de 1937 sobre o Paraná. Os títulos comprovam esta ideia. Ao total são 6 reportagens entre julho e outubro de 1937. Destas, duas são exclusivas sobre o norte do Paraná, outras três sobre uma comemoração em Curitiba e uma terceira sobre os universitários paranaenses, grupo liderado pelo paranaense Jorge Lacerda.

A publicação que falta é sobre o litoral do Paraná, de 30 de outubro de 1937. Apesar de todas as evidências o “A Offensiva” toma a posição de que “a difusão do integralismo no litoral paranaense” continua. Este é um momento ímpar. O integralismo caminha para a ilegalidade próxima, porém, continua sua narrativa como se nada fosse mudar. As facilidades de observar estas questões do futuro trazem mais formas de inteligibilidade, é evidente. Ainda assim, não há como conceber que a cúpula integralista, seja em Paranaguá, no Paraná ou nacional, não tivesse a mínima percepção de realidade que resultasse uma análise franca do futuro próximo. A posição do principal jornal da AIB é interessante. A escolha foi “manter as aparências”, até que tudo se tornou público em dezembro de 1937 com a exclusão da política na organização da AIB.

O “A Offensiva” ainda funcionou até março de 1938, de forma mais moderada, mesmo ainda continuando com as críticas à esquerda e ao marxismo, etc. Sobre Paranaguá, ao fechamento do núcleo seguiam-se outras atitudes. É de

²⁰³ A Offensiva - ano 3, nº 491, 19/05/1936, p. 1.

conhecimento geral da historiografia que em 11 de março de 1938 se deu a primeira “intentona integralista”, que foi rapidamente sufocada. Essa ineficiência do levante se deu pelo preparo do estado de Vargas contra a AIB. No Paraná, Jorge Lacerda, já era observado pelo DOPS antes da intentona. Podemos perceber que havia uma preocupação com os integralistas. Contém na Ficha Individual de Jorge Lacerda:

Em 1938 – A 13 de Fevereiro, foi iniciado um serviço de observações em torno de sua pessoa, por se ter suspeitas de fazer ligações ou tramando, um levante armado neste Estado e com ramificações em todo o Brasil, de caráter INTEGRALISTA²⁰⁴.

Não nos convém, neste momento, buscar razões ou motivos mais aprofundados que levaram às investigações dos integralistas pelo estado, além da militância. O que vale frisar é que os integralistas, principalmente as lideranças, tinham uma atenção especial do DOPS do Paraná. Obviamente o governo de Vargas sabia do poder de organização da AIB e não queria correr riscos, como factualmente aconteceu. Sem dúvidas Lacerda era o parnanguara mais vigiado pelo departamento. Sua pasta individual contém dez prontuários de observação entre o dia 13 e o dia 17 de fevereiro de 1938. Nestes prontuários podemos confirmar que Lacerda era observado dia e noite por inspetores encarregados de vigiá-lo. Os teores dos prontuários são semelhantes. Os inspetores basicamente esperavam próximo à residência de Lacerda, à época na rua Emiliano Pernetá, centro de Curitiba, e comumente o seguiam até a rua 15 de Novembro, onde Lacerda se encontrava com “companheiros” para conversar.²⁰⁵

Por vezes, os inspetores não reconheciam os ditos “companheiros” com quem Lacerda se encontrava. Porém, destacam que em algumas oportunidades os encontros se davam com antigos integralistas ou com militares. No prontuário 1589 de 14 de fevereiro de 1938, inclusive, é relatado um encontro de Lacerda com Vieira de Alencar no escritório do mesmo. Nada que indique nos prontuários uma atitude além de observação. Inclusive um dos inspetores relata que o seguia com mais de uma quadra de distância.²⁰⁶ Não há indícios também de uma prisão neste momento, somente uma intimação de depoimento em abril de 1938, já em decorrência do

²⁰⁴ Fichas Individuais DOPS: FI20.413. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁰⁵ Pastas Individuais DOPS: PI1967.387. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁰⁶ Id.

levante, como consta em sua ficha individual: “1938 – A 5 de Abril, foi intimado a comparecer nesta Delegacia afim de prestar declarações, sobre suas atividades no projetado levante de caráter INTEGRALISTA, na noite de 10 para 11 do mês de março”²⁰⁷.

Em Paranaguá, em 19 maio de 1938, o Chefe Municipal João Eugenio Cominese é preso e enviado a Curitiba, onde chegou no dia seguinte. Cominese permaneceu preso por cerca de um mês, sendo que foi posto em liberdade logo após prestar declarações. Estas declarações não constam nos arquivos, nem as de Lacerda e nem as de Cominese. Entretanto é interessante citá-los. Na ficha de Cominese consta o seguinte:

EX-CHEFE INTEGRALISTA DO NÚCLEO DE PARANAGUÁ

Em 1.938 – A 19 de Maio, foi preso na Cidade de Paranaguá, por determinações do Exmo. Snr. Dr. Secretário de Segurança Pública do Estado.

Em 1.938 - A 20 de Maio, chegou a esta Capital, escoltado por Inspetor desta Delegacia, sendo recolhido ao Quartel da Guarda Civil.

Em 1.938 – A 10 de Junho, foram tomadas suas declarações, como se vê no prontuário nº 569, cópia nº (vazio), e após foi posto em liberdade por Portaria nº 55, desta Delegacia.²⁰⁸

Assim, temos na ficha individual de João Eugênio Cominese um dos últimos dados disponíveis sobre o integralismo em Paranaguá que, neste momento, meados de 1938, já estava com o núcleo local fechado. Além disso há mais uma menção a integralistas de Paranaguá nos arquivos do DOPS do Paraná. Já no período de guerra, em 1942, quando se intensificaram ainda mais as resistências contra os integralistas ou, neste momento, ex-integralistas, temos uma denúncia feita por uma senhora de nome Isolina de Freitas que resulta em uma investigação por parte da delegacia. Diversos integralistas que já expomos anteriormente são citados. Segundo a ficha individual de Genáro Régis consta tal informação: “Em 29-5-1942 – Com o Ofício 114º Q.G. encaminhou a C.P. uma cópia duma carta assinada por Isolina de Freitas, na qual o fichado é apontado como ainda continuar com as ideias integralistas”.²⁰⁹ A carta consta arquivada no Departamento Arquivo Público do Paraná e contém o seguinte:

²⁰⁷ Fichas Individuais DOPS: FI20.413. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁰⁸ Fichas Individuais DOPS: FI09.407. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁰⁹ Fichas Individuais DOPS: FI33.990. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

Paranaguá, 14 de abril de 1942. Exmo. Snr. Gen. Comandante da 5ª Região Militar. Curitiba. Eu como brasileira, ciosa dos meus deveres para com a Pátria e não tendo palavras para exprimir os meus sentimentos de patriotismo, quero fazer deste artigo do Dr. Ciro Silva, que segue junto a este, as minhas próprias palavras. Venho apenas acrescentar que ex-integralistas fichados na polícia da nossa capital, CONTINUANDO COMO QUINTA COLUNISTAS QUE SÃO, pois até a hora do rompimento das relações do nosso país com o eixo, TRAVAM DISCUSSÕES ACALORADAS A FAVOR DO MESMO, tendo como quartel general, o CAFÉ JAMIL, onde não podiam, pessoas a favor da democracia, fazer parada, a não ser que quisessem entrar em conflito de ideias com os mesmos. Pois bem: traidores da Pátria como estes, ocupam cargos públicos, como sejam: HUGO CORREIA e Dr. ROQUE VERNALHA, sendo respectivamente Diretor e Inspetor Federal do Ginásio José Bonifácio, de Paranaguá; este último não foi integralista fichado, mas é um quinta colunista como não pode haver pior. E o Dr. GENARO RÉGIS, advogado da prefeitura, (este foi ex-chefe integralista em minha Paranaguá). Além de destes maus brasileiros, como é de conhecimento de toda Paranaguá, existem muitos outros como BERNADINO PEREIRA NETTO, mas quero apenas frizar estes que são empregados públicos..... (a) Isolina de Freitas.²¹⁰

Após a denúncia houve a resposta do Delegado Regional de Polícia, 1º Ten. Emilio Silveira do Valle, que se retratou no dia 1 de junho de 1942 sobre os ex-militantes que foram denunciados. Para o Delegado a denúncia era infundada. Segundo o documento: “Esta regional informa que, investigando o caso constante da presente denúncia, constatou não serem verdadeiros, em parte, os termos da mesma”.²¹¹ O termo “em partes” chama a atenção, pois, não há como contrapor o argumento da denunciante que alguns citados foram integralistas fichados. O documento continua:

O Snr. Dr. Hugo Corrêa, foi adepto integralista, mas, quando da campanha desenvolvida pelo Governo Brasileiro para a extinção do Integralismo, o mesmo já havia abandonado aquela agremiação, não mais tomando parte em reuniões nem discutindo ideias em quaisquer partes, mesmo assim, esteve afastado de suas funções que exercia naquela época, no ginásio José Bonifácio por denúncias que conseguiu desfazer-las, retornando em seguida, ao seu posto, estando atualmente, exercendo o cargo de Diretor do mesmo Ginásio.²¹²

O delegado mantém a argumentação citando outro denunciado:

²¹⁰ Pastas Individuais DOPS: PI1610.365. Departamento de Arquivo Público do Paraná, p.3.

²¹¹ Id., p. 5.

²¹² Id.

O Snr. Dr. Roque Vernalha, é frequentador do café Jamil, como qualquer outra pessoa pode ser, por se tratar de um lugar público; não foi adepto do integralismo e, antes do rompimento das relações diplomáticas do Brasil para com os Países do Eixo, o denunciado se externou algumas vezes sobre a situação mundial mas não em atitude desrespeitosa ao Brasil e ao seu regimem, porém, após o rompimento não mais tratou desse assunto, vivendo honestamente de sua profissão.²¹³

O documento continua sobre os dois outros denunciados.

Com relação ao Snr. Dr. Genáro Régis, é bem verdade que o mesmo foi integralista mas, também deixou de ser adepto, quando, por ocasião da campanha extintora, desenvolvida pelo Governo Brasileiro, tendo abandonado por completo aquelas ideias integralistas, vivendo atualmente, nesta cidade, no exercício da advocacia e como procurador da Prefeitura, onde tem se mantido perfeitamente integrado no regimem atual do Paiz. Com referencia ao Snr. Bernadino Pereira Neto, 1º Tabelião desta cidade, vive o mesmo completamente afastado de quaisquer ideologia contrária ao regimem, trabalhando no exercício de sua profissão, honestamente e nem frequenta o café Jamil.²¹⁴

O delegado finaliza comentando que procurou descobrir quem era a denunciante, “sendo essa completamente desconhecida nessa cidade”. Por este motivo chega à conclusão de tratar-se de uma “pessoa desafeta dos denunciados e tem assinado supostamente, com a finalidade única de prejudicá-los. O delegado continua argumentando que o café Jamil é um espaço público, inclusive frequentado pelo prefeito da cidade que, segundo ele, “vae constantemente com a finalidade exclusiva de observá-los”. O documento diz que o prefeito já havia recebido as mesmas denúncias, porém anônimas, e que, apesar das mesmas, esclareceu as afirmações constatando que não passavam de calúnias, pois, “si as pessoas citadas tiveram qualquer tendência, estão hoje, perfeitamente integrados ao regimem atual do Paiz”.²¹⁵

Apesar dos esforços do delegado regional, Isolina de Freitas volta a escrever uma carta ao Capitão Fernando Flores, Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública. A denunciante volta a afirmar que estes eram integralistas, e ainda mais, clama que sejam presos, como acontecera em outras cidades. A denunciante se diz patriota e por isso vê a necessidade de intervir, pois, acha um absurdo que além de

²¹³ Id.

²¹⁴ Id.

²¹⁵ Id.

não estarem presos, ainda ocupam cargos públicos. A segunda carta de 22 de setembro de 1942 diz:

Mas como brasileira que sou, ferve no meu sangue a mesma dose de patriotismo que nos demais patriotas brasileiros, e no momento crítico em que estamos passando, a exemplo do que foi feito no Rio de Janeiro, em que foram presos chefes integralistas, como Gustavo Barroso, Marcos de Souza Dantas e muitos outros, não acho justo que chefes e sub-chefes, e demais graduados integralistas de Paranaguá, continuem com a mesma liberdade, e muito ainda para cumulo nosso, são empregados públicos, como se não fossem quintas colonistas perigosos!

Dos cento e muitos integralistas que haviam, em Paranaguá, todos, quando acabaram-se os partidos políticos, também desapareceram, exceto um pequeno numero que tiveram o prazer de ser traidores da pátria, e a estes, juntam-se mais um, que não foi integralista fichado (conforme veremos adiante), e estes toda Paranaguá, prova que são quintas colunas.

E agora encabeçados por Dr. Genaro Régis, vivem agarrados com o nosso bom prefeito, pedindo a este misericórdia, como se este pudesse livrar-lhes da ira de 99% de Paranaguá, e da justiça, que a eles deve ser feita.

Sem outro assunto vou terminar, entregando nas mãos de V.S. a lista dos traidores da nossa Pátria, esperando justiça, para estes que são:

Dr. Roque Vernalha – inspetor federal do ginásio (este não foi integralista fichado, mas por suas ideias existas, chegou a brigar com seu maior amigo, Agripino Picanço). João Eugenio Cominese - chefe municipal. Dr. Genaro Régis -, sub-chefe, hoje procurador da Prefeitura. Hugo Correa - Diretor da Escola Normal. Genelício Porto – despachante da Alfandega. Generis Calvo Machuca – empregado do Loide Brasileiro. Francisco Costa também empregado do Loide. Bernadino Pereira Neto – tabelião.

Estes são os cabeças dos integralistas, e como, tais, não podem alegar ignorância, porque assim não se manifestavam até nosso rompimento com o eixo, mas sim, como arrogantes adeptos do mesmo.

Da sua criada as ordens

_ (a) Isolina de Freitas

Capitão, a França não foi vencida pelas armas, mas sim pela quinta coluna!

Que sirva esto para nosso exemplo.²¹⁶

Isolina de Freitas estava decidida em denunciar os antigos integralistas de Paranaguá. Porém nesta segunda carta não houve uma resposta oficial. Encontramos mais denúncias neste teor apontando apoiadores do eixo e “quinta colonistas”, porém, sobre integralistas só temos estas duas que encerram os documentos disponíveis sobre o integralismo de Paranaguá. Deste modo, temos uma linha do tempo firmada: setembro a dezembro de 1934 - período de coordenação, organização e fundação do núcleo municipal. Janeiro a maio de 1935 - período relativamente calmo de funcionamento do núcleo que tem como desfecho a expulsão dos integralistas do quadro da Loja Maçônica Perseverança. Junho de

²¹⁶ Pasta Temática DOPS. PT584a.65, Departamento de Arquivo Público do Paraná, p. 281.

1935 a junho de 1936 - período que se intensificam as perseguições aos integralistas no Paraná, Santa Catarina e também na Bahia. Estas perseguições resultam em diversas arbitrariedades das autoridades oficiais, como proibições, prisões e agressões. O ponto chave é o fechamento de todos os núcleos do Paraná em abril de 1936.²¹⁷ Assim, como já explanado, os núcleos ficam fechados até dezembro de 1936, quando são novamente postos na legalidade. O ano de 1937 corre de forma tímida inicialmente e resulta no fim da AIB, pois começa com os núcleos reabrindo e termina na ilegalidade da AIB no estado, ilegalidade definitiva.

3.2 FICHAS PROSOPOGRÁFICAS DOS INTEGRALISTAS DE PARANAGUÁ

Neste momento, direcionaremos nosso esforço para levantar dados pertinentes aos indivíduos encontrados e citados nas fontes documentais sobre os integralistas de Paranaguá. Para isso, valer-nos-emos do método de fichas prosopográficas para evidenciar a seletividade dos membros. Nosso foco é saber quem é quem no grupo integralista, e vislumbrar quais são seus objetivos políticos que vão alimentar o discurso.

A Prosopografia pode ser explicada simplificadaamente como uma “biografia coletiva”. Ou o levantamento de dados similares relevantes para a identificação de um determinado grupo, geralmente de elite. Entretanto suas contribuições vão além de uma simples acumulação de dados.

A premissa implícita é que uma compreensão de quem os atores foram levará mais longe a explicação do funcionamento da instituição a que eles pertenceram, revelará os verdadeiros objetivos atrás do fluxo de retórica política e tornar-nos-á mais capazes para entender suas realizações [...]²¹⁸

Esta passagem de Stone deixa clara a função *ad hoc* que a Prosopografia busca. A função de buscar uma série de *variáveis significativas*, no termo de Stone, para produzir os perfis dos indivíduos. Não vemos necessidade de nos estendermos demasiadamente nas fichas, portanto, procuraremos ser sucintos no texto, procurando informações previamente definidas. O objetivo é obter, “antes de mais

²¹⁷ A Offensiva, ano 3, nº 224, 5/07/1936, p. 1.

²¹⁸ STONE, Lawrence. **Prosopografia**, Revista de sociologia e política, v19, n. 9, p 115 – 137, jun. 2011, p. 120.

nada, um recurso para organizar, a partir de um problema sociológico determinado, os dados biográficos de um grupo para, aí então, se pensar as regularidades que há entre os atributos de seus atores conforme os contextos históricos”²¹⁹.

Pudemos identificar 16 indivíduos nas fontes documentais, mas muitos deles foram somente citados em nomes. Assim, pretendemos nos limitar somente à elite integralista do núcleo de Paranaguá, que identificamos a partir do método posicional utilizado por Wright Mills (1956). Este método consiste em identificar quem ocupa as posições centrais numa sociedade, grupo ou instituição. Ou seja, os que estão situados em cargos institucionais dentro da AIB – Paranaguá, ou no campo político da cidade. Esta metodologia de corte nos ajudou a limitar a produção das fichas para sete integralistas.

As variáveis significativas que pretendemos elencar nas nossas fichas são as características a serem buscadas sobre cada indivíduo, sublinhando que, não necessariamente, todas as características aparecerão em todas as fichas, pois temos mais informações sobre alguns do que sobre outros. Importante também salientar o tipo de documentação que utilizamos para a busca de dados: biografias encontradas no Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro do CPDOC – FGV e em pesquisas de memorialistas parnanguaras, fontes jornalísticas, principalmente dos jornais já utilizados “O Dia” e “Diário da Tarde” e fichas e pastas individuais da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná – DOPS/PR.

Os indivíduos selecionados para as fichas são:

1. João Eugenio Cominese
2. Carlos Neuffert
3. Genécio Marques Porto Filho
4. Hugo Pereira Correa
5. Genaro Régis
6. Vicente Montepoliciano Nascimento Junior
7. Jorge Lacerda

E as variáveis, portanto, são:

²¹⁹ HEINZ, Flavio; CODATO, Adriano. **A Prosopografia explicada para cientistas políticos**. In. PERISSINOTO, Renato; CODATO, Adriano. (Org) **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 255.

1. Perfil social (local e data de nascimento, filiação, escolaridade, instituições escolares pelas quais passou e em que data);
2. Atividades profissionais (algumas ocupações que o indivíduo teve durante a vida);
3. Situação socioeconômica (derivada indiretamente das ocupações);
4. Carreira política ou burocrática (alguns mandatos, funções e postos ocupados, dispostos cronologicamente e os partidos políticos correspondentes);
5. Conexões interpessoais (patrocínios políticos, negócios em comum, laços de casamento, de parentesco ou presença nas mesmas instituições);
6. Posições ideológicas (estimadas a partir do posicionamento e/ou participação nos principais eventos políticos do período estudado; da atividade jornalística ou literária).²²⁰

3.2.1 João Eugenio Cominese

João Eugenio Cominese é natural de Curitiba, mas passou toda sua vida em Paranaguá. Nasceu em 1904 e formou-se em contabilidade no instituto comercial do Paraná. Desde de jovem, Cominese começou a trabalhar na empresa Rocha S/A, empresa fundada pela família Rocha, a mesma do político brasileiro Caetano Munhoz da Rocha, que foi governador, prefeito, deputado e senador por Paranaguá, além de mentor político de Cominese.²²¹

Cominese iniciou na empresa trabalhando como ajudante de escritório, porém após o tempo que foi passando, chegou a gerente da empresa. A empresa foi fundada em 1864 por Bento Munhoz da Rocha, pai de Caetano, e sofreu diferentes transformações até a contemporaneidade. Vale frisar que em 1922 o pai de João Eugenio, Francisco Cominese, tomou a frente da empresa como gerente geral e deu continuidade aos empreendimentos, sendo que Caetano Munhoz da Rocha estava mais envolvido com a política do que com a empresa.

Além de empresário e executivo, João Cominese também teve uma articulação próxima com política de Paranaguá. Por sua empresa ser responsável

²²⁰ Adaptado de: PERISSINOTO, Renato; CODATO, Adriano. (Org). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 302.

²²¹ Aprofundaremos-nos mais sobre estas questões a seguir.

por uma das maiores receitas da cidade, principalmente na década de 1920, quando houve um aumento significativo da produção e exportação de café, Cominese colecionava relações com os escalões mais altos da sociedade e da política, o que reverbera até os dias de hoje. Isso se confirma no baile em comemoração aos 151 anos da empresa em 2015, onde compareceram não somente políticos e grandes empresários de Paranaguá, mas também o governador do estado no período proferiu um discurso na confraternização.

Cominese não se contentava com o que sua empresa lhe proporcionava e buscou liderar algumas frentes políticas na cidade. Seu envolvimento com Munhoz da Rocha, importante político do período pode ilustrar essa caminhada. Apesar de Cominese em 1930 estar à frente da empresa por no máximo dez anos, sua influência política na cidade era evidente.

Segundo o periódico “Correio do Paraná”, antes mesmo de Cominese assumir a chefia do núcleo municipal de Paranaguá, suas articulações políticas já se faziam evidentes. Cominese fez parte de um “golpe” para depor um dos interventores de Vargas, chamado Francisco Tovar, que segundo o jornal, não condizia com os interesses de Munhoz da Rocha e nem de Cominese na cidade. Isso demonstra uma força política tremenda, ao bater de frente com a burocracia federal de Vargas, algo que não era simples de se fazer, sendo que Vargas estava invertendo os papéis políticos do país desde de a chamada revolução de 1930. Cominese nesta reportagem é chamado de “agente ostensivo” de Munhoz da Rocha. Munhoz da Rocha claramente representa a oligarquia política anterior a Vargas, envolvida com a produção de café de São Paulo pela sua empresa de logística que agora Cominese comandava.²²²

Em 30 de setembro de 1934 temos uma pequena menção em “O Integralista”, dizendo que já se está “desfraldando a bandeira azul e branca” nos municípios vizinhos a Curitiba. Já abaixo transcrevo uma nota encontrada no “O Integralista” de outubro de 1934, registro que fala da fundação do núcleo municipal de Paranaguá, onde aparece o nome de Cominese e de outros indivíduos, elencados neste trabalho, como coordenadores.

²²² Trataremos destas questões novamente a seguir.

Na vizinha cidade litorânea, o integralismo tem sido pregado com ardor. Tem sido grande os esforços dos coordenadores João Eugênio Cominese, Hugo Correia, Jorge Marcondes, Edmundo Bastos e Genécio Porto. No dia 11 de novembro, o chefe provincial, acompanhado de uma legião de camisas verdes fundara o núcleo de Paranaguá, que desfaldando a bandeira do Sigma rebaterá as ideias exóticas além-mar.²²³

Podemos confirmar Cominese como Chefe Municipal através da informação tirada do jornal “A Razão” de 1 de maio de 1935, em uma sessão onde aparecem os nomes de todos os chefes municipais do Paraná, apenas 5 meses após a fundação do núcleo que segundo o recorte acima, aconteceu em 11 de novembro de 1934. Porém, para além disso, temos um recorte confirmando o seu cargo em maio de 1935.²²⁴ Já citamos estes estratos, entretanto entendemos que é importante repeti-los.

Paranaguá entrou neste instante numa fase de mais intensa vibração cívica. O chefe municipal, sr. João Eugenio Cominese, tem sido incansável ao lado de seus valorosos secretários. A sessão integralista realizada a 13 de maio impressionou otimamente a todos que assistiram. O número de integralistas tem aumentado consideravelmente.²²⁵

Igualmente a Genelicio Porto e Carlos Neuffert, Cominese foi expulso da loja maçônica Perseverança em 1935. É provável que suas articulações políticas para depor prefeitos, seus discursos a favor do integralismo não agradaram os obreiros da loja. Outro motivo é que a Maçonaria em Paranaguá era próxima ao governo Vargas através de Agostinho Pereira Alves, interventor por dois mandatos e também maçom da Perseverança. Tanto ele como Francisco Tovar, deposto a mando de Munhoz da Rocha, faziam parte da Aliança Liberal, antagônico ao movimento integralista.

Cominese também foi fichado pela Delegacia de Ordem Política e Social. Em sua ficha individual consta que seu envolvimento com o integralismo perpetuou até a proibição do mesmo, em 1938. Neste ano Cominese foi preso por determinações do secretário de segurança pública do Paraná, provavelmente pelo seu envolvimento com a intentona integralista que aconteceu no Rio de Janeiro no mesmo ano.

²²³ O Integralista – nº 6 – 30/10/1934, p. 1.

²²⁴ A Razão – nº 1-, 01/05/1935, p. 5.

²²⁵ A Razão – nº 3 – 17/5/1935, p.5.

Diversos integralistas foram presos neste momento em caráter preventivo. Cominese ficou preso entre 19 de maio e 10 de junho de 1938.²²⁶

Apesar destes acontecimentos e a derrocada dos integralistas, Cominese deu continuidade à sua caminhada política. Após a caída de Francisco Tovar em 1934, a interventoria de Paranaguá passou por um momento de instabilidade, até a chegada de Agostinho Pereira Alves novamente na interventoria. Mesmo assim, o penúltimo interventor da cidade foi Vicente Nascimento Junior, citado em alguns jornais integralistas como indivíduo que fez parte do movimento.

Após o fim da era Vargas no governo federal e a redemocratização do país, Cominese se candidatou a prefeito da cidade sendo eleito. Cominese foi o primeiro prefeito da cidade pós redemocratização em 1947. Porém, há menções a ele em outras tentativas para interventoria, sempre sufocado por outros candidatos favoráveis de Vargas.

Por fim, Cominese faz parte, mais evidentemente impossível, da elite econômica e política de Paranaguá. Prefeito não só em 1947, mas também em 1955, cumpriu seus dois mandatos. Além de prefeito e empresário, também foi vice-cônsul da Itália, presidiu instituições como a associação comercial de Paranaguá, Clube Olímpico e foi diretor do centro de comércio de café de Paranaguá. Recebeu o título de comendador italiano e morreu em 1988 em Paranaguá. Seu sobrenome figura em diversas ruas e bairros da cidade e é lembrado com saudosismo pelos memorialistas locais, porém até hoje seu envolvimento com o integralismo não tenha sido abordado pelos mesmos.

3.2.2 Carlos Neuffert

Carlos Neuffert foi um engenheiro civil – por vezes identificado como arquiteto - que residiu em Paranaguá até meados do século XX. As informações que encontramos dele se limitam à sua profissão e sua atividade política/ideológica, além de informações sobre sua família e círculos de interação social.

Não foi possível identificar o ano de seu nascimento e nem de falecimento, porém encontramos informações que podem vislumbrar essas características.

²²⁶ Fichas Individuais DOPS: FI09.407. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

Segundo pesquisas do arquivo histórico de Blumenau²²⁷, Neuffert foi casado com Elisabeth Rep e teve um filho chamado Gerhard Carlos Francisco Neufert²²⁸, nascido em 1917, em Curitiba. Porém, o mesmo arquivo o descreve como tendo cursado o magistério na escola normal de Paranaguá onde seu pai residia e era professor. Gerhard foi prefeito de Blumenau na década de 1950 e deputado estadual pela mesma cidade. Entre cargos políticos, Gerhard era formado em engenharia química e lecionava em alguns colégios.

As fontes que levantamos para a ficha de Carlos Neuffert são de caráter jornalístico – tanto de jornais integralistas como da imprensa civil - e documentos oficiais do governo do Paraná. Através destas fontes pudemos vislumbrar suas atividades em Paranaguá no período delimitado.

Neuffert era engenheiro civil / arquiteto do município de Paranaguá em 1928, como demonstra uma apelação cível do tribunal de justiça do Paraná²²⁹. Essa informação é confirmada no “Almanak Laemmert” do Rio de Janeiro, onde em 1930 e 1931, Neuffert aparece como um dos três únicos engenheiros civis na cidade de Paranaguá. Em 1937 no jornal “O Estado”, Neuffert aparece como um dos engenheiros do departamento da prefeitura que recebeu homenagens do então interventor Agostinho Pereira Alves.

Além de engenheiro e arquiteto, Carlos Neuffert foi professor da escola normal de Paranaguá, onde lecionava desenho entre 1928 e o início da década de 1940. Essas informações encontram-se nos Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, disponibilizado pela biblioteca nacional. Seu cargo de professor o fez ter uma homenagem em Jacarezinho na década de 1940, período que acreditamos ter se mudado de Paranaguá. Neuffert também fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá em 1931, juntamente com outro integralista, Vicente Nascimento Junior.

Pudemos comprovar o envolvimento de Neuffert com a Maçonaria, tanto em Paranaguá quanto em Jacarezinho, sendo que um colégio para crianças com

²²⁷Disponível em: <http://www.arquivodeblumenau.com.br/wp-content/uploads/2017/03/1n.pdf> ; Acesso em 7/01/2018.

²²⁸ Nas fontes que encontramos menções à Carlos Neuffert datadas da década de 1930, seu sobrenome aparece por vezes com a letra “f” repetida, já seu filho em fontes mais recentes aparece com a letra escrita uma única vez.

²²⁹ Disponível em: <https://tj-pr.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/6206999/apelacao-civel-ac-4934874-pr-0493487-4/inteiro-teor-12338348> acesso em 10/01/2018

necessidades especiais e que leva o seu nome como patrono, foi totalmente custeado, organizado e construído por uma loja maçônica da cidade, e que ainda hoje está em funcionamento. Interessante esta constatação pois, como veremos no último capítulo, as tensões ideológicas e conflitos simbólicos da AIB – Paranaguá se davam principalmente contra a Maçonaria. Neuffert foi expulso da Maçonaria em 1935, entretanto, após se mudar da cidade, recebeu homenagens da mesma instituição.

Em relação à política e ideologia, sua ida a Blumenau não é de todo estranho quando investigamos essas questões. Segundo o jornal “O Dia” de 1931, no dia 21 de junho foi fundado o “Club Alemão de Paranaguá” com a presidência de exatamente Carlos Neuffert. Isso nos leva a crer, através da pequena nota no jornal, que Neuffert ou era alemão, ou descendente direto de alemães. Pois, segundo a nota, o clube se destinava “a unir mais os alemães [sic] e os conhecedores do idioma alemão residentes em Paranaguá [...]”. Ainda segundo o periódico, o clube não se destinava a discussões políticas ou religiosas, porém isso não possa ser confirmado, já que a associação de Neuffert com a Ação Integralista Brasileira é bem documentada uns anos depois e quaisquer relações dentro de instituições tendem a se tornar políticas. Outras pesquisas aproximam descendentes de alemães e italianos do integralismo, em Paranaguá também podemos observar isso, seja com Neuffert ou com João Eugênio Cominese, ex-Chefe Municipal da AIB e também ex vice-cônsul da Itália na cidade.

O que podemos concluir, através do caráter posicional, é que Carlos Neuffert, fazia parte do seletto grupo da elite parnanguara, figurando nos principais jornais do estado, tanto em colunas sociais como reportagem sobre seus ofícios, seja de professor, arquiteto, engenheiro ou organizador de clubes e agremiações, como o Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, notório local de reunião da elite de Paranaguá.

3.2.3 Genelício Marques Porto Filho

Genelício Marques Porto Filho, como é encontrado nas fontes, era oriundo da Bahia, onde nasceu em 1900. Logo jovem se mudou para Santos e depois Paranaguá, onde chegou em 1926. As pistas que encontramos levam a crer que

Genelicio Porto vinha de uma família ligada às atividades aduaneiras. O fato de sua família passar por três cidades portuárias denuncia isto.

Como muitos outros dos indivíduos aqui levantados, Genécio acumulou cargos em Paranaguá em áreas distintas. Foi despachante aduaneiro²³⁰ e jornalista²³¹, se envolveu em diversas agremiações ligadas ao esporte, como presidente de um time de futebol da cidade²³², e também presidiu a liga parnanguara de futebol.²³³ Além disso, foi diretor de instituições filantrópicas. Instituições essas ligadas à Maçonaria na cidade, como o asilo São Vicente de Paula²³⁴ e a Santa Casa de Misericórdia²³⁵. Foi também presidente do Clube Republicano.

Outra semelhança de Genelicio com os outros indivíduos estudados, é sua grande articulação na política parnanguara, ocupando cargos em instituições de caráter público e envolvido desde o surgimento do núcleo integralista local com o movimento. Seu nome aparece nas primeiras menções ao núcleo municipal nos jornais integralistas de circulação regional. Segundo o jornal “A Offensiva” desde outubro de 1934 Genelicio fazia parte da militância em Paranaguá.²³⁶

Nesta publicação do “A Offensiva”, Genelicio é definido como coordenador do movimento, sendo que até o momento núcleo não tinha estabelecido sua hierarquia burocrática. Porém, mais adiante, o indivíduo volta a aparecer em outro cargo, como responsável pela biblioteca integralista no município.

Segundo o jornal “A Razão” de Curitiba, Genelicio era visto como “valoroso companheiro”, organizador da biblioteca que já contém “numerosos livros”.²³⁷ Tentamos encontrar mais informações sobre a biblioteca, mas a chance que tenha se perdido com o tempo é a que mais achamos ser realidade. Sabe-se, ao menos, que ela funcionou no ano de 1935 e que os outros integralistas eram incentivados a aumentá-la.

²³⁰ Diário do Paraná - nº 74 - 12/01/1946, p. 2.

²³¹ O Estado - nº 95 - 22/01/1937, p. 6.

²³² O Dia - nº 4668 - 16/10/1938, p. 2.

²³³ Diário da Tarde - nº 13674 - 29/07/1940, p. 2.

²³⁴ SOARES, Moisés O. **Clube Republicano. *130 anos* história e tradição**. Paranaguá, sem data, p. 45.

²³⁵ Última Hora - Edição do Paraná - nº 2.696 - 13/01/1961, p. 3.

²³⁶ O Integralista – ano 1, nº 6, 30/10/1934, p.1.

²³⁷ A Razão – ano 1, nº 2 - 10/05/1935, p 5.

Apesar de integralista, Genelicio era membro da loja Perseverança de Paranaguá.²³⁸ Loja essa que militou contra os Integralistas, não somente na cidade, mas divulgando suas análises sobre o movimento para outras lojas do país. Alguns pesquisadores, maçons ou não, demonstram o pioneirismo da loja perseverança na militância anti-integralista, principalmente na figura de Dario Nogueira dos Santos, parnanguara eloquente, também sempre envolvido nos laços políticos, sociais e econômicos dos indivíduos aqui elencados, como já comentamos durante o trabalho.

Dario Nogueira dos Santos foi responsável pela expulsão de Genelicio Porto em 1935²³⁹, ano que os integralistas de Paranaguá já tinham se organizado melhor. Essa expulsão foi divulgada além dos círculos integralistas ou maçônicos. Até mesmo uma reportagem do jornal “Diário da Tarde”, traz uma nota contando o ocorrido. Segundo o jornal, a Perseverança “rompeu hostilidades contra os camisas verdes” e “deliberou expulsar do seu seio” os militantes integralistas.²⁴⁰

Assim, podemos perceber que as motivações políticas de Genelicio Porto eram complexas. Além de integralista era maçom, e elas se tornam mais complicadas de entender quando nos deparamos com outra fonte, uma carta assinada por ele ao presidente Getúlio Vargas, datada de 1930. Onde ele e mais seis parnanguaras, formadores do chamado “Comitê liberal de Paranaguá” traçavam louvores e se solidarizavam às ações do presidente.²⁴¹

Por todo esse envolvimento em instituições da cidade, suas articulações sociais o levaram a receber o título de cidadão honorário de Paranaguá em 1968, ano de sua morte.²⁴² Genelicio Porto também é lembrado com saudosismo pelos memorialistas da cidade, característica essa, somada a todas as outras aqui expostas, que define sua importância no círculo social e político da cidade.

3.2.4 Hugo Pereira Correa

²³⁸Disponível em:

http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/0159_06_obreiros.htm acesso em: 12/01/2018

²³⁹ Trataremos destas questões no próximo capítulo.

²⁴⁰ Diário da Tarde - nº 12170 - 3/07/1935, pg. 8

²⁴¹ Arquivo Getúlio Vargas – FGV. rolo 2 fot. 0006/3. 17/02/1930.

²⁴² Disponível em: <https://camara-municipal-da-paranagua.jusbrasil.com.br/legislacao/677978/lei-719-68> acesso em: 13/01/2018.

Hugo Pereira Correia nasceu em Paranaguá no dia 16 de fevereiro de 1911. Passou toda sua infância e período escolar na cidade, tendo terminado os estudos na Escola Normal de Paranaguá, onde se formavam os professores do período na cidade. Após sua graduação no magistério, dirigiu-se para Curitiba para dar continuidade aos estudos. Formou-se no curso de Direito da Universidade do Paraná sempre retornando à Paranaguá.²⁴³

Apesar de ter terminado seu bacharelado em direito somente na década de 1940²⁴⁴, Hugo Correia lecionava em Paranaguá já em 1928. Acumulou diversos cargos na educação de Paranaguá. Foi professor de geografia, história, educação moral e cívica e estudos brasileiros e paranaenses. Além de professor, foi inspetor de ensino municipal em diversas cidades do litoral e diretor dos dois maiores colégios estaduais do período, escola normal e José Bonifácio.²⁴⁵

Hugo Correia não mantinha suas ocupações somente relacionadas à educação. Mantinha uma articulação com instituições de elite em Paranaguá, principalmente após a década de 1930. Essa articulação pode ser exemplificada nos cargos jurídicos que ocupava na comarca, promotor público e consultor jurídico da associação de portos de Paranaguá. Também foi eleito vereador em 1946, pelo recém-criado PSD, mesmo partido de João Cominese.

Foi membro de diversos clubes, institutos e agremiações da cidade, como clube literário, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá – sendo membro fundador²⁴⁶ -, do centro de letras de Paranaguá, entre outros. Como homem de letras, também colaborou com diversos jornais e foi patrono de escola estadual na cidade. Uma figura considerada ilustre aos memorialistas da cidade.

Entretanto Hugo Correia não teve sua primeira experiência política e ideológica com sua eleição em 1946. Hugo Correia fez parte do núcleo integralista desde sua fundação na cidade e a menção a ele nos jornais integralistas é muito entusiasmada. Os próprios integralistas se orgulhavam e enfatizavam o status de grande professor que era.

²⁴³ Informações retiradas da pesquisa feita por Moisés Soares. Disponível em : <http://msinstituto.blogspot.com.br/2016/06/nascido-em-paranagua-no-dia-16-de.html> Acesso em: 14/01/2018.

²⁴⁴ Diário da Tarde - nº 14078 - 19/12/1941, p. 6.

²⁴⁵ Diário da Tarde – nº 14884 - 13/12/1943, p. 5.

²⁴⁶ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, ano 1, número 1. Janeiro a março de 1932, p. 2.

O secretário de organização política Hugo Correa leu em seguida uma brilhantíssima conferencia sobre o descobrimento do Brasil. Lente de história do Brasil da Escola Normal, só poderia ter se saído com o brilho que o revelou no seu trabalho²⁴⁷.

Alguns outros episódios ao ativismo político também são interessantes, pois revelam algumas de suas relações sociais com outros membros da elite parnanguara. Sua ficha individual da Delegacia de Ordem Política e Social, aponta que no referendo integralista de 1937, Hugo Correia votou em Plínio Salgado, o que fez ser investigado por esse órgão público. Uma fonte que se abriu foi uma suposta ata deste referendo de 1937, que segundo a ficha de Correia, estaria arquivada na mesma delegacia, apesar disso não a localizamos.²⁴⁸

Na sua ficha também se encontra a já comentada denúncia feita por uma cidadã local de nome Isolina de Freitas, cujo texto abre precedentes para uma prestação de informações do delegado municipal ao DOPS de Curitiba.

Hugo Correia faleceu na cidade de Paranaguá, na década de 1950, mas ainda é lembrado por diversos órgãos públicos, agremiações e instituições. Mais um indivíduo que pode ser visto como parte da elite política da cidade, frequentando espaços de discussão, fazendo parte de organizações ideológicas, e de órgãos públicos.

3.2.5 Genaro Régis

Genaro Régis Pereira da Costa nasceu em Paranaguá em 1901, e semelhantemente à maioria aqui levantada nesta pesquisa, terminou seus estudos fora da cidade. Graduiu-se em direito e exerceu esse ofício em diversos cargos na cidade. Não conseguimos comprovar a instituição de sua graduação, pois memorialistas da cidade dissertam que ele passou por Curitiba, Santos e Vitória durante sua caminhada educacional.²⁴⁹

As fontes consultadas revelam que Genaro Régis passou toda sua vida profissional na cidade de Paranaguá, e mais uma vez, como os outros indivíduos

²⁴⁷ A Razão - nº 2 - 10/05/1935, p 5.

²⁴⁸ Fichas Individuais DOPS: 09707/226301. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁴⁹ Informações retiradas da pesquisa feita por Moisés Soares. Disponível em: <http://msinstituto.blogspot.com.br/2016/06/nascido-em-paranagua-no-dia-16-de.html> Acesso em: 14/01/2018.

que levantamos neste trabalho, acumulou cargos públicos, presidências e outros cargos em clubes e agremiações, entre outros ofícios, como o de advogado. Além disso, Genaro participou de diversos pleitos eleitorais desde jovem. O primeiro a aparecer nas fontes data de 1929, onde concorreu a deputado estadual. Genaro Régis obteve 3701 votos, porém ficou na trigésima primeira posição, sendo que somente os trinta primeiros assumiriam o cargo.²⁵⁰

Talvez pelo alto número de votos que recebeu, Genaro Régis concorreu ao pleito de deputado federal no ano seguinte, mas sua boa marca não se repetiu, sendo que acumulou somente seis votos e ficou em uma das últimas posições²⁵¹. Entretanto no levantamento de Moisés Soares, memorialista local, Genaro é apontado como tendo um cargo público federal, no qual se aposentou, porém até agora não conseguimos precisar o cargo. Acreditamos ser o cargo de tesoureiro da alfandega de Paranaguá, o qual até 1959 ainda estava empossado.²⁵²

Segundo outras fontes de caráter jornalístico, Genaro já ocupava um cargo na mesma instituição desde 1925, quando foi nomeado despachante aduaneiro da alfandega do porto de Paranaguá²⁵³. É fato, portanto, que Genaro, além de advogar desde a década de 1920, acumulou alguns cargos públicos relacionados à alfandega de Paranaguá, mais precisamente cargos fiscais, como a diretoria fiscal do tiro de guerra na mesma cidade em 1926.²⁵⁴

Em relação ao Integralismo Genaro Régis, aparece como orador em uma reunião noticiada no A Razão em 1935. Segundo o periódico, Genaro Régis leu um juramento de Gustavo Barroso na solenidade. Mesma solenidade que tiveram a palavra Carlos Neuffert e Hugo Pereira Correia.²⁵⁵ Nas menções que Genaro Régis aparece nos jornais integralistas, não podemos precisar algum cargo seu, porém foi possível identificar na sua ficha na Delegacia de Ordem Política e Social o seu cargo de secretário interino, segue abaixo o excerto de sua ficha individual.

No plebiscito da Ação Integralista Brasileira, como secretário interino daquela agremiação política, votou a favor de Plínio Salgado sob o nº 2,

²⁵⁰ A República – nº 379 - 29/11/1929, p. 3.

²⁵¹ Diário da tarde - nº 10722 - 9/4/1930, p. 1.

²⁵² Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3120398/pg-82-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-18-12-1959?ref=next_button a) Acesso em: 14/01/2018

²⁵³ O Estado do Paraná – nº 70 - 2/4/1925, p. 7.

²⁵⁴ O Estado Do Paraná – nº 413 - 13/05/1926, p. 3.

²⁵⁵ A Razão – nº 2 - 10/05/1935, p 5.

conforme consta no livro de atas de Paranaguá, arquivado nesta delegacia.²⁵⁶

Sua ficha também explicita que Genaro em 1942 era procurador do município na prefeitura da cidade, além de ter sido citado na mesma denúncia que Hugo Correia foi, a denúncia que Isolina de Freitas fez, “onde o fichado é apontado como ainda continuar com ideias integralistas”²⁵⁷, em reuniões que aconteciam no café Jamil em Paranaguá. A denúncia gerou uma retratação do delegado de Paranaguá, que tratou o caso como desdém (vide ficha de Hugo Correia e final do item 3.1).

A semelhança social e econômica dos integralistas de Paranaguá, ao menos os elencados aqui, demonstram que todos estavam não só envolvidos na política e/ou cargos públicos, como frequentavam espaços destinados a elite social da cidade, principalmente os clubes literário e republicano, centro de letras e instituto histórico geográfico. Genaro Régis foi também um dos presidentes destas instituições, sendo lembrado nos anais e festividades destas agremiações.

Pudemos confirmar, também, que Genaro Régis foi membro do comitê liberal de Paranaguá, pois sua assinatura figura na mesma carta que também se encontra Genelicio Porto, outro integralista. Genaro Régis foi eleito vereador em 1934, tomando posse em 1935, como consta nas atas da câmara de vereadores de Paranaguá. Porém passou o ano de 1935 e 1936 ausente das reuniões, não foi possível identificar a razão. Já no jornal “A Razão” há a menção à um integralista que foi eleito vereador em Paranaguá para o ano de 1935, e que comprovamos através das atas da câmara de Paranaguá em reuniões de dezembro deste ano. Ainda assim, Genaro Régis só figura novamente como vereador em 1937, ao menos nas reuniões, como consta no periódico “O Estado”.²⁵⁸ Antes disso, em 1936, ele aparece nas atas da câmara de vereadores de Paranaguá como “ausente”.

O mais interessante na trajetória de Genaro Régis, foi sua “mutação” ideológica, como Genelício Porto. Em 1930 figurava como liberal, em 1935 como integralista. Isso demonstra a maleabilidade dos personagens que compunham o campo político de Paranaguá. Portanto podemos concluir que Genaro Régis foi um dos mais importantes integralistas da cidade, junto com Hugo Correia, João Cominese, Carlos Neuffert e Genelicio Porto. Articulado não só politicamente,

²⁵⁶ Fichas Individuais DOPS: FI33.990. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁵⁷ Id.

²⁵⁸ O Estado – nº 120 - 23/02/1937, p. 8.

Genaro Régis frequentava a alta classe política, social e econômica da cidade e é fato, através da análise das fontes, que ele tinha grande reputação e era bem visto na elite de Paranaguá.

3.2.6 Vicente Montepoliciano Nascimento Junior

Vicente M. Nascimento Junior nasceu em 24 de janeiro de 1880 na vila de São Luís, em Guaratuba. Desde cedo cursou em Paranaguá as primeiras letras. Era filho de Vicente M. Nascimento e Maria Julia Nascimento. Não encontramos informações precisas sobre a profissão de seu pai, somente um indício de que seria “comerciante”. Já sua mãe era professora. Inclusive, Nascimento Junior, frequentou a escola em que sua mãe era professora na cidade de Paranaguá.

Segundo uma pequena biografia sua na Revista do IHGP, Nascimento Junior começou a trabalhar no comércio, “indo depois para a capital do estado onde também trabalhou algum tempo em casas comerciais”.²⁵⁹ Somente depois de este curto período que Nascimento Junior começou a se dedicar as letras, de início ao jornalismo. Foi repórter no “Diário da Tarde” e no “A República”, “Tribuna” e “Comercio do Paraná”, chegando em alguns a diretor e redator-secretário. Ao mesmo tempo em que trabalhava como jornalista foi funcionário público. Desempenhou o cargo de oficial de gabinete do Secretário da Agricultura do estado.

Após esta estada em Curitiba, Vicente Nascimento Junior mudou-se para Antonina, cidade onde também ocupou cargos públicos. Foi secretário da prefeitura e da câmara e também fundou o primeiro jornal diário da cidade, “O Município”. Com suas relações próximas à elite política da região do litoral do Paraná, bem como da capital, Nascimento Junior recebeu ordens de procurar terras para os primeiros colonos japoneses que se instalaram no litoral, precisamente na colônia do Cacatú. Nascimento Junior foi uma voz de defesa aos imigrantes, “defendeu-a como fator de trabalho inteligente e produtivo, estudando-a também sobre outros aspectos etnográficos e sociológicos”. Ele até mesmo publicou escritos no Japão que informavam sobre os contrêneos asiáticos aqui no Paraná.²⁶⁰

²⁵⁹ Revista do IHGP, ano 2, nº 6. Janeiro a março de 1955, p. 29.

²⁶⁰ Ibid., p. 30.

Ao retornar a Paranaguá, Vicente Nascimento Junior continuou a desempenhar cargos públicos e integrou a redação do “Diário do Comércio”. Foi também fundador do IHGP. Foi também diretor, secretário e presidente da Federação Espírita do Paraná no início do século XX. Em 1945 foi interventor municipal em Paranaguá aposentando-se em 1948 com 33 anos de serviço público. Foi membro da Academia Paranaense de Letras e produziu muitos textos para o IHGPR e o IHGP. Foi sócio do Clube Literário de Paranaguá e estava sempre envolvido com a elite intelectual e política da cidade. Suas publicações na Revista do IHGP seguem a tradição da historiografia que esses institutos reproduziam. Segundo a própria revista, de suas diversas publicações destacam-se <<Gabriel de Lara>> e um drama histórico <<A conquista do Itiberê>>²⁶¹. Seus textos são memórias dos grupos que “conquistaram” o Paraná e Paranaguá. O estudo sobre Gabriel de Lara se foca na individualidade do bandeirante, e o texto sobre o Itiberê comenta sobre a chegada destes bandeirantes na região.

Vicente M. Nascimento Junior é mais um exemplo de indivíduo típico do início do século XX. Ligado aos intelectuais, elite política e religiosa, foi, como muitos destes, jornalista e escritor e é até a contemporaneidade visto como um personagem ilustre de Paranaguá

3.2.7 Jorge Lacerda

Jorge Lacerda nasceu em Paranaguá no dia 1º de agosto de 1915. Era filho de dois imigrantes gregos, Kominos Jorge Lacerda e de Anastácia Lacerda. Logo jovem, ainda na década de 1920 Lacerda foi morar com os pais em Santa Catarina. A partir de 1926 Lacerda é admitido no “Gymnásio Catharinense”, instituição de ensino que estudavam alunos de condição econômica elevada.

No início da década de 1930, Lacerda se muda novamente para Curitiba onde começa a cursar medicina na então Universidade do Paraná. Logo de início se envolveu em movimentos estudantis. E, como demonstraremos diversas vezes, foi um ávido crítico político e líder da juventude integralista do Paraná. Foi também diretor do “A Razão”, jornal de propaganda e doutrina da AIB, desde sua fundação

²⁶¹ Id.

até a proibição de sua circulação. Neste jornal semanal publicava em todo número, sobre diversos assuntos.

Sua função na AIB do Paraná também estava relacionada com a ação de levar o integralismo para outras regiões. Destacamos que Lacerda foi o principal miliciano a ajudar a coordenar o núcleo municipal de Paranaguá. Estava presente regularmente nas reuniões que temos documentadas e prestava discursos com frequência na cidade litorânea. Lacerda sempre se mostrou em seus textos como alguém enérgico na defesa de seus ideais, ao menos na década de 1930.

Em 1940, após a AIB cair na ilegalidade, Lacerda, após se formar em medicina na Universidade do Paraná, muda-se novamente, desta vez para Niterói, no Rio de Janeiro. Nesta cidade também cursou direito e, em 1946, se lançou pela primeira vez à um pleito eleitoral, porém, não conseguiu se eleger. Segundo o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, Lacerda, em 1941 ajudou a fundar o jornal “A Manhã” de Niterói. Sua ficha no CPDOC diz que este jornal foi fundado para “defender o Estado-Novo”, o que, a primeira vista parece estranho para um integralista.²⁶²

Além do jornalismo, Lacerda exerceu cargos públicos na área do direito e, somente em 1950, elegeu-se deputado federal por Santa Catarina. Foi reeleito em 1954, e depois eleito em 1955 governador do estado. Segundo sua ficha no CPDOC-FGV foi membro da Associação Brasileira de Imprensa, chefe do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado e médico do Serviço de Assistência aos Menores. Sua vida profissional está atrelada diretamente ao poder público. Único cargo que exerceu fora da esfera pública foi de jornalista. Lacerda é também mais um caso de integralista que era intrinsecamente ligado tanto a elite política, seja em Paranaguá, Florianópolis, Niterói ou Curitiba, quanto a elite econômica. Lacerda veio a falecer em 1958 em um desastre aéreo em pleno mandato de Governador.

3.3 IDENTIFICAÇÃO E POSIÇÃO NO CAMPO POLÍTICO LOCAL DO GRUPO INTEGRALISTA

²⁶² Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lacerda-jorge> Acesso em: 12/01/2018.

Todas estas características tratadas anteriormente servem para serem aplicadas na metodologia de identificação de elites enquanto grupo político. Por qual razão delimitarmos o grupo de elite integralista? Primeiramente para “compreender o que ocorre nesses grupos, seja porque suas decisões tem efeito decisivo sobre a história das comunidades, seja porque sua dinâmica influi na maneira de viver dos indivíduos.”²⁶³ Assim, quando acrescentamos o termo político ao termo grupo de elite, nosso olhar nos restringe ainda mais, implicando características inerentes a essa variação. Outra questão, se diz em relação a que “pessoas que não tem uma base segura para julgar a realidade tendem a ajustar suas percepções na direção da definição que o grupo dá dessa realidade”,²⁶⁴ uma forma clara de mobilização afetiva dos movimentos fascistas, como a AIB. É factível pensar, portanto, que os militantes que se consideravam integralistas de Paranaguá, seguiriam essa elite simplesmente pela sua capacidade reputacional dentro do campo.

Não obstante, é válido pontuar que a oligarquia tradicional era ligada aos integralistas, esses, por sua vez, faziam antagonismo aos liberais, que são os apoiadores de Getúlio Vargas a partir da tomada de poder em 1930. Portanto reiteramos, os integralistas posicionavam-se como oposição a Vargas no espectro político de Paranaguá, o que é principalmente demonstrado na aproximação de Cominese com Munhoz da Rocha (representante da elite política tradicional pré-Vargas).

Assim, definimos nosso grupo de integralistas pelo tipo de unidade deste grupo de elite, pois, são eles que controlam, comandam, ou fazem parte das principais instituições da cidade. Desde o IHGP, grandes empresas, passando por instituições de ensino e cargos públicos. São dotados de recursos sociais que conferem poder a quem os detêm. O grupo tem uma influência econômica fortíssima, sendo que o Chefe Municipal é proprietário de uma das mais antigas e maiores empresas portuárias da cidade. Não seria absurdo afirmar que ele seria o mais poderoso empresário do período. Cominese representa a *elite da elite* econômica da cidade, um dos mais poderosos.

É também um grupo com definição política estabelecida no espectro ideológico. Defini-los como integralistas, porém, não determina sua posição no

²⁶³ MILLS, Theodore M. **Sociologia dos pequenos grupos**. São Paulo: Editora Pioneira, 1970, p. 12.

²⁶⁴ Ibid., p. 15.

campo político local, “a priori”, somente delimita uma de suas facetas dentro do campo. Assim, pensa-se, quais eram seus interesses em jogo na luta dentro do campo? Pragmaticamente, respondemos que é a retenção de Poder. Mas isso não pode ser furtado, ao revés, precisa ser conquistado, através da absorção de capital político. Deste modo, a seguir analisaremos o contexto político dos anos 1930, para que após, possamos trabalhar o discurso ideológico integralista de Paranaguá, dotando-o de sentido e objetivo.

Contudo, podemos adiantar que os integralistas estavam relacionados no outro espectro em que se posicionavam os varguistas, sejam eles neste momento liberais ou aliancistas. Os comunistas, em si, não aparecem neste jogo pelo poder, ficam em segundo plano. Percebemos que a elite política estava muito mais relacionada ao grupo integralista e aos liberais e aliancistas, esses, por sua vez, que até o final da década de 1930, estavam alinhados ao governo. Podemos determiná-los como legalistas. Apesar da Aliança Nacional Libertadora manter uma posição crítica a Vargas, ao menos em Paranaguá, vemos que dois de seus líderes estavam ligados à Aliança Liberal. Agostinho Pereira Alves Filho inclusive aparece como líder do comitê liberal que apoiou Vargas em 1930.²⁶⁵

De qualquer forma, é interessante ver que a dinâmica que fazia os grupos se relacionarem em Paranaguá era maleável. Os únicos que permaneceram relativamente coesos a partir de 1934 foram os integralistas. Pereira Alves, por exemplo, flutuou entre a Aliança Liberal, a Aliança Nacional Libertadora e outros partidos, como o PSD. Isso não quer dizer que haja uma incoerência em suas posições. O campo político é adaptável e os agentes do campo se moldam de forma a que possam absorver mais capitais políticos. Esses casos representam isso. Os agentes podem e devem se reinventar e se transformar a fim de atingir seu objetivo que é a absorção do Poder político local.

Ainda assim, os integralistas se mantiveram no mesmo grupo até o período de guerra, quando os últimos dados podem nos deixar observar sua posição dentro do campo. Cominese, por exemplo, até a década de 1940 era visto como integralista e, mesmo assim, conseguiu se eleger prefeito da cidade logo após a redemocratização. É interessante pensar neste sentido essas questões. Talvez, se

²⁶⁵ Arquivo Getúlio Vargas – FGV, rolo 2 fot. 0006/3, 17/02/1930.

não fosse pelo poder autocrático de Vargas e suas intervenções, Cominese teria sido prefeito muito antes, sendo que ele tinha muito capital político para trabalhar.

No mais, entendemos que é importante voltar um pouco na cronologia e observar como se deu a tomada de poder por Vargas em Paranaguá no início da década de 1930. Perceberemos que o mais importante é ter em mente quais indivíduos estavam atrelados a Vargas e a que grupos políticos eles pertenciam para que, deste modo, possamos no capítulo seguinte tratar do discurso ideológico e das mobilizações afetivas que circundavam o integralismo de Paranaguá a fim de se contrapor a esses.

3.4 CONTEXTO E DINÂMICA DE TENSÕES NO CAMPO POLÍTICO DE PARANAGUÁ A PARTIR DE 1930

Em Paranaguá, o intervencionismo de Vargas chegou com a mesma força que em outros locais, mas certamente com suas especificidades. Anteriormente ao levante, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Paraná, já em fevereiro de 1930, o Comitê Liberal de Paranaguá, ligado à Aliança Liberal, saudava Getúlio Vargas na sua empreitada atrás da eleição. Percebe-se, neste documento, o embrião que viria a desenvolver nos próximos meses as lideranças “revolucionárias” de apoio em Paranaguá. A carta continha o seguinte texto:

Próximo ao dia decisivo para a História de nossa Pátria, dia em que o povo reivindicará o direito soberano da escolha de seus governantes, o comitê Liberal de Paranaguá tem a honra de reiterar a V. Excia. os votos de inteiro apoio e de saudar na pessoa do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul o nobre, altivo e generoso povo gaúcho que de ha muito sendo sentinela avançada de nossa nacionalidade, colocou-se agora ainda uma vez, na vanguarda das hostes liberais em unanimidade que só por si é um padrão elevado do seu civismo e do seu amor às grandes causas nacionais. Paranaguá, 17 de fevereiro de 1930.²⁶⁶

A carta continha a assinatura do provável líder do comitê Agostinho Pereira Alves Filho, o primeiro a assinar. Seguido de Cesário Buffara, Fernando Germano Johanssen, Edmundo de Azevedo Werner e dois nomes que merecem ser pontuados: Genaro Régis e Genécio Porto. Os dois últimos devem ser destacados

²⁶⁶ Arquivo Getúlio Vargas – FGV, rolo 2 fot. 0006/3, 17/02/1930.

essencialmente por posteriormente, em 1935, fazerem parte da cúpula maior do núcleo local da AIB. Como o foco do nosso trabalho não necessita entender o porquê destes indivíduos migrarem do Comitê Liberal de Paranaguá, para um movimento notadamente antiliberal, como enfatizamos, pontuamos aqui apenas de forma ilustrativa, a fim de demonstrar a maleabilidade política que caracterizam os indivíduos de Paranaguá.

Apesar de explícito este apoio no começo de 1930, não há informações sobre organizações “revolucionárias” logo após a eleição de Júlio Prestes. Vargas só contatou Plínio Tourinho em julho. É, portanto, sensato imaginar que com Paranaguá não tenha sido diferente. O que podemos precisar é que na primeira semana de novembro de 1930, após o estabelecimento do governo provisório, o comitê liberal de Paranaguá mudou seu nome para comitê da Aliança Liberal de Paranaguá. Vinte dias após a tomada de Paranaguá, na carta de congratulações aos revolucionários, em 26 de outubro de 1930, alguns nomes permaneceram nas assinaturas, somente Genécio Porto não figurava mais, e os nomes de Nelson Medrado e Joaquim Fonseca Lobo foram adicionados.²⁶⁷

Apesar da atmosfera política já estar exalando ares revolucionários desde fevereiro, é factível pensar que essa conspiração só começou a ganhar contornos materializáveis a partir de julho. Ainda assim, somente no dia 5 de outubro foi mobilizado um batalhão chamado “João Pessoa” – um dos batalhões que foram organizados excepcionalmente para o movimento, chamados de batalhões patrióticos, o João Pessoa foi o único a entrar em ação, - que teria um envolvimento crucial no desenrolar da Revolução em Paranaguá.

O Batalhão João Pessoa estava sob a liderança do então Tenente Higino de Barros Lemos, e tinha uma missão bem clara desde sua arregimentação, defender, a partir de Paranaguá, as passagens marítimas oriundas de São Paulo e Rio de Janeiro, de um eventual ataque do General Nepumuceno Costa que viria do Rio de Janeiro, cuja informações haviam circulado pelos batalhões. O então Tenente Higino Lemos deu depoimentos ricos em detalhes à Luiz Carlos Tourinho, traçando toda cadeia de eventos que o levaram à Paranaguá.

²⁶⁷ O Dia – nº 2698, 6/11/1930, p. 3.

Este novo Batalhão, revigorado com a apresentação de outros oficiais, entre eles o 1º Tenente José Domingues dos Santos, do 15.º B. C., tem ordem para, por Varadouro, mesmo itinerário palmilhado pelo Dr. Afonso de Camargo, em sua fuga para São Paulo, não só fechar por este lado qualquer tentativa de penetração de tropa governamental na área da 5.ª Região Militar, como de prosseguir, na ofensiva, até Santos.²⁶⁸

Portanto sua missão inicial era proteger a mesma rota que o presidente do estado deposto, Dr. Afonso de Camargo, utilizou para fugir de Curitiba com destino à São Paulo. Segundo o Tenente Higino Lemos, sua ordem veio do “Capitão Dimas Menezes, nas funções de Chefe do Estado-Maior”, que lhe disse:

- O General Nepomuceno Costa, antigo comandante do 9.º R.A.M. e da Região, nosso velho conhecido, vem do Rio de Janeiro, via marítima, comandando tropa constituída, principalmente, por Fuzileiros Navais, com destino, ao que tudo indica, a Paranaguá. Dele recebemos um rádio, transmitido de bordo de um dos navios que o conduz, concitando a: todos nós a recebê-lo como velho companheiro e, juntos, defendermos o Governo. Mais algumas palavras continham esse rádio, das quais não me recordo bem. O que bem me lembro é ter usado o General Nepomuceno a expressão de “esmagará com mão de ferro os rebeldes”.²⁶⁹

Continuou ainda o Capitão Dimas Menezes:

- Você, com parte de seu Batalhão, vai descer a Paranaguá e impedir, a todo custo, o desembarque do General Nepomuceno.²⁷⁰

Respondendo, continua o Tenente Higino Lemes:

- Tudo farei para impedir esse desembarque, respondi. Caso sejam inúteis os esforços, detê-lo-ei o quanto possível na serra.²⁷¹

Entretanto essa não foi a única ação realizada. O batalhão saiu de Curitiba à meia-noite e chegou em Paranaguá na manhã do dia 6 pela estrada de ferro.²⁷² Ao desembarcar na cidade, após atestar a normalidade e segurança de sua tropa, o Tenente Higino encaminhou o Tenente Farmacêutico da Polícia “Gastão Marques,

²⁶⁸ LEMOS, Higino de Barros. Depoimento. In TOURINHO, Luiz Carlos P. **Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1980, p. 261-262.

²⁶⁹ Ibid., p. 265

²⁷⁰ id.

²⁷¹ Id.

²⁷² Ibid., p. 266.

de ir à Escola de Aprendizes de Marinheiros e convidar seu comandante a fazer-me [lhe] entrega da referida Escola, caso não aderisse à Revolução”.²⁷³

Pouco tempo era transcorrido, e o Ten. Gastão regressava, pálido, sobremodo nervoso. Disse-me: "O comandante da Escola não quer nada com a Revolução e nem com os revolucionários. Vi, pelas seteiras dos muros do pátio da Escola, intenso movimento de pontas de baionetas".²⁷⁴

Essa notícia deixou o Tenente Lemos apreensivo em relação ao decorrer da tomada de Paranaguá, que a princípio parecia acontecer sem mais problemas, e o levou a organizar o batalhão em direção à Escola de Aprendizes de Marinheiros. “Cerco-a em colunas, para assalto; as baionetas, armadas; a Seção de Metralhadoras, com as miras voltadas para a porta de entrada daquele estabelecimento”²⁷⁵, é o depoimento do Tenente Lemos sobre chegar à Escola. Após enviar um mensageiro o Tenente Lemos adentrou a Escola e solicitou que o Capitão Comandante a entregasse, que negou prontamente alegando “comandá-la legalmente” e tendo patente maior que o Tenente, não deveria acatar suas ordens. Entretanto após negociata, o Capitão, acabou cedendo.

Com os olhos injetados e quase em lágrimas, mas altivo e com dignidade, ordenou o Comandante que os alunos entrassem em forma e que ensarilhassem as armas. Assim foi feito. Pediu-me que o facultasse despedir-se de seus alunos, no que concordei. Em poucas palavras, muito comovido, despediu-se dos alunos em forma. Muitos deles com lágrimas nos olhos. Dirigindo-me aos oficiais, perguntei-lhes se concordavam em aderirem à Revolução. Concordaram, sem uma exceção. Inquerei-os quem, dentre eles, era o mais antigo. Apresentou-se o Tenente Garnier.

- Tenente Garnier, como mais antigo dos oficiais, assumo o comando da Escola, disse-lhe eu. O armamento me deverá ser entregue, mediante recibo.

Voltando-me para o Capitão, e, sem faltar-lhe ao respeito devido, disse-lhe:

- Capitão, peço recolher-se à sua residência e considerar-se na condição de preso. Acate essa ordem.
- Obedeceu.²⁷⁶

Assim, no dia 6 de outubro de 1930 “os contingentes do exército e da marinha que se encontravam em Paranaguá aderiram hoje [dia 6/10/1930] ao movimento

²⁷³ Ibid., p. 269.

²⁷⁴ Id.

²⁷⁵ Id.

²⁷⁶ Ibid., p. 270.

revolucionário”.²⁷⁷ Após a assimilação dos regimentos militares de Paranaguá, o Tenente Higino Lemos colocou-se à disposição para encontrar lideranças na cidade. Logo de início, após o episódio na Escola, em seu depoimento, o Tenente Higino Lemos comenta que o primeiro parnanguara a se apresentar foi Agostinho Pereira Alves Filho, no momento ex-tenente do exército. Alves Filho participou do levante de 1922, e foi ligado tanto ao comitê liberal de Paranaguá, em 1930 – como já demonstrado –, como foi liderança da Aliança Nacional Libertadora, posteriormente em 1935²⁷⁸.

Além de Agostinho Pereira Alves Filho, junto dele se apresentou um indivíduo relatado simplesmente como Sr. Medrado pelo Tenente Higino Lemos. A única informação dada no depoimento era que o Sr. Medrado fosse um Agente da Lloyd Brasileiro, empresa estatal de navegação e operações navais. Chama a atenção a identidade deste indivíduo²⁷⁹, pois segundo o Tenente Higino Lemos, foi a ele e a Agostinho Filho que foi perguntado sobre uma indicação para o prefeito interventor da cidade. Segundo o Tenente:

Sabendo acéfala a Prefeitura, pedi ao Sr. Medrado e ao Agostinho que me indicassem uma pessoa idônea para as funções de prefeito. Ao meu pedido, disse, sem pestanejar, o Sr. Medrado:

- O pai, aqui do Agostinho. Ninguém melhor do que ele para assumir a Prefeitura.

Sem que lhe pedisse a presença desse cidadão, já o Sr. Medrado, do meio do povo, me apresentava o pai do Agostinho. Levando-o à Prefeitura, investi-o nas funções de Prefeito.²⁸⁰

Segundo o Tenente, esta conversa aconteceu no mesmo dia de sua chegada, ou seja, dia 6 de outubro de 1930. Entretanto nos decretos do governo provisório,

²⁷⁷ Diário da Tarde – nº 10856, 06/10/1930, p. 8.

²⁷⁸ Verbete - **Agostinho Pereira Alves Filho**. – FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alves-filho-agostinho-pereira> Acesso em: 28/06/2018

²⁷⁹ Conseguimos ter um bom palpite sobre quem era o misterioso Sr. Medrado. Em pesquisa documental à grande imprensa paranaense do período, aparece na edição 2071 do jornal “O Dia” de 19/1/1934, uma assinatura de apoio à Manoel Ribas – então interventor federal do estado do Paraná – de Nelson Medrado Dias, representando a Lloyd Brasileiro. Além deste destaque, outra fonte documental atesta nossa hipótese. Na edição 11038 do jornal “O Diário Da Tarde” de 10/11/1931, trata em nota da visita de um Capitão chamado Antônio Viegas da Silva (ex-chefe de polícia do estado) abordo de um navio da Lloyd Brasileiro à Paranaguá. Este se hospedou “na residência do Coronel Nelson Medrado Dias, chefe da legião revolucionária desta cidade”. Mais um motivo é que Nelson Medrado assinou a carta de congratulações do comitê da Aliança Liberal de Paranaguá para os revolucionários, publicada na edição 2698 do jornal “O Dia” de 11/11/1930.

²⁸⁰ LEMOS, Higino de Barros. Depoimento. In TOURINHO, Luiz Carlos P. **Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1980, p. 270.

que começaram a ser publicados nos jornais no dia 5 de outubro, a primeira menção a Paranaguá, acerca da reorganização política da cidade aparece no dia 7, onde Genaro Régis é nomeado delegado da polícia de Paranaguá²⁸¹. A exoneração do prefeito de Paranaguá²⁸² só é publicada no dia 9 de outubro de 1930²⁸³, seguida da nomeação do Coronel Agostinho Pereira Alves, apesar de, como vimos no depoimento do Tenente Higino, já estar decidido desde o dia 6 do mesmo mês.

A principal liderança política de Paranaguá, antes da revolução de 1930, estava ligada à figura de Caetano Munhoz da Rocha. Munhoz da Rocha fez carreira política desde do advento da primeira república, passando por diversos cargos em diversos níveis. Uma das maiores lideranças políticas do estado, tinha como base política Paranaguá, onde encontravam-se seus negócios. Obviamente, Munhoz da Rocha não se contentou com a tentativa de enfraquecimento do seu poder.

Munhoz da Rocha vinha em uma escalada política desde 1904, quando foi eleito pela primeira vez deputado estadual. E desde então não saiu mais da política, até ser cassado em 1930. Em 1908 elegeu-se prefeito de Paranaguá, enquanto acumulava o cargo de deputado estadual. Ficou por dois mandatos, saindo em 1916 para ocupar o cargo de vice-presidente do estado do Paraná. Em 1920 elegeu-se presidente do estado, e reeleito, cumpriu dois mandatos, partindo para o senado em 1928. Chegou a ser eleito deputado estadual em 1935, após o suspiro do governo constitucional, porém foi cassado novamente com o estalar do Estado Novo. Dono de uma das maiores empresas portuárias de Paranaguá²⁸⁴, fundada em 1864 pelo seu pai, Caetano Munhoz da Rocha era um, senão o mais poderoso empresário da cidade na primeira república. Seu envolvimento na política casara bem com sua posição profissional, principalmente ligada à exportação. Além disso, Munhoz da

²⁸¹ Diário da Tarde – nº 10857. 08/10/1930, p. 3.

²⁸² Paranaguá vinha tendo problemas em manter um prefeito desde 1925, com sucessivas exonerações, nomeações e renúncias, em 1928 foi eleito O capitão Dídio Costa, que permaneceu no cargo até 1930.

²⁸³ O Dia – nº 2673, 09/10.1930, p. 2.

²⁸⁴ Ver ficha de João Eugênio Cominese. Apesar de que em 1922 a empresa fundada por seu pai, Bento Munhoz da Rocha, se tornara capital aberto, e passou a ser administrada pelo pai de João Eugênio Cominese, Francisco Cominese, a família Munhoz da Rocha continuava envolvida nos terminais e mantinha grande influência. Pouco a pouco o quadro societário da empresa foi se modificando até que o controle passou a ser exclusivo da família Cominese. Entretanto as relações entre as duas famílias continuaram próximas.

Rocha também era médico e colocado como comerciante em algumas fontes biográficas²⁸⁵.

No jornal “O Dia” de 29 de outubro de 1930, periódico que neste momento era alinhado aos “revolucionários”, publicou um artigo ácido contra Munhoz da Rocha. O subtítulo do texto, coincidentemente, chama a atenção para uma mesma questão que enfatizamos no nosso trabalho, “A Organização: Miniatura da República Feudalisada”. O interesse do autor do texto é demonstrar como o Paraná pode ser um exemplo de como era constituída a república até outubro de 1930.

O Paraná, como outros Estados da República, pode servir de espécime ao observador. Amplie-se o quadro, ter-se-á São Paulo; aumente-se o poder da lente; ter-se-á o Brasil. Sob a direção dos que, sem a educação política e moral convenientes, ascenderam as suas mais altas posições de mando.²⁸⁶

Buscava o redator demonstrar, de forma dramática como de praxe, que desde o governo de Carlos Cavalcanti “começaram a aparecer escândalos administrativos testemunhados e sancionados por um congresso de incondicionais amigos do futuro presidente”, no caso Afonso Camargo, o “fujão”, no qual era neste momento “o regente da orquestra”. O governo seguinte, de Afonso Camargo, segundo o artigo fez com que os orçamentos desaparecessem, “em uma bacanal administrativa sem exemplos na história de qualquer povo, e o presidente, retirando-se, deixou sua retaguarda coberta com a presidência do sr. Munhoz da Rocha, seu amigo íntimo e seu secretário de fazenda.²⁸⁷

O jornal denuncia o governo de Munhoz da Rocha por estabelecer, “mais um vício na engrenagem administrativa e mais uma vantagem sua contra o trabalhador do mesmo ramo”, ao comprar um terreno do governo, “fazendo por intermédio do seu chefe de polícia um simulacro de concorrência”, bem como se aproveitar “de todas as vantagens do cargo que exercia em benefício do seu comércio”. Segundo a denúncia “combinou as artimanhas de seu ofício com as vantagens de seu governo”. Após os quase dez anos no maior cargo público do estado, Munhoz da Rocha deixou o cargo para a volta de Afonso Camargo e segundo o artigo, “impôs para o

²⁸⁵ Caetano Munhoz da Rocha – Biografia do Senado. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1525> Acesso em: 29/06/2018.

²⁸⁶ O Dia – nº 2692, 29/10/1930, p. 1.

²⁸⁷ Id.

cargo de secretário de fazenda, o sr. Lysimaco Costa, que ingressara na política pelas suas mãos”.²⁸⁸

É ainda de notar que o senhor Munhoz da Rocha estava preparado para suceder ao sr. Afonso Camargo, a quem se ligara por íntimos laços familiares, estabelecendo-se então, no governo, as alternativas dos membros da mesma oligárquica família, que corrompeu de modo tão deplorável e tão fundo, a política paranaense.

Este sistema de coberturas sucessivas estabeleceria a perpetuação indefinida no governo: a possibilidade de disposição discricionária da fortuna pública; transformaria o estado, ou as suas forças econômicas, em usufruto dos que se instalavam nas posições oficiais.²⁸⁹

Deste modo, fica claro a partir da posição de apoiadores dos revolucionários, no caso, o periódico “O Dia”, que Munhoz da Rocha era o ponto central que dominou politicamente por maior período a primeira república no Paraná. Literalmente colocado como força oligárquica pelos opositores revolucionários, Munhoz da Rocha foi o que mais perdeu poder com a tomada de Vargas, tanto que foi preso em novembro de 1930.

Apesar de ser preso fora de Paranaguá, Munhoz da Rocha continuava a influenciar as tensões que aconteciam dentro do município. Destaca-se o episódio da derrubada de sua estátua que lhe fazia homenagem na mesma cidade. Segundo “O Dia”: “não há dúvidas” que o “Caso da Estátua do Sr. Munhoz da Rocha” teve impacto direto em uma instabilidade política que aconteceu um mês após o Tenente Higino Lemos deixar Paranaguá. Agostinho Pereira Alves, então interventor, pediu exoneração do cargo, junto com o secretário municipal, Roberto Barroso – também diretor do “Diário do Comércio”, no momento fechado pelas forças varguistas – e Francisco Lobo, delegado da polícia marítima.

O caso da estátua serviu até mesmo para identificar os chamados pelo “O Dia” de “partidários daquele senador, ou da situação decaída”, onde claramente esse grupo já se apresenta como oposição ao governo provisório. Identificam-se os indivíduos que assinaram uma carta cobrando esforços da polícia para identificar quem proferiu a “desagrave e inoportuna” profanação da estátua, por ser o “sr. Munhoz da Rocha no momento, preso político”, Francisco Lobo, João Eugênio

²⁸⁸ Id.

²⁸⁹ Id.

Cominese - já identificado Chefe Municipal da AIB posteriormente -, Roque Vernalha, Otto Segui, Dócil Silva, Franklin de Melo e Seme Mattar²⁹⁰. Os grupos começavam a se desenhar dentro do campo político reestruturado pela tomada do poder político por Vargas. De um lado a Aliança Liberal de Agostinho Pereira Alves Filho e Nelson Medrado, e do outro, representantes da oligarquia tradicional pré-Vargas, Munhoz da Rocha, João Eugênio Cominese e Roque Vernalha.

Ao tomarmos a cabo o nível de estabilidade através da nomeação de interventores em Paranaguá, percebemos que muitos deles não permaneceram no cargo por mais que um ano. Ao total tivemos 14 interventores, um número alto se levarmos em conta a hipótese de Ricardo Oliveira que os cargos da elite política do Paraná obtiveram uma certa estabilidade. Percebe-se, então, que havia uma tensão política em Paranaguá que demonstra uma instabilidade no exercício do poder político na cidade. Agostinho Pereira Alves tomou posse oficialmente dia oito de outubro de 1930 e ficou somente por um mês, seguido do Tenente Cristóvão Vieira que ficou por oito meses. No dia seis de novembro de 1931 assume João Henrique Costard que também não chega a permanecer por mais de um ano no cargo.

Destaca-se a nomeação de Carlos Ernesto Schulz em primeiro de agosto de 1932, que permaneceu na interventoria por pouco mais de um mês. Schulz fora denunciado por diversas vezes tendo se envolvido com o Partido Comunista do Paraná e de Paranaguá, sendo preso em 1937, como comprovam documentos da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS²⁹¹. É citado também seu envolvimento com a Aliança Nacional Libertadora - ANL²⁹², o que deve ter ajudado em sua nomeação, já que Agostinho Pereira Alves Filho era líder da ANL em Paranaguá, em meados de 1935, antes de ser eleito deputado.

Esse malabarismo ideológico que mostrou-se comum em Paranaguá, onde o líder da Aliança Liberal – Agostinho P. Alves Filho – se torna liderança da Aliança Nacional Libertadora, apoia o líder do Partido Comunista de Curitiba como interventor de Paranaguá, mesmo que por pouco tempo, somado ao caso de Genaro Régis, que passou de nome forte do varguismo e também da Aliança Liberal de Paranaguá, à secretário do núcleo municipal da AIB em Paranaguá, demonstra um

²⁹⁰ Id.

²⁹¹ Fichas Individuais DOPS: FI38.775. Departamento de Arquivo Público do Paraná.

²⁹² Pastas Individuais DOPS: PI650.319. Departamento de Arquivo Público do Paraná, p. 3.

cenário caótico, onde a maleabilidade e volatilidade das estruturas políticas demonstra efeito.

A desconfiança era tanta, que até mesmo uma série de artigos publicados pelo “O Dia” a partir de 4 de novembro de 1930, satirizava essas lideranças “revolucionárias” a fim de trata-la como oportunistas. Criou-se o termo “rabanete”²⁹³ para esses indivíduos, em alusão às cores do vegetal, a fim de ilustrar um indivíduo que por fora é uma coisa e por dentro outra²⁹⁴. O jornal cita o exemplo de Roque Vernalha, “elemento de inteira confiança do poder caído”, que fugiu para Florianópolis, abandonando o cargo de médico da prefeitura de Paranaguá no ato da revolução, e depois voltou tendo “prestada pelos rabanetes condigna recepção e a posse do fujão realiza-se com calma e simplicidade”²⁹⁵.

Até mesmo os oligarcas tradicionais eram acusados de “rabanetadas”, sendo que um texto assinado pelo pseudônimo de “Rabanetinho”, correspondente de Paranaguá do “O Dia”, anunciou que “somente em Paranaguá, somente nas plácidas margens do Itiberê, somente na risonha sala de visitas do Paraná, é que o regime oligárquico ainda impera, porque seus velhos alicerces ainda estão imperando, para a vergonha nossa”²⁹⁶. Fica clara a perspectiva de que em Paranaguá a interventoria encontrou forte resistência, tanto pelo poder da antiga oligarquia, utilizado pelos seus apoiadores, como Cominese e Francisco Lobo, quanto pelos liberais que se distanciaram da AL em direção mais à esquerda.

A tentativa de estabilizar o campo político de Paranaguá veio com a nomeação do interventor Francisco Tovar, que permaneceu no posto por um pouco menos de dois anos, assumindo em setembro de 1932, sendo deposto em abril de 1934, até o momento o período mais longo de um interventor no posto. E foi justamente neste período que as tensões em Paranaguá, entre o grupo Varguista e o grupo “Oligárquico” começaram a se acentuar e tomar contornos públicos. As intervenções não chegavam somente a cargos políticos e de funcionalismo público,

²⁹³ A melhor definição que encontramos foi o do jornal “O Dia” edição 2710, de 20/11/1930 na primeira página, que define como rabanete “o situacionista de ontem, instrumento dócil ou amigo incondicional dos governantes decaídos, travestido hoje de idealista e sincero revolucionário”. Ainda assim, o termo era usado também de modo pejorativo à indivíduos ligados à ANL e o PCB. Verdadeiros camaleões que se adaptam à sua vontade.

²⁹⁴ O Dia – nº 2696, 04/11/1930, p. 8.

²⁹⁵ O Dia – nº 2702, 11/11/1930, p. 5.

²⁹⁶ O Dia – nº 2703, 12/11/1930, p. 3.

até mesmo o preço de produtos básicos era decidido pelo interventor municipal, sendo quem não seguisse, sofreria represálias através de fiscalizações²⁹⁷.

Francisco Tovar obtinha cargos públicos desde meados da década de 1920, quando era Liquidatário do estado do Paraná²⁹⁸ e posteriormente, fiscal de bancos do estado Paraná, em 1931²⁹⁹. Sua pessoa é um tanto quanto nebulosa, sem posicionar-se com afinco politicamente. Acabou fazendo parte do acontecimento mais interessante antes da fundação do núcleo de Paranaguá da AIB, pois desde sua nomeação se envolveu em confusões. Não só nas questões estritamente políticas, Tovar se fazia valer de seu cargo, até mesmo para ameaçar o diretor da escola de seu filho, que fora posto para fora da sala de aula, gerando um mal-estar entre a prefeitura, polícia e a comunidade de professores³⁰⁰.

Além de questões internas, Tovar figurava em outras notícias, sempre tumultuando sua posição no cargo de interventor, exemplo de notícias que saíram em outubro de 1933, defendendo que Tovar havia pedido exoneração do cargo, o que foi desmentido pelo mesmo³⁰¹. E, apesar de desmentir o caso, a interventoria de Tovar vinha sofrendo sucessivas críticas durante o ano de 1933. Foi indiciado em 1933 por crime eleitoral³⁰², sendo absolvido quatro meses depois³⁰³. Apesar de ser afastado do campo por este período, no jornal “Correio do Paraná”, pedia uma sindicância contra Tovar, para que ele fosse exonerado, “já que haverá transformado a prefeitura em alguma coisa parecida com uma propriedade sua”³⁰⁴. Mais ácida, o comentário que seguiu em outra edição foi que: “este senhor, talvez pela sua ignorância, entende que o cargo que ocupa é soberano e que todos devem curvar-se a sua pessoa”³⁰⁵.

Com a imagem abalada, Tovar não duraria muito no cargo. Em 23 de junho de 1934, no jornal O Correio do Paraná, encontramos a denúncia de um golpe para depor o interventor Tovar. Obviamente, após as causas de sua soberba ao defender o filho, bem como seu processo por crime eleitoral, foi consumada a sua caída.

²⁹⁷ O Dia – nº 2700, 8/11/1930, p. 3.

²⁹⁸ O Dia – nº 1079, 9/11/1926, p. 7

²⁹⁹ O Dia – nº 2195, 6/03/1931, p. 5.

³⁰⁰ O Dia – nº 2874, 30/05/1933, p. 4.

³⁰¹ O Dia – nº 2985, 6/10/1933, p. 1.

³⁰² Correio do Paraná – nº 326, 17/06/1933, p. 1.

³⁰³ O Dia – nº 2997, 20/10/1933, p. 3.

³⁰⁴ Correio do Paraná – nº 215, 30/01/1933, p. 3.

³⁰⁵ Correio do Paraná – nº 312, 1/06/1933, p. 3.

Podemos asseverar que a saída do Prefeito Tovar de Paranaguá obedeceu a uma imposição do sr. Munhoz da Rocha que achava naquele revolucionário um tremendo empecilho a sua política cujo o ponto de partida foi, e ainda é aquela cidade. Os elementos que atuaram para que se praticasse o golpe injustificável foram, Silfredo Veiga, João Eugênio Cominese, Francisco Costa e Deócilo Silva, ora agentes ostensivos de Munhoz da Rocha.³⁰⁶

Todo este contexto serviu de pré-condição para a mobilização da ideologia integralista no ano seguinte ao “golpe” contra Francisco Tovar em Paranaguá. Este conflito fez abrir oportunidades sociais e políticas para a fundação do núcleo na cidade. A hipótese que elucidamos é que esse conflito local pelo poder político demonstra o estabelecimento do grupo integralista dentro do campo de embate. Havia a necessidade de representar em ideias – em discurso mobilizador, o combate no campo político contra o inimigo pragmático dos indivíduos ligados à AIB – Paranaguá. Os integralistas vestiram a indumentária, num ato mais que simbólico, e introjetaram o espírito, o sentimento integralista a fim de mobilizar um movimento contra seus inimigos no campo político local.

³⁰⁶ Correio do Paraná – nº. 623, 23/06/1934, p.1

4 PAIXÃO POLÍTICA INTEGRALISTA DA AIB – PARANAGUÁ

4.1 MOBILIZAÇÃO DE SENTIMENTOS CONFORMES AO INTEGRALISMO A PARTIR DO JORNAL “A RAZÃO - PARANÁ”

Ao levar em conta que todo campo político é um campo de embate, de competição pelo poder e capital político, é coerente pensar que a elite integralista de Paranaguá estava inserida em um contexto de conflito. Portanto, neste ponto de vista, há uma condição que implica estar em contraposição a outro grupo ou grupos antagonistas na esfera local. Não somente ao campo político local. Como vimos no início deste trabalho, uma das características, não só do integralismo, mas dos fascismos genéricos, é a criação de inimigos. Isto está além da perspectiva local do integralismo, está presente na sua doutrina geral, faz parte da organicidade da AIB.

Deste modo, como buscamos destacar, cada localidade expressa suas especificidades. A busca pelo poder político local é o combustível que alimenta a construção de um inimigo próximo local a ser combatido, o que demanda uma narrativa para a sua deslegitimação, aniquilação ou supressão.

Assim, um caminho se abre entre o objetivo e o subjetivo. Entender o contexto objetivo do integralismo em Paranaguá e relacioná-lo com o contexto político local é imprescindível para que possamos compreender os meandros das mensagens de caráter emocional que serviam de mobilização de militantes do município através do discurso no jornal “A Razão”. Não é possível analisar a condição de um universo dos afetos integralistas de Paranaguá, através de sua propagação ideológica, se não tivermos claro o contexto histórico em que o surgimento do núcleo de Paranaguá aconteceu, bem como as dinâmicas e conflitos políticos que sucederam após. Por essa razão os levantamentos dos dados obtidos no capítulo anterior são de suma importância.

Longe de reduzir o contexto a uma análise genericamente expressa do Varguismo em Paranaguá, devemos ter em mente o grupo explicitado no capítulo anterior, sob a liderança de Cominese e o grupo que se ergue em contraposição, sob a liderança de Agostinho Pereira Alves (pai e filho), Felipe Chede, Miguel Buffara e Dario Nogueira dos Santos. A atuação política destes grupos não se iniciou com o surgimento do núcleo da AIB em Paranaguá. Portanto, por essa razão,

foi importante retornarmos no capítulo anterior aos primeiros anos da interventoria de Vargas para percebermos a atividade política que os futuros integralistas se inseririam. Assim, neste momento, deixaremos de lado os indivíduos em si, bem como a institucionalidade do núcleo, para nos focarmos no discurso ideológico mobilizador de sentimentos conformes. O objetivo neste capítulo é apresentar a construção ideológica que mobilizará estes sentimentos.

Na observação destas mobilizações vemos uma série de afetos. Temos como objetos de análise dois afetos principais, o ressentimento e o ódio³⁰⁷, o que implica em uma perspectiva de *ressentimento a quem, e ódio a quem*. Ao perceber a quem se dirigem estes afetos, podemos observar a quem os integralistas de Paranaguá se opunham, ou melhor, quem eram seus inimigos práticos dentro do campo político local. O medo e a esperança fazem parte dos outros afetos que visamos observar e servem temporalmente do mesmo modo para criarmos o entendimento de como os integralistas de Paranaguá faziam a manutenção das paixões corporais e das mobilizações de sentimentos conformes. Perceberemos que outro sentimento, o de desamparo, também aparece, pois, o medo implica em um sentimento de desamparo, que o integralismo suprime enquanto narrativa. Por essa razão, a importância da condição temporal do afeto. O medo do que está por vir, a esperança de uma mudança, o desamparo para resolver essa situação ruim imposta que subjetiva um ressentimento que, por sua vez, se externa em ódio a determinado grupo.

Já demonstramos em outras instâncias que os integralistas de Paranaguá estavam contrários ao governo federal e aliados aos políticos tradicionais da cidade, a elite política anterior a 1930. Neste momento buscamos nos discursos oriundos da AIB que contemplam o contexto político local, estes inimigos.

³⁰⁷ Um historiador que já trabalhou com essas mesmas instâncias afetivas foi Rafael Athaides (2012). Já comentamos na introdução, mas é importante relembrar. Segundo o historiador, o integralismo possui uma tríade de afetividade que se expressa pela paixão militante, o ressentimento e o ódio, como comentamos na introdução. Ao observar seu trabalho, buscamos complexificar essa tríade acrescentando mais afetos que consideramos de suma importância para o entendimento das paixões políticas no âmbito do integralismo. Essa complexificação irá passar necessariamente por uma perspectiva que leve em conta a temporalização afetiva. Assim, como acontece com o ressentimento que é um sentimento que precede o ódio, segundo Arendt apud Ansart (2004), buscamos outros afetos temporais como o medo e a esperança, além, é claro, do já citado entusiasmo, a fim de construir uma série de sentimentos que são mobilizados pela AIB no recorte. Para nós todos estes afetos estão ligados à paixão política integralista, são interdependentes e indissociáveis, pois estão ligados pela sua característica temporal e teleológica, como vamos buscar demonstrar a seguir.

Ao observar a posição ideológica dos integralistas de Paranaguá a partir da mobilização de afetos e sentimentos conformes presentes nas fontes, jornais que serviam de alicerce para o militante se inserir na doutrina integralista, percebe-se que é necessário ao militante se inserir em uma espécie de cosmologia integralista que vá além do entusiasmo tratado no capítulo anterior. Apesar do entusiasmo ser o sentimento conforme mobilizado por primeiro, os outros sentimentos elencados também servem de poderes estruturantes, ou seja, são modos de subjetivação da doutrina integralista que carregam uma carga mais complexa de entendimento. O mundo dos afetos no integralismo é constituído de alguns temas neste momento e neste recorte local: o ufanismo nacionalista, a espiritualidade e o mito conspiratório. Estas três grandes temáticas afetivas do integralismo são interdependentes. São subordinadas à instância geral dos sentimentos conformes ao integralismo que podemos definir como paixão política integralista e que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada a percepção temporal afetiva.

Sem estranhamento, a AIB – Paranaguá respondia, ou se defendia, contra perseguições. Basicamente percebemos que duas instâncias vão sendo trabalhadas logo de início, a espiritualidade e o mito conspiratório, uma estética moral e outra ideológica. As duas ligadas à salvação nacional que só a AIB pode trazer. A espiritualidade com o “arrebato da alma parnanguara” e o mito baseado em uma instância doutrinária integralista que se contrapõe ao materialismo, ou o que a AIB entende por materialismo. Um ponto de partida eficaz é o texto publicado no “A Razão” assinado por D. Soares em 17 de maio de 1935, mês seguinte a expulsão dos integralistas da Loja Maçônica Perseverança, até mesmo por ser, cronologicamente, o que inicia a narrativa integralista mobilizadora direcionada a Paranaguá e que visam subjetivar no interlocutor os determinados sentimentos conformes ao integralismo.

BIFURCAÇÃO

D. Soares

(Do núcleo integralista de Paranaguá)

Assistimos aos estertores, as últimas manifestações da vida da Liberal Democracia, que em tão longo período cumpriu em nossa Pátria, as suas legítimas finalidades, enfraquecendo, dividindo, esbulhando e encharcando de vergonha a dignidade, a economia e a honra nacional.

Ao chegarmos na última etapa desse regime, nos deparamos ante a bifurcação inevitável que nos conduziu e constatamos a existência de forças já organizadas aptas para disputarem entre si, palmo a palmo, ideias perfeitamente antagônicas, regimes que expressam pontos de vista

absolutamente opostos. Ante a insofismável verdade brasileira, afastada esta qualquer possibilidade de continuação desse regime falido, a Liberal Democracia. É então que a bifurcação se nos apresenta inexorável, exigindo de cada um de nós um raciocínio e um desprendimento capaz, ao enveredarmos para a Direita com DEUS, PATRIA E FAMÍLIA, ou para a Esquerda com o TERROR, VIOLENCIA E MATERIALISMO! Como nos ensinam os sábios Evangelhos, a estrada que conduz o Mal, é fácil e bela ao passo que a que conduz para o Bem, é cheia de espinhos e dificuldades. Destruir é obra que qualquer pode executar, sem ter necessidade de aprender nos bancos das escolas. Construir, ao contrário, requer elementos vários, estudos e conhecimentos profundos, desde a finalidade material da obra até a sua estética, baseada na arte e na inteligência.

Assim pois, na emergência atual, a estrada que representa a vida nacional, apresenta nos dois ramos para serem trilhados: o do Bem e do Mal.

O INTEGRALISMO nos oferece sacrifícios em troca de sacrifícios pelo bem comum e grandeza da Pátria e harmonia da Sociedade. O Comunismo nos oferece facilidades para destruir o que ainda existe de espiritualismo nas massas, materializando tudo e todos, em troca de promessas vãs de repartir entre os que nada têm os haveres dos que possuem.

Brasileiros e Estrangeiros Abrasileirados!! Não vos deixeis imbuir por programas fantasiosos e irrealizáveis, que em absoluto consultam as necessidades, o caráter, a economia popular, as religiões, as propriedades privadas, a honra da Família, e tudo que altruístico e nobre, e que requer trabalho, honestidade e perseverança.

Lede profundamente e medita sobre a triste situação do nosso querido Brasil, explorado e ridicularizado pelo Burguez e pelo Capitalismo Internacional, sem Pátria, sem entranhas e sem consciência. Sabeis ahi compreender, a necessidade de conjugação de todas as forças, para evitar o caos, a misera moral, a deshonra dos laços da Família, o esfacelamento da Pátria e o despeito ao espiritualismo: a DEUS, INTEGRALISTAS! Confiando em DEUS, com a consciência sadia que nos anima, e amparados pela mais brilhante das constelações que fulgaram nos céus do Brasil, encorajae os receiosos, ajudae os fracos e combatei os adversários, com a sublime DOUTRINA INTEGRALISTA.

Trazei todos os que labutam sob esses mesmos céus, e fazei-os vestir as nossas Camisas Verdes, com amor, consciência, e profundamente certos de que ela é o Símbolo da Disciplina, o Baluarte da Honra e o impenetrável Escudo da Dignidade Nacional.

Paranaguá, 17 de maio de 1935.³⁰⁸

Este texto de D. Soares traz o início da narrativa que vai se seguir nos próximos textos ideológicos. Ele pode ser percebido como uma introdução advinda de Paranaguá à doutrina integralista para o recorte local. Até o momento só tínhamos tido expressividades pontuais de militantes parnanguaras em relação à doutrina advinda de periódicos integralistas. Este debate ainda não havia sido colocado pela AIB – Paranaguá em algum órgão de doutrina e propaganda. Salvo uma expressão sobre Antonina – “O Integralismo está tomando conta de Antonina. Já ali ninguém acredita no liberalismo que é a porta aberta ao comunismo”³⁰⁹ – e o

³⁰⁸ A Razão – ano 1, nº 5, 31/05/1935, p.2.

³⁰⁹ O Integralista – ano 1, nº 6, 30/10/1934, p.1.

discurso de Vieira de Alencar na fundação do núcleo municipal elencando a “farsa” da liberal democracia, não tivemos nos dados presente nenhum aprofundamento nessa discussão. Isso vem mudar com esse texto. É a primeira resposta presente nos dados disponíveis do integralismo de Paranaguá aos seus inimigos.

Logo no início do texto percebe-se a quem a AIB – Paranaguá, através de D. Soares, demonstra se contrapor. Para Soares estamos vendo “as últimas manifestações da Liberal Democracia”, que ele deixa claro ser uma ideologia que encharca de “vergonha a dignidade, a economia e a honra nacional”. Esses termos trazem claramente o intuito de mobilizar um ressentimento contra os liberais, tornando-os nesta narrativa, responsáveis pela vergonha nacional. O redator não deixa espaço para uma reflexão crítica do interlocutor, é um pensamento fechado, pronto, em que a liberal democracia enfraquece e divide e está com os dias contados. Por essa razão ele visualiza um horizonte de perspectiva, um futuro próximo, onde “ao chegarmos na última etapa deste regime” (a liberal democracia), nos depararemos com uma “bifurcação inevitável”.

O integralismo, assim, busca preencher um espaço na personalidade do indivíduo que é leitor desta mensagem. O indivíduo constrói um passado que rejeita, um presente que visualiza no integralismo a salvação contra o passado rejeitado que, por sua vez, resultaria na resolução dos problemas passados internalizados pela narrativa, vislumbrando a construção do futuro ideal. É o medo e a esperança agindo. O ressentimento do passado em busca de um culpado para odiar no presente e o tratar como inimigo para que haja a supressão deste em busca de um futuro desejável. A subjetivação destes sentimentos conformes ao integralismo passa obrigatoriamente por essa temporalidade afetiva.

De forma regular a AIB em geral criticava uma “velha política”. É comum vermos nos textos uma depreciação da política dita profissional, oligárquica ou tradicional (os termos variam). Esta observação gera uma certa incoerência com o caso de Paranaguá. Já demonstramos que a AIB de Paranaguá era alinhada aos políticos tradicionais da cidade, ou melhor, a elite política dominante anterior ao ano de 1930, demonstrando que a variabilidade e maleabilidade da doutrina integralista servia aos propósitos locais. Apesar disso, por exemplo, Jorge Lacerda dedica todo

um editorial no “A Razão”³¹⁰ para demonstrar a “Lucta de duas gerações”, onde ele contrapõe a ideologia integralista à doutrinas que estão cheia de “velha mentalidade da liberal-democrata” ou “apodrecida liberal democracia”. No campo político específico de Paranaguá a AIB estava atrelada ao Chefe Municipal Cominese, ligado a elite política de Paranaguá que era hegemônica antes de 1930. A sensação é que os alinhados de Vargas é que se constituíram como uma elite política mais recente em Paranaguá. Apesar disso, Cominese não tinha nada de “novo” ou partícipe de uma “Nova Geração”. Ele representava o grupo político dominante anterior à Vargas, como poderia ser membro da “nova civilização heroica e formidável que se ergue nos ombros dos moços”?

A narrativa, assim, cria um alarde pelo combate ao inimigo, “o regime falido da Liberal Democracia”, ao mesmo tempo que apoia um político em Paranaguá próximo da elite política hegemônica pré-1930. Não importa ser da elite política local, o que importa é combater uma “civilização burguesa materialista”. Mesmo assim tanto Cominese, quanto os Varguistas de Paranaguá eram grupos de elite, seja econômica, intelectual ou política. Deste modo, é criado somente um limitado ressentimento por esta perspectiva e pelos seus responsáveis, os liberais. Ao mesmo tempo a narrativa cria uma resposta, o que deve ser combatido, a ideia, ou seja, o liberalismo e seus agentes, os liberais. Assim, propaga-se a rejeição de determinado grupo ou pensamento. A internalização da rejeição externa o ódio. A identificação desta rejeição é importante para revelar características sobre determinado grupo integralista específico, como no caso do grupo de Paranaguá.

Assim, “a bifurcação”³¹¹ dita logo no título do editorial de D. Soares está obviamente ligada com o aspecto temporal da afetividade integralista. Fica explícito que está lidando com o medo e a esperança do interlocutor. Para o redator do texto, a bifurcação leva a ideais totalmente antagônicos que são inerentes ao afastamento de “possibilidade de continuação desse regime falido, a Liberal Democracia”. De um lado “a Direita com DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA”, de outro, “para a Esquerda com o TERROR, VIOLÊNCIA E MATERIALISMO”. É uma clara oposição baseada na temporalidade da afetividade integralista onde a doutrina é a forma de amparo à salvação que, também, explicita uma certa espiritualidade. As expressões destes

³¹⁰ A Razão - ano 1, nº 3, 17/05/1935, p.1.

³¹¹ A Razão – ano 1, nº 5, 31/05/1935, p.2.

sentimentos se resumem na sentença em que D. Soares redige como “dois ramos a serem trilhados: o do Bem e o do Mal”.

A contraposição entre o bem e o mal é comum em diversas doutrinas políticas, principalmente em uma doutrina que sacraliza a política e preza pela espiritualidade como o integralismo. Mobilizar esses sentimentos de medo e esperança através de uma escolha binária entre o bem e o mal faz parte da construção da sua revolução espiritual. É muito mais mitológica e espiritual do que ideológica e erudita, ao menos em alguns sentidos e veículos, como os jornais, fontes desta análise.

Nada mais ilustrativo que uma charge no “A Offensiva” que representa o diabo cozinhando em uma panela que tem ebulição de nuvens escritas comunismo, liberal democracia e anarquismo. Abaixo da charge os dizeres: “Essa panela infernal é posta a ferver, não mais pelo Mephisto clássico das tendas, mas pelo satanás medíocre, burguez, que se esconde nas organizações secretas, decidindo da sorte dos povos. É um demônio de palio sacco, membro de partidos políticos liberaes”³¹². Essa demonização até mesma iconográfica do inimigo como um mal a ser combatido e uma revolução espiritual contra esse mal é, por exemplo, encontrada em Gustavo Barroso, que assim cita em uma de suas obras:

Para nós, revolução é uma mudança de atitude de espírito em face dos problemas que se lhe apresentam, em qualquer ordem moral ou material. Isto é: ontem eu entendia os fundamentos desses problemas dum modo; hoje, entendendo-os de outro. E como meu espírito vê a cousas por outro prisma, sobre elas projeta sua ação do modo diverso. Chamamos a isso de Revolução Espiritual, uma Revolução Interior, porque ela se realiza no nosso íntimo e somente após essa realização vai modificar o determinismo ambiente, interferindo na sucessão de causas e efeitos, afim de criar novas causas que deem como resultado novos efeitos. Por essa razão a revolução integralista é invencível.³¹³

Para Barroso, a revolução integralista passa pela “conquista pacífica das almas”³¹⁴, e esta conquista nada mais é do que a internalização de afetos e sentimentos conformes que façam o indivíduo perceber a construção binária de bem e mal e se posicionarem a favor do bem, ou seja, o Integralismo, que para autor “não

³¹² A Offensiva – ano 2, nº 58, 15/07/1935, p. 5.

³¹³ BARROSO, Gustavo. **Espírito do Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 31.

³¹⁴ Id., p. 34.

faz plataforma. Ele apresenta um corpo de doutrina declarando: entendo o universo desta forma, o homem desta, etc.”³¹⁵ É a busca pela formação de uma personalidade, de uma identidade política e ideológica. E completa: “A mística integralista é uma necessidade de comunhão tão íntima com as ideias do Integralismo que leva ao extremo sacrifício da própria vida pelo seu triunfo”. Por essa razão que o inimigo, nessa alta sacralização de um mito salvador, é visto como elemento de uma conspiração diabólica contra a salvação integralista. A estética que envolve o discurso é quase que uma narrativa fantástica. É neste sentido que D. Soares conclama “combatei os adversários com a sublime DOCTRINA INTEGRALISTA”.³¹⁶

Deste modo, o inimigo próximo que percebemos nos dados disponíveis oriundos de Paranaguá começa a se desenhar. O liberalismo visto como algo acabado, destruído. Demonstra também o medo do Integralismo para com os Liberais a fim de os “enterrarem antes da hora”. O integralismo, argumenta D. Soares, deve ser contraposto à outra instância da “bifurcação”, o materialismo, base tanto do liberalismo quanto do comunismo para os integralistas. Este representa nesse momento o principal inimigo. É o foco do combate. Não só físico, no campo político do “corpo-a-corpo”, como no espírito do militante. A internalização do ressentimento como forma de mobilização do militante é mais efetiva. Como cita o “A Razão: Os Brasileiros de Paranaguá já compreenderam que só o Integralismo é que poderá salvar o Brasil”.³¹⁷

Outro integralista que pode ser lido neste prisma é novamente o parnanguara Jorge Lacerda. Em um texto de 22 de junho de 1935, Lacerda cria uma narrativa semelhante ao texto de Soares que versa sobre a salvação da pátria. O texto contém a mesma perspectiva de que o integralismo seria a salvação de um país que caminha para a ruína, pois, “o Brasil, este colosso sul americano, está vivendo instantes supremos de confusão”. A estratégia de Lacerda é tratar o país como um barco prestes a afundar.

E o barco gigante sulcando os mares da história, sem rumo certo.
Rebentam-lhe nos cascos, as ondas de todas as revoltas de uma pátria sacrificada! Sacudindo-o erguem-se em catadupas todas as vozes que, há

³¹⁵ Id., p. 18.

³¹⁶ A Razão – ano 1, nº 5, 31/05/1935, p.2

³¹⁷ A Razão – ano 1, nº 26, 10/05/1935, p.5.

tantos anos, gritam desesperadamente, mas que não chegam aos ouvidos dos comandantes da náó, presos aos sons do jazz e ao sabor das champagnes, nos festins da politicalha.
 E dentro do barco continua a lucta... 152 partidos, 152 “comandantes” já cansados ainda luctam pela posse do leme.
 O perigo é iminente!
 E, justamente, quando os tripulantes se degladiam, saltam pela amurada de bordo, os corsários vermelhos, promptos para o golpe mortal.
 Há um pânico geral: luctas, sangue e gemidos acompanhados pelo som fúnebre das ondas, que rebentam numa explosão branca de espumas!
 É a hora do perigo supremo!
 E de bordo sae a mensagem triste de um barco que naufraga, de uma nação que agonisa;
 - S.O.S.! – S.O.S.!³¹⁸

Lacerda, neste extrato, trata com analogias a mesma perspectiva de D. Soares, a bifurcação. A nação que agoniza, o barco que está prestes a afundar, pois, a estrutura que mantém a democracia liberal não é composta por nada além de que uma “politicalha”. Deste modo, há um “perigo iminente”, o perigo dos “corsários vermelhos, promptos para o golpe mortal”. É o mesmo discurso. A inabilidade da democracia liberal, “um barco que naufraga, de uma nação que agoniza”, pronta para ser tomada pelo perigo vermelho, o perigo supremo. Assim, Lacerda continua mostrando o caminho que se deve seguir, a luta do bem contra esse mal que faz naufragar o país. É a esperança, a supressão do desamparo.

Oh Brasil, tu não has de naufragar! És tão grande, que o próprio atlântico seria pequeno, talvez, para te servir de tumulto!
 Muitos de teus filhos te abandonaram!
 Porém, 400.000 brasileiros luctam titanicamente por ti, vigiam pelos teus destinos, assim como os gansos do Capitolio, viajaram Roma contra o golpe audaz do Gaulez invasor!
 E dentro em breve, oh Brasil sem rumo e sem destino, queiram ou não queiram todos os nossos inimigos, comunistas de gravata e politiqueiros porfissionaes, os teus camisas-verdes hão de entregar o leme de seus destinos ao teu grande filho, Plínio Salgado!
 E terás então, um rumo para a tua gloria!³¹⁹

Neste extrato final, Lacerda dá a resposta para a “agonia da pátria”. Novamente, só o integralismo salvará o “Brasil sem rumo e sem destino”. É o integralismo amparando o indivíduo. Isso depende do que ele deixa ser claro, o

³¹⁸ A Razão – ano 1, nº 8, 22/06/1935, p. 1.

³¹⁹ Id.

combate aos inimigos, “comunistas de gravata e politiqueiros profissionais”. A narrativa se equipara, trazendo para o interlocutor a mesma sensação de luta do bem contra o mal. O mal representado pelos politiqueiros profissionais, ou seja, a liberal democracia, e os comunistas. O bem é representado pelos 400.000 brasileiros que “luctam titanicamente por ti”. Apesar de ter um teor mais fantástico e buscar mais analogias, Lacerda mantém a mesma estrutura de pensamento que vimos em Soares. A glória do país só existirá pelas mãos do integralismo.

Dando sequência, neste momento, observaremos um publicador em específico chamado João do Sul. Seguiremos uma ordem temática de suas publicações a fim de entendermos a narrativa que vai sendo construída nas ligações entre uma publicação e outra. Nos primeiros recortes não temos um direcionamento à Paranaguá, entretanto, na sequência, sim. Entendemos que a narrativa que João do Sul criou não pode ser entendida sem buscarmos em todos os seus textos uma ligação. Nós já observamos que a Maçonaria de Paranaguá, bem como Dario Nogueira dos Santos, era a principal voz anti-integralista da cidade. Que suas investidas estão longe de poderem ser consideradas uma querela local, pois, atingiram até mesmo o interventor e então governador do Paraná, Manoel Ribas e o Grande Oriente Brasil, órgão máximo da Maçonaria nacional. É inteligível compreender que haveria uma defesa por parte da AIB contra estas investidas de Nogueira dos Santos e da Maçonaria como um todo, e que esta defesa também viria pensada em Paranaguá, núcleo dissipador do anti-integralismo maçônico.

João do Sul escreveu uma série de textos e está entre os cinco publicadores mais assíduos do “A Razão” de Curitiba, dentro do acervo disponível. Sua importância aumenta ainda mais quando percebemos que se trata de uma série com uma temática própria e específica, que tem como objetivo a construção de um inimigo distinto local. Pensar que esta série de textos é uma série muito tímida para análise e desdenhá-la ou desprezá-la, não seria inteligente de nossa parte, até mesmo porque impossibilitaria uma observação mais acurada. João do Sul, inclusive, tem mais publicações no acervo do que integralistas importantes do estado, como o próprio Chefe Provincial Vieira de Alencar, Rocha Loures ou Oscar Witt. Por essa razão não vemos a quantidade de textos como algo que impede uma análise, e sim entendemos que João do Sul é de imensa importância para uma observação mais complexa da história do integralismo local.

Pensamos aqui de forma mais qualitativa do que quantitativa. Concordamos, por exemplo, com as colocações de Roney Cytrynowicz (1992) que ao analisar as “páginas e mais páginas”³²⁰ das publicações integralistas de Gustavo Barroso, parece não ver sentido em um número infinito de textos que versam sobre a mesma coisa, que tem em sua base estrutural o mesmo sentido, o mito da conspiração. Uma estrutura pronta e fechada, sem espaço para reflexão crítica. João do Sul é semelhante neste sentido. Suas publicações são importantes, junto com a de D. Soares, ao nível de poder demonstrar um integralismo parnanguara, ou seja, demonstra a especificidade do inimigo local e a situação de serem sete publicações ou setecentas, se versassem sobre a mesma questão central, pouco importaria, como acontece com Barroso.

Além disso, João do Sul não é fato isolado, nem resposta a uma suposta querela local, já desmitificada a partir da quantidade de dados que dizem o contrário (o constante combate por parte da AIB contra a maçonaria, o alcance do discurso de Dario Nogueira dos Santos, etc.). O combate aos “inimigos da pátria” abarca a doutrina como um todo e a narrativa usada por ele é comum e tem semelhanças em diversos lugares, como demonstramos no capítulo anterior e demonstraremos logo em seguida ao relacionar seus textos com outros de circulação nacional ou de outras regiões. O que se deve entender é que essa narrativa, apesar de ser semelhante em outros locais, ganha um sentido específico em Paranaguá por causa do contexto do campo político local. É um dos pilares ideológicos e doutrinários da AIB e que, na ação de João do Sul, além de servir de mobilização dos sentimentos conformes dentro do campo específico de Paranaguá, é de suma importância para a percepção da construção do inimigo local.

As semelhanças entre João do Sul e Gustavo Barroso são mais que especulativas, são conclusivas. Gustavo Barroso publicava no “A Offensiva” uma seção denominada “Judaísmo Internacional” sob o pseudônimo de João do Norte. Literalmente João do Sul era o Gustavo Barroso do Paraná. As temáticas são as mesmas e a centralidade no mito da conspiração judaica é praticamente idêntica, como veremos a seguir já no primeiro texto.

³²⁰ CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso nos anos 30**. Dissertação de mestrado, USP, 1992, p. 71.

O TALMUD

O *talmud* e o *chuleiranaruch*, as principais obras que traçam a conduta dos judeus entre si e para os gois, gentios, cristãos, enfim os não judeus, são consideradas e mantidas em segredo pelos filhos de Israel.

Entretanto, conhecedores da língua hebraica, tem traduzido estes livros, que contem trechos dignos de serem conhecidos por todos.

Eis algumas amostras:

Os judeus são o povo predileto de Deus, os portadores do espírito de Deus, são homens: os pertencentes a outros povos não são chamados de homens, mas sim, gado, animais.

Deus nunca está desgostoso com os judeus, mas sim, com os não judeus.

A alma de um judeu vale mais diante do trono de Deus, mais do que mil almas dos não judeus.

Todos os judeus são filhos de príncipes, reis, imperadores.

Quem dá uma bofetada num judeu merece a morte, pois é como se fosse dada a Deus.

O dinheiro na mão de um não judeu é considerado dinheiro sem dono: o primeiro judeu que vem, toma-o

Quando um judeu está explorando um não judeu e surge um outro judeu, este segundo judeu fica obrigado a auxiliar o primeiro na exploração, tendo direito a uma gratificação correspondente ao auxílio prestado

É o cumulo! Com tal conceito religioso esta gente pretende instalar o comunismo no mundo (pois não conheço judeu que não seja comunista). Que belo comunismo! Lá em cima os judeus como príncipes, condes, duques, reis e imperadores, os nobres da criação, e lá em baixo, a humanidade, uma grande carneirada, as bestas de carga e do trabalho, adorando e venerando os seus amos.

É o sonho de Israel...! Tome cuidado, brasileiro, para não te tornares carneiro, animal...

João do Sul.³²¹

Nesta publicação João do Sul dá início a sua argumentação que busca evidenciar um inimigo. Seus textos não terão como resultado a invenção de um inimigo local, pois como demonstramos nos capítulos anteriores, eles já existem. Seu papel é dar inteligibilidade para que haja o combate a esse inimigo. É através de sua narrativa que será gerado um ressentimento, um ódio, ao mesmo tempo que trabalha com o medo, o desamparo e a esperança. Não há uma fórmula mágica para a internalização destes afetos nos integralistas. Esses afetos só podem ser internalizados através de uma pedagogia afetiva com estímulos cognitivos que internalizem os sentimentos sobre a realidade próxima. É trabalhado via a construção de uma estrutura cognitiva estimulante de acesso a esses afetos através

³²¹ A Razão – ano 1, nº 10, 05/7/1935, p. 6.

de discursos e discussões que visam criar a narrativa que mobilize sentimentos conformes ao integralismo.

É, deste modo, que João do Sul discorre sobre o que ele diz ser “as principais obras que traçam a conduta dos judeus entre si e para com os gois, gentios, christãos, ou seja, os não judeus”. O autor visa expressar ao interlocutor que os judeus, seja quais forem, seguem à risca um modelo de conduta baseado em duas obras que “são consideradas sagradas e mantidas em segredo pelos filhos de Israel”. Essa é a ideia clássica do mito da conspiração judaica. O de nós (neste caso, integralistas) contra eles. Nessa narrativa, todos os judeus do mundo seguem uma cartilha que tem como objetivo a dominação mundial. E que toda essa organização para a dominação mundial é mantida em segredo, o que estimula mais a fascinação.

Temos mais dois outros textos de João do Sul que trazem a mesma temática. O primeiro com o título de “Pensamentos Judaicos” relata um texto semelhante ao anterior. Compara o tratamento que o judeu, a partir do Talmud, considerado por João do Sul como “o livro de leis dos judeus” que devem ser aplicados aos “gois e estrangeiros” e com o seu “próximo de raça”. A partir disso, João do Sul cita alguns trechos de textos judaicos e de “conhecedores do Talmud, bem como de um jornal “liberal-judaico” para argumentar seus objetivos de denúncia contra o complô judaico. A intenção é mostrar o judeu como um alienígena à sociedade brasileira o tratando como outro, ou de outra raça. Depois de seus argumentos, João do Sul finaliza com ares de deboche: “Deixamos os comentários a cargo do leitor”³²².

Outro texto que segue tentando amarrar ainda mais a questão do mito da conspiração judaica internacional vem com o título de “O Desejo de Israel”. Neste texto o publicador relata acontecimentos que, segundo ele, seriam “culpa” dos judeus, incitados através do desejo de Israel. Inicia colocando os judeus como responsáveis pela revolução russa e supostos assassinatos em massa no local. Esses assassinatos, segundo o texto, foram cometidos simplesmente por estas pessoas serem contrárias a revolução. João do Sul comenta que “o número de homens abatidos como gado e mortos pela fome vae aos milhões”. Todos os mortos, presos e esfomeados tiveram este fim por amarem a pátria, João do Sul argumenta, e que, “nem ao menos, entre eles, se encontra um só judeu”. Os

³²² A Razão – ano 1, nº 18, 30/8/1935, p. 2.

argumentos continuam dizendo que os judeus também foram responsáveis por diversas revoluções que aconteceram, como na Hungria e na Alemanha. “Todos esses acontecimentos foram noticiados pela imprensa judaica internacional de maneira curta e sem grandes comentários”, mas quando foram noticiar a “revolução fascista” na Itália foi com destilação de veneno contra Mussolini e o regime, durante “meses e meses”. A questão se repetiu ao noticiarem a “revolução nazista”. Ao finalizar, João do Sul profetiza que o mesmo acontecerá ao Brasil com a vitória da “revolução integralista”, pois, segundo ele, essas vitórias vão contra o desejo de Israel.³²³

João do Sul, então, demonstra, ou melhor, impõe uma reflexão que através destes preceitos está representada nas “amostras” que ele apresenta, as traduções feitas por “conhecedores da língua hebraica”, a prova da conspiração. Para ele, a prova desta conspiração está na doutrina judaica. Questões como: “Os judeus são o povo predileto de Deus”, “os pertencentes a outros povos não são chamados homens, mas sim, gado, animais”, fazem entender que o judeu pretende subjugar todos os outros povos à sua vontade, pois, “todos os judeus são filhos de príncipes e imperadores”. O judaísmo seria um despotismo cultural que visa a dominação de todos os outros povos. É uma leitura fantasiosa, porém que não se deve deixar de buscar entender, por mais débil que seja. Essa é mesma leitura de Barroso. O tom de denúncia dá entender que o locutor do discurso está a salvar o interlocutor de uma dominação que ele ao menos sabe que existe. Barroso, sob o pseudônimo de João do Norte, escreveu com o mesmo imaginário.

Judaísmo Internacional.

O NOSSO ANTI-SEMITISMO.

João do Norte

A vaga de anti-semitismo que se desencadeia pelo mundo inteiro absolutamente não deve ser considerada como resultado de uma excitação reacionária ou despropositada, por que, em verdade, o que ella é, é uma reação instintiva contra a ação nefasta de Israel, o parasita que se quer tornar, através do capitalismo e do comunismo, dono dos destinos do mundo.

Sempre que se trata da questão judaica, os ignorantes e os de má fé veem com a eterna história da questão de raças. Argumentam com isso e acabam se reportando ao racismo alemão, que interpretam a seu bel-prazer. Esqueceu esses indivíduos que o racismo germânico não é unicamente um pretexto para a campanha anti-judaica e sim uma verdadeira doutrina que

³²³ Ibid. p. 4.

se eleva mais alto. Não haveria exagero mesmo em dizer que esse racismo é uma verdadeira filosofia sobre a qual se alicerça uma nova concepção da vida social. [...]

Entre nós, o anti-semitismo não pode provir dum sentimento racista, porque o brasileiro é eminentemente contrário a qualquer racista; porém, desse sentido exatamente anti-racista. O que traz o mundo nos sobressaltos contínuos atuais, minado pelo revolucionarismo e pelo terrorismo, é justamente o racismo judaico. O judeu não se mistura com outros povos, matem através dos séculos a pureza de sua raça e, dentro das outras nações, alicerçado nesse racismo, conserva sua nacionalidade, feito um estado Dentro do Estado.³²⁴

Assim, podemos perceber que toda argumentação gira em torno da conspiração. Os dois “Joões”, do Norte e do Sul, fazem um esforço para representar no judeu a ameaça que a nação deve combater. Em uma estratégia interessante, o do Norte argumenta que o antissemitismo não seria racismo contra os judeus, mas sim o combate ao racismo que os judeus perpetuam contra outros povos. Os judeus estavam infiltrados no estado como “um Estado dentro do Estado”, dispostos a seguir as suas próprias regras como colocou o João do Sul. O final do texto de João do Sul serve de gancho para falarmos da relação que é posta entre judeus e comunistas. Para ele, “não há judeu que não seja comunista e que seu objetivo é instalar o comunismo no mundo”. O interesse em relacionar estes dois grupos como iguais cria um sentido peculiar na doutrina integralista.

Para esses panfletários integralistas, o judaísmo estava intrinsicamente ligado ao comunismo, pois, depois de “haver levado o mundo exercendo sua acção através do capitalismo internacional que floresceu com o individualismo liberal, seu clima propicio, criou o judeu contra a civilização cristã, a sombra do marxismo judaico”.³²⁵ Já comentamos que para os integralistas, tanto o liberalismo quanto o comunismo não se dissociavam, eram parte do mesmo materialismo, por isso foco do mesmo combate. João do Sul já demonstrou que não deixará essa relação de lado. Deixou claro que, para ele, todos os judeus são comunistas. Deste modo, João do Norte reforça o interesse judaico no Brasil utilizando comunistas como ferramenta.

[...] a política evidenciou concretamente os manejos judaicos. Foram presos inúmeros judeus da sociedade Braz-Cor, todos agitadores comunistas. Foi agarrado com a boca na botija o judeu Henry Berger, corifeu de Luiz Carlos

³²⁴ A Offensiva – ano 2, nº 92, 30/01/1936, p. 2.

³²⁵ Id.

Prestes delegado dos judeus da URSS para governar o Brasil, a mais linda perola a ser engastada no colar das repúblicas soviéticas.³²⁶

Outro texto explica essa relação de forma enfática. O “A Razão” publica um editorial que versa sobre os chamados “Três Estados”, o liberal, bolchevista e integral. Sobre o bolchevista o texto segue a mesma linha explicada anteriormente.

O Estado Bolchevista – Já ninguém desconhece: é o capital-judaico, “proletarizando” o mundo (dando ao vocábulo o mais objecto dos sentidos); é o estado escravizando o indivíduo, animalizando-o e arrancando-lhe os mais nobres sentimentos humanos; é a grande massa humana, sem alma e sem coração, transformada numa *grande machina*; é a consagração ao materialismo, a destruição da família e do próprio indivíduo. E foi em face desse monstro aterrador que vem do oriente, distendendo seu manto hediondo e ameaçador sobre as cabeças de todos os povos, que surgiu, para combater e destruí-lo, o Estado Heróico, o Estado Integral organizado pelas forças conscientes e espirituais.

É, nesta mistura, que se cria a principal arma de absorção de determinadas subjetividades. Vai se desenhando um perfil que ainda terá mais características a acrescentar. As palavras de João do Sul estão ligadas diretamente ao que tem de mais obscuro na doutrina integralista, seu antissemitismo. O antissemitismo é ligado ao materialismo, a forma de demonizá-los por igual. Novamente temos a percepção temporal, o sentimento de esperança que o estado integral faz surgir ao combater o mal. Por essa razão João do Sul segue na sua estrutura de pensamento apresentando mais dois textos, dessa vez dedicados a relacionar os judeus ao marxismo. O primeiro tem uma perspectiva de manifesto contra “denúncias de inimigos”, o segundo traz um acontecimento em Moscou. A partir de agora ele tentará amarrar ainda mais, mobilizando o ressentimento do interlocutor pela URSS, utilizando de aspectos morais e ideológicos como razão.

O TERROR INTEGRALISTA

Ouve-se constantemente da boca dos inimigos do integralismo, que, com a vinda desses ao poder, se extinguirão as opiniões pessoais; ninguém ousará omitir opinião, que não seja também a do Chefe, sob pena de ser preso ou passado pelas armas; que o Brasil Afundará então nas profundas trevas dos séculos medievais; que correrá sangue em quantidade; que todos se tornarão escravos de um homem só.

³²⁶ Id.

É tudo calúnia vil! Infame mentira!

O marxismo judaico é o que pretende criar tão situação. Olhemos para a Rússia. Não passa um dia, sem que não sejam assassinados uns, destes entes humanos, entre eles até menores, crianças, por não seguirem a cartilha de Stalin. Toda crítica é taxada de sabotagem contra-revolucionária e castigada com pena de morte. Todo sentimento religioso é afogado em sangue ou na cadeia. Todo patrão, industrial, comerciante, é considerado parasita da coletividade. A família é vista como um reduto egoísta, prejudicial, encrustada no estado e constituindo um perigo para este. O governo “capitalista-judaico-russo” destruiu os fundamentos sociais dos russos (família, religião, sentimento de amor à pátria, etc.), que vem feito carneiros. Entretanto, este governo permite que os judeus residentes na Rússia tenham suas famílias e que frequentem suas sinagogas.

Estes nada sofreram com o comunismo.

Além de milhões de vidas humanas sacrificadas com esta loucura, os templos cristãos são convertidos em cinemas, salões de bailes, sedes de clubes, etc.

Isso tudo está de acordo com o Talmud (bíblia judaica) que considera judeus como um povo superior, eleito por Deus, a raça superior, e os demais povos como um rebanho de carneiros, para os quais os dez mandamentos de Moises não tem aplicação.

Brasileiro! O comunismo vem aí, como a Aliança Libertadora, atrás de qual se esconde Israel, para, na hora própria dar o bote e impor as leis talmúdicas ao povo brasileiro. João do Sul.³²⁷

João do Sul vem trazer mais inteligibilidade aos seus argumentos. De forma enérgica, quase que violenta, transfere ataques aos que chama de caluniosos e mentirosos. É clara a indignação de João do Sul buscando uma retratação explicativa de porque se define o integralismo como algo temível. João do Sul busca fazer a contraposição dos ataques dos “inimigos do integralismo” trazendo seus argumentos para combatê-los. Ele nega o autoritarismo do movimento integralista, a unicidade de pensamento sob pena de ser preso ou morto e que não há possibilidade de que o Brasil afunde “nas profundas trevas medievais”. Não haverá sangue e nem escravidão de todos para com um homem só. Para ele é tudo calúnia vil, infame mentira. Veremos adiante que estes mesmos argumentos se repetem adiante em outra publicação. A exteriorização deste ressentimento demonstra uma primeira resposta às críticas redigidas por Dario Nogueira dos Santos em abril de 1935 que transcreveremos logo em seguida.

A perspicácia argumentativa de João do Sul transfere todos estes argumentos ditos pelos inimigos do integralismo para o “marxismo judaico”, que segundo o locutor, “é que pretende criar tal situação”. O jogo da narrativa é semelhante ao anterior, pois ele conclama: “Olhemos para a Rússia!” O regime russo é tratado como o mal, a verdadeira face do autoritarismo, assassino, perseguidor da religião e

³²⁷ A Razão – ano 1, nº 11, 12/7/1935, p. 4.

que destrói todos os fundamentos sociais. Segundo ele, a perseguição só ocorre aos cristãos, sendo que “este governo permite que os judeus residentes na Rússia tenham suas famílias e que frequentem suas synagogas. Estes nada sofreram com o comunismo”. Diferentemente dos cristãos, pois, não são considerados um povo superior como os judeus. Por essa razão João do Sul os define como “governo capitalista-judaico-russo”. Pouco importa a veracidade destes fatos, o que nos interessa é observar a função que essa narrativa cumpre ao buscar mobilizar o ressentimento à determinado grupo no interlocutor

Ao demonstrar que o integralismo se opõe à toda narrativa que João do Sul “revela”, revelam-se todos os sentimentos conformes ao integralismo que delimitamos anteriormente. O ressentimento pelo marxismo judaico, que afoga em sangue ou na cadeia dissidentes ideológicos, religiosos e sociais, se transforma na expressão do ódio em suas palavras: “esta loucura”. Tudo isso para gerar o medo de que aqui também sejamos tomados por essa mesma “loucura”. Neste momento, a esperança fica implícita para dar lugar ao desamparo. Somos um povo desamparado por uma força que nos faça resistir ao caos. É, neste sentido, que João do Sul finaliza: “Brasileiro! O comunismo vem ahí, como Aliança Libertadora, atraz da qual se esconde Israel, para na hora própria dar o bote e impor as leis talmúdicas ao povo brasileiro”.

Este final é interessante, mas deixaremos para tratar desta questão da relação da Aliança Libertadora e os judeus com o integralismo e as “sociedades secretas” logo em seguida, após o texto do dia 5 de agosto de 1935. Faremos isso pois esta questão completará um contexto que delimitará conclusivamente as relações que João do Sul busca construir desde seu primeiro texto em relação à Paranaguá. Por enquanto damos continuidade com o outro texto de julho de 1935 que também trata da URSS.

Moral Moscovita

O camarada Ivan apresentou nas altas rodas proletárias de Moscou um senhor de idade, que logo chamou a atenção dos presentes pelas mais finas maneiras e seu cavalheirismo. Desconfiados, alguns procuravam saber quem era este senhor. A indignação foi grande, quando a polícia descobriu que se tratava de um ex-oficial do antigo exército czarista.

Foi chamado a prestar declarações o culpado Ivan. Este justificando-se disse: <<Eu não sabia, que tratava-se de um impostor, a mim ele apresentou-se como agente de Midgar, como traficante de mulheres>> E temos no Brasil oficiais que simpatizam com o credo de Lenine.
João do Sul.³²⁸

Através deste relato de Moscou, João do Sul discorre sobre dois indivíduos, um chamado Ivan e outro apresentado como “senhor de idade”, que estavam presentes “nas altas rodas proletárias”. O texto não traz informações mais específicas de, por exemplo, onde essa informação foi colhida. Mais uma vez é um pensamento pronto, fechado, que determina sem crítica o teor e o sentido do texto. Relata João do Sul que procuravam os proletários de Moscou saber quem era este senhor. Ao descobrir que era um antigo oficial do exército czarista, a indignação foi grande, tendo Ivan sido chamado a depor. Segundo João do Sul Ivan disse pensar que se tratava de um “agente de Midgar e traficante de mulheres”, pois assim se apresentou. A questão central, podemos interpretar pela observação do texto, é que João do Sul busca relacionar este relato com uma determinada moral, a “moral moscovita”. Essa moral seria degenerada pois um ex-oficial czarista não era aceito nas “altas rodas proletárias”, já um traficante de mulheres sim.

Ao fazer esse exercício, João do Sul busca demonstrar que as concepções éticas que abrangem a URSS seriam degeneradas. É uma forma de criar a sensação repulsa por atitudes relatadas que não trazem a mínima referência sobre como essas informações foram descobertas. João do Sul demonstra essa moral degenerada para simplesmente ao final dizer: “E temos no Brasil oficiais que simpatizam com o credo de Lenine”. Mais uma vez ele se contrapõe a outro grupo, dessa vez exclusivamente os comunistas. Não há a jogada narrativa que demonstre uma saída para esse infortúnio, como foi comum nos outros textos. Ainda assim, João do Sul deixa subentendido a sua posição contrária. Para além de João do Sul o “A Razão” apela em um editorial novamente para uma moral que para eles é degenerada.

Communismo: As crianças mais desgraçadas que os animais! As mães transformadas em vacas!
O comunismo não permite que os pais fiquem com os filhos. Quando uma mulher tem um filho deve entregá-lo imediatamente ao governo. Não é

³²⁸ A Razão – ano 1, nº 12, 23/7/1935, p. 6.

necessário dizer quem é o pae, porque as gatas, as vaccas, as cabras devem ser imitadas: cada “redada” é de um gato, um boi ou um bode diferente. A mulher deixa de ser mãe para ser uma máquina de fabricar escravos para o Soviet. A mísera reprodutora é obrigada a ir todos dias ao “Posto de Ordenhação”. Esse nome horrível são os próprios comunistas que deram ao lugar onde vão as mães deixar o seu leite para filhos desconhecidos.³²⁹

Não é só João do Sul que apela para uma suposta moral degenerada como forma de demonizar um inimigo. Comumente o comunismo é visto como degenerado pelos órgãos de propaganda e doutrina da AIB. Para a AIB eles não possuem espírito, “não tem família, não tem pátria e não respeitam a Deus”. É uma forma de produzir o medo através de uma perspectiva que faz o interlocutor do texto rejeitar algo que abomina como humanidade. E, para isso, é posta a relação prática com o Brasil. “Pobre povo russo! E ainda há tarados que pretendem esse inferno no Brasil!”³³⁰. Deste modo, a narrativa integralista mostra o que é o bem e o mal em uma perspectiva prática nacional e local. Ao mesmo tempo que faz isso, a AIB procura trazer a resolução do que traz como problema. É sempre uma estrutura pronta de causa e efeito. De perguntas e respostas que se retroalimentam.

Na sequência temos uma outra publicação de João do Sul no dia 30 de julho de 1935 em que o publicador transcreve um artigo de Felix Morel que, segundo ele, viveu muitos anos nos Estados Unidos, portanto, teria “conhecimento” sobre a realidade daquele país. O texto foi originalmente publicado no jornal político francês “La Libre Parole” criado no final do século XIX por Edouard Drumont. O jornal era conhecido por um anticapitalismo acentuado que fazia a ligação entre judeus e o capital internacional. Segue a mesma característica que João do Sul busca, o antissemitismo como forma de combate à “conspiração judaica internacional”.

O texto traz uma reflexão sobre a questão judaica nos Estados Unidos que, desde os acontecimentos na Alemanha, se tornaram pauta importante de discussão no mundo.

O ESTADOS UNIDOS E OS JUDEUS

Transcrevemos um artigo de Felix Morel, que viveu muitos anos nos E. unidos, publicado na <<Libre Parole Populaire>> (Paris):

³²⁹ A Razão – ano 1, nº 22, 27/9/1935, p. 3.

³³⁰ Id.

“Os acontecimentos dos últimos tempos na Alemanha, colocaram a questão judaica novamente na ordem do dia. Sem dúvida alguma, a questão judaica continua para o futuro como um problema mundial

Si os alemães iniciaram com coragem o saneamento de seu povo, quer em relação as forças sociais, quer em relação as instituições nacionais, isto se deu por encontrar-se seu país em um estado deplorável quanto ao seu futuro, verdadeira catástrofe, que tinha por causa as aspirações do imperialismo judaico.

As outras grandes nações como a Inglaterra, França e Est. Unidos, estão sob ameaça do mesmo perigo. As medidas de defesa contra as terríveis tentativas de domínio mundial pela raça judaica ainda são fracas nesses países. A situação econômica, difícil em geral, ainda não agravou-se a tal ponto, de abrir os olhos das grandes massas e crear as correntes irresistíveis, contra as quaes não poderão agir nem os poderes financeiros internacionais, nem as organizações secretas judaicas.

A história dos Est. Unidos constitue um exemplo típico da infiltração judaica. Esse país de imensas riquezas, ofereceu a fantasia comercial, infinitas possibilidades. Que bello campo de acção para esta raça atrevida, que sempre está pronta a abandonar sua última pátria adoptiva e procurar os países novos em via de revelação de suas riquezas. Nunca se encontrará entre os pioneiros que recortam novos territórios e trazem a luz as suas riquezas. Elles deixam para os outros povos o árduo trabalho aliado ao sacrificio de vida e bens, que sempre se dão nas novas empresas. Mas, mal aparecem as primeiras riquezas, os judeus, um bando de aves de rapina, sahido dos ghettos europeus voam para estes países a procura do lucro fácil”.³³¹

Ao transcrever esta publicação, João do Sul busca mostrar que a suposta conspiração de dominação dos judeus acontece simultaneamente de forma mundial. Assim, ele agrega mais fundamento aos seus argumentos a fim de definir qual seria o objetivo que o integralismo deve tomar visando a revolução integralista. Do mesmo modo que Barroso busca enaltecer o regime nazista na Alemanha, Morel discorre sobre a coragem dos alemães em “sanear” seu povo, implicitamente dizendo que era necessário a higienização da população, uma ação de saneamento social, pois, seu país se encontra em um “estado deplorável” por causa das “aspirações do imperialismo judaico”. É um texto de denúncia e de alerta sobre esse “perigo”. Pelos Estados Unidos serem um país suscetível à exploração judaica, graças as suas liberdades e riquezas, segundo Morel, é importante manter-se alerta contra essas investidas. Deste modo, define os judeus que são imigrantes em outros países de “aves de rapina”, que vão para assaltar as riquezas de outros. Saídos dos “ghettos europeus” voam para países em busca de “lucro fácil”.

³³¹ A Razão – ano 1, nº 13, 30/07/1935, p.3.

O texto se estende citando nomes de judeus que estariam nos Estados Unidos botando em prática esse plano, do mesmo modo que Barroso citou os “agentes do marxismo judaico” no Brasil. Toda essa narrativa vem ao encontro ao interesse de João do Sul em demonstrar este inimigo. Torna-lo observável, criticável e combatível. O último parágrafo do texto deixa isso claro. “A crise que sacode o mundo há muitos anos tem suas raízes nos Estados Unidos. É impossível termina-la sem tomar em consideração a invasão judaica e sem destruir a louca phobia da raça judaica em querer dominar o mundo”.³³²

Em um texto seguinte, João do Sul expõe diretamente o grupo, que segundo ele, estaria ligado a dominação judaica mundial. Aqui seu objetivo de ataque se revela e demonstra explicitamente qual inimigo de Paranaguá deve ser combatido. Percebemos que nessa narrativa todo mal está atrelado ao “judaísmo internacional” que utilizava de sociedades secretas a fim de capilarizar seu domínio pelo mundo. João do Sul, assim, se direciona de forma prática, visando resultados pragmáticos no campo específico local. Isso tudo demonstra seu profundo ressentimento com o grupo maçom de Paranaguá.

Aos maçons de Paranaguá.

Em um pequeno aposento, os maçons de Paranaguá acharam por bem atacar o Integralismo e sua doutrina, taxando os integralistas de escravocratas, que carnavalescamente querem agrupar escravos em torno de um chefe a quem juram obediência incondicional. Dizem que o manifesto integralista é cheio de contradições e confusão, que predispõe para *gardanhas inquisitórias*, óleo de rícino e manganêli, que o indivíduo após o juramento integralista, apresenta-se ao estado de simples máquina, enfim um grande número de expressões que provam a ignorância completa do integralismo por parte dos maçons.

Sobre o juramento integralista o folheto diz textualmente: “Fere a liberdade de pensar e agir do indivíduo e tem pretensões descomedidas de atingir a espécie humana, é um crime de lesa-liberdade de consciência, diretamente afronta os princípios da Maçonaria que ultea sua divisa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Não é possível concordar com tais escravocratas que além de tudo são fundamentalmente opostos a igualdade, desejam o governo das elites, a perseguição aos judeus e aos que tem ideias contrárias e, custe o que custar, imporão o mesmo óleo de rícino e mangelista.”

Em resposta a essa afirmação reproduzimos o juramento maçônico: “Se eu trair minimamente o meu juramento, seja me cortado o pescoço: meu coração, meus dentes e minhas entranhas sejam arrancadas e deitadas ao fundo do mar; queime-se meu corpo e dispersem-se as minhas cinzas no

³³² Ibid., p. 7.

ar, para que nada reste de mim e dos meus pensamentos entre os homens e entre os meus irmãos maçons”.

Ora, se um integralista trair seu juramento não lhe cortamos o pescoço (processo puramente judaico que chamam charachten) e também não queimamos o seu corpo, mas simplesmente a ficha do companheiro que faltou com sua palavra, sendo ele em pessoa vedado as honras de integralista.

Quanto a trilogia “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, recomendamos aos maçons a leitura dos *Protocollos* dos sábios de Sião, que são planos elaborados pelos supremos chefes da franco-Maçonaria.

Lá encontrarão o seguinte: “Fomos nós os primeiros que na antiguidade atiramos ao povo as palavras “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, palavras repetidas através dos tempos por papagaios inconscientes, que atraídos de toda a parte por esse chamariz, não o usaram senão para destruir a propriedade do mundo, a verdadeira liberdade individual outrora tão bem garantida da ofensiva da multidão. Homens que se supunham inteligentes para descobrir o sentido oculto dessas palavras, não viram que elas se contradizem, não viram que não há igualdade na natureza, que não pode haver liberdade, que a própria natureza se estabeleceu a desigualdade dos espíritos, dos caracteres e das inteligências tão fortemente submissas as suas leis...!”

Lê maçons de Paranaguá estes *Protocollos* e verás que teus chefes supremos (todos judeus) querem te aproveitar como tijolo na construção de israel. Depois de teres feito o teu trabalho, teus chefes supremos te darão em pagamento o desterro, a morte, o exílio.

Lê estes *Protocollos* e verás que tomaste o bonde errado. Leia também: *As forças secretas da revolução de León de Poncins* e vestirás uma camisa verde, porque és brasileiro e amas a tua pátria e tua família.

João do Sul.³³³

Para João do Sul o grupo que estaria ligado à dominação judaica mundial, como agentes secretos do judaísmo internacional era a Maçonaria. Vimos, desde o capítulo passado, que a Maçonaria de Paranaguá foi responsável pela vanguarda no movimento anti-integralista no Paraná e ousamos dizer, também no Brasil, iniciando com as ações de Dario Nogueira dos Santos. Neste momento vemos a primeira resposta oficial de um órgão de doutrina e propaganda da AIB do Paraná contra essa militância. Há, aqui, a delimitação do que esse conflito gerou. João do Sul traz alguns argumentos a fim de responder aos maçons de Paranaguá, especificamente o opúsculo publicado por Dario Nogueira dos Santos em abril de 1935, enviado ao GOB e também ao Manoel Ribas. João do Sul deixa claro que sua resposta é em função deste texto.

Ele inicia sua publicação dizendo que os maçons de Paranaguá acharam por bem atacar o Integralismo através de um folheto. Este folheto seria a publicação de Dario Nogueira dos Santos “A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira”, e isso

³³³ A Razão – ano 1, nº 14, 03/8/1935, p. 3.

pode ser confirmado pelas citações que João do Sul faz. O integralismo enquanto escravocrata, a obediência condicional ao Chefe e as contradições do manifesto programa de outubro de 1932 estão no texto de Nogueira dos Santos, semelhantes também as críticas que foram feitas no texto de julho de 1935. A questão do juramento também está presente na resposta, e, segundo João do Sul, “um grande número de expressões que provam a ignorância do integralismo por parte dos maçons”. Vamos transcrever em seguida algumas partes do texto de Nogueira dos Santos para visualizar diretamente da fonte o teor deste texto. Apesar de nosso objetivo ser observar a partir do discurso integralista os seus inimigos, é importante a leitura do texto que serviu objeto para a manifestação de João do Sul.

A Loj.'. Perseverança de Paranaguá oferece aos Maçons, este pequeno opúsculo, pois na qualidade de uma das vanguardas pró-evolução, ora pela Independência, ora pela Abolição, ora pela República, manifesta sua ação anti-Integralista, pois, já em dezembro de 1932, em Loj.'. o Ir.'. Orad.'. justificara que os planos da Ação Integralista eram anti-maçônicos.

Prezados Irmãos, Arquitetos de Hiram

Útil é todo o esforço no sentido de elucidar princípios doutrinários e analisar em período tão delicado a diretriz do método combativo em face de partidos que ousam absorver todas as instituições liberais. Como sabemos que toda doutrina pode ser exposta e analisada em Loja, na qualidade de representante aclamado pela Perseverança, procurei coligar observações em torno dos motivos que aqui nos reúne em defeza dos postulados maçônicos.

Estudado o manifesto da Ação Integralista, verifica-se nele uma dificuldade de vencer pelo número de contradições nele verificadas que dão logo a entender o confucionismo de quem visa acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Entretanto, diante dele, analisarei a parte que nos interessa e que estabelece princípios anti-maçônicos.

A Ação Integralista brasileira é contra a liberdade de consciência e defende uma inquisição político-religiosa.

O seu manifesto diz tacitamente não consentir na formação de outros partidos, seus dizeres são: “Somos pela extinção dos partidos: pela moral religiosa”. Portanto, que não tiver o mesmo pensamento político ou religioso será perseguido; logo, se dentro do Próprio País, sua ação, sectarista se impuser, nem a fraternidade do povo brasileiro nos verificaremos quanto mais a fraternidade universal de nossa diviza maçônica.

E assim proclama Gustavo Barroso, as fls., 93, 109 e 110 do “O Integralismo em Marcha”: - “Temos, portanto, de cumprir o que reputamos nosso dever aplicando o remédio, quer o doente queira ou não. Não nos importa a sua vontade e ainda menos a oposição que nos faça. O que importa é obter força para impor a nossa medicina. Isto não quer dizer que não apliquemos a força quando for preciso. Aplicá-la-emos”.

É francamente uma predisposição para as gardanhas inquisitoriais, óleo de rícino e “manganeli”, e portanto, contra os ideais maçônico. Ao defender a religião católica a ação integralista está ao lado do sacerdócio romancista e, francamente, contra o nosso lema a Religião livre no estado livre”.

A ação integralista deseja o poder pelo “direito da força” e não pela “força do direito”, porque diz o manifesto: “Ou os que estão no poder realizam o nosso pensamento, ou nos da Ação Integralista Brasileira, nos

declararemos proscritos, espontaneamente, da falsa vida política da Nação até o dia em que formos um número tão grande, que restauraremos pela força, nossos direitos de cidadania e pela força conquistaremos o poder da República”. [...]

A ação do integralismo gira em torno de pessoas submetidas a um chefe supremo que sujeita a todos a obediência passiva, disciplina absoluta e sem exame aos chefes.

Os dizeres do juramento integralista são: - “Em nome de Deus pela nossa Pátria, pela nossa família e pela nossa honra juramos dar a nossa vida se necessário pela revolução integralista brasileira, amar, respeitar e defender o Chefe Nacional, amar, respeitar e defender as bandeiras nacional e Integralista, símbolos da Pátria gloriosa e da ideia, juramos fidelidade a doutrina integralista e disciplina absolutas e sem exame aos chefes”. [...]

Fere a liberdade de pensar e agir do indivíduo e tem pretensões descomidas de atingir a espécie humana, é um crime lesa-liberdade de consciência, diretamente afronta os princípios da Maçonaria que altéa sua divisa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Não é possível concordar com taes escravocratas que além de tudo são fundamentalmente opostos a igualdade, desejam o governo das elites, a perseguição aos judeus e aos que tem ideias contrárias e custe o que custar imporão o mesmo óleo de rícino e manganeli. [...]³³⁴

Observando o teor do texto de Nogueira dos Santos entende-se o porquê de João do Sul estar ressentido com a Maçonaria de Paranaguá. Nogueira dos Santos faz um apanhado geral da doutrina e demonstra com citações diretas porque a Maçonaria deve ser anti-integralista. Nosso interesse é poder visualizar o conflito a fim de demonstrar, a partir do texto de João do Sul, qual a narrativa que é construída para delimitar o combate ao inimigo local. Neste momento o ressentimento de João do Sul é mais explícito, ele se mostra profundamente ofendido pelo texto de Nogueira dos Santos a ponto de fazer um enorme esforço para apontar incoerências na análise do maçom. Sua tática é apostar na mesma moeda. João do Sul cita o juramento maçom e traz questões que demonstrariam e servem para acusar os maçons das mesmas coisas que os integralistas foram acusados. É algo parecido com a tática utilizada por João do Norte anteriormente, onde ele argumenta dizendo que os racistas são os judeus e não os nazistas e os integralistas. Algo como uma reação à opressão judaica.

Deste modo, João do Sul reproduz o juramento da Maçonaria onde existe uma cláusula que se o maçom trair o juramento deve ter o pescoço cortado em “um processo puramente judaico, além de queimar o seu corpo”. João do Sul completa que no integralismo só seria queimada a ficha do integralista desligado, não o seu

³³⁴ SANTOS, Dario Nogueira. **A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira**. In. **A Ação Histórica da Aug.º. Resp.º. Cap.º. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá**. (Obra não publicada), p.230-238.

corpo. Sobre o liberalismo da Maçonaria, João do Sul sugere a leitura de dois livros que são conhecidos por trazerem a conspiração judaica mundial como tema. A já provada fraude “Protocollos dos Sábios de Sião”, traduzido por Gustavo Barroso e “As forças secretas da Revolução” de Leon de Poncins. Não temos como objetivo desmascarar as fraudes contidas nestes livros, pensando junto de Roney Cytrynowicz, mas sim de entender o mito da conspiração como algo que dá inteligibilidade ao combate do inimigo próximo.³³⁵

O inimigo é definido como o maçom liberal, que ao mesmo tempo é judeu, que por sequência é comunista, da aliança libertadora e materialista. Apesar de absurdo, a princípio, não podemos desprezar esse malabarismo ideológico como forma de se contrapor a um grupo tão grande de indivíduos. João do Sul junta todos estes por laços não muito confiáveis, é claro, entretanto, a função disso é clara, o combate aos que se definem como competidores do poder político local. Obviamente não podemos definir que o objetivo consciente de João do Sul passava por uma cartilha que teria esses pontos. Devemos observá-lo como um resultado do seu ressentimento à Maçonaria de Paranaguá. Ressentimento que ele transforma em combustível para propagar o ódio a fim de conquistar e mobilizar outros militantes na causa. Por mais que não seja absolutamente planejado, estes ataques servem de ferramenta para a conquista do objetivo pragmático do campo que é absorver poder político.

No integralismo, como em qualquer outra organização política e ideológica, o discurso é extremamente importante para a dinâmica competitiva do campo político – como abordamos algumas vezes. Entretanto concordamos em parte com Rafael Athaides que; “não seja de todo correto atribuir o epíteto de ‘estratégias’ a esses discursos”. Estratégias essas, no sentido de que não são atitudes ou ações totalmente conscientes operacionalmente. Porém, há um conhecimento subjetivo, ou melhor um “habitus”, que os faz tornar o discurso ideológico ponto central na

³³⁵ Roney Cytrynowicz discorre: “O mito da conspiração Judaica, portanto, não é apenas uma ideia delirante, de consequências inofensivas. Sua aparente debilidade teórica, suas afirmações absurdas não podem afastar a necessidade de uma análise de sua lógica e ressonância social e política”. (CYTRYNOWICZ, 1992, p. 27) Ainda mais quando ele é utilizado em um contexto local específico, como Paranaguá. Sua força prática é mais eficiente, pois, aproxima os arregimentados da ação política dentro da região em favor de determinado grupo. Aproxima o sujeito interlocutor de seu inimigo prático. Assim, “a discussão sobre “legitimidade”, “fraude”, “plágio”, parece, portanto, inteiramente destituída de importância”. (Ibid., p. 29) O que importa observar é sua força de ação, sua força arregimentadora. A força que tem em mobilizar sentimentos conformes ao integralismo e subjetiva-los no indivíduo.

dinâmica competitiva do campo. Principalmente no que concerne na dinâmica de validação da própria ideologia, bem como a invalidação da ideologia oposta.

Essa dinâmica de validação/invalidação, pode e sempre estará relacionada com os objetivos pragmáticos do campo, mesmo que ela não represente integralmente o pensamento do indivíduo. O embate não é por simplesmente “*não concordar com a ideologia do outro*”. Há um interesse, que é o interesse inerente a todo campo. A absorção do poder em detrimento ao adversário. Para isso é necessário expressar uma narrativa de invalidação. Essa narrativa é expressa através da ideologia. A ideologia, nesse caso, passa por uma questão da doutrina integralista que é o mito da conspiração judaica presente nos livros sugeridos por João do Sul.

Os dois livros sugeridos por ele trazem o mito da conspiração judaica como ponto central. Isso não é algo exclusivo de João do Sul e não representa uma resposta simplória a uma suposta querela local, já desmitificada. O mito da conspiração judaica é ponto central no imaginário de Gustavo Barroso e serve de alicerce para a sua vertente integralista onde toda e qualquer ação passa pelo combate a essa suposta conspiração. João do Sul se utiliza da mesma tática por fazer mais sentido no campo político de Paranaguá, já que o próprio conflito se apresenta contra a Maçonaria. O próprio “A Razão” sugere o livro de Poncins uma segunda vez nas suas páginas.

Um Livro que desmascara a Maçonaria!

Acha-se a venda em Curitiba o formidável livro de Leon de Poncins: “As forças Secretas da Revolução – Maçonaria e judaísmo”. Este livro, um dos maiores libelos escritos nestes últimos tempos, corajosamente desmascara a filantrópica Maçonaria e o inocente judaísmo. Com referência a este último descreve magistralmente a ação revolucionária dos judeus no mundo e a organização judaica. Mostra as relações entre o judaísmo e o bolchevismo, o judaísmo e a imprensa; o judaísmo e a vida econômica, o judaísmo e a vida social e o plano de ação judaico. [...]

Pouca gente sabe que o judaísmo está indissoluvelmente ligado a Maçonaria. Na época atual os judeus e maçons colaboram no mundo inteiro para a vitória da revolução universal. Nos diferentes países, os altos graus maçônicos são, em grande maioria, ocupados por judeus. O judeu sempre teve predileção especial por sociedades secretas. Existem lojas exclusivamente judias, tais como a famigerada ordem maçônica Bnai-Brith, com sede em Chicago.

A Maçonaria em todos os países defende os interesses semitas. De mais a mais, os ritos, as senhas e os símbolos maçônicos são de pura origem judaica.

O próprio objeto da Maçonaria, destruição da civilização cristã, revela o judeu, porque só ele pode lucrar com essa ruína, só ele nutre contra o cristianismo um ódio tão violento a ponto de criar semelhante instituição. Eis porque a Maçonaria nos declara guerra. E porque nós integralistas vemos no cristianismo o mais seguro guiador dos povos, e seguiremos os seus princípios eternos.³³⁶

Não é exclusividade de Paranaguá o mito da conspiração judaica como base doutrinária (ou panfletária) na construção do inimigo. Já demonstramos que a militância anti-integralista da Maçonaria de Paranaguá atingiu o Brasil através do Grande Oriente nacional. O movimento que teve sua primeira expressão na expulsão de integralistas da Perseverança despertou o ódio da AIB em diversas publicações em diversas partes do país, cada local com sua especificidade. Por mais que de forma genérica, os integralistas do Paraná gastaram tempo e palavras para expressar seu ódio aos maçons. A ligação “judeus e Maçonaria” é só uma das facetas. A expulsão da Perseverança em Paranaguá também traz a ligação maçom e aliança libertadora. Temos diversos indícios de que isso também tem parte na história do integralismo em Paranaguá. Em 30 de agosto Jorge Lacerda publica um texto interessante que pode dar um gancho para pensarmos essa relação mais adiante.

MAÇONARIA E SEU “LIVRO NEGRO”

Jorge Lacerda

Um diário que se edita em Curityba, sympathizante da falecida A.N.L. (que acabou no lacre como diz o povo), publicou há dias uma circular terrível do Grande Oriente Maçônico contra o integralismo como si o Integralismo tivesse tempo para pensar na Maçonaria.

No seu trecho final lemos que “a Maçonaria também tem um livro negro, para anotar o nome dos que se batem pelo integralismo” (tomem nota desta os integralistas).

Em primeiro lugar, nos, os camisas verdes, que pensamos em cousas sérias, como Deus, Pátria e família, não temos tempo a perder, pensando em sociedades secretas que marcam época, desde o “tempo do onça”.

No entretanto, vamos dizer algo a respeito.

Só a ingenuidade de uma criança é que se faria acreditar que a Maçonaria é um produto nacional.... Não se faz mister proclamar, que ella é internacional, existindo em toda a parte, porem em plena decadência.

A sua finalidade como apregoam os seus filiados, é a prática da caridade, do bem ao próximo.

Qual porem é a razão por que a Maçonaria faz benefícios e caridade secretamente?

Respondam os senhores mais graduados da Maçonaria.

³³⁶ A Razão – ano 1, nº 27, 08/11/1935, p.4.

Combate-nos ainda a Maçonaria, porque ella alega que fomos contra o seu lema: Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Não se compreende, porém, como uma sociedade prega a igualdade absoluta dos homens, si dentro de suas próprias paredes esta igualdade não existe!

Dentro da Maçonaria, há a desigualdade de “gráo”.

Determinados maçons possuem um gráo superior ao de outros “irmãos” maçons. E esses que tem gráo inferior não podem saber os segredos que são do conhecimento daqueles que possuem gráo superior.

Mas como! Segredos?

Como podem existir segredos de tal ordem, numa sociedade, que se propõe praticar o bem?

Si segredo existe é porque dentro dela há muita cousa velada, muitos intuitos secretos, ignorados pela maioria dos próprios maçons. Leiam Leon de Poncins!

Witfold Kowerski, tratando da Maçonaria, citou a seguinte phrase de um maçom francês, o irmão Thory, sobre a Maçonaria na França no século XVIII, para qual chamamos a atenção dos brasileiros:

“E uma cousa certa, que talvez haja – si é que são tanto – 25 maçons, dos que conhecem o fim da Maçonaria, entre os 200.000 que cobrem o solo da França”.

Saiba disso, oh massa iludida dos maçons do Brasil! Sabemos muito bem, que vós, maçons da nossa Pátria, entrastes para a Maçonaria, por razões meramente políticas ou particulares, sem nunca terdes cogitado das verdadeiras finalidades dessa sociedade secreta!

Oh maçons que conheceis os verdadeiros fins da Maçonaria!

Lede agora, com atenção, o que vos queremos dizer.

Vós não precisaes ter em vossas cabines mysteriosas o “Livro Negro”, contendo o nome dos bravos camisas verdes que querem a honra e a dignidade da Pátria, saídas das portas abertas de nossas gloriosas casernas, de nossos templos, de nossas escolas, de nossas sociedades cívicas e literárias, das portas amplas de nossas sedes integralistas, e não das portas fechadas de uma sociedade secreta!

Não é preciso o “Livro Negro”!

Os 400.000 camisas-verdes andam pelas ruas do Brasil ostentando o distintivo integralista!

Continuai oh poderosas forças misteriosas da Maçonaria a nos combater!

Um dia porem, tende a certeza, nós os camisas verdes da Pátria, escreveremos na última pagina do vosso afamado “Livro Negro”, o atestado de óbito da Maçonaria no Brasil!³³⁷

Pode-se perceber aqui que, mesmo Lacerda “não tendo tempo a perder”, há uma dedicação em continuar a alimentar a mesma discussão que João do Sul, Barroso, entre outros, estão envolvidos. Os argumentos de Lacerda se baseiam em questões semelhantes com as de João do Sul, principalmente apelando para o que seria incoerente na doutrina maçônica. O ressentimento de Jorge Lacerda e de João do Sul é muito claro a ponto de Lacerda, apesar de não dar relevância aos maçons, escrever um texto longo somente para criticá-los. Os textos se equiparam. Como comentamos antes os argumentos não têm uma variedade muito grande, todos giram na mesma centralidade argumentativa. A relação

³³⁷ A Razão – ano 1, nº 18, 30/8/1935, p.1.

judeus/Maçonaria/materialismo é presente em todos. Principalmente pelos textos que são referências para as críticas serem os mesmos.

Lacerda demonstra seu ressentimento, além do apontamento das incoerências, pelo fato da Maçonaria ser uma sociedade secreta que necessita de um livro negro para colocar os nomes de seus opositores. O tom que Lacerda dá é quase que jocoso. Ele aposta e clama para que a Maçonaria venha os combater. E avisa aos próprios maçons que mesmo eles não sabem dos “planos secretos de Israel”. O ressentimento de Lacerda tem base na circular do Grande Oriente Brasil que circulou em meados de 1935 onde dizia que os integralistas deveriam ser proibidos de ingressar na Maçonaria e que os que estavam já filiados deveriam ter sua expulsão avaliada pelas lojas. A circular foi baseada nos argumentos de Dario Nogueira dos Santos que comentou a mesma. A seguir a circular com os comentários de Dario Nogueira dos Santos³³⁸.

-CIRCULAR ÀS LOJAS E MAÇONS DA FEDERAÇÃO-

Havendo li.'. do Cons.', Ger.'. da Ord.'. recebido consultas e ponderações sobre a circular de 6 de novembro de 1943, referente aos maçons que militam no integralismo, bem como acerca dos que pertencem ao comunismo, aquele alto corpo deliberou, em sessão de 11 de junho, reformar em parte, a citada circular. Assim, o final da alínea G da mesma

³³⁸ Percebemos indícios que a data presente no corpo da circular foi fruto de um erro de digitação. Os textos que são anteriores e posteriores à circular são de 1935, na construção do manuscrito de Nogueira dos Santos. Nossa conclusão é que 1943 quer dizer 1933. Como o texto é um manuscrito à máquina e sem revisão, erros são encontrados com certa frequência. Não faz sentido o texto ser de 1943, pois, neste momento, a AIB já estava por completo na ilegalidade desde 1937. Seria redundância reafirmar a proibição em uma circular sendo a proibição federal e que já havia sido agradecida por Dario Nogueira dos Santos em outra carta à Manoel Ribas citada no capítulo anterior. Também no capítulo anterior citamos o pequeno texto que precede a circular (retranscreveremos em seguida) e podemos perceber que Nogueira dos Santos fala do ano de 1935. É muito improvável que a circular tenha saído somente 8 anos depois, quando as perseguições e prisões aos integralistas já se faziam oficiais. Tanto que o texto de Lacerda citado anteriormente critica a própria segunda circular que estamos transcrevendo, isso em 1935. Uma reportagem do “Diário da Tarde” pode confirmar o erro da data. O jornal publica as duas circulares em agosto de 1935 o que nos leva a conclusão de que a segunda foi realmente publicada em 1935. (Diário da Tarde – ano 37, nº 12.159, 21/08/1935, p. 1). Importante também repetirmos o texto que precede a circular para lembrar o teor. “O ano de 1935 foi muito atribulado para os OOBr.'. da Perseverança, porque, os ideais maçônicos estavam ameaçados pelo partido Integralista que em 1932, lançou no Congresso Revolucionário, do qual fiz parte como representante dos Operários de Paranaguá que, me outorgaram poderes para representa-los, lançou seu primeiro manifesto lido no Congresso pelo seu corifeu Plínio Salgado e que de início manifestava o seguinte: - “Combateremos a Maçonaria e o Judaísmo”. Em face disso, para nossa própria defeza, estávamos convidados a lutar pela defeza de nossos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Sabíamos que seis irmãos nossos em que tão bons serviços haviam já prestados cerraram fileiras em torno do Integralismo. Recebemos uma segunda circular e não permissão deles em nossos Templos” (SANTOS, obra não publicada, p. 227)

circular que diz: “As Lloj.'. compete deliberar sobre a conveniência de conservar ou eliminar dos quadros, os maçons que agem contra os princípios maçônicos”.

É substituído pelo seguinte: -

“O maçom que ingressar na Ação Integralista deve ser eliminado das Lloj.'. De sorte que estas enviarão ao Gr.'. Sec.'. Geral da Ord.'. logo após a eliminação, o nome ou a relação dos eliminados.

E a Gr.'. Sec.'. por seu turno, mandará todas as OOf.'. da Feder.'. os seus nomes que deverão ser inscritos no livro negro.”

Quanto ao Comunismo, resolveu o II.'. Cons.'. Ger.'. da Ord.'. , que é preciso distinguir entre os que adotam o materialismo histórico, a dialética marxista, como instrumento, método de estudo, e os que militam no partido comunista. Contra estes é que se pode alegar que se organizam para subverter o Estado burguez, subversão essa que será realizada pela violência. Portanto, somente em relação aos membros do partido Comunista é que o ingresso ou permanência é vedado pela constituição. E a eliminação acima prevista, deverá efetuar-se, quando o Ir.'. na preferência as convicções integralistas ou comunistas, deixar dos seus deveres de bom maçom, caso em que abrirá mão da própria Ordem Maçônica.

Saúde, paz e prosperidade.

O Gr.'. Sec.'. Ger.'. da Ord.'. .

a) Ezequiel de Medeiros

Neste momento, portanto, que temos convicção ser meados de 1935 pela cronologia do manuscrito e confirmação a partir de outras fontes, o GOB ordenou em circular a expulsão de todos os integralistas da Lojas do país.³³⁹ Houve uma diferenciação entre comunistas e integralistas, principalmente no caso do marxismo enquanto quadro teórico e metodológico. O texto de Lacerda versa sobre esta circular que comenta sobre o Livro Negro e indica que o “diário que se edita em Curityba” seria o “Diário da Tarde”, pois o mesmo publicou a circular em 21 de agosto de 1935.

Cada vez mais temos indícios que o conflito entre a Maçonaria e a AIB no estado tomou grandes proporções. O “A Razão” e outros veículos se mostraram em diversos momentos ressentidos com as investidas maçônicas³⁴⁰. Dario Nogueira dos

³³⁹ Tivemos a informação de que possivelmente Manoel Vieira de Alencar teria sido maçom no período da AIB. Não conseguimos encontrar dados que comprovassem essa especulação, entretanto, pudemos confirmar que Raul Munhoz (integralista e maçom) foi eleito vereador em Curitiba. No caso de Carlos Neuffert, integralista e expulso da Perseverança junto com o quadro parnanguara, encontramos informações, já descritas em sua ficha prosopográfica, que mesmo após sua expulsão, acabou sendo homenageado pela Maçonaria. A conclusão que chegamos é que a maleabilidade destas ordens pode ter afrouxado com o tempo. No caso de Neuffert décadas depois. Ainda assim, neste momento, ficamos com a posição oficial do GOB.

³⁴⁰ Temos mais diversas publicações críticas à Maçonaria nos mais diversos veículos integralistas. Pudemos observar, por exemplo, uma série de publicações no “O Bandeirante” de Caxias no Rio Grande do Sul em 1935 que trazem temas como: “A Maçonaria inimiga dos mestres do povo” (O Bandeirante, 9/2/1935, nº 4, p. 4), “Maçonaria academia de anarquistas” (O Bandeirante, 16/2/1935, p. 4), “Maçonaria é ateuista” (O Bandeirante, 23/2/1935, p. 4) e “Maçonaria é Escravidão” (O

Santos, sempre envolvido no centro destas questões, apareceu mais de uma vez nesta sequência de fatos que decorrem a partir do ano de 1935. Ele respondeu a segunda circular do GOB comentando suas atitudes na cidade de Paranaguá que resultaram na expulsão dos Integralistas.

Diante dessa circular e de outra anterior, a Loja Perseverança deliberou ainda fazer uma consulta por carta aos irmãos que militavam no Integralismo e na mesma prancha foi determinada a data prazo para a resposta.

A Loja não teve a honra de receber resposta desses novos membros da Ação Integralista.

Diante da evidencia dos fatos eliminou seis membros do quadro e a prancha de eliminação foi lacônica e encerrada com os seguintes dizeres

“Fazemos votos para que vosso juramento ao Integralismo seja tão fiel como não foi o Maçônico, para que nos momentos de luta da Ação Integralista, possais ser fiel ao integralismo, como nos momentos de paz, não fostes para com a Maçonaria”. As: Dario Nogueira dos Santos Venerável³⁴¹.

Esta foi a ruptura que determinou o ressentimento da AIB, principalmente João do Sul, contra os maçons de Paranaguá. A construção e delimitação do inimigo integralista de Paranaguá passa inexoravelmente por esta questão. A Maçonaria de Paranaguá foi a loja mais contundente de combate ao integralismo no estado, como demonstram os inúmeros dados e fontes apresentadas até o momento. O contexto em Paranaguá só poderia estar relacionado nesse embate. A construção da perspectiva temporal afetiva também só faz sentido ao pensarmos essa relação. O combate à Maçonaria pela AIB toma os contornos de luta do bem contra o mal, como já elucidamos. Percebemos nos integralistas de Paranaguá um revestimento na doutrina integralista como forma de combater seu inimigo prático no campo político da cidade, ou seja, os apoiadores de Vargas, os liberais e a ANL. O ódio da AIB aos maçons de Paranaguá se demonstra também nestas relações. Dario Nogueira dos Santos relata outro episódio.

Diversas vezes estivemos reunidos em Loja porque os integralistas anunciavam que iriam depredar o Templo, etc, etc,.

Bandeirante, 15/3/1935, p. 4). No “Flama Verde” de Florianópolis também temos uma série de textos com o mesmo teor no decorrer de 1937. São publicações com títulos como “Contra a Maçonaria”, “Elementos diabólicos”, “Maçom não tem Deus”, “Maçonaria contra o Brasil”, “Maçonaria e judaísmo são a mesma coisa”, “Por que a AIB combate a Maçonaria”, etc. Isso demonstra que o conflito AIB – Maçonaria ia além de uma querela local de Paranaguá.

³⁴¹ SANTOS, Dario Nogueira. **A Ação Histórica da Aug.º. Resp.º. Cap.º. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá.** (Obra não publicada), p.228.

Ameaças não faltaram e cartas anônimas que prometiam até roubar nossas vidas, tudo isso surgiu nesses períodos ditatoriais, de campanhas virulentas quando os elementos retrógrados ousam tomar posições a força. Porque lhes faltam os meios de persuasão que só causam efeito por método pacífico e construtivo.

A Maçonaria proscree terminantemente o “direito da força”, porque é ela reconhecadora da “força do direito”.

Possuo cartas anônimas endereçadas a mim e a pessoas de minha família com ameaças de toda espécie decorrentes desse período e sei que se o Sup.º. Arq.º. do Um.º. não estivesse com as boas causas, não estariam vivendo pelo menos alguns irmãos dedicados da Perseverança.³⁴²

O ódio propagado pelo discurso integralista contra a Maçonaria surtiu efeito em Paranaguá, como comprova o texto anterior. Percebe-se que até ameaças de morte foram feitas, o que leva a crer que esse conflito era de uma seriedade intensa no município. Ao levarmos em conta o conflito a partir da AIB compreendemos que a subjetivação do ressentimento e do ódio à Maçonaria pelo discurso integralista de Paranaguá deu resultado. O que os dados nos apresentam é que esses afetos conseguiram surtir efeitos nos militantes da cidade. Tudo o que foi discutido até agora tem parte nisso. O medo, a esperança, o ressentimento, o ódio, ou seja, a paixão militante integralista de Paranaguá foi revelada aos ataques e ameaças a Maçonaria. A partir do momento que os afetos transgridem o discurso e se materializam em atitudes, como a comentada logo anteriormente, temos a conclusão da internalização destas subjetividades. A atitude é o sentimento em ação, o sentimento internalizado se torna internalizador.

O ódio da AIB à Maçonaria só continuou a aumentar, pois, o envolvimento da Perseverança com a ANL era claro. A AIB considerava a ANL comunista, ação do judaísmo internacional e que utilizava a Maçonaria para capilarizar esse poder. O “A Razão” traz um texto que versa justamente sobre esta questão, o envolvimento da Maçonaria de Paranaguá com a ANL. Este texto demonstra também todos os afetos que buscamos observar neste capítulo. O ressentimento e o ódio estão presentes em quase todos os textos que trabalhamos até aqui. Uns trazem expressões mais violentas e enérgicas, outros menos. A manipulação do medo e a expressão da esperança também são presenças constantes. No texto a seguir não é diferente.

A comunista Aliança Libertadora dentro da Maçonaria!

O povo brasileiro que comece a abrir os olhos...

³⁴² Id.

O inimigo vem agindo aberta e secretamente, com o fim de implantar no Brasil o bolchevismo judaico da Rússia.

A comunista Aliança, *sem a vontade de sua maioria*, vem servindo de instrumento a seculares forças secretas internacionais, enfaixadas nas mãos de indivíduos que não são brasileiros e que, portanto, não tem que ver com nosso Brasil.

Tomem nota dos brasileiros, até os que, bem-intencionados, porém, iludidos, entraram para as fileiras desta Aliança misteriosa...

Ainda há pouco a Aliança Libertadora fez algumas de suas reuniões em Paranaguá, na Maçonaria.

Isto não é um sinal, é um aviso!

À Maçonaria é uma <<sociedade puramente filantropica e que, por excesso de modéstia exerce filantropia secretamente>>...

Brasileiros!

Não é preciso dizer mais nada.

Um pouco de raciocínio e de reflexão basta para vos mostrar que forças ocultas vêm agindo subterraneamente...

Ainda é tempo, porém!

Matemos a hydra, antes que ella devore o Brasil!³⁴³

Este texto demonstra uma ação contundente da AIB do Paraná. Em tom de denúncia, comum nos textos da AIB, vem trazer informações que conclamam para que “o povo brasileiro comece a abrir os olhos”. Não há como contra argumentar, neste momento o texto deixa bem claro: “o inimigo vem agindo”. Em Paranaguá o inimigo está na Maçonaria e quer implantar o “bolchevismo judaico da Rússia”, pois a Aliança Libertadora é comunista. Outro texto, na mesma página que o anterior reforça a mesma questão através da notícia que a ANL apoiava a União Democrática, organização que contava com pertencentes ao Partido Liberal e Frente Única.

É extranhavel essa attitude da “alliança”, mormente que diz combater as instituições liberaes-democraticas e, em seguida, faz conluio com ellas. Bem mostra que não tem princípios: si é nacionalista”, engana as massas obreiras, dizendo-lhes confidencialmente que é “comunismo” encapado e aproveita os esforços destas, que acreditam numa ditadura proletária, em beneficio de alguns liberaloides parasitas e exploradores; si é “internacionalista”, o que lhe cabe melhor, é obra do judeu. É o comunismo, o materialismo estomago e sexo, que aproveita os elementos de todas as correntes liberaes, liberaes comunistas, para dar seu golpe decisivo em proveito da raça eleita. Todavia, si não for extremista que o diga, lealmente, aos humildes operários, que nella ingressaram, acreditando nas falsas reivindicações proletárias pregadas pelo nefasto bolchevismo, e verá debandarem todos! Ella que o experimente!³⁴⁴

³⁴³ A Razão – ano 1, nº 9, 26/6/1935, p. 1.

³⁴⁴ Id.

Em Paranaguá, inclusive, Agostinho Pereira Alves Filho era líder do comitê liberal de Paranaguá, maçom e, posteriormente, líder da ANL, como demonstra sua ficha individual do DOPS do Paraná. Apesar de ser considerado “notável comunista” desde os tempos da Aliança Liberal, Pereira Alves Filho gozava de grande prestígio na cidade e demonstra essa incoerência expressada no recorte anterior. Foi Preso no final de 1935 por “atitudes subversivas” enquanto era parlamentar na câmara dos deputados do estado do Paraná. Ficou preso até 1937, quando foi posto em liberdade após recorrer inúmeras vezes para ser ouvido por um juiz. Negou todas as acusações. Disse ser filiado ao PSD, que apoia o regime de Vargas e de Manoel Ribas. Foi enfático em colocar que não fazia parte da ANL e nem conhecia Luís Carlos Prestes, contrapondo uma carta apreendida no Rio de Janeiro em que é congratulado pela chefia estadual da ANL. Suas declarações não foram levadas em consideração, pois ficou quase dois anos preso, mesmo sendo parlamentar. Os indícios que temos é que ele estava envolvido em todas as acusações. Os dados presentes nos levam a chegar a esta conclusão³⁴⁵.

As reuniões que o periódico “A Razão” cita no número 9 aconteceram realmente na sede da Perseverança em Paranaguá, por isso não é de se estranhar a proximidade de Pereira Alves Filho, sendo maçom da Perseverança. Podemos confirmar isso a partir de dados oriundos de Dario Nogueira dos Santos que precisa se retratar ao GOB por permitir tais reuniões. Segue parte da retratação.

O núcleo da A. N. Libertadora desta cidade, havia marcado uma comemoração cívica em homenagem à data 5 de junho que se realizaria em praça pública. Aproximadamente quatro horas antes da manifestação cívica a polícia avisa que só permitirá a reunião em recinto fechado, portanto foi uma maneira de cercar a manifestação cívica anunciada. A comissão provisória do núcleo local a qual não pertencço, procurou um lugar e não encontrando recorreu a nossa Loj.'. e a casa foi cedida por mim, sob minha direta responsabilidade sem a interferência de irmão algum, porque não os quis comprometer, e mesmo porque não havia tempo de reuni-los para discutir o caso. Redigi uma justificativa de minha atitude e foi lida em Loj.'. e agradou sobremaneira os lir.'. de que foram unânimes em solidariezarem-se com minha ação. Ahi fiz uma conferência pública satisfazendo o pedido da Unione e Fratelanza e, seguida a qual adiante apenas de lir.'. li outra vez a mesma justificativa dos li.'. deste, e , com a mesma unanimidade os li.'. presentes manifestaram-se.³⁴⁶

³⁴⁵ Fichas Individuais e Pastas Individuais DOPS – FI 09096 e PI0083278. Departamento do Arquivo Público do Paraná.

³⁴⁶ SANTOS, Dario Nogueira. **A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira**. In. **A Ação Histórica da Aug.'. Resp.'. Cap.'. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá**. (Obra não publicada), p.248

O texto é assinado por Dario Nogueira dos Santos e Felipe Chede. Nogueira dos Santos diz em outra parte do texto que a Maçonaria é solidária à ANL e que não via motivos para não ceder o espaço para suas reuniões. O que chama atenção é o fato de muitos aliancistas estarem mesmo ligados à Maçonaria. Dois dos líderes da ANL de Paranaguá eram maçons da Perseverança, Agostinho Pereira Alves Filho (também principal nome de Vargas na tomada de poder em 1930) e Felipe Chede. Este último inclusive assinou a carta de justificativa para o GOB. Não é absurdo, portanto, a constatação da AIB deste fato. A Maçonaria não escondeu sua ligação na cidade com a ANL, aliás, deixou claro que se solidarizava com o grupo.

Ao reunir todas estas questões podemos concluir com clareza que os inimigos da AIB em Paranaguá eram, em primeiro lugar a Maçonaria e, em segundo lugar, a ANL. Os dois grupos eram próximos de Vargas até o advento do golpe do estado novo, quando não só a AIB, mas a ANL (muito mais cedo que os outros grupos) e também a Maçonaria começaram a ser perseguidos e investigados pelo governo federal. Concluimos também que a mobilização dos afetos, o ressentimento, o ódio, o medo e a esperança, estavam presentes em todo o discurso que circundava o município. Esses sentimentos conformes ao integralismo foram subjetivados em militantes que, até mesmo, partiram para ameaças de morte. João do Sul representa, neste sentido, o centro doutrinário que, através do mito da conspiração judaica internacional dava inteligibilidade e revestia os militantes de argumentos que serviam de embasamento para perseguirem estes grupos.

A paixão política integralista de Paranaguá está detalhadamente expressada nos textos direcionados à cidade e nas relações que pudemos fazer com outros locais, regiões e publicadores. A gestão dessa paixão política também. Pode-se perceber que, apesar de não ser conscientemente, não nos importa determinar isso, a gestão de uma paixão política integralista tomava parte no discurso da AIB de Paranaguá. Sua importância passa estritamente por ser uma grande ferramenta arregimentadora, ou melhor, formadora de uma personalidade, de uma identidade política, um prisma de leitura de realidade que subjetiva no indivíduo, propenso militante, uma posição, sentimentos políticos que sirvam utilitariamente à AIB de Paranaguá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa observamos a dinâmica que circundava o núcleo municipal da Ação Integralista de Paranaguá. Tivemos como objetivos específicos duas questões principais: a análise do núcleo municipal, como instituição e a análise da AIB – Paranaguá, enquanto um grupo de agentes políticos e seu discurso doutrinário. Visamos observar o que chamamos de *paixão política integralista* através deste estudo de caso, desta história local. Entretanto, antes de focar diretamente nos dados que condizem estritamente a Paranaguá, buscamos fazer um aporte de certos aspectos que consideramos relevantes de serem discutidos como base para entender o universo local.

Tratamos, a princípio, de uma sucinta revisão bibliográfica que abarcasse a AIB de forma geral. Pensamos, principalmente, em nos focar na sequência em questões da organização do movimento, para que, deste modo, pudéssemos mais adiante entender a importância que um recorte local, que uma história de um núcleo municipal da AIB possui. Ao relacionar a estrutura organizativa, sua forma de se espalhar pelo território brasileiro, com a pluralidade da doutrina observamos que cada região, cada localidade, tinha uma determinada autonomia dentro do arcabouço geral da doutrina integralista. Cada localidade e cada grupo poderia se adaptar, dentro da doutrina geral, ou como colocamos, dentro do integralismo genérico, sua forma de expressar o integralismo. Concluímos que isso é observado principalmente nos jornais doutrinários de circulação regional e nuclear, que de forma comum tratavam de questões relacionadas a proximidade de onde se publicava. Os editoriais, de forma recorrente, apresentavam questões que estavam ligadas às localidades onde eles circulavam.

Essa questão se desenvolve na ideia de que a AIB, como doutrina ideológica, servia de narrativa estratégica nas diversas formas que era possível dentro de um mesmo movimento. E, partindo do princípio que a luta pelo poder político local é inexorável ao funcionamento do campo político, o integralismo servia como uma ferramenta para a conquista e absorção deste poder. Por isso, a própria história local, como uma instância historiográfica, é imprescindível para a observação geral. Evidenciamos que em Paranaguá a história local era construída por um grupo específico que era responsável pelo Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá. E que o conhecimento, a construção da identidade parnanguara passava pelas

construções de memória destes indivíduos. Discutir este fato se torna mais importante quando demonstramos que muitos desses indivíduos responsáveis por narrar a história local estavam ligados à AIB – Paranaguá e também aos seus inimigos no campo político local. Se havia algo em que a AIB e seu grupo antagônico no campo político local compartilhavam, era uma mesma visão da história de Paranaguá, a visão de que eles representavam a identidade parnanguara.

Preocupamo-nos com a análise da AIB – Paranaguá na sua forma institucional. Enquanto nos focamos na institucionalidade do núcleo pudemos observar um afeto, um sentimento conforme ao integralismo em específico, o *entusiasmo*. Este primeiro sentimento conforme ao integralismo aparece relacionado ao aspecto mais geral da militância integralista. É mobilizado como forma de internalizar a sensação de pertença, de conquista dos corpos, antes mesmo de doutrinar as mentes. É uma forma de criar a primeira identidade integralista no indivíduo através da fascinação.

As bandeiras, os discursos, as comemorações, os desfiles, a indumentária, a simbologia, ou seja, os rituais fazem parte da criação deste imaginário político. Fazem parte da internalização do *ser* integralista. A mobilização do entusiasmo faz internalizar o anseio, gera a sensação – a sensação que é o sentimento de ação – a força motriz de agir, de pertencer, de militar. É o ato de vivenciar o momento, de vivenciar o integralismo, de se envolver. O *entusiasmo* fascina e mobiliza, é o primeiro passo para que esses corpos sejam preenchidos, posteriormente, com pensamentos mais eruditos, com a doutrina teorizada. Cria o espaço na subjetividade do indivíduo que virá ser preenchida internamente com a doutrina. O *entusiasmo* se apresenta de forma estética e semiótica. É efetivo enquanto expressão corporal. A semelhança com o fascismo europeu, neste sentido, é extremamente grande, faz parte da característica visual da política. O apelo ao *entusiasmo* é mais eficaz, neste momento inicial, do que o apelo ao intelectualismo, à erudição política, à doutrina como teoria política, à ideologia. O *entusiasmo* mobiliza corpos.

Essa é uma questão importante de se perceber ao estudar o integralismo, ou qualquer outro movimento fascista genérico. Inicialmente a “*conquista do espírito*” que movimenta o corpo é mais importante que conquistar a mente. Os movimentos fascistas são estéticos por natureza. Eles são criados através desta aura. São

fundamentados a partir de uma cosmologia política, de um imaginário coletivo quase que artístico e simbólico. Se aproxima de uma sacralização da política. Faz a política se aproximar do que entendemos por religião, de tão aprofundada que esta sensação se reproduz. Ela está presente em uma instância interna, na subjetividade do indivíduo. Tem relação com o movimento, com o agir. Antes mesmo deste indivíduo compreender a doutrina de forma teórica ele a absorve de forma estética. É nesse ponto que reside uma das importâncias de se estudar o fascismo genérico e o integralismo. É uma questão que demonstra a sua “atemporalidade”, pois, a sua capacidade de mobilizar afetos e sentimentos conformes é crucial na importância de se pensar sobre este tema.

Por essa razão que buscamos entender a AIB – Paranaguá em dois sentidos: o caráter objetivo, no sentido factual do termo (as datas, os acontecimentos, o contexto, os indivíduos). E outro sentido de caráter subjetivo, na função de uma interpretação do discurso mobilizador de afetos e sentimentos conformes (o entusiasmo, o ressentimento, o ódio, o medo, a esperança). Nesta estrutura de pensamento e afeto, perguntamos: como interpretar o integralismo de Paranaguá sem fazer juízo de valor? Respondemos: somente relacionando o seu discurso doutrinário e subjetivo com a estrutura objetiva contextual do recorte. Para isso entendemos que o contexto de ascensão de Vargas ao poder máximo do país e a política intervencionista deve ser vista como “palco” das expressões dos afetos integralistas de Paranaguá. Por essa razão analisamos a dinâmica que levou a tomada do poder político por correligionários de Vargas na cidade.

Este “palco”, ou melhor, o campo político brasileiro do período, que se inicia em 1930, implica na troca de lideranças políticas em todo o país (obviamente que cada região tem suas particularidades). Todavia, há a polarização do grupo destituído com a nova elite política que deverá lutar para reaver seu poder político nas localidades. Essa é a dinâmica. Apesar de existirem análises³⁴⁷ que dizem que, no Paraná, houve uma continuidade no poder da elite política tradicional do estado, mesmo com a ascensão de Vargas ao poder, nossa pesquisa demonstra o contrário.

Ao observamos a partir de Paranaguá, temos a revelação de que o grupo político que estava no poder (optamos por chamar este grupo de elite política “pré-Vargas”), foi colocado à margem para dar lugar a outra elite política. Nosso

³⁴⁷ Vemos esse argumento em Oliveira (1997).

argumento é demonstrar como o principal grupo político paranaense anterior ao ano de 1930, representado nas figuras de Afonso Camargo e, no caso de Paranaguá, principalmente, Caetano Munhoz da Rocha, foi destituído de suas funções oficiais logo após 1930. Demonstramos no final do terceiro capítulo que os chamados “munhozistas” de Paranaguá travavam conflitos contra os situacionistas de Vargas no campo político local, o que revela essa polarização entre a elite política tradicional pré-Vargas e a elite política situacionista. Inclusive, Caetano Munhoz da Rocha veio a retomar parte de seu capital político com a fundação do Departamento Administrativo do Estado do Paraná em 1939³⁴⁸ (espécie de canal de diálogo entre Vargas e seus opositores nos estados) onde ele fez parte das lideranças.

Ao constatar essa questão, a pergunta que se fez foi: quais indivíduos se alinhavam a esses dois grupos, os opositores e os Vargasistas? Quais as técnicas eram utilizadas para absorver capital político dentro dessa dinâmica de conflito? Os integralistas de Paranaguá, enquanto grupo político, estavam alinhados a quem? Foi através desta perspectiva que situamos os integralistas no campo político local. Vimos com quem suas relações se aproximavam nesta dinâmica. Pudemos delimitar com quem “jogavam” os integralistas do município. Como qualquer outro grupo político, a AIB – Paranaguá tinha um objetivo pragmático que é inerente a todo e qualquer campo político, a absorção de poder. Entretanto isso não podia ser feito sem uma estratégia competitiva.

Ao delimitarmos essa situação pudemos interpretar os discursos doutrinários que eram direcionados a Paranaguá no periódico “A Razão”, nas chaves linguísticas e nos símbolos que representam a mobilização de sentimentos conformes ao integralismo. Enquanto o *entusiasmo* é o afeto primordial, estético e criador da primeira mobilização militante da AIB em suas investidas locais, outros afetos servem para a construção da doutrina de forma mais específica. Visamos a série de afetos, o *ressentimento*, o *ódio*, o *medo* e a *esperança*, bem como o *desamparo*, para podermos interpretar a ação prática do integralismo enquanto forma estratégica de combate político local através do discurso doutrinário no “A Razão”.

³⁴⁸ CODATO, Adriano. **Estado Novo no Brasil: Um Estudo da Dinâmica das Elites Políticas Regionais em Contexto Autoritário**. In. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, nº 2, 2015, p. 305.

Nada mais, nada menos do que o exame de micro processos para entender as ações políticas do grupo integralista no campo político local. É o exercício de se pensar nas particularidades locais sem perder de vista o geral estadual e nacional. Refletimos, assim, no capítulo quatro, sobre os acontecimentos e os reflexos destes acontecimentos que eram expostos no “A Razão”. Ao ter em mãos o volume de dados e fontes disponíveis, há de se atribuir a elas significados que transpassem a simples transcrição dos discursos, perceber o que não está sendo dito, o *transfrásico* das colocações. Esta observação foi enriquecida com fontes secundárias para que houvesse uma interpretação problematizada da história do integralismo em Paranaguá e, assim, demonstrar mecanismos e conflitos políticos que vão além do discurso estrito.

Ao entender essa dinâmica entre o objetivo pragmático do campo político e a função da doutrina como mobilizadora de sentimentos conformes, pudemos observar também uma forma de “*pedagogia do afeto*”, a criação de estruturas cognitivas que leiam a realidade próxima através de uma perspectiva delimitada. A narrativa que já se apresenta de forma finita, pronta e sem espaço para contraposição. O mito da conspiração representa estritamente a criação dessas estruturas de leitura da realidade do indivíduo que seria o interlocutor das mensagens afetivas publicadas no “A Razão” com direcionamento à Paranaguá. Por mais que, a princípio, essas questões não pareçam ser “sólidas” o suficiente, negligencia-las, mesmo com a presença enfática dentro do discurso doutrinário, seria também negligenciar uma problemática histórica, um espaço histórico de interpretação do recorte.

A capacidade persuasiva destes textos deve ser vista com importância. A correlação dos dados locais com dados de fora da região demonstra que é possível aumentar o perímetro do recorte destas informações. As correlações entre o antiliberalismo – o antimaterialismo nos termos gerais da AIB – a perspectiva antimaçônica e antisemita, ou na junção destes, o mito da conspiração judaico-materialista de forma geral no país, e como essa narrativa era aplicada em Paranaguá, revela a própria função que a doutrina integralista servia na cidade. Essas correlações entre perspectivas subjetivas de doutrinação de militantes e objetivos práticos políticos, como a absorção do poder político a fim de dominar o campo político local. A pergunta que buscamos responder, foi: qual a função do integralismo no campo político de Paranaguá do período?

Apresentamos, assim, a seguinte conclusão: os integralistas de Paranaguá se revestiram da doutrina para deslegitimar um grupo político antagônico que tinha ligações próximas com a maçonaria, liberais, aliancistas e marxistas no recorte local. A doutrina integralista, a narrativa criada, principalmente a partir de Gustavo Barroso e João do Sul, servia perfeitamente para essa contraposição. Ao mobilizar as massas de Paranaguá, a elite política, que havia sido afastada do centro do poder e que estava do lado oposto da balança que demonstra a absorção do poder político local, visava angariar capital simbólico no embate dentro do campo político. A mobilização destes sentimentos conformes nos veículos de doutrina e propaganda, como o “A Razão”, buscava construir uma “visão de mundo”, uma interpretação da realidade próxima e a construção de um horizonte de perspectiva que lhes era de interesse, ou conforme às suas ambições.

O integralismo foi a narrativa para esses indivíduos, ou ao menos para a elite da AIB na cidade, que serviu como uma forma, uma técnica, até mesmo uma tática estratégica de construção de uma identidade política. Nós temos como observar os fatos, a princípio. Houve integralistas em Paranaguá, mais do que óbvio. O Chefe Municipal era tratado como “agente ostensivo de Munhoz da Rocha”, principal liderança política pré-Vargas. Estavam em constante embate contra os situacionistas, próximos de Getúlio Vargas e de Manoel Ribas, sejam maçons (caso de Dario Nogueira dos Santos), liberais e aliancistas (caso de Agostinho Pereira Alves Filho e Felipe Chede – também maçons), ou, em geral, a nova elite política dominante, intervencionista ou não. Há esse acontecimento, pudemos observar nos dados. Há o ingresso nas fileiras do sigma por estes indivíduos que podem e devem ser representados pelo Chefe Municipal. O que isso representa no contexto específico da política nacional é a questão.

Há, portanto, o contexto político nacional com o intervencionismo e o que ele representa no âmbito local. É interesse do grupo local afastado, portanto, voltar a liderança política. Poderíamos responder que a elite de integralistas de Paranaguá era simplesmente a peça em um jogo por poder, pela revolução integralista, entretanto, entendemos que as filiações representavam mais um interesse em uma forma de narrativa que visasse deslegitimar o poder local instituído, do que uma subjetivação ideológica de proporções nacionais. Obviamente a narrativa abarca uma perspectiva nacional, a luta do bem contra o mal, a salvação da dominação judaica, a *esperança*, o *medo*, etc. A representação local está espelhada na doutrina

geral, acontece similarmente em outras regiões, de norte à sul. Ainda assim, a função prática no campo específico de Paranaguá tinha pretensões menos ambiciosas no âmbito que pudemos analisar nos dados disponíveis. Ao observarmos esse micro processo local, entendemos que a forma rizomática da ação política dos integralistas, ao menos no recorte espacial por nós analisado, demonstra uma preocupação mais pela conquista, ou melhor, reconquista do poder político local, do que pela revolução integralista nacional. Essa tática ou estratégia não é necessariamente consciente ou inconsciente. A percepção de se mobilizar estes afetos como objetivo prático de contrariar e invalidar o discurso antagonista é comum na política e na ideologia, como comentamos na introdução.

O que podemos concluir ao observar os dados disponíveis sobre o integralismo na cidade de Paranaguá é que essa elite política vivia muito mais em função local do que pretender alçar voos maiores, em uma esfera nacional. E é isso mesmo que pudemos visualizar mesmo após a ilegalidade da AIB. Observamos a perseguição precoce no Paraná. O integralismo em Paranaguá não funcionou por mais de um ano e meio regularmente. O ano de 1935 foi o único ano em que a oficialidade do núcleo decorreu de forma mais tranquila, mesmo tendo fortes críticas da loja maçônica Perseverança e o advento das expulsões e banimento dos militantes integralistas da maçonaria. Mesmo após a proibição da AIB no estado, a elite integralista se manteve um grupo coeso, como demonstramos tanto no capítulo três como no capítulo quatro.

O objetivo deste grupo sempre foi o cargo máximo municipal, o que veio acontecer nos últimos anos do Estado Novo, através da interventoria de Vicente Nascimento Júnior, em 1945, e após, com a eleição de João Eugênio Cominese em 1947. João Eugênio Cominese, inclusive, se reelegeu e continuou como um dos principais agentes da elite política de Paranaguá. Sua empreitada com o integralismo foi uma curta página em sua carreira política, mas que demonstra seus principais objetivos enquanto político, a dominação do campo local. Nenhum integralista se aventurou fora de Paranaguá, ao menos até onde pudemos observar nos dados disponíveis³⁴⁹. Os que continuaram na política, principalmente a elite

³⁴⁹ Temos o caso de Jorge Lacerda que teve carreira política sólida após a extinção da AIB. Apesar de Lacerda ser de Paranaguá, ter feito parte da organização, reuniões, discursos e estar sempre próximo da elite integralista do município, seu local de ação permaneceu sendo a partir de Curitiba

integralista, Genaro Régis e seu filho, Antero Régis, Hugo Correia, entre outros, mantiveram cargos públicos durante os anos que se seguiram na história. Hugo Correia foi vereador em 1948 e disputou o cargo de prefeito em 1951, ficando em segundo lugar, provavelmente representando seu grupo.

Em Paranaguá, a vitória do integralismo não seria simplesmente para só derrotar o inimigo, mas seria para transformar a realidade prática local, tomar o poder político local. Os indivíduos que pudemos identificar que estavam presentes na militância estavam claramente visando este objetivo. Concluimos que o integralismo de Paranaguá tinha um interesse muito mais “egoísta” ou local do que um interesse nacionalista. O integralismo serviu ao momento, foi usado como construção ideológica para fundamentar a perseguição a determinados grupos locais. Até que ponto isso teve êxito? A AIB não chegou ao poder máximo na cidade enquanto estava na legalidade. Apesar de não ter acontecido oficialmente, na legalidade, seus líderes acabaram por chegar ao posto máximo da política local após este período. Isso demonstra a força que a narrativa integralista chegou a internalizar na identidade política de parte do município, ao menos no que condiz com a afinidade da população com a sua elite.

durante o funcionamento do integralismo no Paraná e sua carreira política profissional se deu em Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

- ANSART, Pierre. **Em defesa de uma ciência social das paixões políticas**. In: História: Questões & Debates, Curitiba, ano 17, n. 33, jul. / dez 2000.
- _____. **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **La gestion des passions politiques**. Lausanne: Editions L'Âge d'Homme, 1983.
- _____. **Los Clinicos de las Pasiones Políticas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1997.
- ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- _____. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.
- _____. **O integralismo e as mensagens comoventes na imprensa militante: a novela, a profecia e a morte**. História e Cultura, Franca, v. 5, n. 3, dez. 2016.
- BAHLS, Aparecida V. da Silva. **A busca de valores identitários: Memória Histórica Paranaense**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006.
- _____. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012.
- BARBOSA, Marinalva Vieira. **A dimensão afetivo-emotiva dos discursos de Professores e alunos nas interações em sala de aula**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008.
- BERTONHA, João Fábio. **Integralismo. Problemas, Perspectivas e Questões historiográficas**. Maringá: Editora UEM. 2014.
- _____. **O pensamento corporativo em Miguel Reale**. Revista Brasileira de História, vol. 33, no 66, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O campo político.** (Tradução de André Villalobos). In. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o Historiador.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução a análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

CALLARI, Claudia Regina. **Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes.** In. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001.

CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio.** São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a Universidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

CODATO, Adriano. **Elites e instituições no Brasil: uma análise contextual do Estado Novo.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2008.

_____. **Estado Novo no Brasil: Um Estudo da Dinâmica das Elites Políticas Regionais em Contexto Autoritário.** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, no 2, 2015.

CODATO, Adriano; PERISSINOTO, Renato. (Org.). **Como estudar elites.** Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e Anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso nos anos 30.** Dissertação de mestrado, São Paulo, 1992.

DUARTE, André; LOPREATO, Cristina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

_____. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.

FAGUNDES, José E. **A História local e seu lugar na história.** Tese (Doutorado em Educação) — UFRN, Natal, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História**. História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização (1930)**. In: **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**; in. **Obras Completas – Vol. 15 (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FISCHER, Tânia. **Poder local: um tema em análise**. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v.4, 1992.

GAY, Peter. **Freud para Historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. **História Regional & Ideologias: Em Torno de Algumas Corografias Políticas do Norte Paranaense -1930/1980**. Tese (Doutorado em História) — UFPR, Curitiba, 1995.

GOULBERT, Pierre. **História local**. História e perspectivas, Uberlândia, 6, 45-57, jan/jun. 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

KOURY, Mario Guilherme. **Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 59, p. 79-98, jul./dez. 2013.

LE BON, Gustavo. **Leis psicológicas da evolução dos povos**. Edição da Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, Lisboa, 1910.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MILLS, Theodore M. **Sociologia dos pequenos grupos**. São Paulo: Editora Pioneira, 1970.

OLIVEIRA, Ricardo C. **Notas sobre a Política Paranaense de 1930-1945**. Revista de Sociologia e Política, v. 9, 1997.

- OLIVEIRA, Rodrigo S. **Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira**, Dissertação (mestrado em história), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.
- SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Autêntica, 2016.
- SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. Rio de Janeiro: Schimdt, 1935.
- _____. **O integralismo na vida brasileira**. In: **Enciclopédia do Integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, vol.1, 1959.
- _____. **O que é o Integralismo**. 3º ed., Rio de Janeiro: Schmidt, 1935
- _____. **Manifesto Integralista**, São Paulo, 1932.
- SANTOS, Antônio Vieira. **Memória Histórica de Paranaguá**. Paranaguá: Editora do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, 1951.
- SERRATO, Edgar B. F. **A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008.
- SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da História; novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- SILVA, Marcia. **Poder local: conceito e exemplos de estudos no Brasil**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 69-78, dez. 2008.
- SOARES, Moisés O. **Clube Republicano. *130 anos* história e tradição**. Paranaguá, sem data.
- SOUZA, Marcos Henrique Santos. **Uma crítica historiográfica a Paranaguá na História e na Tradição (1976): memória coletiva das elites locais**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESPAR-FAFIPAR, 2014.
- SORTEK, Paulo. **Contribuições para a educação em discursos e Narrativas de vida de Jorge Lacerda**. Tese (Doutorado em educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- STONE, Lawrence. **Prosopografia**, Revista de sociologia e política, v19, n. 9, p 115 – 137, jun. 2011.
- TRINDADE, Helgio. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1974.

TOURINHO, Luiz Carlos P. **Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1980.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RONCAYOLO, Marcel. **Cidade**. In. Enciclopédia Einaudi - Volume 8. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986.

_____. **Região**. In. Enciclopédia Einaudi - Volume 8. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PROCHASSON, Christophe. **Emoções e Política: Primeiras aproximações**. In. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34, julho 2005.

FONTES E ARQUIVOS

Documentos oficiais e jurídicos.

Acervo da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná
 Atas da Câmara Municipal de Paranaguá
 Biografias dos Senadores do Brasil
 Biografias da Câmara dos Deputados do Brasil
 Leis da Câmara Municipal de Paranaguá
 Apelações Cíveis do Tribunal de Justiça do Paraná

Livros.

“A Ação Histórica da Aug.º. Resp.º. Cap.º. Benemerita e Benfeitora Perseverança de Paranaguá” – Dario Nogueira dos Santos
 “A Doutrina do Sigma” – Plínio Salgado
 “As Forças secretas da Revolução – Judaísmo e Maçonaria” – León de Poncins
 “Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná” – Luiz Carlos Tourinho
 “Dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro” – Fundação Getúlio Vargas
 “Enciclopédia do Integralismo. Vol. 1” – Plínio Salgado
 “Espírito do Século XX” – Gustavo Barroso
 “Judaísmo, Maçonaria e Comunismo”- Gustavo Barroso
 “O Que é Integralismo” – Plínio Salgado
 “Os Protocollos dos Sábios de Sião”- Gustavo Barroso

Jornais Integralistas.

“A Offensiva – Rio de Janeiro”
 “A Razão – Bahia”
 “A Razão – Minas Gerais”
 “A Razão – São Paulo”
 “A Razão – Paraná”
 “Flama Verde – Santa Catarina”

“Monitor Integralista – São Paulo”

“O Bandeirante – Rio Grande do Sul”

“O Integralista – Paraná”

Jornais da imprensa profissional do Paraná.

“A República”

“Correio do Paraná”

“Diário da Tarde”

“Diário do Paraná”

“O Dia”

“O Estado”

“O Estado do Paraná”

“Última Hora”

Outros textos integralistas.

“Manifesto Integralista” - Plínio Salgado

“Autonomia Municipal e Soberania Nacional”- Plínio Salgado

Revistas.

“Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá”

“Informativo Chico da Botica”

“JB News”

Arquivos.

Arquivo Getúlio Vargas

Arquivo Público de Blumenau

Biblioteca Nacional

Câmara de Vereadores de Paranaguá

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

Departamento de Arquivo Público do Paraná

Espaço DELFOS de Documentação

Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá

Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

Museu Maçônico Paranaense

Portal da Câmara dos Deputados do Brasil

Portal Institucional do Senado Federal do Brasil

Portal do Tribunal de Justiça do Paraná